

LARISSA DARDENGO

Uma nova Chance



Índice

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Epílogo](#)

[Capítulo Bônus](#)

[Nota sobre a Autora:](#)

[Outras obras de Larissa Dardengo:](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma nova Chance

LARISSA DARDENGO

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Copyright © LARISSA DARDENGO, 2019

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos, e sobre eles não emitem opinião.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão expressa da Autora.

Photo da capa by [Hannah Busing](#) on [Unsplash](#)

Todos os direitos reservados à Larissa Dardengo.
laridardengo@gmail.com

PERIGOSAS ACHERON

Sustentar aquele olhar escuro foi uma experiência difícil. Fez com que eu me sentisse desamparado. Fiquei com a impressão de estar sendo visto de verdade pela primeira vez na vida. E também de estar vendo algo que o mundo não tinha me mostrado até então.

*Eu Receberia as Piores Notícias dos Seus Lindos
Lábios
(Marçal Aquino)*



Prólogo

Em junho de 2016 o silêncio é pesado em uma casa na Mata da Praia e em um apartamento na Praia do Canto. Um silêncio exausto daqueles que já choraram tudo o que tinham para chorar, e mesmo assim, aquelas pessoas pareciam encontrar, no segundo seguinte, forças para chorar mais um pouco.

Em um quarto quase escuro na Mata da Praia, Lívia está sentada na própria cama, o corpo curvado como se o peso do último ano finalmente tivesse desabado sobre seus ombros, ela tem os olhos muito vermelhos e inchados, estava cansada de ser forte, mesmo durante todo o velório e enterro, ela foi forte, agora não precisava mais ser.

Secou mais uma vez as lágrimas que não paravam de cair, lentamente, uma por uma, como se seu corpo dissesse que ainda não era hora de parar, que ainda choraria por muito, muito tempo.

Ela tinha acabado de voltar do velório e do enterro do noivo. 19 anos, fazia 19 anos que eles se conheciam, destes, passaram 9 juntos, eram Liv e Lin e eram tudo o que existia ou precisava existir. Ela tinha só 24 anos, nada daquilo deveria estar acontecendo, não com ela, não com eles, estavam só começando, tinham tantas coisas pela frente, tantos planos, tantos lugares aonde ir. Estava com os olhos fechados pensando em muitas coisas, muitas memórias antigas que faziam parte da sua história, não se importando mais com as lágrimas, sentiu a cama afundar ao seu lado, era o pai, ele também tinha um ar cansado, os olhos vermelhos, levou a mão até a dela, pegando de levinho os seus dedos.

— Você precisa comer alguma coisa, faz dias já que não come direito.

— Eu sei — ficava repetindo isso toda vez que alguém aparecia lhe oferecendo comida. Sabia que precisava comer, não conseguia comer.

— Filha... — O pai nunca sabia o que dizer para ela depois que começava, mas ele sempre tentava, quando as palavras não vinham, ele apenas abraçava a filha e deixava que ela chorasse um pouquinho em silêncio, esses eram momentos

muito preciosos para ela.

Sempre foi muito próxima do pai, a família dela era diferente das outras famílias em muitos níveis, nunca faltou risada e conversa dentro daquela casa, mas o último ano havia mudado tudo, a doença do Saulo tornou Livia silenciosa e ausente, eram ainda muito unidos, mas não havia mais aquele ar despreocupado e divertido.

Livia passou o último ano acreditando, acreditou até o último minuto, foi sempre ela quem falou e encorajou os outros e agora ninguém sabia o que dizer para ela, mas ninguém era capaz de deixá-la sozinha, não teve um minuto sequer de solidão nas últimas 48 horas e ainda assim nunca se sentiu mais sozinha no mundo, mais perdida, mais sem propósito, objetivo, tudo, nada mais parecia importar, era uma dor sufocante, claustrofóbica. Ela só queria dormir por dias, semanas, meses, até acordar e aquilo ter passado. O pior era a consciência muito clara de que provavelmente nunca pararia de doer.

— Como eu posso superar isso, pai? — Perguntou a única coisa que sabia que o pai nunca teria resposta para dar.

— Eu não sei, sinto muito, você não deveria

passar por isso, vocês não deveriam viver isso, era para terem mais tempo, vocês mereciam ter muito mais tempo juntos.

— Não sei o que fazer, não sei como levantar e seguir em diante. Como eu posso fazer isso? Tudo em mim dói, é uma dor física, tudo dói tanto, eu não sou forte o suficiente.

— Você é a garota mais forte que eu conheço, sempre foi.

— Porque ele estava lá, ele sempre esteve.

— Não, você sempre foi forte por você mesma, ele só te inspirava a continuar sendo, e continuará inspirando.

— Acho que vou dormir um pouco, tudo bem?

— Tudo bem, nós estaremos ali fora. Amo você – beijou a testa dela, mas não se levantou, ainda ficou uns segundos sentado ao seu lado, a única coisa que Ricardo queria era fazer aquela dor parar, e ele não sabia como. Era sua filha, sua garotinha, a menina que sempre foi tão agitada, tão conversada e cheia de vida, agora ela estava murchando bem na sua frente e ele não sabia o que fazer.

Quando percebeu que estava prestes a

chorar também, finalmente se levantou e saiu do quarto, em pé no corredor estavam a esposa e o filho mais velho, todos angustiados, todos queriam fazer alguma coisa, queriam tornar aquilo mais fácil, menos doloroso, mas nem um deles sabia o que fazer além de estarem presentes, além de abraçarem-na quando ela chorava sem parar, ou oferecendo pequenas coisas para ela beber e comer, numa insistência categórica, até que não podia ser evitado.

Seriam longos dias, longos meses. Para a Livia, seria uma longa vida, uma vida sem o Saulo e ela queria adiar o máximo possível ter de voltar para sua rotina, para todos os rostos conhecidos, para todos os "sentimos muito", ela só não sabia como fazer isso ainda.



Capítulo 1

2 anos e 4 meses depois...

Livia

Fico um tempo olhando pela janela do avião, vendo a ilha lá embaixo sem acreditar que estou de volta. Um ano e nove meses desde que saí do país com a melhor desculpa de todas: estudar. Todo mundo sabia o motivo real pelo qual precisei ir, mas ninguém nunca pronunciou aquilo em voz alta, não para mim pelo menos, mas era claro como um copo de água que eu precisava daquilo, do espaço, de me distanciar de tudo, precisava viver novas experiências e colocar algum sentido na minha vida, não queria passar os dias lamentando.

Após a morte do Saulo, passei o primeiro mês trancada dentro de casa, só recebia meus melhores amigos, me tornei pálida pela falta do sol,

eu amava ir à praia com ele, mas de repente ir até lá não me fazia mais bem. Nos primeiros dias comer era difícil, não sentia o gosto de nada, mas eu me forçava a continuar comendo. Tudo o que Saulo queria era comer e ele não podia, eu encarava a falta de apetite ou o desperdício de comida como uma ofensa e por isso comia, pouco, mas comia, só o suficiente para ter energia e continuar sofrendo.

No segundo mês voltei a trabalhar, mas encarar as pessoas ainda era muito complicado, me fechei no meu ateliê e passava boa parte do tempo olhando para tudo sem ter ideia do que fazer, sou designer de joias. Consegui montar uma ou outra peça, odiei todas. No terceiro mês eu variava entre um dia bom e um dia miserável, todo lugar que passava, que ia, era uma lembrança do Saulo que voltava. No quarto mês senti que os medicamentos estavam funcionando, eu já fazia terapia há meses, mas nunca aceitei ser medicada, parecia algo que os médicos simplesmente queriam me enfiar garganta abaixo para que eu parasse de questionar, eu precisava estar atenta e lúcida enquanto tudo acontecia, mas depois não, depois eu queria conseguir me desligar e relaxar um pouco, por isso quando Dra. Sofia, minha psicóloga, tocou

novamente no assunto antidepressivos, aceitei.

No quinto mês eu conseguia falar sobre o Saulo sem começar a chorar imediatamente, conversava com o meu irmão ou minha melhor amiga e ex-cunhada, adorávamos lembrar de histórias muito antigas. No sexto mês, Sara, minha melhor amiga, me convenceu a voltar a sair, era sempre um bar diferente, uma festa, sempre rodeada de muitos amigos que faziam de tudo para me animar.

No sétimo mês, mais especificamente em janeiro de 2017, quando eu e Saulo completaríamos 10 anos juntos, saí do país. Eu estava melhor, me sentia melhor, e queria aproveitar a vida, fazer tudo aquilo que nós dois planejamos juntos e não tivemos tempo. Houveram protestos, óbvio, principalmente dos meus pais tão preocupados, mas no fim todos aceitaram que era realmente o melhor a ser feito, apesar de bem eu já não era mais a mesma, não sabia existir sozinha, era como se não tivesse uma identidade própria e ficar tão próxima de pessoas que viviam me lembrando sobre como nós dois eramos inseparáveis não ajudava muito, era difícil continuar e seguir em frente quando todo mundo parecia insistir que eu precisava continuar

mal. Eu estava mal, *cacete*, eu estava horrível, mas também estava muito cansada daquilo ser a única coisa que as pessoas pareciam não enxergar só porque passei a ir em algumas festas e voltei a sorrir.

"Vejam só como ela está bem, nem parece que há poucos meses perdeu o noivo com quem esteve desde adolescente", para o inferno todas essas pessoas que fingiam se preocupar comigo meses atrás e agora já farejavam a próxima fofoca.

Ouvi o piloto falando sobre o clima e da aproximação para o pouso. O céu estava azul como nunca, lá embaixo, Vitória parecia a mesma cidade, mas tudo seria diferente, sabia antes mesmo do avião tocar o chão. Estava animada para rever meu irmão e meus melhores amigos, e claro havia o Igor. Tivemos pouco contato pessoalmente, eu era a responsável por tê-lo apresentado a Sara e isso me marcou na história deles, mesmo que eu tenha ido embora semanas depois, como falava muito com a Sara por telefone e vídeo, e o Igor sempre estava ao redor, acabamos estabelecendo uma amizade bastante inusitada online. Sentia muita falta da minha melhor amiga e era engraçado como, às vezes, sentia falta do Igor também. Era uma

amizade tão improvável e ainda assim real.

Senti o baque quando o avião pousou no aeroporto de Vitória, era um pouso inconfundível com a pista curta e os freios da aeronave acionados imediatamente. Permaneci sentada enquanto o avião taxiava na pista e as pessoas já ficavam de pé e puxavam as malas, não importa em qual lugar do mundo você esteja pousando, as pessoas sempre parecem desesperadas e aliviadas em deixar a aeronave o mais rápido possível, como se mal pudessem se aguentar na expectativa de tocar novamente o solo com os próprios pés a fim de sentirem-se seguras.

Quando o corredor desafojou de gente, finalmente fiquei de pé e avistei minha mala praticamente sozinha no bagageiro, um pouco atrás havia um rapaz bonitinho sentado, deveria ter mais ou menos a minha idade, ele sorriu, daquele jeito encantador que alguns homens sabem sorrir quando querem chamar a atenção de uma mulher. Era uma das coisas com as quais ainda não havia me acostumado.

Não é exatamente como se eu andasse por aí sem ser notada, ninguém com metade de um braço tatuado e um cabelo rosa anda por aí

desapercebidamente, mas mesmo antes disso, eu chamava a atenção e não de um jeito bom, fui uma criança esquisita, sempre implicaram muito comigo por isso, depois quando me tornei uma adolescente relativamente bonita em pouco tempo comecei a namorar com o Saulo e nunca mais prestei atenção se eu realmente atraía a atenção ou não dos outros. Saulo não era ciumento, tirando um ou outro rapaz com o qual havia uma história, ele sempre foi muito seguro sobre o que nós tínhamos, e eu também.

Sorri de volta para o rapaz, os olhos permanecendo nele só por um segundo antes de se abaixarem, isso sempre me concedia um ar tímido e reservado que não combinava nada com a minha aparência, que mostra uma garota muito segura, eu sabia que agir assim os deixava intrigados, como se eu fosse um tipo muito exótico e diferente que precisava ser desvendado.

Quando sai de Vitória eu não era nem um pouco parecida com o que sou hoje, nunca havia pintado meu cabelo, tinha 2 pequenas tatuagens: uma na nuca e outra na costela e era a menina dos olhos do meu pai. Esses quase dois anos fora me ajudaram a descobrir quem eu sou e estou muito

satisfeita com o resultado, mal posso esperar para chocar toda a alta sociedade capixaba com meu cabelo colorido e meu braço tatuado, as madames provavelmente vão pensar que a história de que surtei é verdade.

Depois de pegar as quatro grandes malas, havia pago um valor ridiculamente alto pelo excesso de bagagem, mas não consegui me livrar de todas as minhas coisas, caminhei para a grande porta sabendo exatamente quem estaria depois dela. Meus pais, meu irmão Guilherme, e a Sara, minha amiga havia deixado claro que nada no mundo iria impedir que ela fosse até o aeroporto me receber, mesmo que eu estivesse chegando em plena segunda-feira no meio da manhã, algumas coisas eram simplesmente importantes demais para serem ignoradas.

Sara e Guilherme agitavam um cartaz ridículo e muito colorido onde se lia "Bem-vinda LIV", com o apelido em letras gigantes e brilhantes, não consegui segurar uma risada quando vi meu irmão segurando aquilo, Sara poderia ser muito persuasiva, apenas isso explicava aquela cena. Minha melhor amiga conseguiu se segurar, deixando que primeiro a minha mãe e depois o meu

PERIGOSAS NACIONAIS

pai me abraçassem, mas assim que meu pai me soltou, Sara empurrou o Guilherme para o lado junto com o cartaz e pulou no meu pescoço praticamente me desequilibrando.

— Estou tão feliz, tão feliz que você está aqui... Guilherme estava se tornando insuportável.

— Ei! – Meu irmão protestou do lado. Era divertido estar com eles de novo, eram a minha família, Sara e Guilherme eram como irmãos, Sara era como minha irmã. Senti falta deles juntos mais do que tudo enquanto estive fora, bem, não exatamente mais do que tudo.

— E você está linda! Meu Deus como você está linda! – Sara se afastou a distância de um braço me analisando completamente.

— Ei Liv — Guilherme deu de ombros na minha amiga jogando-a para o lado – Bem-vinda de volta!

— Obrigada! – Finalmente encontrei minha voz – adorei o cartaz – olhei para as mãos do meu irmão com um sorrisinho, o cartaz praticamente arrastando no chão.

— Vamos colocar sob a sua cabeceira – ele sorriu de modo afetado, entrando na minha provocação.

PERIGOSAS ACHERON

Começamos a caminhar em direção ao estacionamento, meu pai ia empurrando o carrinho com as malas, minha mãe ao lado dele, Sara e Guilherme caminhavam comigo, o tempo foi ocupado em parte pelo Gui que falava sobre como todos da família estavam ansiosos por me encontrar, e como alguns amigos dele também, disse revirando os olhos me fazendo dar uma risadinha. Guilherme é dois anos mais velho do que eu e sempre foi super protetor e ciumento, em alguns momentos era engraçado, em outros, irritante e até um pouco ridículo, mas precisava reconhecer o carinho e a amizade do meu irmão, como tenho muitas amigas, sei que isso não é algo comum, somos muito próximos e amigos.

— Preciso voltar para o meu trabalho — Sara disse depois de uma longa narrativa que me atualizava sobre os acontecimentos da última semana — mas vamos nos ver amanhã, tá? Igor quer te ver — disse com um sorriso — Não é engraçado que vocês conviveram tão pouco pessoalmente e ainda assim ele te adore?

— Você deve infernizar o garoto com histórias minhas o tempo todo — falo sorrindo enquanto observava pelo canto do olho meu pai e

PERIGOSAS NACIONAIS

meu irmão lutando com as minhas malas para colocar tudo no carro.

— São minhas melhores histórias – Sara dá de ombros – amanhã, sem falta! Lá em casa, meus pais também querem te ver.

— É claro, estarei lá! – Sorri e dei um beijo rápido no rosto da minha amiga que se virou imediatamente para se despedir dos outros e atravessou o estacionamento com muita segurança até o seu carro.

— Eu disse a ela que o jantar não era uma boa ideia – Gui falou do meu lado.

— Por que não? – Olhei para ele um pouco confusa, mas é claro que eu sabia porquê ele achava aquilo. Eu nunca mais tinha colocado meus pés naquele apartamento, mas já havia passado mais de 2 anos, eu estava pronta, não estava?

— Não sei... Só achei muito precipitado.

— Não passei tanto fora para agora todo mundo agir como se tudo tivesse acontecido ontem, estou bem – levei a mão ao braço do meu irmão num gesto consolador, como se fosse ele quem precisasse de apoio.

— Certo.

— Estou mesmo!

PERIGOSAS ACHERON

— Claro, só fico preocupado com você, vamos esperar passar o casamento.

Pelo visto meu irmão estava de volta ao seu modo “protetor e ciumento”, nós havíamos superado isso por muitos anos, quando eu e Saulo estávamos juntos não havia motivos para se preocupar, mas agora pelo visto Guilherme ficaria no meu pé. Quando meu irmão descobrisse que não vivi o último ano como uma freira enclausurada, porque aparentemente era nisso que acreditava, ele iria pirar e eu estava animada para assistir tudo.

— Ah sim, eu tenho um plano incrível para sobreviver ao fim de semana – sorrio de modo diabólico para ele, o mesmo sorriso de quando éramos crianças e usava para convencê-lo a fazer algo irresponsável que acabaria com nós dois repreendidos e de castigo.

— Mal posso esperar para ouvir sobre isso.

Daniel

Olho para o meu relógio, estou 10 minutos adiantado, parei o carro um pouco antes da casa dos meus pais, escondido pela escuridão da sombra de

uma árvore, não quero que nenhuma das câmeras de segurança me vejam aqui. É ridículo, eu sei, mas se puder poupar os meus ouvidos da conversa insistente do meu pai sobre minha responsabilidade na clínica, o peso do meu nome e a minha carreira brilhante por mais 10 minutos, é isso que vou fazer, ficar sentado aqui, sozinho e no escuro.

Passei os últimos 14 anos da minha vida no Rio de Janeiro estudando, me tornei um cirurgião cardiovascular, exatamente a mesma especialização do meu pai, nunca pensei em fazer outra coisa, em certos momentos não conseguia deixar de notar a ironia daquilo, eu queria tanto contrariar o meu pai e ainda assim, escolhi trilhar o mesmo caminho que ele. Quando voltei do Rio, dois meses atrás, eu sabia que seria difícil, não conseguia evitar o pensamento de que voltar para a capital do Espírito Santo era um tipo de fracasso, apesar de saber que estava muito longe disso. Terminei minha especialização no Rio e já tinha um bom contrato em um dos melhores hospitais de Vitória, além do consultório completamente equipado, decorado e mobiliado na clínica dos meus pais, mas nada tirava da minha cabeça que tudo aquilo era só porque sou o Daniel Rosa Ribeiro, filho do incrível Dr. Fábio

Ribeiro e da talentosa, e sempre querida, Dra. Inês Rosa.

Enquanto meu pai ocupa o posto de um dos médicos mais reconhecidos e procurados do Estado quando o assunto é coração, minha mãe é uma oncologista reconhecida e querida por se envolver profundamente com cada um dos seus pacientes. Juntos, Dr. Fábio e Dra. Inês construíram uma clínica de quatro andares na Enseada do Suá e atendem todo tipo de pessoas, eram muito ambiciosos, mas também adoravam fazer caridade e viviam envolvidos em projetos sociais. Tenho certeza que a minha mãe faz isso por amor, mas o meu pai, é complicado explicar, ele parecia mais interessado na publicidade que aquilo atraía para o nome da nossa família.

Como estava realmente decidido a permanecer no carro até faltarem poucos minutos para o jantar, peguei o celular no painel e dei uma olhadinha novamente na mensagem que eu ainda não tinha respondido “*amei nosso sábado, ansiosa para o próximo*”, mas que merda. Eu sabia que voltar para Vitória me colocaria junto com a Bianca novamente, eu só não imaginava que ela ficaria em cima de mim, cheia de esperanças de que

voltássemos a namorar. Aquilo era uma tremenda de uma novidade para a qual eu não estava preparado, e o que anos atrás pareceria um sonho, estava se transformando num pesadelo rápido demais.

Bianca terminou comigo três anos atrás e foi a minha primeira e única namorada, ficamos juntos por quase 8 anos e então, ela simplesmente terminou comigo dizendo, e isso era algo que eu nunca iria me esquecer, "*a vida ficou chata ao seu lado, um tédio*". Chata. Um tédio. Que grande soco na cara foi aquilo. Nos últimos três anos, desde que terminamos, me esforcei muito para que a vida deixasse de ser chata, e isso incluía agir socialmente de forma pouco racional sem me envolver profundamente com ninguém. Eu era chamado de muitas coisas hoje em dia, mas entediante dificilmente seria uma delas.

Quando terminou comigo, ela não assumiu, é claro, mas eu sabia que a Bia já estava com outra pessoa. Nunca consegui superar aquilo, nunca superei ser traído e trocado, apesar de nunca ter dito nada disso, continuava a ser para ela o ex-namorado simpático e amigável que não guardava mágoas e com quem ela, ocasionalmente, acabava

indo para a cama quando eu aparecia em Vitória e ela estava solteira, ou não, às vezes ela só estava entediada. Ela parecia viver entediada em relacionamentos, e como eu havia me transformado em um babaca de alto nível, não via o menor problema de levar uma garota comprometida para a cama.

Me esforcei bastante para criar essa nova imagem perante meus amigos, estava cansado de ouvir todas aquelas pessoas dizerem “*pobrezinho do Daniel, abandonado pela Bia*” e não conseguir fazer nada além de parecer realmente miserável, todas às vezes que ela reaparecia, imaginava que voltaríamos a ficar juntos, mas dias depois Bianca já estava entediada na minha companhia e logo ela tinha um pretendente melhor, ou algo do tipo. Até que um dia, eu finalmente tinha superado a Bianca, não era mais apaixonado por ela, não tinha a menor pretensão de voltar a namorá-la, ela era instável demais e passei a ouvir o meu melhor amigo que sempre me disse que não era exatamente a minha companhia que ela queria, mas a maldita fama e prestígio que estavam associados à minha família nessa cidade. Então isso estava superado, não iria voltar a namorar com a Bianca, mas tirá-la da

minha cama era mais complicado.

Morei muitos anos fora, a grande maioria das minhas amizades estavam ainda no Rio, eu tenho amigos em Vitória, da época do colégio e de quando jogava tênis, mas reestabelecer esses contatos leva tempo, além disso estou sempre ocupado com o hospital e a clínica, sempre cansado e ela está sempre lá, disponível. Até saí com uma enfermeira bonitinha do hospital, mas notei que aquilo seria complicado quando a garota passou a me seguir pelos corredores com olhares apaixonados, a última coisa que eu queria era ter o meu pai falando no meu ouvido sobre a irresponsabilidade de me envolver com enfermeiras, como isso poderia virar um escândalo e arruinar a minha carreira.

Enfim, nos últimos dois anos, porque no primeiro ano solteiro eu realmente ainda estava de quatro pela minha ex, eu havia passado de “pobrezinho” para um verdadeiro canalha, o tipo que nunca se envolve, nunca se apaixona, nunca leva ninguém a sério.

Ainda ficava impressionado como as pessoas podiam cair nessa conversa, porque no fundo eu ainda era o mesmo pateta que acreditava

no amor e queria ter alguém com quem conversar depois de um dia de merda. Minha irmã gosta de dizer, sempre com muito bom-humor, que sou um verdadeiro patife, o que sempre me faz rir. A expressão antiquada e até mesmo um pouco romântica é usada para alertar suas amigas a ficarem longe de mim, mas nunca funcionava. As garotas sempre acabavam ao meu redor. Isis diz que sou “*um partido e tanto, pena que completamente desiludido no amor*”, era uma avaliação cirúrgica e precisa sobre mim.

Olhei novamente a hora, faltavam 4 minutos agora. Liguei o carro mais uma vez e me aproximei do portão da casa gigantesca na Ilha do Boi, mas ao invés de entrar para a garagem, deixei o carro na rua mesmo, uns poucos metros a frente de onde estava antes, agora completamente a vista das câmeras que ficavam acima do portão e do muro.

De um modo geral, meus pais são boas pessoas, mas ainda guardo uma certa mágoa de nunca ter sido a prioridade deles, nem eu, nem Isis. Sempre foi o hospital e a clínica em primeiro lugar. Nunca fui sozinho, nossa casa estava sempre cheia de amigos e sempre tive a Isis, mesmo que exista uma diferença de 9 anos entre nós. Ela era minha

irmã endiabrada que vivia correndo pela casa e de boias na piscina enquanto eu enchia o lugar com adolescentes, tudo para fazer aquela casa imensa parecer menos vazia.

Além da minha irmã, eu sempre tive o Igor, meu melhor amigo, o cara que foi minha família por muitos anos, junto com a Bianca, que me conhecia mais do que ninguém e sabia que minha vida de “canalha” era só uma máscara. Era segunda-feira, mas se eu pudesse, ao invés desse jantar, gostaria de encontrar o meu amigo e beber alguma coisa. Uma noite de folga em um jantar em família parecia um grande desperdício.

— Você vai ficar aí para sempre? — A voz da minha irmã na janela do carro me dá um tremendo de um susto, olhei um pouco irritado para ela como quem diz que não gostou nada daquilo, mas a peste estava rindo do pulo que eu dei.

Algumas pessoas costumam dizer que somos parecidos, mas nunca percebi essa semelhança, acho que é algo que os ricos gostam de dizer sobre irmãos para legitimar a honestidade e fidelidade dos pais.

Com 23 anos, Isis continua baixinha e magricela. Em personalidade minha irmã sempre

foi a mais amorosa das criaturas e sofria muito com a distância dos nossos pais, quando fui embora para o Rio, Isis ainda era uma criança, não foi nada fácil para ela ficar sozinha nessa casa, foi com bastante surpresa que recebi a notícia de que ela havia decidido permanecer em Vitória, na casa dos meus pais, enquanto fazia faculdade ali mesmo, odontologia, para o horror do meu pai.

— Pelo amor de Deus garota, você me mata do coração... — Falo bufando enquanto abro a porta e saio do carro.

— Seria irônico, um cirurgião do coração, filho de um cirurgião do coração, morrer do coração porque o único socorro era a inútil da irmã que só sabe cuidar de dentes — sorriu para mim amplamente, mostrando um sorriso perfeito e muito branco, completamente satisfeita com tudo que tinha dito.

— Dentes são muito importantes — digo enquanto abraço a minha irmã, a cabeça dela pega no meu ombro.

— Não adianta ter dentes bonitos se o coração não funciona — imitou a forma como nosso pai dizia aquilo e demos uma risadinha.

— Onde está o seu namorado? — Olhei

desconfiado para os lados.

Dois meses atrás quando voltei para Vitória fui surpreendido pela notícia de que minha irmãzinha tinha um namorado. O cara era um idiota, sinceramente. A primeira vez que o vi não podia acreditar naquilo, ele tinha um cabelo comprido que vivia preso em um rabinho de cavalo deprimente, usava brinco e apareceu para jantar de bermuda, valeu só para ver a cara de insatisfeito do meu pai.

— Que namorado? — Isis sorriu mais.

— Pff... Depois eu que não presto.

— Olha como fala comigo, seu babaca! — Senti a mão dela acertar um soco forte no meu braço e dei uma risada.

Ficamos parados na frente do portão olhando para a imponente casa dos nossos pais, tantas histórias naquela casa e ainda assim, praticamente zero saudade de voltar para ela.

— Precisamos entrar, mamãe provavelmente já nos viu por alguma câmera — minha irmã apontou para a câmera de segurança acima do portão.

— Certo... Vamos lá — comecei a andar e parei — ei, aonde você estava?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Na Manu – falou enquanto revirava a bolsa atrás das chaves do portão e como se conseguisse sentir o sorrisinho cafajeste que se formava no meu rosto, completou sem olhar para mim – fica longe da Manu, ela tem a minha idade, seu nojento.

Não aguentei e dei uma risada alta demais, se minha mãe estava mesmo nos vendo lá de dentro ia ficar muito curiosa para saber o que estava acontecendo para que eu não parasse de rir, mas era bom demais implicar com a Isis e essa sua amiga. A Manu é uma juvenzinha ruiva e muito bonita que gostava muito de se insinuar para mim.

— Ela que tem sempre aqueles olhinhos em cima de mim – falei para provocar e vi minha irmã revirar os olhos irritada, ela sabia que era verdade, provavelmente a amiga já tinha a perturbado algumas vezes perguntando por mim.

— Minha idade, Dan... Minha idade!! – Falou irritada arrancado as chaves de dentro da bolsa e abrindo o portão, me deixando plantado na calçada, rindo sozinho.

Livia

PERIGOSAS ACHERON

Estar de volta a casa dos meus pais era reconfortante, estávamos os quatro reunidos na mesa após o jantar, minha mãe tinha feito fricassê, meu prato favorito, tinha acabado de contar para eles sobre uma situação muito constrangedora que havia passado com um casal de namorados que fotografei na minha última semana em Londres e estava vendo meu pai secar as lágrimas de tanto rir. Passei um ano e meio estudando designer em Nova York e ganhando dinheiro fotografando para alguns sites de moda, não como modelo, mas como fotografa mesmo, e depois passei mais 3 meses morando uma parte do tempo em Madri e outra em Londres. Na maior parte do tempo, fui capaz de prover por mim, mas é claro que sem o apoio dos meus pais, tudo teria sido muito mais simples e sem tantos lugares diferentes explorados.

— Amanhã, o que você quer ver primeiro? Acho que deveria vir comigo até a loja para provar os vestidos que separei para você – minha mãe falou enquanto empilhava os pratos em cima da mesa.

Minha mãe é dona de uma loja de vestidos de noivas e de bailes muito conhecida na cidade, a Martha Noivas, e hoje tem uma linha própria de

PERIGOSAS ACHERON

vestidos de noivas muito desejados, é praticamente impossível ver uma jovem da alta sociedade capixaba se casando sem usar um “Martha”, como elas costumam se referir aos vestidos.

— Claro, preciso resolver logo isso! O casamento é na próxima semana e eu ainda nem tenho vestido.

Meu pai e irmão parecem meio inquietos, é como se o casamento da minha melhor amiga fosse um assunto delicado dentro dessa casa por minha causa, mas faço meu melhor para fingir que não noto o desconforto deles, será um fim de semana cansativo, eu realmente não quero começar a me preocupar com isso agora.

— Você estava fora, não faz mal. Separei três modelos na cor que a Sara escolheu.

— Sara me pediu para ir na sexta-feira para a pousada. Eu fiz minha reserva online. Preciso de um carro, já que não vou com vocês no sábado.

— Até lá você já vai ter um carro – meu pai está de pé servindo uma dose de uísque para ele, faz um gesto para o meu irmão que recusa. Gui continua sentando no mesmo lugar em silêncio.

— Acho que não vamos entrar em um acordo até lá – comento enquanto junto os copos e vou

PERIGOSAS NACIONAIS

para cozinha ajudando a minha mãe. Sei que meu pai vai insistir em um carro zero e imenso, mas não faz sentido, eu nem gosto de dirigir.

— Na verdade eu já encomendei o seu carro – falou ainda de costas para a mesa, voltei até a sala de jantar e olhei do meu pai para o meu irmão que agora escondia um sorrisinho.

— Pai...

Minha família é de empresários, meu pai é dono de duas concessionárias, uma Honda e uma Jeep que ele e meu irmão administravam juntos, e o fato dele ter “encomendando” um carro para mim me deixava preocupada.

— É um HR-V, nada demais – deu de ombros.

— Nada demais? – O carro era imenso e caro, eu já estava suando só de pensar em estacionar aquela porcaria.

— Guilherme queria pedir um Renegade – falou com um sorriso.

— Vocês deveriam ter me esperado! – Resmungo, mas não tem muito o que discutir – então amanhã eu vou ver o vestido, já que decidiram o resto por mim – olhei enfezada para o meu pai – depois posso ir até as lojas, ver todo mundo.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu te pego no ateliê na hora do almoço e depois vamos nas lojas, pode ser? — Meu irmão ficou de pé já se preparando para ir embora.

— Combinado.

Guilherme tem 28 anos, é pouca coisa mais alto do que eu e muito bonito com sua cabeleira loira e olhos tão azuis quanto os meus. Meu irmão sempre estava solteiro, só uma vez namorou uma garota, por aproximadamente um ano, ficou muito apaixonado por ela. Só que o relacionamento foi uma confusão e a menina terminou com ele, na época ele dizia que não tinha problemas e estava bem, mesmo sufocada no meu próprio drama eu sabia que meu irmão estava tudo, menos bem. Mas o Gui sempre foi muito taciturno com os próprios sentimentos e nunca se abriu realmente comigo, como eu odiava aquela garota, fiquei aliviada por ela finalmente sair das nossas vidas.

O dia seguinte foi uma sucessão de acontecimentos e reencontros. No minuto que coloquei os pés na loja de noivas, fui abraçada e beijada por todas as funcionárias. Meu ateliê era anexo a loja da minha mãe que funciona em uma casa em Jardim Camburi, aproveitei para ir até o espaço que tinha ficado fechado por todo esse

tempo.

Sou uma designer de joias, como já disse, ainda acho o termo meio bobo, mas é o que eu faço e antes de minha vida virar de cabeça para baixo eu tinha conquistado uma certa fama com minhas peças, é claro que ter a loja da minha mãe como minha principal vitrine me ajudou muito. Eu gostava muito de ouvir as pessoas dizerem que a veia empreendedora era o principal traço da minha família, de acordo com nossos conhecidos e amigos não havia nada que um *Moulin* colocasse a mão e investisse um pouquinho de tempo que não se tornasse um sucesso.

Minha marca se chama “LIF”, nem um pouco original, eu sei, começou com uma piada, nem existia um nome ainda quando minha primeira cliente, uma senhora idosa e muito fanha, usou um conjunto de colar e brincos que eu havia feito e todo mundo queria saber de onde eram aquelas peças. A senhorinha muito feliz em ter descoberto uma novidade anunciou para todo mundo que as peças eram da “LIF” e assim ficou. Eu, a Sara, o Saulo e o Gui rimos por muito tempo dessa história.

De volta a cozinha da loja, depois de dar uma

PERIGOSAS ACHERON

olhada geral nas minhas coisas e fazer umas anotações do que eu precisava para colocar o ateliê em funcionamento, eu estava rindo com a energia e a alegria da Naná, minha ex-babá e atual braço direito da minha mãe.

— Liv, Nossa Senhora da Penha é testemunha, eu sempre soube que você iria dar trabalho, desde que era miudinha. E agora, você me aparece de cabelo rosa e tatuada! Rá – bate com força na perna e dá uma risada – coitado do Sr. Ricardo, coitado!

— Coitado do Sr. Ricardo, por quê? – Gui apareceu na cozinha e foi para cima da Naná como ele sempre fazia, cutucando-a na costela e cheirando seu pescoço, fazendo a mulher gordinha dar um pulo e um tapa no ombro dele parecendo brava, enquanto ele morria de rir.

— E você continua a mesma peste de sempre – falou estalando a língua, mas dava para ver como olhava cheia de afeição para o meu irmão. Ela era apaixonada por nós dois, e nós dois sempre fomos time Naná, meus pais não tinham a menor chance.

— Naná estava dizendo o quanto estou maravilhosa, como sempre – dei uma piscadinha para ela que sorriu.

— Maravilhosa, linda e solteira! – Falou cheia

de energia e de repente pareceu meio sem graça.

— Solteira! – Reforcei com um grande sorriso para deixa-la confortável – coitado do Sr. Ricardo e coitado do Guigui...

— Nem um amigo meu seria louco – falou muito tranquilo indo até a bancada e pegando um café.

— E aquele vizinho bonitão? Será que já superou, Liv? – Engasguei com a água que estava bebendo. Naná ia direto ao ponto sempre. Era igualzinha a Sara nisso.

— Patrick é um amigo, Naná. Só isso.

— Amigo... Ele é amigo do Gui. De você ele quer é outra coisa!

— Mas será o benedito? – Guilherme bufou e nós duas caímos na gargalhada.

Patrick estudou com o meu irmão até o final do ensino médio, Naná exagerou ao dizer que eles são amigos, nunca foram, eram conhecidos, se suportavam no máximo. Patrick foi um demônio comigo quando eu era criança, ele me maltratava, puxava o meu cabelo e me dizia coisas horríveis, mas depois, com o tempo, nos entendemos. Ele me pediu desculpas por tudo o que tinha feito e, como nunca fui uma pessoa rancorosa, eu o perdoei, o

que deixou meu irmão e o Saulo furiosos na época.

Sai para almoçar só com o meu irmão depois que a Naná e a minha mãe recusaram o convite, fomos em um restaurante na Praia do Canto que era um dos meus preferidos e tinha o melhor risoto da cidade. Era a primeira vez que eu aparecia “publicamente” desde a minha volta no dia anterior, o lugar era frequentado por tantos conhecidos que quase me arrependi na porta e dei meia volta, mas como se sentisse que aquilo ia acontecer, Guilherme estava bem atrás de mim me empurrando restaurante a dentro.

Estávamos aguardando nossos pratos quando duas garotas se aproximaram da mesa para falar com ele, cheias de sorrisos e unhas postiças. Permaneci em silêncio observando tudo enquanto era ignorada pelas duas, até que uma delas, Isabela me olhou e pareceu me reconhecer.

— Livia? Nossa, eu praticamente não te reconheci, me desculpe – disse com uma vozinha afetada, ela foi namorada do Saulo por uns meses antes de nós dois ficarmos juntos, sorri para ela, um sorriso grande e caloroso que pareceu deixá-la desconfortável – como você está? Tudo bem?

— Estou ótima, e você?

— Bem, não sabia que você estava de volta.

— Cheguei ontem na verdade, ainda não foi anunciado — meu irmão riu, ninguém me apresentou a outra garota, que foi a que se aproximou primeiro da mesa, era provavelmente algum caso do Gui, a menina ficou me olhando curiosa e o Guilherme parecia desconfortável.

Estiquei a minha mão para a garota e disse meu nome, ela segurou apenas os meus dedos parecendo indecisa, “Cíntia”, falou baixo e olhou para o Guilherme ansiosa, mas meu irmão só se encolheu um pouco mais na cadeira. Foi o suficiente para que as duas comesçassem a se afastar, não sem que a Isabela falasse novamente.

— Gostei do seu cabelo, estou encantada em te ver novamente.

Quando as duas se afastaram definitivamente olhei para o Gui que já estava aguardando meu ataque.

— Certeza que ela acha meu cabelo bizarro e estava muito curiosa para saber se é verdade a história que pirei completamente e passei todo esse tempo internada em alguma clínica.

Guilherme engasgou com a água que estava bebendo e deu uma risada cusbindo quase tudo

sobre a mesa, numa cena bem ridícula para um homem de 28 anos.

— Quem era a Cíntia?

— Amiga da Isabela – respondeu sem me olhar, secando um pouco a bagunça que fez. Mantive meus olhos fixos nele, que suspirou e voltou a falar – nós saímos algumas vezes, mas não vai dar certo, ela gosta muito de bailes de gala.

Disse entortando a boca, esse parecia ser um problema constante na vida do meu irmão, como algumas mulheres se aproximavam interessadas não em um relacionamento com ele, mas nas oportunidades que teriam ao seu lado.

Mudei de assunto perguntando pelo Tiago, meu melhor amigo com quem eu ainda não tinha tido a oportunidade de encontrar, ficamos nessa conversa mais leve enquanto o Gui me atualizava sobre o bar do Ti, ele havia inaugurado o espaço há uns 5 meses e era um grande sucesso, com fila na porta e tudo. Quando terminamos o almoço, levantei para ir ao banheiro enquanto meu irmão pagava a conta. Eu estava saindo de lá distraída quando bati de frente com um rapaz mais alto do que eu, todo de branco, ele parecia meio irritado com algo. Meus dedos ainda estavam um pouco úmidos depois de

lavar as mãos e deixaram uma marquinha molhada na camisa de linho dele, na altura da sua barriga. Fiquei muito sem graça.

— Ah eu sinto muito, é água... — Falei sem pensar e senti meu rosto esquentar de vergonha. O rapaz respirou fundo e passou por mim.

— Que sorte a minha — a resposta veio de um jeito seco enquanto se fechava no banheiro nas minhas costas.

Que grosseiro! Foi um acidente, olhei para a porta fechada e me afastei voltando para o meu irmão. Como foi combinado ontem fomos primeiro na loja onde meu pai ficava e de lá fomos até a Jeep, onde meu irmão praticamente me exibia como um tipo exótico.

— Meus funcionários te adoram — revirou os olhos assim que ficamos sozinhos na cozinha, enquanto mexia numa grande máquina de café, me estendo uma xícara quando se virou novamente — não tenho dúvidas de que se o pai dissesse para eles que a partir de amanhã estou fora e você irá assumir tudo aqui, eu veria dancinhas de comemoração antes mesmo de ir embora.

— Não seja bobo, eles gostam de você, sou só muito mais legal.

PERIGOSAS NACIONAIS

— E não entende absolutamente nada de carros, o que daria a eles liberdade para fazerem o que quisessem.

— Isso também.

— E o jantar hoje? – Guilherme recostou na bancada me olhando com cuidado.

— Sara me mandou uma mensagem dizendo que será às oito. Só ela, Igor e os pais dela. Você e o Igor ficaram amigos?

— Não muito – ele parece desconfortável.

— Qual o problema?

— Não sei, tenho a impressão de que ele não gosta da minha amizade com a Sara – dá de ombros.

— Nunca imaginei que o Igor fosse ciumento, não faz sentido. Não existe nada entre você e a Sara, qualquer um com um pouco de inteligência poderia perceber isso.

— Vai ver ele não é muito inteligente – sorriu de forma maliciosa.

— Ele é médico – sorri do mesmo jeito.

— Conheço médicos bem burros... Patrick por exemplo – bebeu o restinho do café sem tirar os olhos de mim esperando minha reação, mas eu já havia aprendido que não valia a pena defender o

PERIGOSAS ACHERON

Patrick para o meu irmão, eles tinham lá os problemas deles que, definitivamente, não eram meus.

Ficamos um bom tempo por ali conversando, eu tinha a tarde livre e ele queria minha opinião sobre uma nova campanha que estavam planejando junto com a agência que atendia sua conta. Até que no fim do dia um vendedor apareceu informando que havia algum amigo do meu pai lá fora na loja que tinha perguntado pelo meu irmão. Foi a minha deixa para ir para casa e me preparar para o tal jantar com a Sara e os seus pais.

Daniel

O jantar ontem à noite ocorreu bem, até eu me levantar para ir embora e meu pai lembrar que nós tínhamos combinado de ir ver um carro novo para mim no dia seguinte. Era um assunto recorrente, eu “precisava” de um carro novo, eu tinha algumas consultas na clínica pela manhã e um plantão noturno no hospital, então avisei que só poderia fazer aquilo a tarde.

Agora estou sentado na sala aguardando meu pai aparecer para irmos almoçar, porque ele ainda

me incluiu em um almoço com o diretor do hospital numa tentativa de convencer o homem a melhorar meus plantões.

— Ei, vai fazer o que hoje? — Isis chegou na sala, parecia que estava saindo de casa.

— Ver carros com o pai — falei sem tirar os olhos do celular, a mensagem da Bianca ainda sem resposta na minha frente.

— Escolha um bem grande e bem caro! — Riu — ele não vai negar nada para o Dani.

— Não acho mesmo que ele vai me comprar um carro, vamos dar o meu e eu vou pagar a diferença em longas e pesadas prestações.

— Até parece, eu ganhei um carro! É óbvio que você terá o que quiser — ela bufou e começou a sair, mas parou e olhou de volta para mim — Manu vem aqui hoje...

— Certo — olhei para minha irmã com um sorrisinho, não conseguia evitar.

— Ela é muito bonita — falou de forma reflexiva — você pode, por favor, não ficar com a Manu?

— Você acha importante me dizer que ela é bonita, mas depois me pede para não ficar com a garota. Qual o sentido? Aliás, eu sei que ela é bonita, ela estava desfilando de biquíni por aqui no

fim de semana – abri um grande sorriso.

— Não quero que fique com ela.

— Por que não? – Meu sorriso agora era gigante, recostado no sofá, os braços cruzados olhando para a minha irmã.

— Porque obviamente ela vai se apaixonar e minha vida se tornará um inferno.

— Obviamente vai se apaixonar? – Não conseguia deixar de achar aquilo muito engraçado, mesmo Isis não demonstrando nenhum tipo de humor.

— Você tem esse jeito aí que funciona com as mulheres não muito espertas, é parcialmente bonito e médico.

— Algumas dizem que sou incrivelmente bonito – fiz uma cara de quem está lembrando quantas vezes já ouvi isso.

— Parcialmente bonito, incrivelmente convencido. Só estou dizendo que se você ficar com ela, ela não vai mais sair do seu pé.

— Você tem sua amiga em muita baixa estima para achar que ela vai ficar rendida por causa de uma noite comigo, ou – levei uma mão ao queixo refletindo sobre o que dizer – me tem em muita alta estima para considerar que sou irresistível para

todas as suas amigas.

— Não acho nada disso – agora ela parecia irritada – só tenho amigas demais interessadas no meu irmão.

— Posso ser culpado de muitas coisas, mas não de iludir amigas suas.

— Eu sei. É inacreditável como mesmo achando você um cafajeste, elas ainda te elogiam.

— De qualquer forma, estarei de plantão hoje, então nada de Manu para mim – fiz um beicinho e voltei a me encostar no sofá, enquanto minha irmã me analisava.

— Você vai no jantar sexta?

— Que jantar? – Fiquei em alerta imediatamente. A peste riu em pé no meio da sala.

— O jantar de 70 anos do Deputado...

— Ninguém me falou nada – olhei ao redor desesperado, como se procurasse naquela sala a desculpa perfeita para fugir desse compromisso.

— Acho que querem te pegar de surpresa, você voltou tem tempo e ainda não foi em nem um dos eventos que eles adoram, não vai conseguir escapar desse – falou com um ar triunfante enquanto ia se afastando.

— Bom, pelo menos terei Manu para me

distrair – comentei baixinho só para espezinhar minha irmã e ter a última palavra porque na hora meu pai apareceu na sala e Isis não iria rebater aquela informação.

Meu pai insistiu para que fossemos em um carro só e fazia mais sentido mesmo, mas aquilo significava que no fim do dia eu precisaria voltar até ali para pegar o meu carro. Passei boa parte do caminho até o restaurante na Praia do Canto em silêncio, só ouvindo meu pai contar a história de uma cirurgia. Estávamos entrando no restaurante quando senti meu celular vibrando, uma nova mensagem da Bianca “*pensei em te esperar voltar do seu plantão no seu apartamento, mas ainda não tenho uma chave ☺*”. Meu Deus Bianca, por favor, seja menos óbvia. Preciso dar um jeito de encerrar isso, ou pelo menos, deixar as coisas mais claras, nós tínhamos conversado no sábado, quando ela esteve no meu apartamento e devo ter dito de umas 50 maneiras diferentes: *isso não é sério, não voltaremos a namorar*, mas pelo tom das mensagens dava para notar que tinha entrado por um ouvido e saído pelo outro.

Avisei ao meu pai que ia até o banheiro, precisava responder aquela porcaria, ou daqui a

pouco ela começaria a ligar perguntando porque eu estava tão sumido. Entrei no pequeno corredor que levava aos banheiros me sentindo irritado, meu pai estava sempre tentando me transformar no próximo Fábio Ribeiro, minha ex me sufocando com mensagens, quando tudo tinha virado esse pesadelo? Sentia falta da correria da residência no Rio de Janeiro. Estava muito distraído quando a porta do banheiro das mulheres foi aberta e uma garota com um cabelo rosa saiu lá de dentro com tudo e trombou de frente comigo, molhando minha camisa. *Inferno*. A mulher ainda disse algo como “é só água”. Graças a Deus, né? Só faltava uma moça com a mão suja de xixi esbarrando em mim no restaurante. Resmunguei alguma coisa e me fechei no banheiro.

O que poderia responder para a Bianca sem ser um tremendo de um babaca? Nós já havíamos ficado umas cinco vezes desde que voltei para Vitória, nunca em público, eu enviava uma mensagem e ela aparecia no meu apartamento, só isso. “*Eu sempre chego exausto do plantão. Vou ver um dia essa semana, precisamos conversar*”, sai do banheiro e olhei ao redor tentando encontrar o meu pai, foi quando vi a garota do cabelo rosa em

pé na calçada, ela usava um vestido que parecia uma camisa social masculina, a peça estava presa na sua cintura por um cinto e terminava bem no meio das suas cochas, deixando as pernas branquinhas e grossas dela de fora, um carro preto gigante parou na rua e a garota deu uma grande risada enquanto falava algo com a pessoa que estava lá dentro, fechava a porta e ia embora.

Eu me sentia meio bobo, em pé ali olhando uma garota do cabelo rosa, vi o meu pai com o diretor do hospital, respirei fundo e fui até eles, seria um longo dia e eu sabia que não haveria escapatória.

E claro, estava certo, depois do almoço onde fiz meu melhor para participar da conversa dos dois homens, meu pai me arrastou de um lado para o outro, de concessionária em concessionária. Estava tão cansado que comecei a pensar no plano da Isis e me fazer de sonso, deixando o Dr. Fábio assumir boa parte dos custos do carro novo, mas isso só aconteceria se eu concordasse em escolher um carro da preferência dele, o que eu não estava disposto a fazer, então num golpe de ânimo no fim da tarde, arrastei meu pai até uma concessionária Jeep sabendo que ele não ia gostar muito de nada do que visse lá. Não era exatamente o tipo de carro

que eu gostava, e não estava realmente disposto a comprar um, mas só de ver o olhar meio tenso do meu pai na direção do veículo fiquei mais animado, depois de um test-drive, quando paramos na loja novamente, meu pai parecia até animado, como se aprovasse minha compra caso decidisse por aquele carro, eu também tinha gostado muito do veículo, estavam conversando com o vendedor, quando ouvi uma voz atrás de mim.

— Esse carro é incrível. Estou com um faz alguns meses – me virei lentamente e vi um rapaz loiro com um grande sorriso, o reconheci imediatamente, era o imbecil com quem a Bianca namorou após terminar comigo – sou o Guilherme, o Costas disse que o senhor conhece o meu pai, Dr. Fábio, né?

Meu pai abriu um grande sorriso de reconhecimento.

— Isso, eu e seu pai frequentamos o clube juntos – o clube era a academia, que pelo que eu pude acompanhar nos últimos dois meses, meu pai deve ter ido no máximo dez vezes até lá – eu estive a pouco lá na Honda com ele, estou vendo um carro para o meu filho – colocou a mão no meu ombro, não deixei passar batido que ele disse que estava

vendo um carro “para mim” e não “comigo”, o que na língua do Dr. Fábio só podia significar que ele estava escolhendo e que ele iria pagar, minha atenção voltou para a conversa quando o idiota falou comigo.

— Desculpe, tenho a impressão de que conheço você – ele tinha o sorriso de um babaca no rosto e eu estava prestes a responder “*você andou comendo minha ex-namorada uma época*”, quando meu pai se intrometeu na conversa.

— Será que vocês estudaram juntos?

— Não, eu ainda tenho contato com praticamente todo mundo com quem estudei – é claro que ele tinha, com esse sorrisinho idiota, ele parecia ser o tipo super popular que adorava chamar atenção.

— Todo mundo se conhece em Vitória – resolvi falar e encerrar de vez aquele assunto, mas não consegui.

Seguiu-se uma conversa educada sobre lugares que frequentamos quando adolescentes, depois do meu pai informar que passei os últimos quatorze anos morando no Rio de Janeiro. No fim meu pai parecia animado para fechar o negócio, mas eu tinha perdido completamente o interesse no carro,

de jeito nenhum eu deixaria aquele cara um pouco mais rico.

— Talvez seja melhor ir para casa e pensar um pouco, antes de tomar uma decisão – falei puxando meu pai de volta para a realidade.

— Claro, agora você só precisa definir – meu pai falou comigo e voltou a olhar para o loiro, que ainda estava com os olhos fixos em mim – vocês irão no jantar sexta?

— Meus pais vão, eu não vou conseguir ir, estarei fora

Depois desse pequeno diálogo nos despedimos e comecei a acompanhar meu pai em direção ao carro dele.

— Que jantar é esse? – Não resisti a pergunta, só Isis havia mencionado o evento até agora e me recusava a ser pego desprevenido na véspera.

— É aniversário de 70 anos do Marcos Abadi – esses eram os piores tipos de jantares, esse senhor era um político, Deputado Estadual, que estava há anos ocupando um lugar na Assembleia – você vai, é claro, é importante voltar a circular nesses eventos, ainda mais agora que está atendendo lá na clínica. Pode levar a Bianca, caso vocês tenham voltado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que? Eu não voltei para a Bianca.

— Não? Estranho, ela encontrou com a sua mãe outro dia e deu a entender que vocês estavam juntos novamente.

Porcaria. Bianca é nutricionista e uma espécie de blogueira de moda, deve ter encontrado com a minha mãe em algum evento ou almoço desses estranhos que as duas participam.

— Não estou com a Bianca, pai... – Falei cansado, mais isso, agora ela estava contando para as pessoas que nós dois estávamos juntos.

— Talvez você devesse arrumar uma namorada nova, já está na hora de sossegar.

— Achei que a conversa casamenteira era coisa exclusiva da mãe – isso fez meu pai rir.

— Se depender da sua mãe ela te casa com uma das amigas desmioladas da Isis e você precisa de uma pessoa madura, da sua idade, ou quase – piscou para mim me deixando um pouco chocado – talvez você conheça alguém na festa do Marcos, hem?

— Que Deus me ajude se minha futura namorada estiver nessa festa, ela virá embrulhada em muitos paetês e cílios falsos.

Esses eventos sociais eram os únicos momentos

PERIGOSAS ACHERON

em que sentia um pouco a falta de uma namorada, eram sempre as mesmas pessoas, o que fazia com que eu não me arriscasse tanto entre as mulheres solteiras da alta sociedade que pareciam desesperadas para casar, terminava sempre na companhia dos homens que gostavam de contar vantagens sobre as últimas coisas caríssimas que adquiriram ou pior, das últimas moças presentes que tinham levado para a cama.

De volta à casa dos meus pais vi que tinha uma nova mensagem da minha ex fofoqueira “*Só dizer o dia*”, aquilo seria um pesadelo. Bianca não ia aceitar nada bem a conversa, mas era necessário, ainda mais agora com essa história dela conversar com a minha mãe como se estivéssemos juntos novamente, precisava deixar claro para ela que aquilo tinha acabado, não ia mais ficar com a minha ex.

Ainda tinha tempo antes de ir para o hospital, queria passar no meu apartamento e tomar um banho, entrei na casa para falar com minha mãe antes de ir, enquanto ligava para o Igor.

— Ei Igão, será que a gente vai conseguir se ver antes de você virar um homem casado?

— Ixi... Sexta, você está livre?

— Acabei de saber que tenho um jantar de um amigo dos meus pais para ir – respirei fundo, não precisava disfarçar esse tipo de coisa com o meu melhor amigo.

— Até que você conseguiu adiar bem sua volta para a sociedade, né? – Igor riu – meu último fim de semana solteiro é um plantão daqueles BONS, então terá que ficar para semana que vem. Você vai na sexta para Pedra Azul, né?

— Claro, já te disse isso, mas não é um motivo para me enrolar até lá!

— Hoje tem o jantar na casa da Sara, vou ver se convenço elas a saírem um pouco depois para beber, se acontecer eu te aviso.

— Estou de plantão hoje. Quem são elas? – Pelo meu tom de voz tenho certeza que o Igor sabe da minha expressão de interesse.

— Sara é a melhor amiga, o jantar é para ela... – Escuto meu amigo falar com alguém do outro lado – bom é isso, terá que ser semana que vem mesmo. Desde quando nos tornamos esses adultos ocupados sem tempo para encher a cara?

— Nem me fale, com a clínica e o hospital eu já estou me sentindo o meu pai...

— Dr. Daniel Ribeiro, filho do incrível – dei

uma risada – Dr. Fábio Ribeiro. É incrível mesmo ou ele já atende por outra alcunha?

— Parece que se você chamar de magnânimo, ele também responde – ouvi meu amigo rindo muito alto do outro lado – semana que vem nós tentamos de novo então.

— Combinado – Igor falou e desligou o telefone, devia estar ocupado.

Voltei para a mensagem da ex, “*Amanhã, às 20h, no meu apartamento*”. Entrei em casa e vi a minha mãe, minha irmã e a amiga Manu na sala, sorri de forma sedutora para as três, Isis ficou agitada na hora.

— Ah Daniel... Achei que tivesse ido embora sem falar comigo – minha mãe estendeu a mão para mim enquanto me abaixei e beijei seu rosto. A garota me observava silenciosamente, é bonita, baixinha e ruiva, com olhos bem grandes – essa é a Manuela, vocês já se conheceram? – Sorri de forma encantadora para a Manu, os lábios repuxando um pouquinho só a mais para a direita.

— Já sim, tudo bem? – Não perdi a oportunidade e me inclinei beijando ambas as bochechas da garota que pareceu corar um pouquinho. Quase pude ouvir Isis bufar do seu lado

PERIGOSAS NACIONAIS

— não iria sem falar com a senhora, mãe, só entrei para isso.

— Mas já vai? Você mal chegou.

— Eu sei — sorri de forma carinhosa para ela e quase tive certeza que ouvi Manu suspirando — mas tenho plantão, quero ir embora e tomar um banho antes.

— Ah, que pena, Isis e Manuela vão em um bar novo que está ficando lotado pelo que eu soube, se você tivesse a noite livre poderia ir com elas — minha mãe quando queria sabia chutar a sutileza para bem longe.

— É uma pena mesmo, seria bom ter você com a gente — escutei minha irmã falando, muito provavelmente para ser educada, mas então o diabinho dentro de mim despertou.

— Bom, se você fizer questão da minha presença, posso ligar para um conhecido cobrir o meu plantão — falei com um sorriso de fazer estremecer até a mais rija das criaturas. Era um blefe, é claro, eu não ia conseguir ninguém em cima da hora para fazer isso e não tinha autonomia para tanto, foi só para ver a minha irmã ficar pálida mesmo.

— Ah não... Não — Isis gaguejou — haverá

PERIGOSAS ACHERON

outras oportunidades, você precisa salvar vidas, essas coisas e já temos o jantar do Marcos na sexta – ela riu, sabia que aquilo me irritava.

— Outro dia então – respondi com o mesmo sorriso e, me virando um pouquinho de modo que só minha irmã e a amiga vissem, pisquei para a garota ainda a tempo de ver a Isis fechar a mão em punho na lateral do corpo.

Livia

Eu estava parada na porta do apartamento da Sara sem conseguir reagir me sentindo um pouco ridícula por toda minha apreensão em pisar naquele lugar novamente. Fazia muito tempo desde que estive aqui pela última vez, tantas lembranças, sentia meu coração meio acelerado, achava que tinha superado tudo, que já conseguiria lidar com a situação de forma tranquila, mas bastou colocar os pés para fora do elevador e olhar a porta que meu cérebro começou a fazer uma espécie de trailer com inúmeras memórias do passado. Respirei fundo e estava prestes a tocar a campainha quando o elevador abriu novamente as portas e o Igor apareceu.

— Liv! Que bom ver você pessoalmente mais uma vez – ele veio com os braços abertos e não tive outra opção além de abraçá-lo de volta.

Igor tinha mais ou menos a minha altura, era relativamente forte, negro, o nariz e a boca largos, os olhos muito pretos e um sorriso gigantesco, era muito bonito e ao lado da Sara criavam um contraste hipnotizante, minha amiga era um pouco mais baixa que ele, asiática, ou seja: branca quase pálida, cabelo liso e preto, os olhos puxados e um sorrisinho minúsculo, mas quando Igor e Sara estavam juntos pareciam ser um só, tão forte era a sintonia entre eles, via isso pelas fotos, vídeos e histórias que todo mundo contava.

— Ei Igor, você me pegou no flagra – dei uma risadinha tentando aliviar meu nervosismo.

— Criando coragem? – Afirmiei com a cabeça e ele me ofereceu um sorriso cheio de compreensão.

— A última vez que estive aqui, Saulo ainda estava no hospital – olhei novamente para a porta e senti um grande peso sair do meu corpo com a minha respiração.

— Vamos fazer isso juntos?

— Obrigada – toquei o braço dele num

gesto de afeto e agradecimento.

A recepção dos pais da Sara e o jantar foram mais leves e cheios de risadas do que eu poderia imaginar, de certa forma era bom estar ali com eles novamente, todos estavam muito animados e concentrados em ouvir as histórias que eu contava do tempo que fiquei longe, mesmo que às vezes eu sentisse que estava me repetindo, algumas histórias já tinham sido contadas para a Sara e, com certeza, ela já havia narrado muitas delas para os pais e o Igor.

Em um momento, sozinha com a Ana na cozinha a ajudando a arrumar algumas coisas ela me falou baixinho “*Você pode ir até o quarto dele se quiser*”, foi a primeira vez em muito tempo que senti meus olhos ficarem cheios de lágrimas pensando no Saulo, não tinha ideia do que ia encontrar lá, mas achei que precisava mesmo ir, precisava enfrentar isso, era o último lugar da nossa história que eu precisava encarar, fora a escola, onde eu provavelmente não voltaria mais. Passei pela sala, pela Sara, o Igor e o Marcos sem falar nada, ninguém questionou onde eu estava indo.

Em pé no meio do corredor olhei todas as portas, a última lá no fim era o quarto dele, respirei

fundo e fui andando, imaginei que ao entrar naquele quarto eu sentiria imediatamente o Saulo junto comigo, mas não foi bem assim. O espaço não tinha mudado muito, ainda eram os mesmos móveis, mas não havia tantas coisas pessoais dele mais pelo lugar, só as fotos. Ainda haviam todas as nossas fotos. Saulo, meu irmão e o time de futebol. Saulo e a Sara crianças, Saulo e os pais e muitas, muitas fotos somente com nós dois, ou somente minhas, tudo num quadro de cortiça fixado acima da cabeceira da sua cama, que havia sido um presente meu, passamos um fim de semana escolhendo fotos para colocar nesse quadro.

— Você se foi mesmo — sentei na cama e olhei ao redor, na estante ainda havia alguns livros e medalhas do futebol, mas de um modo geral, era tudo o que havia sobrado — estou tentando sabe? Seguir em frente, como te prometi. É claro que eu fugi por quase dois anos, como a boa covardzinha que fui quando criança — dei uma risadinha com a memória — mas eu precisava ir, precisava aprender a ser eu, sem que toda hora alguém me lembrasse de nós. Não sei se faz sentido, parece uma daquelas conversas malucas que tínhamos. É uma das coisas que eu mais sinto falta, não é estranho? Eu sinto

falta de te abraçar, de te beijar, de segurar a sua mão e de deitar com você e ficar quieta por horas, mas o que mais me dói é não ter você para conversar e me ouvir. O Gui até tenta, mas ele tem aquele probleminha de concentração e a Sara, bom, você sabe, ela gosta muito de falar também. Eu sinto sua falta, Lin, todos os dias e me sinto um pouco mal porque hoje já é mais fácil sentir sua falta do que era antigamente.

— Ei... — Estava distraída quando Sara apareceu, eu tinha ficado olhando uma foto em que eu e o Saulo estávamos na Praia, tentando lembrar onde aquilo tinha sido, era uma dessas *selfies*, a minha preferida, porque estávamos sem óculos de sol e o Saulo, cujos olhos já eram puxados, estava praticamente com eles fechados, meu rosto estava parcialmente coberto pelo meu cabelo por causa de todo o vento, nós dois estávamos praticamente gargalhando, era assim sempre, estávamos sempre rindo, e era essa a memória que eu vinha tentando guardar — Igor perguntou se você quer sair e beber alguma coisa.

Olhei para a minha melhor amiga e sorri, precisava mostrar a ela que eu estava bem, não que eu quisesse me fazer de forte novamente, eu estava

bem, ainda sentia muita falta do Saulo, mas estava bem. Concordei com a cabeça e levantei da cama saindo do quarto.

No começo não me parecia justo seguir a minha vida como se nada tivesse acontecido, mas hoje eu tento seguir lembrando do que aconteceu e ainda assim escolhendo ficar bem.

Me despedi dos pais da Sara e saí com ela e o Igor para um bar que ficava pela Praia do Canto mesmo, próximo ao apartamento dela, fomos andando, assim quando eu fosse embora, eles podiam voltar caminhando e eu pediria um Uber.

— Você já falou com o Ti ou o Caio? — Sara me perguntou logo que nos sentamos.

Tiago é nosso melhor amigo, eu, ele e a Sara éramos o “Trio Esquisito” na escola, eu uma garotinha com um cabelo cor de palha e um aparelho gigantesco daqueles “freios de burro”, Sara a menina minúscula e oriental e Tiago o rapazinho com traços indianos e gay. Nós éramos uma refeição completa para o bullying. Caio é o namorado do Tiago desde o ensino médio. O namoro deles começou na mesma época que o meu e o do Saulo e continua até hoje.

— Só por telefone com o Ti, mas ele anda

muito ocupado com o bar. Combinei que vou lá no sábado, com o Caio só falei por mensagens, parece que ele está fora, né? Vamos nos ver no sábado também.

— Acho que ele foi participar de um congresso em São Paulo – Igor comentou.

— Poxa, justo no sábado? Igor estará num plantão dobrado pré-casamento e eu fiquei de ir para Minas ajudar minha sogra a finalizar umas lembrancinhas...

— Haverá outras oportunidades de irmos juntos ao bar do Ti, Sara – falei com um sorrisinho.

— Ah sim, mas eu queria ver sua volta triunfal! – Igor deu uma risada com o comentário da noiva – vamos na sexta!

— Sexta tem um jantar do Deputado amigo do meu pai, minha mãe não vai, se negou a participar – falei com bom humor – ela disse que não iria num jantar para “puxar o saco de um velho decadente”, nas palavras dela e meu pai ficou perdido sem querer ir sozinho, me ofereci para ir com ele.

— Então sua volta triunfal será na sexta.

— De cabelo rosa e tudo – pisquei para ela e os dois riram.

Ficamos um bom tempo conversando sobre as novidades e fofocas de alguns conhecidos, até que minha amiga não aguentou mais.

— E então, algum namorado?

Eu estava terminando um copo de cerveja quando ela praticamente debruçou sobre a mesa e me lançou essa pergunta do nada, engasguei olhando ao redor, Igor parecia desconfortável pela intromissão da noiva, mas era a Sara, nos conhecíamos há praticamente duas décadas, e uma coisa que minha melhor amiga nunca conseguiu ser era discreta.

— Eu acabei de chegar em Vitória, ontem, literalmente – pousei o copo sobre a mesa novamente e com a outra mão alisei o papel que cobria o tampo. Ouvi minha amiga rindo.

— Mas talvez você deixou um namorado lá...

— Você acha mesmo que eu voltaria para casa deixando um namorado em outro país?

— Hum... não – respondeu depois de refletir um pouco – nesse caso posso te apresentar uma pessoa?

— O que? Não precisa... – Dei uma risada que tentava parecer tranquila, mas soava um pouco

nervosa. Igor seguia em completo silêncio apenas observando nós duas.

— É um amigo do Igor – olhei dela para o Igor que parecia perdido. No pouco tempo que convivi com os dois juntos fui apresentada a um primo do Igor, foi um horror, o cara simplesmente não entendia que eu não estava afim dele e ficou no meu pé por dias.

— Não tenho ideia do que ela está falando, não faço parte disso – ele mostrava um sorriso para mim, mas dava para ver sua cabeça funcionando, como se tivesse sim uma ideia de quem era, só não tivesse pensado naquilo antes.

— Sara, eu acabei de chegar! – Agora tem um pouco de desespero na minha voz.

— Você vai conhecê-lo no fim de semana do casamento de qualquer jeito, ela será padrinho junto com você...– Olhou para o Igor que agora parecia sorrir contemplando todo o plano e achando aquilo muito assertivo.

— Acho que isso pode dar certo.

— Ei, você disse que não era parte disso! – Quis parecer ofendida, mas acabei rindo.

— E não faço, nunca tinha pensado nisso! Mas agora que a ideia surgiu, quem sabe?

PERIGOSAS NACIONAIS

Fiquei observando enquanto os dois trocavam olhares cheios de significados e sorrisinhos, como se estivessem tendo uma conversa completa apenas com olhares.

— Ouvi muito sobre como vocês parecem conversar em silêncio e devo dizer que isso não parece tão interessante agora — Sara deu uma gargalhada.

— Você precisa confiar em mim aqui! Só precisamos saber se conseguimos sair antes ou vai ficar para o fim de semana mesmo. Ele não pode vir aqui?

— Ele está de plantão hoje...

— No fim de semana estaremos ocupados — os dois se isolaram nessa conversa ignorando minha presença, até que a Sara me olhou novamente — bom, semana que vem será uma loucura, acho que terá que ficar para o casamento...

Comecei a protestar, mas ela ergueu um dedo me silenciando.

— Não estou dizendo para começar a namorar o rapaz, só para conhecê-lo — diz de forma didática fazendo o Igor rir.

— É melhor eu ir, está tarde e a sua noiva parece que bebeu além da conta.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu passo no ateliê essa semana — ela ainda me gritou depois que me despedi dos dois e fui até o caixa pagar a minha parte.

É melhor esperar até estarmos só nós duas para termos essa conversa, sei que minha amiga quer o melhor para mim, mas em certos momentos ela pode se transformar numa grande enxerida.



Capítulo 2

Daniel

Quando ouvi sobre o tal jantar do deputado imaginei algo mais íntimo, poucas pessoas, mas é pior, muito pior. Estou no meio de um cerimonial lotado e com um tremendo mal humor, sem a amiga por perto, Isis já tentou puxar conversa comigo diversas vezes, mas a única resposta que consegue são grunhidos meus enquanto vou virando uma taça de espumante atrás da outra lembrando da noite de quarta-feira e da minha conversa com a Bianca. Eu estou fodido, não tem como ser mais suave do que isso para minha situação atual.

A mulher mal entrou no meu apartamento e estava agarrada ao meu pescoço, abrindo minha camisa, me jogando no sofá. Era como se ela soubesse que se me desse tempo para abrir a boca,

eu iria acabar com tudo aquilo e, como o belíssimo desgraçado que eu sou, aproveitei cada minuto. No fim, quando ela me perguntou “*O que você queria conversar comigo?*”, resolvi que, mesmo na minha cama depois de tudo o que tínhamos feito, ainda era um bom momento para dizer, mais uma vez, que não voltaríamos a namorar, ela simplesmente enlouqueceu.

Na verdade, não é muito justo dizer isso sobre ela, eu é que enlouqueci arrastando a Bianca de volta para a minha cama desde que voltei para essa cidade, com tudo o que aconteceu era natural que ela imaginasse que voltaríamos, se fosse em outra época, eu também iria ver as coisas dessa forma. A garota pulou da cama enquanto arremessava um travesseiro em mim e me chamou de muitos nomes, pelo menos dessa vez eu sabia que merecia vários deles. Foi uma cena e tanto, um minuto depois ela estava sentada, calma e chorando, dizendo que me amava e que não iria desistir de “nós”. Era só o que me faltava, depois de todo esse tempo, Bianca resolveu que voltou a me amar.

Minha irmã finalmente desistiu de falar comigo e está concentrada em alguma coisa que

minha mãe está contando, resolvo circular um pouco, talvez encontrar alguma coisa mais forte para beber. Depois de andar aleatoriamente pelo salão evitando certos grupos, me isolei como um estranho no canto oposto a mesa dos meus pais, estava olhando as pessoas de um modo geral, quando uma mulher morena, com quem estudei no ensino médio, acenou vindo na minha direção.

— Daniel — não conseguia lembrar o nome dela, por isso só sorri de volta — estava falando com a sua irmã, ela me disse que você está de volta em Vitória.

Olhei para a Isis que estava quase do outro lado do salão ainda a tempo de ver o sorrisinho dela ser escondido por uma taça de espumante, "*isso terá volta*", foi o que meus olhos disseram para minha irmã antes dela desaparecer no meio das pessoas.

— Pois é, voltei tem uns dois meses — mantive meu sorriso e olhei bem para ela, era bonita, mas espalhafatosa de um jeito estranho, as roupas cheias de brilhos e um batom muito brilhante na boca, não conseguia lembrar de jeito nenhum seu nome.

— Você está na clínica dos seus pais? — A

mulher pisca os olhos com cílios monstruosamente grandes para mim, diante da minha confirmação silenciosa com um simples meneio de cabeça ela continua – meu pai é paciente da clínica, mas ele não tem nada, são só consultas de rotina – se apressa em falar.

— Claro, não somos todos pacientes em potencial dos meus pais? – Era uma piada, mas vejo a mulher empalidecer.

— Acho que sim... – Concorda, mas busca imediatamente um outro assunto.

Considere-me um tipo de sádico, mas gosto de ver o rosto dessas mulheres se contorcendo enquanto tentam me agradar, elas nunca sabem nada sobre mim, nem me perguntam nada sobre mim, mas adoram falar sobre o sucesso dos meus pais, como se fosse o meu sucesso, o que me deixa sempre muito cansado. Ser o filho do Dr. Fábio e Dra. Inês, às vezes, é bem cansativo. A mulher continua falando, agora sobre a festa de um modo geral quando escuto uma voz irritada atrás de mim dizer baixo:

— Velho imbecil!

É uma frase tão inadequada para o local e todas as pessoas importantes ao redor que minha

única reação é girar o corpo e olhar quem foi a mocinha que acabou de dizer aquilo. Parada atrás de mim, alguns poucos passos de distância está uma jovem com um cabelo rosa. É a segunda vez nessa semana que vejo uma garota de cabelo rosa, será a mesma pessoa? Como ela está de costas, ainda não consigo ver exatamente seu rosto e confirmar, mas só pode ser, é muita coincidência.

Dessa vez ela usa um vestido justo que tem uma manga comprida até os cotovelos, é um modelo bem mais comportado do que o da moça que está conversando comigo, mas ainda assim é bem bonito, marca todas as curvas que a peça anterior com a qual eu a vi não me deixaram notar, reparo melhor e percebo que o cabelo é loiro na raiz e rosa bem claro no comprimento, a mulher arranca uma taça de espumante da bandeja de um dos garçons e olha ao redor rapidamente antes de praticamente virar todo o conteúdo da taça na boca.

A cena me faz rir, é quando ela me escuta e gira o corpo ficando de frente para mim, os olhos são tão azuis que me sinto meio perdido, ela é linda, é linda e parece não pertencer de nenhum modo a esse lugar. A garota fica uns segundos olhando para mim como se tivesse acabado de ver

um tipo esquisito com chifres e rabo, então olha para o teto, respira fundo e se afasta.

— Ah ela voltou – a mulher, cujo nome não me lembro, comenta do meu lado olhando para onde eu estava olhando segundos antes – quase não a reconheci, está muito diferente.

— Desculpe, preciso encontrar a minha irmã, a gente se fala daqui a pouco – me despeço com um sorriso.

De jeito nenhum vou perguntar para essa mulher quem é a jovem do cabelo rosa, mas talvez a Isis saiba, tenho quase certeza que nunca a vi antes, tirando o esbarrão no restaurante, o que parece bastante estranho, já que, apesar do número absurdo de pessoas presentes aqui, tenho a impressão de que vi todas elas milhares de vezes ao longo da minha vida.

Atravessei todo o salão até o local onde tinha visto minha irmã antes, mas nem sinal da Isis, foi quando avistei o cabelo rosa perto de uma mesa do buffet, me aproximei devagar, a garota tinha outra taça agora cheia na mão e conversava com um homem alto que tinha uma expressão divertida no rosto.

— Não acredito que deixei você me

convencer a vir até aqui.

— Você se ofereceu para vir comigo – o homem falou com um sorriso.

— Então isso prova que os boatos são verdadeiros e eu estou mesmo lelé da cuca – a expressão que ela usou e a careta que acompanhou o que disse fez o homem e ela rirem.

— Mas você é uma lelé bem legal, sabe? Não tem nem um amigo seu por aqui?

Eu até que tentava olhar disfarçadamente para eles, mas era difícil desgrudar os olhos daquela mulher e ela me flagrou olhando fixamente na sua direção novamente, parecia ofendida e irritada com isso, me virei para o buffet fingindo pegar algo para comer, enquanto ouvia ela falando.

— O senhor se importaria se eu fosse embora? Eu não aguento mais as pessoas me olhando como se eu fosse um fantasma.

— Olha, a Dra. Inês está aqui – quando ouvi o nome da minha mãe praticamente girei o corpo novamente para olhar para eles mais uma vez.

— Aqui?

— Sim, encontrei com ela agora, porque você não vai até a mesa dela, depois nós vamos embora, já viemos, fomos vistos, também estou

cansado.

— Certo — concorda colocando a taça na mesa — gosto da Dra. Inês — dá de ombros e começa a se afastar, mas então os olhos estão em mim novamente, o cenho franzido, como quem diz "*qual o seu problema esquisito?*", o que me faz engasgar e começar a tossir enquanto bebo o espumante tentando não chamar a atenção de todo mundo.

Agora tudo o que preciso fazer é ir até a mesa dos meus pais. Pelo menos eu consegui alguma distração para o tédio que tem sido essa festa.

Lívia

Nós nem tínhamos saído de casa ainda e eu já estava arrependida. É claro que o jantar não seria nada simples, um cerimonial, centenas de convidados e eu com um cabelo rosa chamando pouca atenção. No começo foi divertido, com as duas mulheres no restaurante enquanto almoçava com meu irmão, mas agora com todos aqueles olhares direcionados para mim como se eu tivesse perdido de vez a cabeça, era cansativo, não tinha a menor vontade de me explicar para nem um deles.

PERIGOSAS NACIONAIS

Achei que o cabelo rosa seria o suficiente para a alta sociedade lidar por uma noite, por isso escolhi um vestido que escondia completamente meu braço tatuado.

Consegui me afastar de todas as pessoas jovens do salão me isolando num cantinho, quando o Doutor Rubens, o pai do Patrick, se aproximou.

— Lívia, o que você está fazendo sozinha aqui? — Sorriu parando do meu lado.

— Só respirando um pouco.

— Você já encontrou com o Patrick? — Olhei para o grupo de homens jovens à alguns metros de distância onde o Patrick falava e ria alto com os amigos, ele sempre foi muito mais alto que todos os outros, com uma estrutura física grande e que hoje em dia é musculosa, usa uma barba farta e muito bem aparada, é impossível não notar sua presença nos lugares, senti-me tentada a dizer "*e como eu poderia não ter visto?*", mas me controlei.

— Ah sim, mas muito rápido, não vi a Manu.

— Ela se sentiu mal e não pode vir.

— Espero que não seja nada... — Manu é a irmã mais nova do Patrick, uns 3 anos mais jovem do que eu, nós éramos um pouco amigas.

PERIGOSAS ACHERON

— Não sabia que você estava de volta — meu vizinho insiste na conversa.

— Cheguei essa semana — minha voz quase não saiu, dei uma grande golada na minha taça.

— Sempre imaginei que, uma hora ou outra, você e o Patrick se acertariam — meu Deus, a função de ser casamenteira e sem noção não é algo reservado às mães? — E agora que está solteira, você bem que poderia dar uma chance ao meu filho — disse com um grande sorriso.

Senti o sangue fugir do meu rosto, olhei para ele tão chocada que o homem só fez rir, de inclinar o corpo chamando a atenção de todo mundo, inclusive do filho que olhou para nós parecendo meio constrangido.

— Ah me desculpe, é que já faz tanto tempo, e você e o Patrick pareciam se entender tão bem... — Levou a mão nos olhos para secar uma lágrima das risadas.

— Rá... — Praticamente grasnei, aquilo estava longe de ser uma risada — desculpa Dr. Rubens, acho que vi uma amiga acenando para mim, mas eu vou falar com o Patrick, com certeza!

Falei tudo isso já me afastando sem dar a chance do homem dizer qualquer outra coisa,

PERIGOSAS NACIONAIS

quando estava longe o suficiente, soltei a respiração que estava prendendo e falei mais alto do que esperava "velho imbecil".

Dar uma chance ao Patrick, não tinha o menor cabimento, eu não achava ele o estúpido de antigamente, ainda assim... Ficamos uma vez, quando eu tinha 15 anos e isso é tudo que aconteceu ou um dia irá acontecer. Virei uma nova taça de espumante enquanto pensava em como o Patrick ficou bonito com o tempo, ele sempre foi bonito, o que tornava muito difícil odiá-lo na infância, mas agora era apenas impossível, nos conhecíamos bem demais e de um jeito estranho, de um jeito que não dava abertura para esse tipo de coisa acontecer. Estava terminando a taça quando ouvi uma risada, girei o corpo e vi um homem me encarando. Ele era alto, o cabelo muito bem penteado e fixado com algum tipo de pomada que mantinha todos os fios no lugar, camisa social azul com apenas um botão na gola aberto, terno, um engomadinho e tanto, os olhos do rapaz não saíam de mim, respirei fundo e me afastei, era só o que faltava, ficar sendo analisada, só faltou ele perguntar *"É você mesmo? Mas você não tinha pirado?"*.

PERIGOSAS ACHERON

Atravessei o salão e fui cercada pelo meu pai.

— Estava te procurando, a Solange me perguntou por você.

— Acabei de encontrar o marido dela. Ele foi super sutil, perguntou quando vou dar uma chance ao Patrick – meu pai fez uma careta.

— Ele sempre foi apaixonado por você, né?
– Olhei para o meu pai chocada, mas ele estava rindo.

— Não acredito que deixei você me convencer a vir até aqui.

— Você se ofereceu para vir comigo.

Eu sentia todos os olhares em cima de mim, principalmente depois da risada escandalosa do pai do Patrick, e odiava aquilo, odiava chamar atenção, pois é, eu sou a garota do cabelo rosa num salão de festa de um velho de 70 anos e odeio chamar a atenção, você pode concluir com isso que não sou muito esperta também. Sigo conversando com o meu pai e olho ao redor, vejo o mesmo rapaz me encarando, ele está logo atrás do meu pai, mas que idiota! Fuzilo o homem com os olhos até que ele pareceu sem graça e desviou a atenção, meu pai mencionou a Dra. Inês, ela foi a médica do Saulo

por meses e era muito querida comigo, eu precisava ir até lá e cumprimenta-la pelo menos.

Começo a caminhar entre as pessoas e percebo que o rapaz está indo atrás de mim, aquilo era ridículo, e já que todo mundo aqui parece achar que fiquei louca, eu vou pagar de louca mesmo. Dei um passo para o lado, ficando parcialmente encoberta por um arranjo grande demais de flores, vi o rapaz passando por mim, ele parou uns passos mais para frente e ficou olhando ao redor, até que se virou e me viu em pé atrás das flores sorrindo. Ele parecia perturbado por ter sido flagrado, de alguma forma, aquilo me deixou animada, ele seguia paralisado no mesmo lugar me olhando como se houvesse esquecido que poderia usar as pernas para fugir dali rapidamente.

— Sua mãe nunca te ensinou que é feio ouvir a conversa dos outros? — Falei com um sorrisinho me aproximando dele.

— É tudo o que ela vem me ensinando, mas sou péssimo em aprender, sinto muito — aquilo me pegou desprevenida, e ele ainda disse tudo com um sorriso incrivelmente sexy.

Era um homem bonito, sem dúvidas o tipo que atrai um monte de mulheres por aí. Ele era bem

alto e tinha ombros largos, mas parecia ser magro, não forte, os olhos eram de um tom castanho muito claro, e o mais estranho é que ele tinha uma boca grande e larga, engoli em seco quando notei que passei tempo demais olhando para a boca dele que sorria de um jeito que levaria uma garota a pecar facilmente.

— Mas pelo que minha pouca educação me permitiu ouvir, você pode questionar isso a ela, já que vocês se conhecem... — Pisquei tirando minha atenção da boca dele sem compreender realmente o que ele disse — a Dra. Inês.

— Você é filho da Dra. Inês? — Fiz a pergunta mesmo sabendo que a resposta era óbvia, ele confirmou com a cabeça — não sabia que ela tinha um filho.

— Não sabia? Você não sabe quem eu sou? — Tinha uma certa descrença na voz dele, como se todo mundo naquele lugar soubesse quem ele era.

— Eu deveria saber quem você é? — Inclinei meu corpo me aproximando dele mais um pouco — Você é famoso ou algo do tipo?

— Não... — Agora ele parecia desconfortável, exatamente como eu queria.

— Eu sei que ela tem uma filha...

— Também conhecida como minha irmã — voltou a mostrar o mesmo sorrisinho sexy — conhece minha mãe, minha irmã, e eu continuo não tendo ideia de quem você é...

— Você não sabe quem eu sou? — Não consegui evitar a pergunta, eu queria completar com “*então porque está me olhando e me seguindo como um maníaco?*”, mas antes de ter a oportunidade ouvi ele dizendo:

— Eu deveria? Você é famosa ou algo do tipo?

E foi o suficiente para eu dar uma grande gargalhada, algumas pessoas ao redor olharam na nossa direção, mas ele não parecia desconfortável, mantinha os olhos fixos em mim.

— De certa forma, pode-se dizer que sim.

— Daniel... — Estendeu a mão e eu segurei sem dizer nada — é nessa hora que você diz o seu nome.

— E então voltar a ser conhecida por todo mundo aqui? Acho que gosto de ter alguém que não sabe quem eu sou...

— Alguém com quem você estaria disposta a sair um dia desses? — O rapaz inclinou o corpo para mim só um pouquinho ainda segurando a

PERIGOSAS NACIONAIS

minha mão, senti meu próprio corpo vibrar, os olhos dele não saíam dos meus, aquilo era muito estranho. Levei a pontinha da língua até os lábios, de repente sentia a boca muito seca.

— Isso funciona com alguém? — Inclinei meu corpo para ele, ficando ainda mais próxima, ele piscou e soltou a minha mão se afastando.

— Como?

— Os sorrisos, a conversa, funcionam?

— Geralmente sim — disse endireitando o corpo.

— Foi o que imaginei.

Passei por ele caminhando de forma segura até chegar a mesa onde a Dra. Inês estava acompanhada de algumas pessoas, poucos passos antes de cumprimentá-la fraquejei e olhei para trás, e lá estava o homem, no mesmo lugar, olhos fixos em mim e um sorriso que fez minhas pernas falharem, senti as bochechas queimaram com o rubor. O homem ridiculamente bonito se chamava Daniel e é filho da Dra. Inês, pelo menos eu tinha alguma informação, é claro que ele conseguiria muito mais, só precisava perguntar a mãe pela garota do cabelo rosa.

PERIGOSAS ACHERON

Daniel

Nunca fui um homem convencido, apesar de ter a fama, mas sempre notei que a maioria das mulheres pareciam meio abaladas diante de mim numa primeira impressão, mas não dessa vez. A garota parecia me olhar como se soubesse da minha fama e não compreendesse porque eu a tinha, e o mais estranho de tudo é que eu estava completamente hipnotizado por ela. Se a minha irmã me visse agora, daria boas risadas.

Estava tentando falar com ela, prolongar o assunto, ela não sabia quem eu era e aquilo era revigorante, consegui fazê-la rir, uma gargalhada alta, fiquei olhando fascinado enquanto aqueles olhos azuis franziam e a boca se esticava muito em um sorriso, e então ela estava de volta ao modo sério e inabalável como se eu fosse só mais um bobo encantado demais, nem seu nome ela me disse. Vi a garota se afastar e quando estava quase na mesa dos meus pais olhou para trás e me flagrou, mais uma vez, a encarando, dessa vez quase pude vê-la corar, mesmo a distância.

Não podia ir até lá agora, não depois dessa conversa esquisita sobre não nos conhecermos e

PERIGOSAS NACIONAIS

sobre como meus sorrisos e a minha lábia não funcionariam com ela, ir até ela novamente só me colocaria numa situação ainda mais constrangedora, agora na frente dos meus pais, olhei ao redor e vi um grupo de homens me olhando. Um deles, que reconheci como sendo um residente do hospital onde estou, mas com quem praticamente ainda não tive contato, mantinha os olhos fixos em mim, até que outro do grupo chamou sua atenção e ele parou de me encarar. Tinha acabado de alcançar um novo copo quando Isis surgiu do meu lado.

— Quem era aquela com você e cadê a Roberta?

— Quem é Roberta?

— A artificial que mandei para você – deu uma risadinha – achei que era o seu tipo.

— Não tem graça – comecei a me afastar, mas lembrei que não podia ir agora para a mesa dos meus pais.

— Mas quem era aquela do cabelo rosa?

— Não sei, ela disse que te conhece... – Ela não disse exatamente isso, disse que sabia que minha mãe tem uma filha, mas achei melhor não entrar em detalhes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu? Acho que não, eu me lembraria dela. É muito bonita – como eu não disse nada, minha irmã continuou enquanto observava a minha reação – a garota eu quero dizer, não achei que fosse o seu tipo.

— Você tem algum *tipo* de vida ou gasta suas horas me observando?

— Só estou curiosa, ela está com a mamãe...

Olhamos os dois ao mesmo tempo, a garota sorria e falava enquanto minha mãe segurava a mão dela, foi quando o rapaz, o médico que ficou me encarando começou a se aproximar delas e falou alto “Lívia”, chamando a atenção da garota que sorriu para ele. Lívia, o nome dela é Lívia então, isso me deixou animado, ouvi minha irmã resfolegando do meu lado.

— Aí meu Deus! Lívia! Será que é a amiga da Manu?

— Vocês se conhecem?

— Achei que não estava interessado – tinha certos momentos como esse que eu gostaria de esganar a minha irmã, só um pouquinho – você está interessado! – Voltou a rir, levando a mão a boca para abafar o som.

PERIGOSAS ACHERON

— O que é tão engraçado? – Olhei de volta para a garota e agora ela havia se afastado da minha mãe e conversava só com o médico.

— Nossa, bem que a Manu falou do irmão, o Patrick já está em cima dela – acompanhei o olhar da minha irmã e vi o médico tocando de leve o braço da garota enquanto falava algo no seu ouvido, ela sorriu, mas parecia incomodada.

— Aquele cara é irmão da Manu? – Não consegui evitar a pergunta.

— É sim, e se a garota for a Lívia que estou pensando, você não tem a menor chance.

— Sempre muito bom conversar com você.

Disse enquanto me afastava da Isis. Era melhor ir embora, minha irmã não ia contar nada, e se contasse seria sob muita tortura de “*por que você está tão interessado?*”. Pela primeira vez senti falta de ter algum perfil em uma rede social, seria só jogar o nome Lívia e buscar uma garota linda e de cabelo rosa.

Não sei se já mencionei isso antes, mas não estou nas redes sociais, não gosto de ter a minha vida exposta, como isso começou? Sinceramente, não sei. Talvez seja pela publicidade que meus pais sempre fizeram com a nossa “família perfeita” ou

talvez tenha sido o tempo que namorei a Bianca que me deixaram tão contrário as redes, aparecer é praticamente o trabalho da Bia, apesar de ser uma excelente nutricionista ela era uma espécie de blogueira de moda, ou como gostava de dizer *influencer*, eram umas fotos posadas e cansativas, mesmo que estivéssemos brigados. Nunca me importei que ela compartilhasse tanto da própria vida na internet, mas com o tempo pedi para evitar de me expor, eu não queria fazer parte daquilo, talvez tenha sido isso que a fez me dar um pé na bunda, ela queria alguém que figurasse bonito nas fotos ao seu lado, mas eu estava focado demais na minha própria carreira e achava tudo aquilo tão fútil que não conseguia disfarçar.

Fui decidido até a mesa dos meus pais e disse que estava cansado, ouvi alguns protestos, mas acabei sendo liberado, eles sabiam que não conseguiriam me convencer do contrário. Estava me sentindo um pouco elétrico quando sai do cerimonial para o estacionamento, era final de outubro, estava quente, uma daquelas noites abafadas, fiquei parado no caminho que levava até o estacionamento respirando, tentando dispersar toda a eletricidade acumulada no meu corpo,

quando a garota do cabelo rosa apareceu sozinha, ela estancou no caminho me olhando, vi que um pouco atrás estava o homem com quem ela conversava mais cedo, acho que o pai dela, ele tinha parado conversando com alguém.

— Você está me seguindo? — Não resisti a provocação, o rosto dela corou chegando em um tom de rosa muito parecido com o cabelo.

— Eu estou indo embora — a voz saiu clara, mas ela parecia nervosa na minha presença, olhou para trás aflita para ver se o pai estava vindo, mas ele seguia parado no mesmo lugar conversando.

— Certo. Bom, acho que a gente se encontra — fiz um gesto com as mãos e me afastei do caminho deixando ela passar. Não revelei que sabia o seu nome. Livia começou a andar em direção ao estacionamento, mas dois passos depois de passar por mim ela parou e me olhou.

— Se encontra como? — Pisquei diante da pergunta, aquilo era uma mudança e tanto em tudo o que tinha acontecido, parece que naquele segundo ela entendeu o que tinha feito e imediatamente se virou e começou a andar para longe de mim, fui atrás. Nada daquilo fazia sentido, mas que se dane.

— Você pode me dar o seu número — sorri

quando ela parou e me olhou novamente, a vi umedecer os lábios – ou podemos fazer do jeito mais difícil e nos esbarrar novamente, parece que frequentamos o mesmo círculo social – o que? Por que eu disse isso? Que idiota, que grande idiota!

— Nesse caso, acho que vou esperar nos encontrarmos novamente – ela tinha um sorriso perturbador ao dizer isso, senti algo se movendo dentro de mim.

— Vou esperar ansioso pelo próximo evento insuportável da alta sociedade capixaba.

Isso a fez rir, uma nova risada alta, enquanto me dava as costas e se afastava definitivamente, pouco depois o homem passou por mim dizendo um boa noite corrido e também sumiu no estacionamento. E aquilo era verdade, iria esperar ansioso até ter a oportunidade de por olhos nela de novo.

Livia

— Quem era aquele falando com você ali? – Meu pai perguntou assim que entramos no carro.

Eu sentia todo o meu corpo formigar só pela

presença do rapaz.

— Filho da Dra. Inês, pelo que entendi.

— É mesmo? Poxa, deveria ter nos apresentado, o Fábio sempre fala muito do filho.

— Não conheço ele realmente pai, só nos falamos um pouco.

— Entendi – falou com um sorriso.

— Entendeu foi é nada, pode parar – mas acabei rindo da expressão de espertinho dele. Eu tinha muita sorte de ter esse homem como o meu pai, ele sempre foi um amigo, era como se a barreira pai e filha não existisse, só mesmo durante a infância, quando ele precisava se impor e me educar, mas em todos os outros momentos não.

Em casa eu pesquisei o nome “Daniel Ribeiro” e “Daniel Rosa” inúmeras vezes no Facebook e no Instagram, mas não encontrei nada. Não conseguia esquecer o jeito e a intensidade que ele me olhava o tempo todo, ou como senti meu braço arrepiar quando ele segurou a minha mão. Gosto de pensar que sou muito boa em disfarçar situações que me deixam abalada, mas não consigo ter certeza se não deixei óbvio demais que, de um jeito muito esquisito, aquele estranho mexeu comigo.

E no fim ainda teve o Patrick, nunca paramos

de conversar, mesmo no tempo que fiquei fora, Patrick sempre me enviava uma mensagem ou outra e pelo visto ele estava mais disposto do que nunca de tentar alguma coisa comigo. Assim como foi quando eu tinha 15 anos, eu sabia que não havia a menor chance de me apaixonar pelo Patrick, mas me preocupava com o fato de que talvez, ele gostasse de mim mais do que deveria, eu não queria dar nenhum tipo de esperanças erradas para ele.

Acordei no sábado com uma mensagem do Tiago dizendo que ele e o Caio me esperavam no bar hoje, meu irmão está fora, foi para São Paulo ver uns amigos, e com a Sara e o Igor ocupados, vou sozinha e lá encontro com eles. Quando apareço na sala pronta para sair, meus pais me olham do sofá em um silêncio esquisito.

— Quer que eu te leve? — Meu pai pergunta segundos após eu ter a impressão de que precisou tossir um pouquinho para encontrar a própria voz, minha mãe seguia em silêncio, os olhos muito abertos me observando.

— Não precisa pai, acho que já passei dessa idade, vou pedir um uber para ir e outro para voltar.

— Certo.

— Está tudo bem? Vocês estão esquisitos.

— Você está linda – minha mãe falou depressa.

Olhei para mim e de volta para eles, ia protestar, mas a verdade é que apesar de ser exatamente assim que me vesti pelo último ano toda às vezes que ia para alguma festa ou encontrar amigos em um bar, meus pais não acompanharam isso de perto, na época que permaneci em casa, após a morte do Saulo, eu não me arrumava muito, usava zero maquiagem, mesmo quando a Sara me arrastava para algum lugar. Acho que pela primeira vez meus pais estavam lidando com a ideia que eu vinha trabalhando desde que saí de casa: sou jovem e estou solteira. Para eles que me viram arrumar um namorado aos 15 anos e passar toda a minha adolescência e época da faculdade namorando, quando as outras garotas estavam saindo a noite e preocupando os pais, me ver parada no meio da sala toda arrumada para sair sozinha num sábado a noite era uma novidade e tanto.

— Obrigada – falei com um sorriso tímido, pouco característico dentro da nossa casa.

— Juízo! – Meu pai ainda falou antes que eu conseguisse escapular da sala.

O bar do meu amigo funciona bem no centro da Reta da Penha, uma avenida muito movimentada

em Vitória, ele arrendou o espaço que antigamente era uma boate, frequentamos muito esse lugar, Tiago sempre dizia que o sonho dele era conseguir o espaço e modernizar tudo, e foi o que ele fez. Com uma reforma incrível o lugar agora não era apenas um galpão fechado, a frente e a porta de entrada do bar tinha um conceito aberto, uma espécie de varanda onde as pessoas poderiam sentar e observar o movimento da avenida e no interior ele manteve a luz mais baixa e o ambiente que lembrava muito uma boate, eram duas coisas bem diferentes juntas, o que fazia do bar do meu amigo o novo point da cidade.

Eu ainda estava na calçada, ao lado de uma fila de pessoas aguardando mesas, ia ligar para ele e descobrir como eu iria encontra-lo quando o Caio apareceu.

— Liv? — Tinha muito tempo que a gente não se via, Caio era um rapaz alto e musculoso, ele e o Tiago viviam na academia.

— Meu Deus, esses braços são seus ou você alugou? — Brinquei assim que ele me abraçou.

— Você continua a mesma espertinha, né? Só que muito mais bonita — parou de falar enquanto observava um grupo de rapazes passando, os olhos

fixos em nós dois – vem, vou ser o seu guarda-costas, vai precisar.

— Cadê o ingrato do Tiago que nem apareceu para me ver essa semana?

— Se você conseguir tirar o Ti de dentro desse bar por umas horas serei eternamente grato – falou com toque de humor na voz.

Eu imaginava que o bar era a nova obsessão do meu amigo, ele sempre se dedicava muito a tudo que se propunha fazer, e esse espaço era o sonho dele. Caio estava me contando como o bar ficava cheio praticamente todos os dias, mas que sexta e sábado eram realmente especiais, o lugar estava lotado, mesmo na varanda, todos os lugares estavam ocupados e algumas pessoas ficavam em pé, apoiadas na sacada fumando, bebendo e conversando com as pessoas nas mesas, lá dentro não estava muito diferente, nós íamos praticamente espremidos entre as pessoas que circulavam pela área mais próxima do bar, as mesas internas também estavam todas ocupadas, fiquei feliz pelo sucesso do meu amigo.

— Vou te levar para área vip e depois tentar achar o Tiago.

— Área vip? – Eu dei uma risada, isso era

muito a cara do meu amigo.

— Tiago fez questão de montar umas áreas Vips ao redor da pista e próximas do palco, para os amigos e para quem quisesse gastar mais um pouco é claro — piscou para mim com a informação final me fazendo rir — ah tem umas pessoas lá na área do Ti, você se importa?

Eu não sabia exatamente de que espaço ele estava falando, olhei ao redor de uma forma geral, tudo parecia cheio de gente e ocupado, falei que não me importava e comecei a seguir o Caio pelo lugar ainda olhando ao redor até que vi um par de olhos castanho me encarando, o filho da Dra. Inês, ele estava com um outro homem e duas garotas, demorei tempo demais para desviar os olhos dele quando percebi que o Caio estava me levando exatamente para o mesmo espaço, olhei para as outras pessoas que estavam lá e reconheci a Manu, ela era toda sorrisos agarrada ao braço do rapaz que finalmente tirou os olhos de mim e sorriu para ela parecendo sem graça, o outro homem parecia meio alheio a tudo aquilo, bebendo e olhando ao redor, a outra garota, uma morena bonita, parecia irritada e insatisfeita.

— Ei, melhor eu ir com você até o bar, pode

ser? – Puxei o Caio de volta, eu não queria ir até aquele espaço e ficar lá sozinha com aquele grupo, o filho da Dra. Inês me deixava nervosa. Caio parecia confuso com a minha mudança, não houve muito tempo para reações porque ouvimos alguém chamando meu nome e quando olhamos era o Patrick aparecendo no meio das pessoas, vindo na nossa direção.

— Patrick Souza – Caio falou tombando o corpo para mim – ele ainda não desistiu de você?

— Cala a boca – falei baixinho, o rapaz se aproximando.

— Eu pegaria – dá de ombros e ri quando vê minha expressão – vai lá, seu segredo está a salvo comigo. Vou achar o Tiago.

E com isso foi embora me deixando sozinha no meio de todo mundo, com o Patrick caminhando na minha direção parecendo muito um predador, pela primeira vez em muitos anos, senti de novo aquele medo que tinha quando o Patrick se aproximava de mim na escola e eu sabia que nada de bom poderia resultar daquilo, mas esse era outro Patrick, o médico, o adulto, o cara simpático.

— Ei, tudo bem? – A mão foi direto para minha cintura, no pedacinho de pele exposto entre minha

PERIGOSAS NACIONAIS

saía e o cropped que estava usando, ele beijou meu rosto, perto demais da minha boca, acho que respondi que estava bem, meus sentidos ficaram meio nublados com o perfume dele, era um perfume forte demais – aquele era o Caio?

— Sim ele foi procurar o Tiago para mim. Você não deveria estar no hospital? – Olhei aflita ao redor e ouvi ele rindo.

— Estou de férias, essa semana e semana que vem. Não tá bebendo nada?

— Acabei de chegar...

— Vem, vamos conseguir alguma coisa para você – segurou a minha mão e começou a andar me levando para o bar.

— Não precisa, acho que não vou beber nada por enquanto, quero ver e falar com o Ti primeiro – isso o fez parar, mas não me soltar.

— Tudo bem – senti quando ele deu um passo para frente os olhos varrendo o meu rosto – você fica cada dia mais linda, Liv – *eita!* Assim do nada? Senti a mão dele tocando de levinho meu pescoço e o corpo se aproximando do meu para me beijar, mas não conseguia deixar isso acontecer. Abaixei a cabeça saindo da direção dele, um sorrisinho tímido nos lábios.

PERIGOSAS ACHERON

— Patrick, já conversamos sobre isso — ergui os olhos e ele tinha um sorriso bobo no rosto.

— É já sim, mas toda vez que te vejo penso que seria maluco se não tentasse de novo — a mão ainda está no meu pescoço, o polegar deslizando para cima e para baixo em um carinho.

— Liv? — A voz da Manu me desperta me tirando da fumacinha de sedução que o Patrick vive lançando em cima de mim e eu vivo lutando para resistir. Patrick se afastou um pouco para a irmã me abraçar — quanto tempo! Eu quase não reconheci você.

— Ei Manu, você está linda! Quer dizer então que ela frequenta as mesmas festas que você agora? — Falei olhando para o Patrick que sentiu nisso a oportunidade de voltar para o meu lado.

— Parece que é ilegal deixa-la amarrada na cama. Você veio com quem?

— A Isis e o irmão dela — Manu girou o corpo olhando para onde ela estava anteriormente, eu e o Patrick olhamos também para o espaço reservado, mas o Daniel havia desaparecido, Manu parecia um pouco desanimada com isso.

— O irmão da Isis não é velho demais para você? Ele é mais velho do que eu... — Patrick falou

do meu lado e anotei essa informação, imaginando que “o irmão da Isis” fosse o Daniel.

— Tão protetor – Manu debochou olhando para mim, me fazendo rir – gosto de homens mais velhos e ele parece delicioso, você não acha Liv?

— Não tenho ideia sobre quem vocês estão falando – tentei mudar de assunto, mas senti meu rosto esquentar.

— Delicioso... Depois homens é que tratam mulheres de forma objetificada.

— Quem está objetificando quem? – Tiago apareceu no nosso meio vindo pelas minhas costas, dei um gritinho e abracei meu melhor amigo.

— Que saudades eu estava de você! – Não conseguia soltá-lo, ele ficou abraçado comigo rindo, nós ficamos todo esse tempo sem nos ver, nunca passamos tanto tempo longe um do outro antes.

— Eu também, Liv. Você fez uma falta absurda por aqui, estou feliz que voltou. Pronta para encher a cara por minha conta hoje?

— Você vai me pagar bebidas? – Empurrei ele fazendo uma voz afetada.

— Todas as bebidas que você quiser!

— Esse já é meu bar favorito! Sara vai morrer

de inveja.

— Sara já seca minhas garrafas todos os fins de semana – deu uma risada alta – mas vai morrer de inveja mesmo, porque hoje é só Liv e Tiago, enchendo a cara!

Depois de falar rapidamente com o Patrick e a Manu, acompanhei meu amigo até perto do bar onde ele pediu um drink para mim.

— Eu adorei o bar, Ti. É exatamente como você sonhava, estou muito orgulhosa de você.

— Ficou bem legal mesmo, né? E vive lotado. Nunca tive tantos amigos, todos interessados em conseguir uma mesa ou uma garrafa de vodca de graça – ele pisca para mim sorrindo.

Do Trio dos Esquisitos, Ti sempre foi o que levou mais na boa todas as provocações que ouvíamos, os meninos pegavam muito no pé dele naquela época.

Ficamos um bom tempo só eu e ele próximos do bar conversando, enquanto ia me atualizando das novidades e me contando as melhores fofocas que só o dono do bar conseguia ter acesso, histórias escandalosas e indecentes, as favoritas dele. Eu estava tendo uma crise de riso com os detalhes sórdidos de um casal que foi pego no flagra

fazendo sexo no banheiro umas semanas atrás, Tiago não poupava detalhes, nem nomes, serem um casal conhecido nosso só tornava a história ainda melhor.

— Ti, você não pode isolar a Liv a noite toda — Caio apareceu do nosso lado, parecia interessado em saber porque eu estava rindo tanto.

— Claro que posso! Um ano e NOVE MESES sem ver essa garota, ela é toda minha hoje!

— Coitado do Patrick... — Olhei feio para o Caio que deu uma risada. Meu amigo agarrou o meu braço e varreu o espaço com os olhos, vimos o Patrick no tal espaço vip, acompanhado da irmã e outras pessoas.

— Ele ainda tenta ficar com você?

— Ele tentou me beijar não tem o que... duas horas — digo voltando a minha atenção para o novo drink que o barman me entregou, já era o quarto da carta.

— É praticamente uma covardia o que você faz com ele, sabe? — Caio provocou — eu disse a Liv que, se não estivesse completamente apaixonado por você — piscou para mim enquanto falava com o Tiago — eu pegaria fácil o Patrick. Ele ficou bonito o suficiente para ser perdoado por ter sido um

escroto na adolescência.

— Eu também! Você deveria ficar com ele, o homem vai morrer seco nesse ritmo – Tiago fala e vejo a troca de olhares entre ele e o Caio.

— Ele bateu em você! – Falei indignada.

— Verdade, mas depois passou muito tempo me pedindo desculpas por aquilo. Além disso, eu não disse que namoraria com ele, ou ficaria com ele em público.

— Vocês dois são inacreditáveis!

— Com certeza ele aprendeu uma coisa ou outra dos 17 anos para hoje. Você não quer ter a oportunidade de comparar?

— Seu segredo estará completamente seguro conosco!

— E aí vem ele...

— Sem julgamentos, Liv, só nos conte tudo! – Meu amigo me deu um beijo no rosto e saiu arrastando o Caio para longe enquanto o Patrick se aproximava com um grande sorriso e eu me sentia um pouquinho mais bêbada que minutos antes.

Daniel

Eu precisava descobrir alguma coisa sobre aquela garota, estava obcecado com isso, mas só aparecer na casa dos meus pais ou ligar para minha mãe perguntando sobre não iria funcionar, fazer isso só colocaria um sinal luminoso no meu rosto com todo o meu interesse o que faria minha mãe agir, e a última coisa que eu queria era que minha mãe agisse. Além disso, meu relacionamento com os meus pais era um tanto quanto distante, eu nunca os envolvia na minha vida pessoal, só em último caso.

Durante todo o fim de semana eu estaria de “sobreaviso”, ou seja, eu não precisava estar no hospital, mas a qualquer momento poderiam me ligar e eu precisaria ir para lá.

Paulo, um amigo do hospital me ligou me chamando para sair, avisei a ele sobre o plantão, o que significava que eu não poderia beber nada, mas aceitei ir até o bar que era a nova sensação da cidade, Igor sempre falava comigo desse lugar, pelo que entendi pertence a um amigo da Sara, mas eu ainda não tinha ido até lá. Bianca me chamou para ir algumas vezes, sempre neguei, não querendo levar o que estava acontecendo entre nós dois a público. Nem mesmo Igor sabia que minha ex

estava novamente na minha vida e que tentava mais do que nunca, voltar definitivamente para ela.

Eu estava em um canto, numa mesa minúscula em pé conversando com o Paulo, quando vi uma garota ruiva com um vestido minúsculo acenando para mim. A amiga da minha irmã, ela veio direto até onde nós estávamos, Paulo se empertigou inteiro.

— Minha irmã está com você? — Perguntei me afastando um pouco quando a garota se colocou colada demais em mim.

— Sim, ela está em algum lugar por ali — girou para apontar em uma direção que parecia completamente aleatória e o quadril raspou nas minhas pernas. Respirei fundo.

— Talvez devêssemos achar ela — só com a minha irmã do meu lado eu conseguiria tirar a Manu de cima de mim. E eu precisava tirar a Manu de cima de mim e não ser um completo babaca mais uma vez essa semana.

Não precisei andar muito quando minha irmã apareceu.

— Olha só quem eu encontrei! — A mão da Manu deslizou pela minha barriga e minha irmã me olhou como se fosse capaz de me matar bem ali no

meio daquele bar lotado.

— Achei que estava de plantão no fim de semana.

— Sobreaviso, não estou bebendo – me afastei da garota e me coloquei ao lado da Isis – ela está bêbada, né? Eu não tenho nada a ver com isso... – Meu desespero em demonstrar inocência fez a Isis rir.

Nesse segundo Manu foi distraída por um rapaz moreno que se aproximava, eles se abraçaram e o rapaz gargalhava de alguma coisa que a garota dizia, até que se aproximou de nós. Paulo já estava em pé ao meu lado, meio bêbado, só esperando uma oportunidade.

— Manu me disse que vocês são amigos dela, então são meus amigos também. Tiago – O rapaz sorriu abertamente, era um cara bonito, minha irmã deixou a expressão zangada de lado para sorrir de volta para ele – tenho uma área vip lá atrás, se vocês quiserem sair do meio de todo mundo.

— O Ti é o dono daqui – Manu explicou e o rapaz sorriu para ela.

— Então, posso colocar vocês mais confortáveis?

Como ninguém protestou, seguimos ele até uma

PERIGOSAS ACHERON

área pequena e que estava vazia, acima de um tablado e cercada com fitas, no meio havia uma mesa e algumas cadeiras. Quando estávamos lá dentro ele se voltou para mim.

— Você não lembra de mim, né? — Fiquei sem graça, eu sabia que ele era amigo da Sara, porque a Manu mencionou que ele era o dono do bar, mas não me lembrava de ter encontrado com ele antes — sou amigo da Sara, nos conhecemos uns meses atrás no aniversário do Igor.

— Ah sim, nossa, me desculpe. Tudo bem? O bar é bem legal, parabéns.

— Obrigado. Não está bebendo nada?

— Não, estou de sobreaviso no hospital, podem me ligar e preciso estar sóbrio.

— Ah é verdade, você é médico, né? Igual o Igor.

— Isso — não exatamente, Igor é ortopedista, mas apenas sorri e deixei que ele fosse falar com as outras pessoas, antes de ir embora avisando um garçom para que atendesse minha irmã e a amiga.

— Quem é essa garota? — Paulo finalmente expressou sua curiosidade.

— Amiga da minha irmã.

— Ela te quer irmão — falou com um sorriso.

— Mas eu não quero não, é encrenca. Além disso, Isis iria me odiar.

Eu estava rindo da cara dele ao dizer “encrenca boa” quando a Manu apareceu ao meu lado novamente, mesmo com a Isis do lado dessa vez ela parecia que não ia desistir, Manu estava mais uma vez pendurada no meu braço insistindo para que eu bebesse alguma coisa, enquanto eu pacientemente explicava porquê não podia, a mão continuava no meu peito, às vezes descia até o meu umbigo e então voltava. Era melhor ir embora logo e comer alguma coisa, ver tanta bebida e ficar aqui parado como um bobo enquanto essa menina se esfrega em mim não estava me fazendo bem. Foi quando olhei para frente, tentando traçar o caminho mais rápido até a saída, que um cabelo rosa apareceu no meio das pessoas. Senti um frio no estômago na hora e nada do que a Manu falava chegava até mim mais.

Lívia, como era bom ter um nome para ela, vinha caminhando com um rapaz ridiculamente forte abraçado a ela, os dois estavam rindo e conversando, notei pela primeira vez que ela tinha muitas tatuagens em um braço e usava uma blusa curta que deixava parte da sua barriga exposta. Como da última vez que a vi, eu não conseguia

desviar os olhos e ela me viu. Os grandes olhos azuis se tornaram maiores em reconhecimento e comecei a me sentir agitado, Manu puxou o meu braço exigindo minha atenção, olhei para ela e sorri sem ter a menor ideia do que ela havia dito. Ela finalmente me soltou, quando olhei de volta para a Livia, ela e o rapaz haviam parado e o médico, Patrick, se aproximava dos dois. Vi quando o homem que estava com a Livia cochichou algo no ouvido dela e se afastou, vi quando Patrick se aproximou demais...

— Meu irmão! — Manu praticamente gritou do meu lado — E aquela é a Livia? Não acredito que ela voltou, será que ele me viu aqui?

Eu queria dizer que não, com certeza ele não te viu porque ele não tirou os olhos da Livia um segundo.

— Vou lá falar com eles! — Falou finalmente se afastando.

Senti meu telefone vibrando, acenei com o aparelho para minha irmã e fiz o possível para sair o mais rápido que conseguia daquele lugar.

Já na calçada liguei de volta para o hospital.

— Oi, é o Dr Daniel, me ligaram agora aí do hospital.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah sim, foi o Dr. Igor, só um minuto que vou chamá-lo.

Uns segundos depois Igor apareceu no telefone.

— Oi, achei que você estava de plantão hoje, me desculpa.

— Tudo bem, eu estou de sobreaviso, resolvi não ficar direto no hospital, mas estou por perto. Precisa de mim?

— Não, sai de uma cirurgia agora, joelho, queria companhia para o café só.

— Joelho?

— Álcool e moto, sempre os melhores – isso me fez rir – onde você está? Tá um barulhão aí...

— Vim encontrar com o Paulo no bar do amigo da Sara, mas agora que você ligou e consegui sair de lá, acho que vou jantar e depois vou para casa tentar dormir um pouco.

— Se encontrar o Tiago de novo, manda um abraço.

Mas não vi, fiz exatamente o que falei, mandei uma mensagem para o Paulo e outra para minha irmã dizendo que precisava ir e saí dali. Eu queria voltar e falar com a Livia, ao mesmo tempo não estava muito no clima de ficar olhando o Patrick tentando alguma coisa, e com certeza os dois

PERIGOSAS ACHERON

terminariam no mesmo espaço onde eu estava, eu queria conhecer a garota, mas queria que fosse do meu jeito e não a disputando com outro.

A pior parte desses plantões de sobreaviso é que estou fora do hospital, mas nunca consigo relaxar, a qualquer minuto pode aparecer uma emergência e me ligarem, eu tinha acabado de tomar um banho, depois de comer uma pizza quase toda sozinho e ia deitar e tentar dormir um pouco quando meu telefone tocou com uma ligação da minha irmã.

— Dan, preciso da sua ajuda — é o tipo de coisa que um irmão mais velho não quer ouvir no meio da madrugada depois de deixar a irmã sozinha num bar, fiquei imediatamente em alerta.

— O que aconteceu?

— A Manu bebeu demais, não encontro o Patrick em lugar nenhum.

— Leva ela lá para fora, arrume água, estou indo.

Não sei se a cena que vi assim que cheguei novamente até o bar me deixou animado ou irritado. Pelo visto minha irmã tinha encontrado o Patrick porque o idiota estava em pé na calçada brigando com uma Manu que parecia meio tombada e desacordada enquanto se apoiava na

Lívia que tentava intervir na briga dos dois, Isis estava do outro lado da amiga parecendo meio confusa.

— Dan... — Minha irmã correu para o meu lado assim que cheguei, isso chamou a atenção dos outros. Lívia me olhou completamente surpresa. Ela é bonita demais, que palhaçada. Tentei focar na garota meio pendurada no seu ombro e distanciar minha cabeça daquela obsessão.

— Melhor leva-la até o hospital...

— É o que estou tentando dizer, eu chamei um uber — os olhos azuis voam na minha direção como se buscasse apoio em alguém sóbrio.

— É por isso que eu falo que você ainda não tem idade para sair assim, olha o seu estado... — Patrick continua brigando com a irmã, vejo a Lívia franzir o cenho e levar a mão até o peito de rapaz o afastando mais das duas.

— Olha o seu estado! Não vai ficar brigando com a Manu na minha frente, você também tá mal, continua bebendo essa água — ela é mandona! O médico faz uma careta parecendo indignado, mas dá as costas para ela virando uma garrafa de água na boca.

— Estou de carro, posso levar vocês ao hospital

— falo tentando mostrar que concordo com a decisão dela, é exatamente por isso que estou aqui, mas tudo o que consigo é que me olhe engraçado — não bebi, posso dirigir — justifico.

— Não bebeu mesmo, está de plantão — minha irmã falou do meu lado, eu tinha meus olhos presos nos da Lívia novamente e ela não conseguia parar de me olhar, senti que ela oscilou um pouco, provavelmente havia bebido também ou podia ser o peso da garota que parecia se pendurar ainda mais nela.

— Você está bem? — Dei um passo na direção dela, mas o Patrick se colocou na minha frente.

— Deixa a Manu comigo — ele levou a mão na cintura dela, puxando-a um pouquinho para o lado enquanto apoiava a irmã, notei que odiava ver as mãos do tipo na Lívia. Eu tinha deixado de ser racional no minuto que pus meus olhos nessa garota.

— Estou bem — ela ainda me respondeu se afastando do Patrick e da irmã e vindo para perto de mim e da Isis — Acho que não precisa ir todo mundo para o hospital, então vou usar o Uber que pedi para ir para casa.

Merda, queria mais tempo, queria colocar os

PERIGOSAS NACIONAIS

três idiotas na glicose enquanto perdia uma hora de sono conversando com ela, foi exatamente esse minuto que minha irmã achou que seria o melhor para se curvar e vomitar. Dei um pulo para trás puxando a Lívia pela cintura comigo, mas ela se soltou rapidamente e correu para Isis, puxando o cabelo da minha irmã para trás e alisando suas costas.

— Vou avisar o Ti sobre a quantidade de álcool nos drinks – falou baixinho e minha irmã riu.

— Desculpa Dan... – A voz da Isis era fraca, os olhos da Lívia voltaram para mim.

— Uma história vergonhosa da minha irmã mais nova, eu diria obrigado... – Isis deu uma risada fraca e vi a Lívia morder a própria boca segurando um sorriso, ah meu Deus preciso sair de perto dessa mulher – meu carro está ali – apontei para o recuo na entrada do bar.

Ajudei minha irmã a entrar no carro, no carona, enquanto Patrick e a irmã entravam no banco de trás.

— Tem certeza que não quer ir até o hospital?

— Tenho, eu bebi, mas estou bem. Foi mais o peso da Manu que me desequilibrou, mas obrigada pela preocupação.

PERIGOSAS ACHERON

— Imagina, esse é um bom momento para pedir seu telefone de novo ou não? — Eu simplesmente não conseguia controlar a minha boca, ou conseguia, porque apesar de toda a situação eu só queria segurar aquela mulher contra o meu carro e beijá-la.

— Você não desiste, né? — Deu uma risada deliciosa — e estragar todos esses encontros inesperados?

— Quanto mais interessado eu fico, menos quero depender da sorte.

Me coloquei muito próximo dela na calçada, rezando para que ninguém vomitasse no meu carro.

— Ouvi dizer que a terceira vez é que dá sorte — ela não se moveu nem um milímetro para longe de mim, infelizmente eu estava consciente demais dos três bêbados dentro do meu carro, ou a teria beijado ali mesmo e me perdido completamente.

— Vou me lembrar disso na próxima vez e aí você não terá desculpas.

— Sua irmã precisa de você...

— A gente se vê Livia, com certeza a gente se vê.

Fui embora vendo ela meio chocada na calçada por eu saber o seu nome, dentro do carro era uma

confusão generalizada. Patrick e a irmã não paravam de brigar, eu tentava o tempo todo acordar a Isis, pelo menos estávamos mesmo do lado do hospital e logo eu consegui dispensar os três e ir atrás do Igor, já estava por ali mesmo, pelo menos eu ia tentar ser útil.



Capítulo 3

Livia

A última semana tinha sido corrida, entre rever os amigos e colocar meu próprio negócio de volta a ativa eu praticamente não parei, passei os dias tão ocupada com todas essas coisas que mal tive tempo de refletir, ou melhor, me torturar com o que sabia que iria acontecer nesse fim de semana. Além disso minha cabeça ficava indo e voltando nas lembranças dos meus dois encontros com o filho da Dra. Inês, lembrar a forma como ele me olhava, me deixava agitada, mas desde a saída do bar com um grupo de pessoas bêbadas, nós não havíamos nos encontrado mais.

Aquele dia no bar foi uma confusão, mais uma vez, estávamos frente a frente, achei a desculpa perfeita para fugir do Patrick e senti minhas pernas fraquejarem com a proximidade do

rapaz, dava para sentir que se não fosse a irmã bêbada dentro do carro ele provavelmente teria me puxado em um beijo bem ali e eu não iria resistir, tinha bastante álcool no meu sangue para usar como desculpa depois, mas agora precisava tirar aquele homem da minha cabeça e me concentrar em enfrentar toda a família do Saulo em um casamento.

Estacionei meu carro novinho na pousada onde a Sara e o Igor se casariam, passava um pouco de meio dia, liguei para minha amiga avisando que eu tinha chegado.

— Finalmente você chegou! – Minha amiga apareceu no estacionamento e nos abraçamos por muito tempo, num daqueles abraços divertidos em que não nos soltamos e ficamos balançando o corpo de um lado para o outro, até que ela disse – ei seu cabelo!

Eu havia finalmente me livrado do rosa, já estava numa cor desbotada e sem graça e depois de muitos meses com aquele cabelo, achei que tinha perdido a graça, além disso naquela semana eu tinha feito uma série de fotos para um caderno especial do maior jornal do nosso estado, as fotos iriam ilustrar uma matéria falando sobre o meu

ateliê e as peças que eu produzia, achei que aparecer com um novo visual, mais moderno e menos colorido era o ideal. Agora meus fios estavam um pouco mais curtos e completamente platinados, num loiro bem claro.

— Estou tentando me manter discreta, quem imaginou que um cabelo rosa chamaria tanta atenção – pisquei para ela que deu uma risadinha.

— Eu amei! Ficou moderna e gata! – Sara olhava para mim a distância de um braço, então me agarrou pelos ombros e me sacudiu – você pode acreditar nisso? Vou me casar!

— Eu sei! Que loucura! Nunca imaginei que apresentar dois bêbados faria com que chegássemos até aqui!

— Te devemos uma! – Falou enquanto me acompanhava até o porta-malas sorrindo de orelha em orelha. Ela era só um pouco mais baixa do que eu.

— Não me devem absolutamente nada!

— Liv! – Igor apareceu no estacionamento, andando de forma bem animada na nossa direção, os olhos dele ganhavam um brilho muito especial assim que olhava para a Sara – achei que precisassem de ajuda com as malas – sorriu, dando

um beijo no meu rosto.

— É só uma mala na verdade – olhei para dentro do carro – e meu vestido que está no banco de trás, não precisava que os dois despendassem até o estacionamento para me receber.

— Imagina, estou muito animado que você pode vir hoje – ele sorri.

— Estamos! Gostamos de você – minha amiga sorri ainda mais olhando de mim para o noivo, aguardando a confirmação, que veio em forma de um grande sorriso do Igor.

— Sem dúvidas, gostamos.

Essa não, pelo visto o plano dos dois de realizarem uma espécie de “operação cupido” ainda estava de pé, conheço minha amiga bem o suficiente para saber as intenções por trás daquela declaração. Além disso, Sara e Igor estavam tão apaixonados que queriam que todo mundo estivesse apaixonado e feliz também.

— Vocês vão mesmo dar uma de cupido para cima de mim nesse fim de semana?

— Ah não, não é nada desse tipo, a não ser que você fique interessada, como eu disse, vocês serão padrinhos juntos, é inevitável que se conheçam.

— Bom e onde está esse seu amigo? Ele não faz parte da comitiva de boas vindas do estacionamento? — Perguntei enquanto tirava a mala do carro, entregava para o Igor e ia buscar o vestido.

— Ele está chegando — minha pergunta deu a ele uma injeção de ânimo — ele é um cara bem legal. Ansiosa? — Descartei o comentário fazendo um gesto com uma das mãos no ar enquanto trancava o carro.

— E as outras madrinhas quando vão conhecer os padrinhos?

— Os outros são família. Minhas primas e os primos do Igor, a irmã do Igor e o marido, todos já se conheceram em algum momento, mas você vai entrar com um amigo do Igor, que ainda não conhece — Sara era só explicações, ela precisava de uma história muito elaborada para me convencer de que tudo aquilo era mesmo só por causa do casamento deles.

— Posso saber pelo menos o nome dele?

— Daniel — Igor disse com um grande sorriso e eu senti um grande frio no estômago. Será possível que o amigo do Igor era o filho da Dra. Inês? Acho que os dois não perceberam minha

agitação porque continuaram conversando como se nada tivesse acontecido.

— Nem precisa procurar ele na internet, ele não tem Instagram, nem Facebook – Sara disse enquanto passava o braço pelo meu me puxando para perto, ah pronto mais isso, qual a chance de em duas semanas eu conhecer dois *Danieis* que não existiam na internet? – É um tipo reservado, vocês têm tudo a ver um com o outro! – Ela mal continha a empolgação.

— Achei que tinham dito que não era nada desse tipo – inclinei o corpo para olhar o Igor que estava do outro lado e vi enquanto ele ria.

— E não é! Vocês iriam se conhecer de qualquer forma – algo no sorriso dele diz que isso realmente acabaria acontecendo, não pelo destino, mas se não fosse o casamento, Igor e Sara dariam um jeito de colocar eu e o tal Daniel em algum tipo de encontro às cegas, o que eles não imaginavam é que se ele fosse o mesmo rapaz, nós dois já nos conhecíamos.

— E ele sabe do plano de vocês? – Resolvi sondar, será que esse tempo todo ele sabia quem eu era e não revelou nada? Ele sabia meu nome no sábado, mesmo eu nunca tendo dito.

— Ainda não – Igor disse com um sorriso provocativo.

— Não acho isso uma boa ideia – soei meio desanimada, mas na verdade estava nervosa, algo me dizia que era o mesmo rapaz e eu não achava que ter aqueles olhos em cima de mim o fim de semana inteiro seria algo bom.

— É que você ainda não viu o Daniel, ele é um gato! – Sara deu uma risadinha, então se virou para o noivo – com todo o respeito – fazendo os dois darem uma risada.

Que Deus me ajude, se for mesmo a pessoa que estou imaginando, estarei encrocada.

Daniel

No mesmo dia, nem 15 minutos mais tarde...

Desde sábado a noite a única coisa na qual eu conseguia pensar era na garota do cabelo rosa. Na calçada aquele dia parecia existir uma energia entre nós, não conseguia esquecer o sorrisinho dela ao dizer que “a terceira vez dá sorte”, tinha uma

semana que me sentia o mais azarado dos homens porque nunca mais a vi, eu até voltei no bar um dia, durante a semana na minha folga, mas nem sinal da garota, era como se ela tivesse desaparecido.

Não tive coragem de questionar minha mãe sobre ela, qualquer demonstração de interesse e era possível que a Dra. Inês organizasse um tipo de jantar e fizesse com que nos dois estivéssemos juntos em dias. Com a Isis eu até tentei, mas ela não sabia me dizer muita coisa além do que eu já tinha visto com os meus próprios olhos, a Livia era amiga da Manu e o Patrick era completamente apaixonado por ela, ela era vizinha deles, e Isis se deteve muito na parte em que a Livia tem um irmão muito bonito e provavelmente vivia o mesmo drama que ela, foi quando parei de escutar e não insisti mais.

Pelo menos algo bom havia saído de tudo aquilo, estava tão entretido com aquelas pequenas lembranças da festa do deputado e da conversa na calçada do bar, com os sorrisos e olhares da garota que não tive nenhum problema em evitar minha ex-namorada que estava começando a se tornar exigente.

Com meu carro estacionado na pousada

respirei fundo me preparando para o que estava por vir, não me sentia animado para passar um fim de semana inteiro fechado em uma pousada com as primas da Sara, mas sabia muito bem que nunca, pelo menos não nesta vida, poderia faltar o casamento do meu melhor amigo, não apenas porque era um dos padrinhos, mas sim porque se tratava do Igor, e ele havia estado lá quando ninguém mais esteve.

Ainda não havia contado nada para o Igor sobre a Bianca, principalmente sobre ter ficado com ela algumas vezes. Ele foi a única pessoa que viu o quanto fiquei arrasado com o fim do namoro, falar sobre como ela sempre me procurava quando estava sozinha para me dispensar dias depois, e de como sempre estive lá para ela, só fariam com que meu amigo me olhasse decepcionado, tinha certeza. E agora eu estava preso nessa situação esquisita com a minha ex achando mesmo que nós iríamos voltar, mesmo eu já tendo dito que não.

Estava em pé na recepção da pousada, o lugar parecia muito bucólico e romântico, achei mais apropriado estar devidamente hospedado e acomodado antes de informar ao Igor que havia chegado, tinha certeza que haveriam mil coisas a

PERIGOSAS NACIONAIS

serem feitas assim que minha chegada fosse anunciada, garrafas de uísque e cerveja a serem esvaziadas, e etc.

Depois de olhar ao redor para o espaço que ocuparia nos próximos dias, deitei na cama com o celular na mão e liguei para o Igor que atendeu depois do primeiro toque.

— Você chegou? – A voz era urgente do outro lado.

— Sim – esfreguei os olhos, sentindo-me muito cansado de repente.

— Ótimo! Quero te apresentar uma pessoa.

— Não é uma das primas grudentas da Sara, é?

— Achei que você gostasse das primas grudentas da Sara.

— Não quando terei que ficar preso com elas um fim de semana inteiro – ouvi o Igor rindo do outro lado.

— Não é uma prima da Sara. Me encontra na recepção, vamos para a piscina!

— Estou indo!

Quando apareci na recepção, Igor estava em pé segurando uma lata de energético e com um grande sorriso no rosto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fez boa viagem?

— O que não faço por você – digo abraçando meu amigo, meio sem jeito.

Somos praticamente como irmãos, mas amizades masculinas são complicadas, não sei explicar o porquê, mas homens não são incentivados a demonstrar afeto com tanta facilidade. Sempre vejo minha irmã dizendo para amigas “amo você”, mas aquilo não acontecia entre eu e o Igor, amo meu amigo como um irmão e tenho a sensação de que ele sabe disso e retribuí meu sentimento, faríamos tudo um pelo outro, mesmo que nunca houvéssemos verbalizado tal sentimento, sabíamos que era verdade e isso bastava.

— Eu sabia que seria só dizer que quero te apresentar uma garota que você sairia daquele quarto – Igor fala com aquele sorriso presunçoso de quem me conhece bem demais.

— Como eu disse, o que não faço por você?

— Eu poderia facilmente fazer uma lista – falou encostando na lateral de uma porta olhando divertido para mim – só estou esperando o Arthur e já vamos.

Eu já tinha sido apresentado ao Arthur anos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

atrás, era um primo do Igor, um ou dois anos mais novo que nós, era estranho que não me lembrasse muito do rapaz além de ser aficionado por academia e viver pegando no nosso pé por sermos tão “descuidados” com nossa saúde. A verdade é que apesar de magro, eu estava longe de ser atlético ou forte, sou completamente saudável num corpo sem muitos músculos definidos, costumo frequentar a academia, mas faço só o básico para me manter saudável. Assim que o Arthur chegou começamos a caminhar em direção a piscina.

— Então, Igão – o primo começou – e as madrinhas?

— Ah por favor, se vocês puderem se comportar por um fim de semana, minha família toda estará aqui.

— Achei que você queria me apresentar uma “pessoa” – provoquei o meu amigo.

— Sim, mas não nesse sentido – franze o cenho pensando no que disse, mas não acredito, por isso, continuo:

— Que sentido?

— No sentido “*levar a garota para cama no fim do dia*”, é o fim de semana do meu casamento!

PERIGOSAS ACHERON

— Certo... – Queria dizer que casamentos são oportunidades perfeitas exatamente para isso, mas achei melhor ficar de boca fechada.

— Sara tem primas muito bonitas – Arthur comentou aproveitando o silêncio.

— Verdade... – Igor confirmou, a voz só escapando entre os lábios.

— E amigas realmente bonitas... – Arthur sorriu como se acabasse de dizer a coisa mais esperta do mundo – alguma estará aqui no hotel?

— Das amigas? – Igor olhou para o primo – só a Liv, no mais é família mesmo. As outras pessoas ou virão só para o casamento, ou estarão em pousadas por perto.

Será que serei apresentado a uma amiga realmente bonita? Devia ser a tal melhor amiga, a do jantar que o Igor foi na semana passada, estava distraído quando o Arthur tombou o corpo na minha frente para olhar o Igor do outro lado, quase me fazendo tropeçar.

— Liv? – Vi que o rosto do rapaz se iluminou – essa é verdadeiramente bonita, mas me dá medo – olhei para ele com a sobrancelha arqueada – ah você não conhece ela? Não vou estragar a surpresa – Arthur sorriu de modo

assustador.

— Não dê ouvidos a ele – Igor diz do outro lado – a Liv é muito gente boa, Arthur só esteve com ela umas poucas vezes, muito tempo atrás e ficou apaixonado – fala com um tom engraçado na voz – ele tentou ficar com ela...

— Mas ela não quis nada comigo – fala com um sorriso divertido.

Era um tipo estranho esse primo do Igor, mas achei melhor continuar em silêncio.

A piscina ficava em um grande deck de madeira com vista para toda a região da Pedra Azul e Rota do Lagarto, assim que chegamos lá a primeira coisa que vi foi uma garota do cabelo super loiro só de biquíni, com uma grande máquina fotográfica na frente do rosto, ela estava olhando a paisagem e fotografava levando a câmera até o olho ao invés de usar o visor digital.

Como eu poderia começar a descrever essa garota? Ela deve ter a altura do Igor, o cabelo é loiro platinado e desce em grandes ondas até um pouco abaixo do seu queixo, notei também que ela era bem branquinha, quase pálida.

— Falando no demônio. Verdadeiramente bonita – escutei o Arthur falando do meu lado

fazendo com que meus olhos saíssem da garota um pouco.

— Liv, cadê a Sara? — Olhei para meu amigo e de volta para a garota que agora olhava para nós três abaixando a câmera até a altura da barriga e levava uma mão acima dos olhos para conseguir nos ver.

Foi só então que eu vi seu outro braço cheio de tatuagens, todas eram apenas linhas negras muito finas e sombras que formavam uma infinidade de desenhos descendo pelo ombro terminando acima do cotovelo. Fiquei completamente chocado, era a mesma garota que havia poluído uns sonhos bem indecentes que tive ao longo dessa semana. Lívia, Liv, todo esse tempo eu estive obcecado pela melhor amiga da Sara. E aqui estava a minha terceira vez. Lívia estava bem na minha frente, mas agora com muito menos roupa e sem a parte rosa do cabelo.

— Não sei, já faz uns 20 minutos que avisei a ela que estaria aqui — começou a se aproximar de nós, parando perto de uma cadeira para deixar a câmera, pegou os óculos escuros gigantes e colocou antes de terminar o caminho.

Igor parecia meio distraído olhando para

onde tínhamos acabado de passar, procurando a noiva, só me restou ficar parado de frente para a garota com uma cara de tonto esperando que alguém nos apresentasse, ainda bem que também estava de óculos escuros, olhei para baixo, para ela que tinha um sorrisinho minúsculo no rosto, era possível que não tivesse me reconhecido? Que não se lembrasse de mim? Comecei a me sentir aflito, passei a última semana pensando nesse encontro, mas nunca, nem nos meus melhores sonhos, poderia imaginar que aconteceria dessa forma. Olhei para o Igor, para o Arthur, para a entrada do deck da piscina, não sabia o que fazer.

— Ei Arthur... — Ouvi ela dizer e me virei, mas antes que o outro pudesse responder, ela olhou diretamente para mim e disse — E você é o Daniel, certo?

Ela se lembrava. Percebi que estava paralisado olhando para a boca dela, tinha o contorno perfeito, eram lábios grossos e tinham uma coloração meio rosada, mas não estava usando nem um tipo de maquiagem, e no cantinho direito, bem perto do lábio inferior tinha uma pinta. Uma pinta quase no lábio, lábios que estavam esticados em um sorriso que fez alguma coisa dentro de mim

esquentar. Nada daquilo fazia sentido, eu me sentia meio perdido perto dela, a surpresa me deixou sem reação. Pisquei algumas vezes e ouvi Igor falando.

— Ah me desculpe, Liv esse é o Daniel, meu amigo. Dan, essa é a Liv, amiga da Sara.

— Oi, prazer – consegui dizer com um sorriso, mas a Livia continuava me olhando fixamente, como se ela própria não acreditasse naquela coincidência.

Pela primeira vez na minha vida não soube o que fazer quando fui oficialmente apresentado para uma mulher, não sabia se deveria estender a mão ou simplesmente me inclinar para beijar uma ou duas vezes o rosto dela, era como se um raio de idiotice tivesse me atingido e eu esqueci completamente como agir socialmente, aquilo era muito estranho. Além disso, Livia não revelou que já nos conhecíamos, mesmo que muito superficialmente, por isso resolvi não falar nada também.

— Prazer Daniel, Livia – falou por fim, com aquele mesmo sorriso endiabrado que tinha me tirado o sono. Era a primeira vez que ela falava seu nome para mim.

— Eu vou ver se alguém pode trazer algo

para gente beber e tentar encontrar a Sara. Quer algo específico, Liv? – Igor falou do meu lado.

— Não, o que vocês ou Sara forem beber está bom para mim – sorriu amorosamente para o meu amigo. Amorosamente? Só posso estar enlouquecendo.

Observei o Igor se afastar e quando voltei o corpo, Livia continuava parada no mesmo lugar, olhando para mim com um sorrisinho indecifrável.

— Não sabia que você tinha voltado para o Brasil – Arthur diz puxando a própria camisa pela cabeça e ficando só de bermuda no sol. Eu queria rir daquela cena, mas me contive.

— Voltei semana passada, Sara me mataria se eu perdesse o casamento dela.

— Que bom que pode vir hoje, pelo que entendi eles têm várias coisas programadas.

— Ah sim, ela me disse. Insistiu muito para que eu viesse hoje, Sara disse que "precisava" de mim aqui, mas acho que eles tinham outras intenções.

Tive a impressão de vê-la olhar discretamente para mim ao dizer isso, quase abri a boca para dizer "*Sim, me pediram para vir hoje também, para nos apresentar, mas aqui estou,*

parado feito um pateta, enquanto Arthur se exhibe alongando os braços na sua frente", fez-se um silêncio entre nós, até que o Arthur falou novamente.

— Acho que eles querem fazer uma espécie de despedida de solteiro hoje.

— Foi o que eu soube, mas não entendi bem o propósito já que fui proibida de contar minhas melhores histórias sobre a Sara – a boca dela esticou num sorriso novamente, um sorriso capaz de abalar um homem ou deixá-lo muito interessado.

— Daniel! – Levei um susto com o meu nome, estava novamente varrendo a garota com os olhos. Sara vem caminhando animadamente com o Igor – que bom que chegou. Fez boa viagem?

— Sim, muito tranquila, como você está Sara?

— Ah ótima, realmente ótima – ela sorria abertamente ao me abraçar e beijar meu rosto uma única vez. Sorriu para o Arthur, eles provavelmente já tinham se encontrado – então você já conheceu a Liv?

— Fomos apresentados – disse com um sorriso para Sara e depois olhei para a garota, parecia impossível não olhar novamente para a

garota.

— Liv será seu par amanhã — Sara comentou com um sorriso bobo no rosto — Igor comentou?

— Na verdade, não — percebi que a Livia se movia nas minhas costas, nem estava olhando para ela, mas de alguma forma sabia.

— Falha minha — meu amigo disse muito pouco arrependido para soar verdadeiro.

Apesar de continuar olhando para mim, Livia não parecia muito abalada ou animada pela minha presença, como eu sabia disso? O jeito dela muito seguro, os sorrisos nem um pouco abalados. Eu sabia que se não impressionasse uma garota com minha chegada, dificilmente conseguiria isso depois, era um chato. E a Livia, definitivamente, não parecia nada impressionada comigo. Não pareceu impressionada na sexta-feira, nem no sábado e não parecia agora.

— Tenho certeza que vocês vão se dar bem — Sara disse animada.

Olhei da Sara para o meu amigo e vi o Igor dar um sorrisinho cheio de significados. *Ela não quer nada comigo faz uma semana*, queria dizer, mas resolvi sorrir e manter uma expressão neutra.

Livia

— Planejamos uma tarde na piscina – Sara disse sentando na beirada da cama, enquanto eu organizava minhas coisas – espero que tenha vindo preparada.

— Claro, você me avisou.

— Você está brava?

— Brava? – Parei o que estava fazendo e olhei para minha amiga sem entender.

— Por que fiz você vir na sexta, por causa do amigo do Igor...

— Você me fez vir hoje só por causa do amigo do Igor?

— Não claro, que não. Você é minha melhor amiga, eu só queria você aqui comigo mais tempo, mais dias, sinto que depois desse fim de semana tudo será diferente e... não sei. Só queria você aqui comigo, o máximo possível.

— Será diferente porque você estará casada, na sua própria casa e eu estou de volta, então é um diferente bom – sorri para demonstrar que eu entendia e acreditava nela.

Minutos depois ela se despediu dizendo que nos encontraríamos na piscina.

Sozinha no quarto, tentei arrumar minhas coisas e vesti o biquíni. Fiquei sentada um pouquinho na cama olhando para a paisagem que aparecia pela janela do quarto, peguei a câmera dentro da bolsa e fui até lá tirar umas fotos.

Resolvi ir direto até a área da piscina, mas não tinha ninguém lá ainda. Estava distraída olhando as fotos no visor da câmera quando ouvi a voz do Igor, girei o corpo com calma para eles, *ah não, Arthur*, tentei não bufar imediatamente, é claro que o primo odioso do Igor estaria aqui, eu só esperava não ter que encontrar com ele até o dia seguinte, no final do casamento de preferência. Foi quando eu vi o Daniel, mesmo já imaginando que seria a mesma pessoa, vê-lo em pé ali parecendo completamente chocado com a minha presença fez com que eu me sentisse muito agitada.

Respirei fundo e fui até eles, parando no meio do caminho e colocando meus óculos que pelo menos me ajudariam a esconder meus olhos arregalados de pânico, diferente das outras vezes Daniel parecia realmente sem saber o que fazer diante de mim, achei isso divertido, ele tinha sido tão seguro até então, me seguindo por uma festa, pedindo meu telefone mais uma vez enquanto

PERIGOSAS NACIONAIS

enchia o próprio carro de pessoas bêbadas e agora estava completamente catatônico diante de mim, reparei mais uma vez tudo o que já tinha notado antes, ele era alto, magro e muito bonito. Se contasse para minha amiga que tínhamos nos conhecido antes, mesmo que de forma muito rápida, ela iria começar a fantasiar sobre o destino das almas gêmeas e coisas desse tipo, achei melhor guardar essa informação para mim, Daniel também não parecia nem um pouco inclinado a revelar a verdade.

Um rapaz apareceu carregando uma bandeja com um balde cheio com pequenas garrafas de cerveja e gelo, deixando tudo numa mesa próxima. Depois de ouvir a Sara dizer com um sorriso cheio de segundas intenções que eu e o Daniel nos daríamos bem, abri um sorrisinho esperto e falei diretamente com ele.

— Parece que o Igor e a Sara planejavam que nos conhecêssemos antes do casamento — Daniel olhou para mim e vi um traço de sorriso aparecer, ele estava recuperando sua confiança — não sei se eles se preocupam com a sua segurança por ter que passar uns minutos ao meu lado amanhã ou se tem algum tipo de plano secreto.

PERIGOSAS ACHERON

— Talvez eles estavam preocupados com a sua segurança – ele finalmente abriu a boca e começou a falar, senti um frio na espinha ao ver o sorrisinho confiante e sexy, era o mesmo das outras vezes, ele pode ter levado um tempo, mas agora estava totalmente ciente da oportunidade na sua frente – parece que nossos amigos desconfiam de que não conseguiríamos resistir 40 minutos lado a lado – ele tombou o corpo o ombro quase tocando o meu, o sorriso fazia a boca ficar grande no seu rosto, mesmo com os óculos acho que ele varria meu corpo com os olhos e disse a palavra “resistir” num tom que fez meu corpo arrepiar – ou pode ser um plano para nos apresentar, mas até onde sei, é só a terceira vez que dá certo.

O resto do grupo parecia completamente perdido naquela conversa, olhei para ele meio surpresa e então para o Igor, vi o sorriso dele crescer ainda mais, Sara tinha uma expressão engraçada como quem diz “*eu te disse que ele era um gato*”. Abri a boca para dizer alguma coisa, mas não sabia o que, não fiquei parecendo uma boba por muito tempo porque a mãe da Sara apareceu exatamente nesse momento.

— Livia! Sara disse que você tinha chegado.

— Ei Tia...

Vi que os olhos do Daniel me acompanharam parecendo muito curioso com aquilo.

— Seus pais não vieram hoje?

— Não, mas estarão aqui amanhã.

— E você deve ser o Daniel – Tia Ana se virou para o amigo do Igor, fazendo meu corpo se virar um pouquinho para o rapaz também que parecia meio sem jeito, como se tivesse sido flagrado fazendo algo errado. Aproveitei o momento para pegar o vestido que estava na cadeira e colocá-lo novamente, estava começando a me sentir desconfortável sendo a única de biquíni no meio deles.

— Ah sim, mãe. Esse é o Daniel, amigo do Igor. Vocês se conheceram no ensino médio e fizeram faculdade juntos, né? – Verdade, ele era médico, lembrei que ouvi algo relacionado a isso no sábado. Aproveitando que o assunto não estava comigo dei uma boa olhada no rapaz de cima em baixo enquanto ele parecia distraído, Daniel sorria, os lábios ficavam finos nos cantos enquanto levantavam em um sorriso revelando duas covinhas bem marcadas em ambas as bochechas. Parecia muito diferente do engomadinho de sexta-feira,

mesmo no sábado, no bar, ele estava com uma camisa social, o cabelo castanho e ondulado estava bagunçado, como se ele tivesse acordado e saído.

— Sim, desde o primeiro dia do ensino médio – respondeu para a mãe da Sara com um grande sorriso.

— Daniel vivia rodeado de garotas, achei que seria um bom amigo – Igor fala com um gracejo. Sem dúvidas, deveria mesmo viver rodeado de garotas com um sorriso desses que fez até a mãe da Sara tontear e levar a mão ao meu braço em busca de apoio.

— Vivia? – Eu disse isso em voz alta? Pelo visto sim, porque cinco pares de olhos viraram na minha direção e dei graças a Deus pelos óculos ridiculamente grandes que usava.

— Depois de um tempo eu vivia mais rodeado de livros – ele levanta um pouco os ombros, mas sorri daquele jeito novamente, fazendo com que eu me sentisse um pouco abalada também.

Mas eu havia me tornado especialista em maquiar emoções, então não havia nada com o que me preocupar, ninguém teria reparado naquilo, ainda assim, o que acabou de acontecer aqui? Tinha tempo, tinha muito tempo desde que um sorriso fez

com que me sentisse meio fraca das pernas, isso não podia estar acontecendo novamente, não nesse fim de semana pelo menos. Sendo bem sincera, isso já tinha acontecido antes, nas outras vezes que nos vimos, mas era errado aqui e agora. Quando a mãe da Sara me chamou para ir com ela até o quarto, agradei silenciosamente ao bom Deus por me permitir colocar alguma distância entre eu e o amigo do Igor.

Daniel

Eu me sentia um bobo, não conseguia tirar os olhos da garota, ela estava vestida novamente e conversava com a Sara e a mãe, achei curioso o fato de que os pais dela estariam no casamento, elas provavelmente eram amigas há muito tempo. Sentei em uma das cadeiras ao redor da mesa com o Igor e o Arthur e vi as três irem embora da área da piscina, só a Sara se virou e disse que a mãe queria mostrar alguma coisa a Lívia e elas já voltavam.

— Bonita, né? — Arthur falou depois de um tempo de silêncio, enquanto abria uma garrafa de cerveja.

— Acho que sim – respondi sem olhar para nem um dos dois, achando que provavelmente a farsa daquela resposta despreocupada pudesse estar estampada no meu rosto.

— Acha que sim? – Igor riu do meu lado – bom, eu acho a Liv bonita, na verdade eu conheci ela primeiro, foi a Liv que me apresentou a Sara.

— Elas se conhecem há muito tempo? – Eu sabia que a Sara era advogada, estava pensando que poderiam ser amigas da faculdade, mas era difícil imaginar a garota cheia de tatuagens e que até outro dia tinha parte do cabelo rosa na faculdade de direito, não impossível, só não parecia fazer sentido.

— Desde crianças pelo que sei...

— Você disse que ela estava fora do Brasil?
— Perguntei para o Arthur.

— Ela estava morando fora... – Só me disse isso, provavelmente notando meu interesse e não querendo concorrência. Olhei para o Igor que sorria abertamente.

— Ela morou quase dois anos fora, principalmente em Nova York, estudando.

— O que ela faz? – Peguei uma cerveja no meio da mesa, não via problemas em fazer ao meu

amigo todas as perguntas que evitei fazer a minha mãe e irmã. Vi o sorriso do Igor crescer ainda mais.

— Você não quer guardar algumas perguntas para ela?

— Se você me responder algumas, certamente poderei pensar em outras depois, e não acho que seja educado ficar conversando com ela durante a cerimônia do seu casamento.

— O casamento é só amanhã, vocês têm muito tempo – o sorrisinho sacana estava lá, tinha certeza que aquilo era um plano – sabia que ia gostar dela – Igor completou rindo e olhando ao redor, parecendo muito satisfeito com ele mesmo.

— Quem falou em gostar? Só perguntei o que ela faz da vida! – Tenho certeza que pareci um pouco exasperado, olhei para o Arthur, que também estava sorrindo.

Ficamos em silêncio por um tempo e antes que pudesse dizer mais alguma coisa em minha defesa as duas estavam de volta. Havia mais duas cadeiras disponíveis, mesmo assim levantei e ofereci a minha ao lado do Igor para a Sara e sentei do outro lado perto do Arthur, deixando que a Livia sentasse entre mim e a amiga.

— Minha mãe queria a opinião da Liv sobre

quais acessórios usar amanhã – Sara disse com uma risadinha. Moda, ela provavelmente trabalhava com algo relacionado a moda, faria sentido.

— Liv é designer de joias – ouvi o Igor dizer com um sorriso gigantesco para mim, idiota, um minuto atrás ele não queria dizer nada. Ainda assim, essa informação não dizia absolutamente nada, como alguém vira designer de joias? E mais especificamente o que faz um designer de joias? Desenha joias?

— Significa que eu desenho e produzo bijuterias – a própria Lívia responde as perguntas que não fiz enquanto pega uma garrafa de cerveja do balde no centro da mesa.

— Não são bijuterias! – Sara fala do lado – falando assim parece que você é uma hippie que vende brincos de miçanga na praia.

Fico em silêncio só observando as duas, tenho uma boa visão dela daqui, ela faz joias, bijuterias, seja lá o que for, mas não usa nada, nem um brinco, a boca dela sobe só um pouquinho em um dos cantos num sorrisinho que sempre me desestabiliza.

— Bom, eu faço muitas coisas – me olha com aquele sorriso atrevido e sinto meu estômago

saltar com essa informação – mas é verdade eu faço umas "joias" – faz um gesto de aspas com a mão ao dizer a palavra e escuto meu amigo rindo.

— Você tem sua própria marca e devo dizer que ela é um grande sucesso pelo pouco que acompanhei, você é humilde demais – escuto o Igor dizer e ela rir do meu lado, de um jeito quase... Tímido? – E você estava fotografando quando chegamos.

— Ah sim, nada demais. O lugar é muito bonito, nunca tinha vindo aqui antes, nessa pousada quero dizer, estava fotografando algumas flores e folhas, estou pensando numa coleção nova.

Sentado ao seu lado, só conseguia ver seu rosto de perfil enquanto ela permanece virada conversando com o Igor.

— A Liv faz umas peças muito bonitas – Sara fala olhando para mim.

Se a Lívia não demonstra nenhum interesse particular em manter uma conversa comigo, a noiva do Igor não parava de tentar nos colocar em uma conversa juntos. Sorri para Sara e vejo a Lívia olhando um pouco irritada para a amiga por voltar a torná-la o assunto direto da conversa, mas ou Sara não percebe ou finge não perceber

— Minha aliança — estende a mão me mostrando um anel prateado que era formado por um fio fino com várias pedrinhas incrustadas, que pela posição pareciam formar corações e bem no centro, havia uma pedra maior, era uma peça muito delicada e bonita — foi ela que fez. Mesmo morando fora, Igor conversou com ela que iria me pedir em casamento e ela fez o anel e mandou pela mãe para mim.

— É muito bonito — e era mesmo, nunca tinha parado para pensar que essas peças tão delicadas e cheias de detalhes eram feitas por uma pessoa. Como a Livia não demonstrava interesse em mim, falei isso olhando para a Sara, mas ouvi um obrigado das duas.

Quando levantei os olhos da aliança vi que a Livia estava corada, era adorável. Ela era tímida? Eu não esperava por aquilo. Igor mantinha o mesmo sorrisinho convencido no rosto.

— Fui eu que fiz, mas acho que o elogio foi para você — ela disse parecendo sem jeito.

— Foi para as duas na verdade.

Ela aquiesceu com um sorrisinho minúsculo. Foi nesse minuto que outras pessoas chegaram na área da piscina, duas primas da Sara

que eu já havia conhecido, a irmã do Igor com o marido e um outro primo do Igor, um rapaz gordinho e engraçado. As primas pareciam muito animadas pela presença da Livia. Se abraçaram e conversaram muito em pé ao lado da mesa, elas não paravam de elogiar a garota e de dizer como sentiram sua falta no tempo que ela esteve longe. Não pude deixar de sentir certa curiosidade, pelo visto ela era realmente próxima daquela família. Com as garotas, ela parecia mais à vontade, contando histórias e rindo. Vi quando as 5 mulheres foram para a piscina, dei mais uma olhadinha para ela enquanto tirava o vestido novamente, voltei a atenção para conversa dos homens, era algo sobre um jogo de futebol, olhei novamente para elas e vi a Livia sentada no primeiro degrau da piscina olhando para mim. Senti meu rosto esquentar, talvez ela só estivesse olhando na minha direção, para todos na mesa. Tive quase certeza que vi ela dar o mesmo sorrisinho tímido de antes, abaixar a cabeça segundos depois e voltar a falar com uma das garotas.

— Daniel? — Olhei assustado para o Igor, não tinha ouvido nada do que ele disse.

— Desculpe, eu... — Para o meu grande

alívio meu amigo não deu nem um sorrisinho ou fez uma observação sobre o quanto eu parecia distraído.

— Estava dizendo que o Átila e o Lucas vem para o casamento amanhã.

— Que bom! Faz muito tempo que não vejo eles.

Eu, Átila, Lucas e Igor éramos um grupo inseparável na faculdade. Tentei focar na conversa deles, colaborar com algumas histórias que Igor compartilhava animadamente sobre nossos amigos e esquecer um pouco a garota. Tive sucesso por um tempo, até que o Arthur falou.

— Igor quais são as chances da Liv ficar com alguém esse fim de semana? – Olhei do rapaz para o meu amigo que deu uma risada.

— Arthur, deixa a Liv em paz! Você já tentou uma vez.

— Mas tem muito tempo! E ela está muito mais bonita hoje.

Todos olhamos na direção das meninas, como se quisessem confirmar o óbvio. Foi quando notei que a Lívia estava sentada na borda, de costas para nossa mesa, conversando com a irmã do Igor que estava dentro da piscina, o cabelo estava preso,

PERIGOSAS NACIONAIS

vi pela primeira vez que ela tinha outra tatuagem, na nuca, parecia um símbolo do infinito, com umas flores.

— Ela está namorando alguém? – Arthur insistiu.

— Não que eu saiba...

— Então eu vou para água – diz esfregando as mãos e ficando de pé.

A mesa toda se vira para a piscina, Arthur caminha até lá e se senta ao lado da Lívia, ela parece meio sobressaltada com a presença dele, todo mundo na mesa está em silêncio observando, eles conversam um pouco, ela dá uma risada alta, leva a mão até o ombro do rapaz sorrindo enquanto diz alguma coisa e um minuto depois fica de pé se afastando. Todos os homens voltam a se olhar com sorrisinhos, tentando segurar uma risada. Ainda estamos nessa quando escuto a voz dela nas minhas costas.

— Igor, vou roubar a Sara por uns minutos, vamos até o outro lado fazer umas fotos.

— Não precisam do noivo nas fotos? – Pergunta espertamente.

— Me dê 20 minutos e depois, talvez eu tire umas fotos suas também.

PERIGOSAS ACHERON

Não me virei para olhá-la enquanto ela falava, mas vi quando ela passou pela mesa com a Sara seguindo-a para fora do deck da piscina. Nesse minuto eu soube, se o Igor levantasse para ir atrás delas, eu iria junto, era uma ideia boba, vi a garota dispensar o Arthur com uma gargalhada, ela vinha me dispensando todas as vezes, o que eu esperava realmente conseguir? Mas lembrei da terceira vez da sorte e não podia desperdiçar aquela oportunidade.

Livia

As primas da Sara, como eu poderia descrever Vanessa e Gisele? Elas eram barulhentas, animadas e muito efusivas? As garotas chegaram tirando-me da mesa, mil elogios ao meu cabelo, minhas tatuagens, meu corpo. Me sentia meio zozza, mas ria, era bom ser admirada e, de alguma forma, elas pareciam ser sinceras. Vi muitos olhares das duas para a mesa, elas estavam nervosas para comentarem sobre os homens presentes, mas não poderiam fazer isso ao lado deles, Vanessa me agarrou pelo braço e começou a me levar em direção a piscina, fomos seguidas

pelas outras garotas.

— Ah meu Deus eu não sabia que Daniel estaria aqui... — Escutei ela falando do meu lado — agora estou me sentindo meio gordinha para a piscina.

— Não seja boba, você é linda!

— Você sempre foi um amor, senti sua falta — sorriu amavelmente e fomos para a água, onde as outras já estavam.

Me sentei ao lado da Sara nos grandes degraus da piscina, a água pegava mais ou menos na minha cintura, fiquei ouvindo as quatro mulheres conversando quando a outra prima, Gisele, uma morena do cabelo muito longo e preto disse.

— Daniel está cada dia mais bonito — tentei sufocar um suspiro, pelo visto o amigo do Igor era o único assunto das garotas e eu precisava tentar focar em outra coisa que não nele — nós ficamos uma vez, ele é bom — diz com um sorrisinho sem vergonha no rosto.

Enquanto todas as mulheres estão cochichando com risadinhas abafadas sobre o que acabou de se ser dito, fiquei pensando nas implicações do "ele é bom", poderia significar

muitas coisas, mas acompanhado de um sorriso daqueles só pode significar uma, sorri para as meninas como quem participa da conversa, apesar dos meus pensamentos estarem bem longe agora, dei uma olhadinha para a mesa onde os homens ainda estão e vi o Daniel olhando para nós.

Depois de um tempo, eu estava sentada na borda da piscina conversando com a irmã do Igor, quando Arthur sentou com tudo do meu lado, batendo o ombro no meu, levei um susto.

— Ei Liv – disse com um sorrisinho besta na cara.

— Oi Arthur.

— Já te disseram que você está linda desde que voltou?

— Então eu não era antes? – Sorri de modo esperto.

— Ah, era sim, mas agora está mais...

— Obrigada – voltei a atenção para a irmã do Igor que olhava para nós meio chocada com o primo.

— Fiquei pensando que talvez tenhamos a oportunidade de nos conhecer melhor nesse fim de semana – olhei novamente para ele pronta para dizer "*nós já nos conhecemos*", quando ele

completou – agora que você parece ter superado tudo, talvez veja a oportunidade na sua frente.

Mas que grande idiota, disse tudo isso com uma tremenda expressão convencida, chamando a si mesmo de oportunidade. Quem faz isso? *Façam filas senhoras, tem Arthur para todo mundo.* Fiquei tão passada com a proposta dele que minha única reação foi dar uma gargalhada, muito alta, de tombar a cabeça para trás. Apoiei a mão no seu braço tentando me controlar.

— Ah Arthur, a gente já se conhece, mas você tem razão, agora que eu "superei", vou ficar atenta as oportunidades. Só que você, já teve a sua.

Fiquei de pé e vi que todos da mesa estavam observando aquela cena, homens são péssimos em olhar disfarçadamente, peguei o vestido no momento em que Sara apareceu ao meu lado.

— Arthur de novo? Você sempre fez tanto sucesso com os garotos.

— Sempre?

— Acho que deveríamos dar uma volta. Você faria umas fotos minhas? – Sara sempre sabia como me distrair nos momentos mais necessários.

— Só se for agora!

Fomos caminhando para um outro deck,

acima do da piscina, onde seria a celebração do casamento no dia seguinte, Sara não parava de tagarelar sobre isso. Tirei algumas fotos do lugar e dela, depois posicionei a câmera no chão, liguei o timer e corri, escorregando no meio do caminho e me jogando ao seu lado para tirarmos uma foto juntas, estávamos sentadas rindo da sequência de fotos desastrosas que aquilo tinha se transformado quando Igor apareceu no deck, seguido pelo Daniel e mais ninguém. Ele ia mesmo insistir naquilo pelo visto.

— Não queremos atrapalhar o momento de vocês – Igor diz divertido vendo nós duas praticamente deitadas de tanto rir.

— Liv é maluca, quase torceu o pé correndo pelo deck e caiu em cima de mim.

— Você se machucou? – Pergunta para mim parecendo realmente preocupado.

— Ah não, eu acho que não – levanto e testo o meu pé no chão – estou bem, obrigada Doutor – faço uma mesura, tirando uma risada dele.

Daniel seguia em silêncio ao lado, observando tudo atentamente, mas tinha a sensação de que os olhos dele estavam presos em mim, sempre pareciam estar presos em mim. Me senti

novamente meio agitada e resolvi fazer alguma coisa para sairmos daquele silêncio estranho.

— Vem, fica aqui com a Sara, vou tirar uma foto de vocês com a Pedra Azul lá no fundo.

Caminhei para o lugar onde Igor estava anteriormente, parando ao lado do Daniel, sorri para o rapaz, um sorriso meio nervoso, meio congelado, ele sorriu de volta para mim muito tranquilo, ficamos observando enquanto Igor ia até a Sara, abraçava a noiva e a enchia de beijinhos.

— Argh... Casais – falei tombando o corpo para o Daniel que deu uma risada.

— Você está perdendo um monte de fotos boas! – Sara protestou.

— Tenho certeza que o Igor pode repetir tudo para que eu tire algumas fotos.

— Ah posso sim – ele disse animado puxando a Sara de volta para ele. Dei uma risada e me afastei uns passos do Daniel para finalmente tirar as fotos.

Ele caminhou até a extremidade oposta do deck e ficou lá recostado observando tudo em silêncio, depois de algumas poses e clicks, Igor precisou atender o telefone e se afastou um pouquinho, caminhando cada vez mais para fora do

espaço, Sara ficou em pé ao meu lado olhando as fotos, e então o celular dela começou a tocar também, olhei para o Daniel em pé do outro lado e não consegui evitar, levantei a câmera e tirei uma foto, ele era uma figura bastante bonita, todo de cinza, a pele muito branca, os óculos escuro, o cabelo castanho e bagunçado que refletia no sol, ele me olhou exatamente nesse momento e sorriu, tirei outra foto, Sara continuava nas minhas costas falando no telefone, dei uns passos na direção dele e quando estava mais perto dele do que da Sara falei baixinho:

— Desculpe, é uma espécie de vício, eu não deveria ter tirado a foto.

— Ficaram boas pelo menos? — O sorriso dele, meu Deus aquele sorriso deveria deixar muita mulher abalada por aí.

— Hum, não sei, deixa eu ver — olhei para o visor e passei as duas fotos, ficaram boas, é claro que ficaram boas, ele era muito bonito emoldurado por todo aquele verde e um céu super azul — ficaram sim — disse me aproximando e entregando a máquina para que ele mesmo visse.

— Nossa... Essa câmera já edita as fotos? — Falou girando a máquina na sua mão.

PERIGOSAS NACIONAIS

Dei uma risada e olhei novamente para as fotos depois que ele me devolveu a câmera.

— Ei, eu já volto, ok? — Sara gritou de longe e desapareceu do deck, Igor ainda não tinha voltado, ficamos sozinhos.

Olhei ao redor e depois de volta para o Daniel que balançava devagar a cabeça escondendo um sorriso.

— Eles poderiam ser mais óbvios que isso? — Cochichei fazendo ele rir.

— Igor vive fazendo isso, me apresentando pessoas... — Se vira para mim, o quadril encostado no guarda-corpo que cercava todo o deck, os braços cruzados, mas não digo nada — Sara não faz isso com você?

— Não — falei bem devagar olhando para ele com muita atenção tentando desvendar o significado do Igor viver apresentando garotas para ele — mas passei muito tempo fora, então, não posso dizer muito sobre isso. Eles estão apaixonados, logo querem ver todo mundo apaixonado também.

— Exatamente, é um pouco irritante.

— Imagino o que eles iriam dizer se souberem que já nos conhecemos sem as armadilhas que eles estão tramando para nós.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nos conhecemos? — Ele tinha aquele mesmo sorriso perturbador, engoli em seco sem saber o que dizer — o que eu me lembro é de tentar te conhecer e de você me evitando ao máximo.

— Eu não evitei tanto assim — dou de ombros — só foram momentos estranhos...

— Você chamando um velho de imbecil num evento cheio de velhos...

— Você me seguindo como um stalker pelo salão...

— Realmente, não foi um dos meus melhores momentos — tem uma expressão engraçada ao dizer isso, o que me faz rir.

— Depois você desapareceu no bar — falei e me arrependi no segundo que vi o sorriso de predador dele para mim.

— Então você me procurou por lá?

— Na verdade, Manu ficou arrasada com seu desaparecimento — consegui dizer de forma rápida, a boca dele esticou numa expressão insatisfeita.

— Ela é amiga da minha irmã, minha irmã é a que vomitou no seu pé...

— Imaginei.

Ficamos em silêncio, só observando um ao

PERIGOSAS ACHERON

outro por um segundo.

— Você sabia meu nome no sábado, andou se informando com a sua mãe?

— Não, descobri de outras formas, mas até hoje era só o que eu sabia.

— É mesmo? Interessante – voltei a olhar para entrada do deck, ficar tanto tempo encarando aquele rapaz me deixava agitada – descobri uma coisa ou outra sobre você na internet.

— Na internet? Você andou pesquisando sobre mim? – A voz dele era pura diversão, como se eu tivesse entregado de bandeja todo o meu interesse, mas não me deixei abalar.

— Você aparece muito em colunas sociais – ele pareceu não gostar disso, mas era verdade, o nome dele só aparecia em resultados relacionados a presença dele em algum evento anos atrás, mais recentemente ele era citado como assumindo um consultório na clínica dos pais.

— Temos esse probleminha na minha família, vivemos em colunas sociais, mesmo quando não queremos.

— Sinto muito – ele me olhou surpreso – seus pais são pessoas bem conhecidas, imagino que isso seja normal para eles, mas você deveria poder

escolher. Particularmente não gosto de aparecer, o que é uma dificuldade para o meu próprio negócio, mas pelo menos meus pais são bem discretos.

— Garota de sorte...

— Fui naquele jantar com o meu pai, minha mãe se recusou a ir, me arrependi no minuto que coloquei os pés lá – ele riu – não é que eu não goste das pessoas que estavam lá, é só que, naquele ambiente elas parecem mais preocupadas em fazer contatos do que fazer amizade.

Ele não disse nada, só ficou me olhando como se não fosse capaz de responder aquilo, não sei se por concordar comigo ou não me compreender. Na verdade, não tinha ideia dos motivos para me abrir daquela forma com ele, mas agora as coisas pareciam fluir com mais tranquilidade entre nós, talvez porque pela primeira vez estávamos sozinhos de fato e conversar com o Daniel, com todas as provocações e sorrisos, não parecia mais tão assustador ou errado.

Daniel

Todo o jeito taciturno e esquivo dela tinha

desaparecido, e agora a Livia conversava comigo como se fossemos dois conhecidos, eu estava começando a ter uma ideia do que a Sara disse sobre nos darmos bem, porque sua descrição das pessoas daquele jantar era exatamente a que eu tinha, gente atrás de contatos, ou de um casamento vantajoso. Acho que fiquei em silêncio tempo demais pensando naquilo, quando olhei de volta para a Livia, ela estava distraída olhando para o visor da câmera, vendo as fotos que tinha tirado do Igor e da Sara.

O calor naquele deck de madeira, cercado de verde e com tanta privacidade, começou a parecer sufocante, a vestido dela tinha aderido em algumas partes do corpo molhado, mais uma vez fui invadido por imagens minhas beijando a garota, uma mão indo até sua nuca e puxando-a para mim, a outra passando pela sua cintura, sentindo o tecido molhar minha própria camisa e como os braços dela iriam se envolver ao meu redor, algo se moveu dentro de mim com todas aquelas imagens. Droga. Pigarreei tentando voltar a atenção para outra coisa, ela tirou os olhos da câmera e levantou a cabeça só um pouquinho para me olhar, a boca entreaberta. Precisava me afastar.

— Você morou fora quase dois anos, deve ter sido uma experiência e tanto – falei dando dois passos para trás discretamente. Ela ficou em silêncio um segundo antes de me responder.

— Fui estudar designer e fotografia. Apreendi muito, não só pelo estudo, mas a experiência de morar em outro país, outra língua, nunca tinha saído de casa antes, morado sozinha.

— E aonde você morou?

— A maior parte do tempo em Nova York, nos últimos três meses estive em Londres e Madri, conheci outras cidades também, mas morei mesmo nessas duas.

— Já estive nas três cidades, mas só de férias.

— E de qual você gostou mais? – Ela tinha um sorrisinho no rosto, estava virada para mim novamente.

— Sem dúvidas Madri. Eu gosto muito da Espanha de um modo geral. E você, de onde gostou mais?

— Acho que eu deveria dizer Nova York, porque foi onde fiquei mais tempo e fiz mais amigos, mas eu gostei muito de Londres – ergui minha sobrancelha com aquela informação e ela riu

— eu sei, parece uma loucura a cidade é tão fria, o tempo sempre cinza, mas não sei, realmente gostaria de ter tido mais tempo lá. Mas Madri é incrível também — dei uma risada com a frase final que foi provavelmente a maior já dita só para me agradar desde que nos conhecemos.

— Deve ser bom voltar para casa depois de tanto tempo, mas sem dúvidas, um pouco estranho também, né? — Quase senti meu corpo derreter com o sorriso de identificação dela, um sorriso tão aberto e genuíno como se eu tivesse dito a coisa mais certa de todo o universo.

— Sim! Agora que voltei... Minha casa, a casa dos meus pais, parece errada.

— Sei como é isso — tirei os olhos da boca dela, mesmo estando de óculos escuros fiquei nervoso de imaginar que ela poderia notar, ou pior, que meu corpo começasse a reagir — durante a faculdade eu morei com o Igor, depois morei sozinho, quando voltei para Vitória fiquei um tempo na casa dos meus pais, foi... estranho, agora já estou em um apartamento só meu de novo.

— Voltou?

— Eu morava no Rio, fui para lá fazer faculdade e fiquei para especialização, voltei para

Vitória tem uns dois meses. Então, depois de tanto tempo vivendo sozinho, me sentia um pouco angustiado tendo que dar satisfação aos meus pais sempre que ia sair de casa – ela deu uma risadinha e girou o corpo ficando de perfil, parecia observar a entrada do deck.

— Acho que nem sempre tem a ver com viver sozinho por um tempo, às vezes é um pouco da idade também – me olhou parecendo sem graça, eu não tinha ideia de como caímos nesse assunto, as coisas pareciam simplesmente acontecer, mas não queria encerrar aquela conversa, sorri incentivando ela a continuar – por exemplo, meu irmão sempre viveu com os meus pais, mas saiu de casa faz uns dois anos, para um apartamento dele. Disse que chega uma época que, por melhor que seja o relacionamento com a família, uma pessoa precisa ter o próprio espaço.

— É mais ou menos isso mesmo. Parece que não é mais natural viver na mesma casa que os meus pais.

Caímos em um silêncio confortável. Depois de um tempo, Livia olha para a entrada do deck, mas nem sinal da Sara e do Igor, ela parece muito sem graça agora.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você acha que eles vão voltar?

— Não mesmo – Sorri, a cabeça tombada olhando para ela.

— Ah, me desculpe por isso...

— Pelo que?

— Por eles forçarem isso...

— Não me sinto particularmente forçado a nada, na verdade, eu preciso agradecer ao Igor, finalmente minha terceira oportunidade chegou – me aproximo mais dela, sentindo que esse é o momento – pelo que me lembro, você disse que na terceira vez que eu pedisse você me daria seu telefone.

— Eu disse que a terceira vez costuma dar sorte. E você ainda não me pediu.

— Estou avaliando as minhas chances, não quero desperdiçar minha sorte e você parece pronta para me negar de novo.

— Você acha mesmo? – Ela tinha aquele sorriso perturbador que me deixava muito confuso.

— Eu não tenho ideia, geralmente consigo saber se uma garota está interessada em mim, mas com você é impossível, tudo o que eu sei é que você parece ser gente boa... – Gente boa? É, realmente eu virei um estúpido falando com ela.

PERIGOSAS ACHERON

Lívia levanta muito o queixo para me olhar enquanto parece analisar minha expressão depois de dizer que a acho “*gente boa*”, com um sorrisinho ela diz:

— E você parece mais sensato que a maioria.

— Sensato? Não divertido? Ou incrível? – Provoco.

— Sensato parece um ótimo elogio para mim – diz com um grande sorriso.

— Eu prefiro quando dizem que sou bonito – dou um passo na direção dela, já que estou agindo como um idiota mesmo, agora vou até o fim.

— Ah sim, sem dúvidas você deve ouvir muito isso.

— Sem dúvidas? – Me aproximo ainda mais, ela acabou de dizer que me acha bonito?

Minha mão vai até a beirada do deck, quase nas costas dela, estou pronto para agir, puxá-la para mim, sinto meu corpo vibrar de expectativa, Lívia continua parada no mesmo lugar, ela não se moveu, parece meio curiosa com minha aproximação, como se não entendesse o que estou prestes a fazer, ou entende e quer isso também. Então ela tomba a cabeça novamente olhando diretamente para mim,

um sorriso inacreditável no rosto, sinto meu corpo começar a se dobrar para beijá-la.

— Imagino que é algo que escute com frequência, você é muito confiante – paro perto demais, quase posso sentir sua respiração – por exemplo, nós mal nos conhecemos, estamos há poucos minutos conversando, mas você está pronto para me beijar, como se eu fosse incapaz de resistir.

— Eu... – Não sei o que dizer. Ela sorri de forma maliciosa e começa a se afastar me deixando plantado lá, meu corpo inteiro formigando pela expectativa daquele beijo que não aconteceu. Consegui erguer o corpo e recuperar a voz – não imaginei que ser uma pessoa segura fosse um defeito, nem que você fosse alguém que gosta de ter um homem cochichando elogios no seu ouvido.

Falo isso com um sorrisinho debochado lembrando do Arthur e sua tentativa humilhante de ter a atenção dela, além é claro do Patrick e todas as coisas que ele parecia ter para dizer baixo no seu ouvido. Ao ouvir minha voz novamente, Livia parou no meio do deck, mas foi só quando parei de falar e achei que ela iria embora em silêncio e ofendida, que ela se virou com um sorriso e disse:

— Todo mundo gosta de ser elogiado. Eu

imaginei que você fosse convencido, mas você levou isso para um novo nível – ela ergue uma das mãos num sinal de joinha para mim, se vira e vai embora.

Só posso estar ficando completamente louco, porque a próxima coisa que me vi fazendo foi, literalmente, correr até encontrar com ela no caminho que levava de volta ao hotel.

— Sabe, isso não foi muito justo, eu disse que você é uma garota legal.

Ela parou imediatamente e eu esbarrei nela sem antever seu movimento, estávamos a centímetros de distância um do outro, sentia aquela eletricidade passar pelo meu corpo com toda a proximidade.

— Você disse que eu pareço ser gente boa – ela continuava sorrindo, não está irritada ou ofendida, estava se divertindo e aquilo mexia demais comigo.

— Mal te conheço, o que mais eu poderia dizer? E você também não disse nada sobre mim, nem que pareço gente boa! Na sua avaliação até agora, eu sou, como você disse? – Vi ela balançar a cabeça rindo – ah é, sensato!

— Eu não estava tentando te beijar – ela

está me olhando do mesmo jeito, a cabeça um pouco tombada, o sorriso, para mim isso sempre foi um convite de "me beije", mas essa garota é diferente.

— Você é esperta, Lívia. E muito, muito bonita – levo minha mão até o seu rosto, tirando uma mecha de cabelo que tinha voado e agarrado na sua boca, senti a respiração dela ficar pesada, eu estava praticamente sufocando, existia alguma coisa entre nós que parecia deixar o ar pesado.

— Obrigada – sorriu daquele jeito tímido, que abaixa os olhos logo em seguida e se afastou um pouquinho do meu toque, mas não foi muito longe.

— Você não vai dizer o que achou de mim?
– Ah pronto estou pedindo para essa garota me elogiar, mas não consigo me afastar, ao invés disso me aproximo mais um pouco dela, ocupando o espaço que ela liberou ao se distanciar.

— Você sabe que é bonito.

— Aposto que você também sabe que é bonita, mas quis ouvir de mim mesmo assim. E não é muito melhor quando alguém em quem estamos interessados diz? – Terminei de ocupar o espaço que existia entre nós dois e disse tudo isso

praticamente no ouvido dela, quando levei minha mão ao seu braço, logo abaixo do cotovelo, vi que ela estava arrepiada, eu tentava me controlar o máximo possível, Livia deu dois passos para trás se afastando definitivamente de mim.

— Você é bom — falou de um jeito como se estivesse lembrando de alguma coisa, fiquei meio perdido, primeiro com a distância entre nós que tinha se tornado grande demais novamente, depois com esse "bom", não sabia exatamente o que aquilo queria dizer, quando olhei para ela seu sorriso era menor e não tão atrevido mais — você é muito bonito Daniel, mas desconfio que realmente escuta isso demais. Sara tem razão, vamos nos dar bem, mas ainda precisamos nos conhecer mais, que sorte termos todo um fim de semana para isso, né?

E com isso, ela se afastou e foi embora. Fiquei em pé naquele caminho sentindo todo meu corpo vibrar, existia alguma coisa dentro de mim que não parava quando ela estava por perto. Quando entrei de volta no deck da piscina, vi a Sara com as primas nas cadeiras no sol e o Igor na água com as outras pessoas. Eles realmente voltaram para a piscina e me deixaram sozinho com a Livia, que idiotas! Observei de relance a Sara olhar

nervosa para mim, deixei a camisa na mesa e fui para a água, mantive distância do meu amigo, Sara me olhava meio apreensiva e depois de volta para a entrada do deck.

— Está tudo bem? – Igor apareceu do meu lado.

— Ótimo.

— Cadê a Liv? – Me perguntou tão baixo que me virei bruscamente para olhá-lo jogando um pouco da água para fora da piscina.

— Não faço ideia. Ela saiu do deck depois que você e a sua noiva forçaram nós dois a ficarmos sozinhos – não iria contar da minha tentativa frustrada de beijar a garota.

— Não foi de propósito. Átila me ligou, depois Sara passou por mim indo para o hotel, levar uma notícia de uma tia dela para a mãe e quando estávamos voltando para lá, Arthur nos chamou aqui e ficamos presos...

— Sim, estou vendo vocês amarrados – falei de forma ríspida, interrompendo meu amigo.

— Dan... – Nesse segundo a Lívia apareceu no deck, sentou mais ou menos perto da Sara, mas parecia que também estava tentando evitar a amiga, olhou para a piscina, para onde eu estava com o

Igor, isolados num canto e sustentou nosso olhar por tanto tempo que eu não saberia dizer, até que nos viramos e paramos de olhá-la – O que diabos aconteceu?

— Não aconteceu nada, Igor – suspirei encostando na borda da piscina.

— Você tentou alguma coisa né? – Olhei para o meu amigo ofendido – me desculpe, mas eu te conheço e sei que você ficou interessado, você não tirou o olho dela desde que a viu pela primeira vez – dei uma risada, ah Igor, você não tem ideia do quanto isso é verdade – e você é você. Sempre age e faz alguma coisa. Deveria ter te dito que com a Liv isso não funciona.

— O que não funciona e como você tem certeza de que tentei e nada aconteceu?

— Você disse que não aconteceu – Igor ficou mudo um segundo com o olhar cheio de raiva que lancei para ele, ainda assim continuou – o que não funciona é simplesmente tentar beijá-la, esse personagem que você criou desde que a Bianca te deu um pé na bunda.

— Meu Deus, estou muito arrependido de ter vindo hoje...

— Sabe por que eu apresentei vocês?

— Porque era inevitável? — Meu sorriso cheio de escárnio fez o Igor fazer uma careta.

— Não, porque eu te conheço de verdade e aquela garota ali, é uma garota que o Daniel pré-Bianca ia adorar conhecer. Só seja você mesmo, converse com ela. Você é um cara interessante Dan, mesmo que não acredite nisso, mesmo que tenham te convencido de que não é. Te apresentei para a Liv porque tenho certeza que ela vai enxergar isso também, ela vai ver além do cirurgião, do filho de médicos famosos.

— Acho que ela não está interessada em mim — me escutei dizendo.

— Ela mal te conhece...

— Isso nunca foi um problema antes.

— A Liv não é uma garota de ficar com um monte de caras por aí, Dan... Eu sei que ela tem esse visual descolado e tudo mais, mas ela é uma pessoa bem reservada, vocês se parecem muito. Eu nunca tinha parado para pensar nisso, até a Sara sugerir, se você puder só dar tempo ao tempo e tentar conhece-la de verdade, antes de tentar tirar a roupa dela, você vai ver isso também.

— Nós conversamos um pouco... — Admiti.

— E? — O sorriso de interesse dele me

irritou, Igor adorava dizer que sempre sabia o que era melhor para mim, antes mesmo de eu perceber. Ele disse isso quando a Bianca terminou comigo, tinha meses que ele dizia que eu precisava terminar aquele relacionamento e nunca dei ouvidos para o que ele pensava a respeito, tão seguro eu era sobre o que eu e a Bia tínhamos.

— Ela é interessante, é muito bonita, mas é interessante, o tipo de pessoa com quem eu consigo conversar...

— Ei, pensei de entrarmos, comer e beber alguma coisa – Sara falou nas minhas costas.

— Claro, só preciso me secar um pouco – Igor disse com um grande sorriso e começou a se afastar.

Segui meu amigo para fora da piscina e agradei a Sara quando ela estendeu uma toalha para mim e outra para o Igor. Quando todos começaram a caminhar de volta para o hotel, fiquei um pouco para trás e disse ao Igor que iria até o quarto vestir algo seco, não fazia sentido permanecer com aquela bermuda úmida, vi que todos seguiram para o espaço onde o café era servido e desviei na direção contrária indo para o meu quarto. Também precisava de um tempo para

processar tudo o que aconteceu nas últimas horas. Horas!

Fiquei pensando em tudo o que aconteceu entre eu e a Livia nessas poucas horas, era completamente irracional e eu prezava muito por ser um tipo racional e objetivo, mas alguma coisa naquela garota havia despertado alguma coisa em mim.

Livia

Me sentia meio trêmula e aflita quando me afastei do Daniel na trilha entre os decks voltando praticamente correndo para o prédio de apartamentos da pousada. Não fazia a menor ideia do que tinha acabado de acontecer, toda a proximidade, era como se eu pudesse sentir o calor do corpo dele irradiando ao meu redor.

Me sentia cansada, confusa e completamente perdida. Imaginei muitas coisas para esse fim de semana, sabia que seria difícil, mas nunca pensei que algo assim iria acontecer, nunca imaginei que justamente aqui me sentiria assim novamente tão, tão... Qual seria a palavra? Encantada? Arrebatada? Abalada?

Era tão estranho. A última vez que me senti assim tinha 15 anos de idade, foi a primeira vez que me apaixonei, me apaixonei de verdade, mas devo estar confundindo tudo, não é a mesma coisa, impossível ser a mesma coisa, porque quando me apaixonei aos 15 anos eu conhecia o Saulo há o que? 10 anos? E não há poucas horas.

Quando cheguei novamente no deck, Sara quase pulou da cadeira em expectativa, mas fingi não notar e me sentei mais próxima das primas dela.

— Está tudo bem?

— Ele não sabe, né? — Falei ainda sem olhar para a minha amiga observando algum ponto da nuca do Daniel, como se imaginasse que a qualquer momento o homem fosse simplesmente desaparecer, não parecia ser real.

— Quem não sabe o que? — Sara falou muito baixo, tentando nos isolar numa conversa.

— Daniel não sabe sobre o Saulo — olhei para minha amiga e lamentei muito porque no mesmo segundo meus olhos se encheram de lágrimas e a última coisa que queria era começar a chorar ali. Além disso, ele não saber significava que realmente não havia questionado ninguém

sobre mim, a mãe dele teria contado tudo.

— Ah Liv, não sei, acho que não, não falamos muito sobre isso fora da nossa família. Eu nunca comentei sobre o Saulo com ele e acho que o Igor também não.

— Você sabia que ele é o filho da Dra. Inês? — Minha amiga confirmou em silêncio.

— Talvez ele saiba, talvez só não associou nome e história ainda.

— Pode ser, mas ainda assim, vocês poderiam não comentar com ele, pelo menos por esse fim de semana?

— Claro, algum motivo especial?

— Sei lá, só gostaria que durasse mais um pouco isso dele me olhar como se não morresse de pena de mim.

— Ninguém te olha assim.

— Sara... Eu só quero passar esse fim de semana sem que uma pessoa aqui se sinta mal por mim. Desculpa, é o seu casamento e estou muito feliz por você, mas você sabe que será assim...

— Tudo bem, não vou comentar nada. Vamos entrar? Comer alguma coisa, beber, rir... Acho que estamos todos precisando rir um pouco o que acha?

Balancei a cabeça para concordar e vi ela se afastando, indo até o noivo e o Daniel. No mesmo segundo Gisele apareceu ao meu lado, estava muito intrigada querendo saber por que eu e o Daniel havíamos desaparecido, tentei desconversar e dizer que não era nada daquilo, falei que não sabia onde ele poderia ter estado, mas que eu tinha ido até o meu quarto sozinha. Quando Gisele percebeu que eu soava um pouco ofendida, se apressou em dizer *"não que eu pense mal de você, imagino que deva estar sentindo muito a falta do meu primo hoje"*, vi o Daniel sair da piscina, os ombros largos, o caminho de pelos do peito descendo pelo abdômen, ao redor do umbigo, estava tão distraída com essa visão que levei uns segundos até me sentir mal depois da Gisele dizer aquilo.

Era como imaginei que estaria: sentindo uma falta miserável do Saulo, mas estava ali fazia horas e tudo o que conseguia pensar, e olhar, era o Daniel. Senti um nó na garganta e falei que precisava voltar no meu quarto, me afastei do grupo andando de forma desorientada novamente para a pousada.

Sentia a respiração pesada com algum tipo de culpa, como se tivesse feito algo muito, muito

errado. Fiquei andando pelo quarto me sentindo meio elétrica, até que resolvi trocar de roupa e tirar o biquíni úmido. Depois de colocar um short e uma camiseta e andar mais um pouco de um lado para o outro até ter a impressão de que poderia abrir um buraco ali caso continuasse com aquilo, soltei um ruído esquisito e exasperado pela boca e abri a porta para o corredor com força, dando de cara com Daniel que saía da porta na frente da minha. Ele ainda estava com o cabelo molhado, nem se deu ao trabalho de pentear, só trocou a camisa e a bermuda, ficou parado me olhando, estava sem os óculos de sol, parecia ainda mais perdido do que eu com aquele encontro repentino. Consegui sorrir, não sabia como, mas de alguma forma meus lábios subiram e eu sorri, e no mesmo segundo o corpo dele pareceu relaxar.

— Tinha esquecido que seus olhos eram muito azuis – falou ainda em pé na soleira da porta do quarto, e então piscou parecendo muito surpreso por ter dito aquilo em voz alta.

— Ah... – Abri a boca estava prestes a dizer obrigada, mas ele não tinha feito nenhum elogio, só afirmou algo óbvio, então fechei a boca novamente e me virei saindo para o corredor e

fechando a porta do quarto – você está indo para o salão? – Era mais fácil falar com ele se não estivesse olhando para ele.

Ouvi ele tossir e dizer um sim bem baixinho, enquanto fechava a porta do quarto também, quando me virei, estávamos novamente próximos um do outro no meio do corredor, me afastei discretamente e comecei a caminhar, ele imediatamente seguiu o ritmo dos meus passos.

— Me desculpe por achar que eu poderia simplesmente beijar você, não é algo que eu geralmente faça – olhei para ele de relance, tinha a impressão de que era exatamente o tipo de coisa que ele fazia, mas resolvi não provocar.

— Acho que é a primeira vez que alguém me pede desculpas por um beijo que não aconteceu – tento manter um tom de voz tranquilo e divertido.

— Já te pediram desculpas por um beijo que aconteceu? – Ele me olha divertido, não consigo evitar o sorriso.

— Ah já sim... – Falo olhando para frente e escuto ele rindo.

— E o que aconteceu depois do pedido de desculpas?

Troquei o peso de uma perna para a outra e

olhei bem para o Daniel pensando no quanto estava disposta a compartilhar sobre a minha vida, voltei a caminhar e decidi manter as coisas o mais simples possível.

— Namoramos por quase 9 anos.

— Mas não namoram mais? – Dava para sentir que controlava o próprio tom, tentando não parecer tão curioso.

— Não...

— Tive uma namorada também, por muito tempo... 8 anos.

— É muito tempo – falei olhando para ele e desviei rapidamente o olhar quando ele me encarou, a próxima coisa que queria perguntar era por que acabou, mas isso faria com que ele perguntasse sobre o fim do meu relacionamento.

— Achei que você ia dizer que não tenho cara de quem namorou uma pessoa por tanto tempo... – Ele volta a trazer um pouco de humor para a conversa que tinha caído em um clima muito sério.

— Na verdade, você tem sim – Isso pareceu deixá-lo surpreso, percebi que precisava me explicar – quero dizer, quando não está tentando seduzir garotas com sorrisos, e sim só conversando

de um jeito normal – dou uma risadinha e ele está rindo também – você parece exatamente o tipo que se envolve em relacionamentos longos. Acho que realmente não te conheço tanto para afirmar algo assim e explicar, é só uma impressão que eu tive.

— Entendo.

— Notou que sempre caímos em umas conversas muito sérias?

— Sim, estou completamente chocado com isso, você parece uma espécie de velha muito sábia.

— Gente boa, esperta, velha sábia... Você sabe mesmo elogiar uma garota – isso o fez rir, uma risada alta que ressoou por todo o corredor vazio.

— Eu também disse que você é bonita.

— Ah sim, mas isso eu escuto sempre – abro um sorriso para ele e adianto uns passos entrando no restaurante, deixando-o meio boquiaberto atrás de mim, como quem estava pronto para me oferecer uma resposta atrevida.

Sara tinha conseguido um rapaz para atendê-los e já havia uma garrafa de vinho e algumas cervejas pela mesa. Me afastei ainda mais dele indo até onde as primas da Sara estavam, mas reparei enquanto ele caminhava para perto do

PERIGOSAS NACIONAIS

Arthur, então ouvi Vanessa dizer ao meu lado:

— Que tal um jogo de verdade ou consequência?

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 4

Daniel

Era como se eu tivesse desaprendido a respirar no minuto que a Livia irrompeu pela porta do quarto para o corredor parecendo uma ventania, eu me esqueci como se respira e ela me olhou de verdade sem óculos de sol pela primeira vez naquele dia, os olhos tão azuis que me fizeram arfar, pelo visto meu corpo havia tomado o controle novamente lembrando meus pulmões como me manter vivo. Deus, ela era bonita, se havia qualquer dúvida até aquele momento, todas caíram por terra.

Começamos a caminhar juntos e tentei ser eu mesmo, normal, como o Igor havia sugerido, mas ser normal ao lado dela sempre nos levava a uma espécie de conversa profunda, antes sobre casas e família, agora sobre relacionamentos. E tinha todas aquelas coisas engraçadinhas e

provocações que sempre acabávamos dizendo um para o outro, arrancando risadas espontâneas, queria ter mais tempo sozinho com ela, mas o corredor agora parecia curto demais e logo havia muitas pessoas entre nós.

Tentei não focar no rosto de ninguém assim que entramos no espaço do restaurante, aceitei uma cerveja do cunhado do Igor e puxei uma cadeira quando ouvi alguém sugerindo um jogo de verdade ou consequência. Olhei ao redor meio perdido, a última vez que participei de algo assim era um adolescente.

— É uma tradição na minha família, quando estamos reunidos com os meus primos, jogamos verdade ou consequência – Sara explicou para os olhares mais curiosos – e de acordo com o que fomos ficando mais velhos, o jogo foi ficando mais perigoso.

— Acho perigoso desde que tinha 12 anos – Lívia falou com um sorriso para a amiga levando uma taça de vinho a boca, fazendo as duas primas darem uma risada.

— O que aconteceu? – Igor perguntou parecendo muito interessado, o que foi bom porque eu estava curioso também, tudo nela me deixava

curioso.

— Saulo desafiou a Liv a escalar um muro e ela quase conseguiu, mas caiu e quebrou o braço — Gisele, a prima respondeu. Olhei ao redor meio perdido, não tinha ideia de quem era Saulo, percebi que a Sara olhou rapidamente para Livia e essa dava uma grande golada da própria taça.

— Bom, eu tinha 12 anos e achava que poderia fazer qualquer coisa. Foi um trauma e uma vergonha. Depois disso sempre escolhi verdade.

Todo mundo na mesa riu, tentei tirar os olhos dela por um minuto e focar em qualquer outra coisa.

— Acho que não é uma brincadeira muito boa para uma véspera de casamento — Sara falou olhando um pouco nervosa para o Igor — nos tornamos bastante agressivos e muito reveladores.

— Precisamos de histórias reveladoras se quisermos fazer uma despedida de solteiro digna — o cunhado falou.

— Liv poderia contar como apresentou eu e o Igor, acho que nem todo mundo sabe de todos os detalhes.

Escutei algumas risadinhas e fiquei olhando para o casal na minha frente.

— Os detalhes é que são importantes! — A irmã do Igor riu do outro lado.

Vi a Livia olhar para os dois como quem espera autorização para contar, parecia estar se divertindo muito com a perspectiva daquilo, fixei meus olhos nela e sentia que tudo ao redor estava desaparecendo, quanto mais focava minha atenção nela, mais o resto deixava de existir.

— Foi em uma festa, como a maioria sabe, mas até aquela noite eu não conhecia o Igor, nunca tinha visto ele na verdade. Sara me arrastava de festa em festa naquela época, naquele dia ela estava especialmente “alegre” — a expressão me faz rir — e ficava falando sobre como o próximo homem que ela beijasse seria aquele com quem ela se casaria — os olhos dela encontraram com os meus, cheios de diversão, sem perceber apoiei meus braços na mesa curvando o corpo para frente, como quem quer se aproximar mais dela para ouvir a história — então ela sumiu, disse que ia “procurar um marido”.

Olho surpreso para Sara que dá uma gargalhada provavelmente lembrando da noite em que tudo aconteceu.

— Foi quando o Igor apareceu do meu lado, completamente bêbado — agora olha para o Igor, o

PERIGOSAS NACIONAIS

sorriso diabólico de quem está prestes a contar um segredo terrível.

— Eu não estava tão bêbado assim...

Ouvi a voz do meu amigo, mas não conseguia desviar os olhos dela.

— Ele ficou por minutos ao meu redor dizendo que eu era linda e que iria se casar comigo – o que? Olho para o Igor no minuto que o escuto dar uma gargalhada e confirmar a informação com a cabeça, todo mundo está rindo, tenho certeza que tenho a expressão mais chocada possível.

— Ele disse que ia se casar com você? – Aponto um dedo para a Livia porque aquilo é surpreendente demais.

— Sim, mas ele estava apenas muito determinado a se casar e fui a primeira garota sozinha que ele viu, eu disse que aquilo era um absurdo completo já que ele não sabia absolutamente nada sobre mim, e ele ria e dizia que sabia de uma única coisa: iria conhecer a mulher da vida dele naquela noite.

— Você é completamente maluco! – Falo com meu melhor amigo que ainda está rindo muito com tudo aquilo, mas não resisto ao clima e quando percebo estou rindo também.

PERIGOSAS ACHERON

— No fim eu estava certo, só propus casamento para a pessoa errada — Igor levanta as mãos com as palmas para cima até a altura do peito.

— Mais ou menos errada, porque se não tivesse proposto casamento para a Liv ela não teria tido a ideia genial de me apresentar para você! — Sara sorriu abertamente dando um beijinho nele.

— Não era uma ideia genial! Era uma ideia completamente sem cabimento. Achei que seria divertido juntar dois bêbados que buscavam casamento numa boate, mas não imaginei que uma brincadeira nos traria até aqui... — Ela está rindo e eu pareço um idiota sorrindo e olhando para ela.

— Essa história daria um filme... — Comento baixinho, mas ela me escuta.

— Ah sim, já conversamos sobre isso várias vezes — sorri, é um sorriso genuíno, não tímido como quando agradeceu pelo elogio do anel, ou os outros sorrisos cheios de segredos, estava feliz e se divertindo.

Ficamos por ali muito tempo conversando, mais de uma vez, Gisele, a prima grudenta com quem fiquei uma vez, me puxou para uma conversa isolada do grupo, ela era como as amigas da minha irmã que enxergavam em mim algum tipo de bom

partido, a ideia me deixava um pouco enjoado, como se elas estivessem todas a caça de um marido e eu, um médico na casa dos 30 anos fosse o pretendente perfeito. Talvez se elas soubessem que eu tinha sérios problemas e que comparava todas as mulheres com a minha ex-namorada, acabariam por desistir.

Me sentia irritado e com raiva todas as vezes que me flagrava fazendo isso, era uma mania bastante ridícula, por isso estava meio confuso com minha fascinação pela Lívia, ela era o oposto completo da Bianca, minha ex se parecia mais com a Gisele, era bem magra e estava sempre bronzeada, o cabelo preto e liso bem longo, e não tinha absolutamente nenhuma tatuagem, mas não era só isso, até esse exato momento, nunca tinha me ocorrido fazer tal comparação, nunca tinha colocado a Lívia e a Bianca lado a lado na minha mente, porque a Lívia tinha ocupado todos os espaços.

Fiquei um pouco chocado ao me dar conta disso, olhei para a Lívia enquanto a Gisele continuava tagarelando sobre a responsabilidade de um médico, era cansativo ouvir. Lívia e seu cabelo curto e loiro. Lívia e seus grandes olhos azuis.

Lívia e todas as suas tatuagens. Ela parecia moderna demais, irreverente demais para mim que sou um chato, ainda assim, Igor tinha certeza que tínhamos tudo a ver um com o outro. Ainda assim, eu não conseguia parar de prestar atenção nela.

Conseguimos conversar mais um pouco em alguns grupos, falando sobre algumas notícias, outra hora sobre um filme que esteve em cartaz nos cinemas há pouco tempo, mas nada realmente relevante e não ficamos sozinhos nem uma vez. Já era a noite quando alguém sugeriu que fôssemos nos trocar, a maioria ainda estava com as roupas da piscina, nos encontraríamos em mais ou menos duas horas ali mesmo para um jantar. Antes que pudesse me desvencilhar da Gisele, vi a Lívia indo embora com a irmã do Igor conversando, achei que conseguiríamos nos falar mais um pouco no caminho como fizemos vindo, mas as primas Vanessa e Gisele estavam no mesmo corredor e foram comigo todo o caminho, quando chegamos lá, ela já tinha desaparecido, provavelmente dentro do próprio quarto.

No quarto, quando já estava sozinho, vi que tinha uma nova mensagem da Bianca, "*Recebi um convite para o leilão beneficente da sua mãe, pelo*

visto você não vai conseguir fugir de mim para sempre". O que? Fiquei sentado olhando para a tela do telefone pensando como aquilo poderia ter acontecido, meus pais nem gostavam da Bianca, sempre tiveram um pé atrás com a garota o que só ajudou meu relacionamento com o Dr. Fábio e a Dra. Inês azedar mais um pouco. Respirei fundo, tinha que estar preparado para isso, não para rever minha ex, mas para voltar a participar desses encontros sociais maçantes onde o único assunto era uma pessoa importante puxando o saco de outra pessoa importante.

Ok, talvez eu precisasse me preparar para encontrar minha ex também.

Lívia

A noite estávamos um grupo relativamente maior. Estava em pé com o Arthur e a Vanessa ouvindo os dois conversarem sem realmente participar do assunto, olhava ao redor observando todo mundo, havia uma variedade de bebidas entre cerveja, uísque e vinho, muito mais bebida do que o aconselhado para uma véspera de casamento.

Optei pelo vinho, além de beber mais

devagar, seria mais controlável e a última coisa que queria era estar de ressaca no dia seguinte. Estava rindo de um comentário da Vanessa quando vi o Daniel chegando, parecia cansado, como se tivesse acabado de acordar, olhava ao redor tentando se localizar e então os olhos dele encontraram com os meus ainda olhando para ele, pisquei sem graça e voltei a atenção para as duas pessoas que estavam na minha frente, mesmo assim era como se pudesse sentir a presença dele no espaço, enquanto caminhava até a mesa, ou falando com o Igor, a Sara e todo o resto das pessoas. Queria girar a cabeça e olhá-lo, mas não me movi, ao invés disso forcei meu cérebro a voltar para a história que o Arthur estava contando.

Quando todos se sentaram para jantar, vi o Daniel umas quatro cadeiras longe de onde eu estava, Arthur, que havia sentado do meu lado, não parava de falar um minuto sequer, e eu não parava de beber e colocar comida na boca para não ter que falar muito com ele, não era exatamente muito educado fazer isso, mas parecia necessário.

No fim do jantar, os mais jovens resolveram descer até uma adega subterrânea, que também funcionava como bar, para continuar bebendo, ouvi

alguém mencionar uma degustação de queijos, Arthur estava novamente ao meu lado, não importava aonde eu ia, o homem sempre aparecia implacável ao meu lado, foi quando decidi fazer a única coisa que poderia deixá-lo um pouco desanimado e que provavelmente me colocaria em apuros, mas estava exausta de olhar para a Sara com olhos suplicantes pedindo socorro. Enquanto caminhávamos para a tal adega, vi que o Daniel ia muito na frente com o cunhado do Igor, então falei bem baixinho, tentando não chamar a atenção dos outros ao meu redor.

— E esse amigo do Igor? Vocês já se conheciam?

— O Daniel? – Me olhou desconfiado e depois para a nuca do rapaz que desaparecia na curva da escada – sim, conheço ele faz muitos anos é uma boa pessoa, um pouco galinha – acrescentou no fim.

— Galinha? – Dei uma risada com a expressão.

— Mulherengo, conquistador, use a expressão que quiser – deu de ombros parecendo não querer falar sobre aquilo.

— Faz sentido, ele é muito bonito – não

deveria ter dito aquilo, mas se queria que o Arthur saísse do meu pé precisava parecer interessada em outra pessoa, já que o dispensar DUAS vezes não parecia ter dado em nada – ah, você poderia não comentar que eu disse isso? – Falei enquanto piscava deliberadamente os olhos para ele, parecendo muito tímida.

— Claro. Igor queria muito apresentar vocês hoje mais cedo.

— É mesmo?

— Sim, mas ele disse que não era "nada assim".

— Nada assim? – Agora eu estava confusa.

Tínhamos acabado de entrar na tal adega, era uma espécie de cave com garrafas em todas as paredes do chão ao teto, um balcão comprido e umas mesas e cadeiras no centro que haviam sido organizadas em uma única mesa que acomodasse todo mundo, as pessoas ainda estavam em pé olhando ao redor. Arthur parecia distraído, cutuquei ele de leve, estava cutucando Arthur para falar com ele, francamente.

— Como assim, "nada assim"?

— Ele queria alertar o amigo que não levasse ninguém para a cama no fim de semana do

casamento.

— Ahhh... — Olhei aflita ao redor. Então ele era "bom" assim? Vi a Gisele praticamente pendurada ao ombro do Daniel e quando olhei para o meu lado novamente Arthur tinha se afastado. O plano deu mais certo do que esperava, mas agora me sentia meio perdida.

Estava completamente sem fome, tinha comido muito mais do que o necessário tentando evitar ter que conversar com o Arthur durante o jantar, ainda assim caminhei para perto do balcão onde alguns frios e queijos estavam servidos. Sorri aceitando mais uma taça de vinho de algum parente do Igor que eu não conhecia. Estava distraída olhando tudo quando a Sara parou do meu lado.

— Nossa, finalmente Arthur saiu de perto de você, sinto muito por isso.

— Ele é bastante insistente, né?

— Ele é muito bonito.

— Sim ele é...

— Então por que você não... — Ela começou a falar meio embolado.

— Não vou ficar com o Arthur só porque ele é bonito! — Disse um pouco exasperada e talvez num tom de voz mais alto do que pretendia, olhei

ao redor assustada e vi os olhos castanhos do Daniel em mim, ele estava bem perto, não tinha medo conta disso, parecia curioso com o que acabou de ouvir, ou com o fato de eu não ser nem um pouco discreta manifestando opiniões em público, mas ele ainda estava com a Gisele agarrada ao seu braço, ela falava alguma coisa enquanto apontava as inúmeras prateleiras de vinhos.

— Acabei de chegar em Vitória! Ao contrário do que você pode acreditar, não passei o último ano como uma freira... — Falei abaixando a voz o suficiente até ter certeza que só a Sara me ouvia.

— Ah não?

— Definitivamente não.

— Bom saber... — Sara olhou rapidamente ao redor — Ah finalmente o Daniel se livrou da Gisele, aí vem ele — disse com um sorriso atrevido antes de se afastar e me deixar sozinha.

Daniel

A primeira coisa que vi assim que coloquei os pés lá foi a Lívia, ela se destacava no meio das

pessoas, tentei me convencer de que esse era o único motivo pelo qual meus olhos sempre estavam nela.

Faça alguma coisa, pense em alguma coisa que não seja essa mulher. Fui para perto da mesa onde todo mundo estava, ouvi umas piadas do Igor, falei com a irmã dele. Porém, notei que algo estava mudando, vi os olhos dela mais de uma vez me observando e de alguma forma isso me deu um pouco de coragem, ninguém passa tantos segundos olhando para uma pessoa se não houver o mínimo de interesse ou curiosidade, mas não tivemos a oportunidade de conversar sozinhos, Arthur não saía de perto dela, ele estava ao redor o tempo todo chamando sua atenção para uma coisa ou outra, notei com certo humor que ela bebia grandes goladas de vinho, sempre usando isso como uma boa desculpa para não responder alguma coisa.

Estávamos agora na tal adega subterrânea, me sentia um pouco claustrofóbico, mas não saberia dizer naquele momento se era pelo teto muito baixo e o local abarrotado de garrafas, ou pela presença sufocante da Gisele agarrada ao meu braço. Ouvi a Livia falar num tom irritado "*Não vou ficar com o Arthur só porque ele é bonito*" e

não consegui não olhar para ela que parecia muito arrependida de ter dito aquilo, olhando nervosa ao redor para ver quem além de mim tinha escutado.

— Pelo visto você também está encantado com a Lívia – Gisele falou do meu lado.

— Como? – Engasguei com a minha saliva.

— Você não para de olhar para ela.

— Eu não diria isso – Agora eu estava um pouco sem graça.

— Meu primo ficava do mesmo jeito perto dela. Liv é uma garota incrível e você é um mulherengo, acho que não tem a menor chance – fala antes de se afastar.

Ouvir que eu não tinha a menor chance com a Lívia pela segunda vez não foi nem um pouco encorajador, mas visto que eu tinha sido um completo idiota enquanto ela tentava falar comigo e eu olhava para outra, a Gisele tinha o direito de se sentir ofendida e me atacar um pouco. Me virei para a Sara e a Lívia e comecei a andar na direção das duas, imediatamente vi a Sara se afastar enquanto me oferecia um sorriso gigantesco, Deus ela era ainda menos sutil que o Igor.

— Particularmente, não entendo absolutamente nada de queijos – falei enquanto

parava ao lado da Lívia, de frente para uma variedade inacreditável de queijos e embutidos distribuídos sobre algumas tábuas, ela parecia indecisa sobre o que comer.

— Muito corajoso da sua parte dizer isso — tinha um sorriso quando olhou rapidamente para mim — esses são muito bons — apontou um tipo de queijo que estava cortado em uma tábua — não "entendo" de queijos, caso esteja se perguntando, só gosto muito deles.

Ri do tom que ela usou para dizer aquilo e acabei pegando um pedaço do queijo que ela havia apontado, não tinha exatamente um aspecto muito apetitoso, mas resolvi arriscar, ela ficou observando minha reação, tinha uma textura um pouco farelenta e umas manchas meio marrons no meio que eram... Nozes! Olhei para ela muito surpreso.

— Tem nozes nesse queijo?

— Sim — riu — diferente, né? Mas são muito bons, eu gosto pelo menos.

— São... Diferentes — não conseguia saber ainda se tinha gostado ou não.

— Mas os meus favoritos são o provolone e o emmental — aponta um outro pedaço de queijo mais distante — porquê parece um queijo de

desenho animado, aqueles cheios de furinhos – me olha sorrindo, um sorriso meio bobo, tenho quase certeza que já estava sorrindo enquanto eu só ouvia ela dizer tudo aquilo – essa é uma conversa muito boba sobre queijos.

— Acho bastante útil, eu poderia aprender um pouco, assim teria o que conversar com todos os amigos extremamente pomposos do meu pai – ela dá uma risadinha com meu comentário, escondendo parte do rosto quando leva a taça até a boca, reparei com um pouco de felicidade que bebeu só um pouquinho.

— Não é estranho que frequentássemos os mesmos eventos e nunca tínhamos nos encontrado?

Ela disse aquilo sem olhar diretamente na minha direção, continuava olhando para toda a comida na mesa, eu também estava refletindo sobre aquilo, como era possível? Morei muito anos fora, ia em pouquíssimos desses eventos, mas nós deveríamos ter nos encontrado pelo menos uma vez antes, era difícil acreditar que nunca a tinha notado, já que no minuto que pus meus olhos nela na sexta-feira não consegui prestar atenção em mais nada, e minha irmã sabia quem ela era, ela conhecia minha mãe.

Fiquei tempo demais em silêncio, Livia me olhou como quem analisa se existe uma resposta na minha expressão, tossi para coçar a garganta que começava a parecer irritada, olhei para ela sem saber o que dizer, eu deveria ter perguntado algo a minha mãe, agora parecia que eu não tinha me importado.

— Não sei. Minha irmã te conhece, agora eu não sei se você conhece ela mesmo, ou se é só por causa da amiga, a Manu...

— Não conheço sua irmã, quero dizer, eu sabia que a Dra. Inês tinha uma filha, como te disse, mas nunca tinha visto sua irmã até aquele dia no bar. Como ela se chama?

— Isis – Livia parecia vasculhar a própria memória, mas como quem não encontra nada apenas olhou para mim com um sorrisinho – e a minha mãe, como você conheceu? – Não consegui resistir mais aquela pergunta, pela primeira vez ela pareceu desconfortável. Merda, dificilmente os motivos para alguém conhecer a minha mãe eram bons, Livia olhou ao redor e então de volta para mim com um sorriso minúsculo.

— Ela é uma médica muito conhecida...

— Desculpa, nós não precisamos falar sobre

isso.

Agora ela tomou uma grande golada de vinho, estava começando a ficar desconfortável, não entendia muito bem, mas sabia que estava me escondendo alguma coisa, resolvi que o melhor a fazer era mudar de assunto, voltar para algum outro tema mais seguro.

— A explicação para não nos conhecermos pode ser bem simples, eu não participava de muitos desses eventos, morei fora por muito tempo, mas mesmo morando no Rio, eu sempre terminava em algum tipo de jantar ou uma grande festa da sociedade quando vinha para casa, meus pais são muito insistentes quanto a isso, mas eu passava boa parte do tempo sentado numa mesa sem circular ou fazer amizades, acho que muita gente me acha esnobe por isso, eu só não me sentia bem por ser arrastado para essas coisas.

— Ah sim... Sempre sou arrastada para esses eventos sociais por causa dos meus pais. A maioria eu consigo evitar, meu irmão é quem participa mais. Vou mais quando é algum tipo de premiação, nesses casos, gosto de estar lá pelo meu pai e a minha mãe.

— O que seus pais fazem?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Empresários – fala parecendo mais uma vez distraída com a variedade de comida na sua frente – minha mãe é dona de uma loja de noivas, fez o vestido da Sara – aponta para a amiga – eu meio que trabalho com ela, meu ateliê é anexo a loja e estou me tornando sócia do negócio – me olha com uma expressão estranha, é um sorriso que não é exatamente um sorriso, como se aquilo não fosse um grande motivo de orgulho, ainda assim é uma verdade. E eu entendo exatamente o que isso significa.

Como ela não falou nada sobre o pai, conclui que esse pode ser o negócio da família, esse também não parece ser um assunto que ela quer explorar demais, talvez com medo de que eu insista ou descubra como ela conhece a minha mãe, tento uma outra abordagem, só não quero perder essa oportunidade de conversar a sós com ela. Inacreditavelmente todos tem mantido distância de nós.

— Fiquei curioso com uma coisa nessa história toda do Igor e da Sara... – Livia finalmente parou de olhar a comida e girou o corpo me olhando novamente – por que você deu um fora no meu amigo?

PERIGOSAS ACHERON

Ela abriu um sorriso gigantesco, estava de volta, quase fez com que eu ficasse tonto.

— Sabe que você é a primeira pessoa que ouviu essa história e me pergunta isso?

— Não é possível!

— Te juro, todo mundo parece mais interessado em descobrir como eles tinham tanta certeza de que acabariam se casando com alguém daquela noite – ela acaba pegando um pedacinho do queijo com nozes e comendo.

— Não posso acreditar que ele simplesmente chegou em você te pedindo em casamento – meu tom de descrença a faz rir – e conheço o Igor há tempo o suficiente para dizer que já vi ele chegando em garotas com conversas completamente malucas.

— Talvez já tivesse gasto todo o repertório dele e aquela era a cartada final – sorri cheia de esperteza para mim, me sinto aliviado por ter conseguido achar um assunto que a deixasse confortável novamente.

— Que bom que deu certo – dei um sorrisinho minúsculo e ela parecia, pela primeira vez, um pouco abalada na minha presença, e eu nem estava tocando nela ou perto demais, notar isso

me fez sorrir mais – mas então, porque você deu um fora no meu amigo?

— Um motivo além da conversa completamente absurda sobre casamento sem nem mesmo me conhecer?

— Funcionou com a Sara, e ele é um cara bonito – olhamos para o casal que parecia distraído conversando do outro lado da sala.

— Ah sim ele é, mas... – Ela olhou meio aflita ao redor – eu tinha saído de um relacionamento muito longo naquela época e... Não sei, acho que toda a conversa de casamento foi demais para mim – dá de ombros – só me pareceu algo completamente sem cabimento, eu só conseguia pensar na Sara e na conversa dela de minutos antes. Havia duas pessoas que queriam se casar, não imaginei mesmo que eles estavam tão decididos assim.

Então o relacionamento dela havia terminado mais ou menos na época que a Sara e o Igor se conheceram? Isso significava que ela estava solteira no mínimo há dois anos, um pouco menos de tempo que eu, anotei essa informação mentalmente.

— Acho que os dois são muito gratos a

você por isso.

— Eles são, de uma forma que não compreendo muito bem. Sara é minha melhor amiga, é como se fosse minha irmã e o Igor, convivi muito pouco com ele, mas sempre conversamos muito online e por mensagens, ficamos amigos também, amigos virtuais, por mais estranho que isso pareça. Ele é muito comunicativo – ela abre um grande sorriso

Não tivemos muito tempo de continuar a conversa porque o Arthur apareceu ao nosso lado e imediatamente foi seguido pelo Igor e a Sara. Já era quase duas horas da manhã quando começamos a ir todos para os quartos para dormir. Sara e Igor estavam numa área diferente da pousada, e se despediram antes, no meu corredor estavam as duas primas da Sara, além da Livia que andava mais a parte enquanto as meninas seguiam conversando comigo, felizmente as duas estavam num quarto bem no começo e logo se despediram, acelerei meus passos até encontrar com ela, que sorriu de levinho ao perceber que tinha companhia.

— Meu quarto é ali – falei indicando a porta.

— Eu lembro – me olhou parecendo

divertida, tentando esconder um sorriso.

— Ah é... Verdade.

Chegamos até a porta e ficamos parados no meio do corredor, um de frente para o outro, eu não sabia o que fazer, não queria me fechar no quarto, queria continuar falando com ela. Eu, Daniel, o cara que nunca sabia o que conversar com as pessoas, queria continuar ali ouvindo ela e contando qualquer coisa que a fizesse rir. Ela olhou para a porta do quarto nas minhas costas.

— E esse aqui é o meu — agora sorria de verdade — caso você tenha esquecido.

— Não esqueci — engoli em seco, estávamos muito perto, parecia que existia um tipo de imã entre nós, porque sempre acabávamos muito próximos um do outro, era madrugada um silêncio sepulcral, a luz do corredor que acendia por movimento apagou, vi o vulto dela passando ao meu lado e apertando um botão próximo a porta do seu quarto, as luzes voltaram a acender.

— Certo — olhou ao redor e para a chave do quarto na mão, depois para mim que tinha me virado para acompanhá-la — Bom, boa noite.

— Boa noite.

Fiquei plantado no meio do corredor vendo

a boca dela subir em um sorrisinho enquanto virava de costas, abria a porta do quarto, entrava e fechava a porta sem me olhar novamente. Poderia ter beijado ela, poderia ter dito algo bobo e sem sentido e finalmente a beijado, mas não tinha ideia se era o que ela queria, apesar de todos os olhares, era impossível saber, mas que grande idiota.

Livia

Assim que acordei me senti aliviada por não estar de ressaca, havia intercalado as inúmeras taças de vinho com muita água, o que deve ter funcionado para me sentir bem hoje.

Fiquei deitada um pouco lembrando do que aconteceu no corredor no final da noite, quando eu percebi que queria ser beijada, mesmo ali naquela pousada com toda a família do Saulo presente, eu queria ser beijada por aquele homem, e já fazia muito tempo desde que quis ser beijada por alguém, mas se ele sentia o clima entre nós ou se ainda queria me beijar não fez nada e só fui para o meu quarto meio confusa com tudo o que estava sentindo.

Talvez tenha sido melhor assim, estaremos juntos hoje novamente, em um casamento, era melhor não ter acontecido nada, além disso nada daquilo fazia sentido, eu me sentia atraída por ele, de uma forma que nunca tinha experimentado antes. Todos aqueles sorrisos haviam feito alguma coisa dentro de mim mudar ou acender novamente, era uma sensação tão boa, de novidade, de descobrir e conhecer outra pessoa.

Tudo o que tive quando morei em Nova York foram alguns encontros através de um aplicativo, na época só se falava naquilo, mas achei tudo tão frio e estranho que logo parei, sai por um tempo com um rapaz do meu curso, mas era diferente, não havia família ou tantos amigos ao nosso redor, aqui, com o Daniel, eu sei que qualquer coisa que aconteça vai gerar muitas expectativas nas outras pessoas e isso me deixa bastante aflita. Sentei depressa na cama, no que eu estava pensando? Eu devo ter perdido completamente o juízo levando toda a conversa que tivemos ontem à noite para um possível relacionamento que envolveria nossas famílias. Acorda, Lívia.

Era melhor simplesmente tomar café e

colocar a cabeça no lugar. Fui a primeira a chegar no restaurante para o café da manhã, olhei tudo com muita calma, peguei umas torradas, frutas e manteiga, uma xícara grande demais de café e fui sentar em uma mesa longe da entrada e próxima a uma janela. Estava distraída olhando para fora quando escutei uma voz.

— Bom dia, será que eu posso sentar aqui com você? – Olhei por cima do ombro e vi o Daniel em pé ao meu lado, um copo cheio de suco na mão e um prato com alguma coisa, olhei rapidamente ao redor e o lugar estava vazio, só um casal em outra mesa que eu não conhecia.

— Claro – apontei para a cadeira ao meu lado depois que consegui recuperar os meus sentidos, o cheiro dele chegou até mim assim que ele sentou, era um cheiro suave de sabonete, ele ainda não havia feito a barba, o rosto parecia meio áspero com os pelos despontando ainda curtos demais. Ele sorriu enquanto se ajeitava na mesa, percebi que estava o encarando demais e dei um sorrisinho voltando a atenção para minha xícara de café.

Ele tinha terminado de passar manteiga em um pão, mas ao invés de morder, tirou um pedaço

com os dedos e levou a boca, segundos depois de perguntar:

— Então, como você e a Sara ficaram amigas?

Daniel

Era melhor do que eu poderia ter imaginado, entrei no restaurante e a Livia estava sozinha em uma mesa num canto isolado, não pensei duas vezes e depois de me servir caminhei decidido até ela. Eu ainda remoía a noite de ontem e minha falta de atitude naquele corredor, mas hoje era um novo dia, e estava decidido a conhecer essa mulher melhor. Ela parecia distraída, como se seus pensamentos estivessem muito longe dali, percebi que teria que ser eu a puxar um assunto.

— Então, como você e a Sara ficaram amigas? — Ela levantou os olhos tão imediatamente me encarando que engasguei com o pedacinho de pão que tinha colocado na boca — eu e o Igor nos conhecemos no ensino médio, como foi falado ontem — tossi tomando um pouquinho do suco.

— Conheci a Sara quando tinha 10 anos, eu estava passando por uma fase difícil, sofria muito

bullying e ela e o irmão me ajudaram – a expressão dela que parecia tensa se ilumina ao lembrar disso. Tentei vasculhar a memória, mas não conseguia me lembrar de nenhum irmão da Sara, Igor nunca mencionou um cunhado. Resolvi focar na história dela, era ela quem eu queria conhecer.

— Você sofria bullying?

— Eu era uma garota gordinha, com um cabelo muito loiro e rebelde e um aparelho daqueles "freios de burro" – diz dando uma risadinha e fazendo um gesto ao redor da boca mostrando como eram os fios, mas eu sabia exatamente o tipo de aparelho ao qual ela se referia.

— E você usava ele na escola? – Meus olhos ficaram muito abertos de surpresa e talvez um pouquinho de horror, isso a faz rir, uma risada alta e boa de ouvir, fazê-la rir é melhor do que só vê-la rindo de algo.

— Sim – me olha pelo canto dos olhos – minha mãe é uma força da natureza, uma garotinha de 10 anos não era páreo para ela – sorri, mas é aquele sorriso cheio de amor e memórias, não o sorriso diabólico que me perturbava.

— Eu não sabia que a Sara tem um irmão – falei enquanto tirava mais um pedaço de pão e

levava até a boca.

— Ela tinha, ele faleceu... — Notei que ela se ajeitou na cadeira e sorriu de levinho, era um sorriso diferente de todos os que tinha visto até então, e eu tinha visto muitos sorrisos naquele rosto, esse era um daqueles que não chega aos olhos, é quase como se nem fosse para haver um sorriso ali.

— Sinto muito — abaixei o pedaço de pão que ainda estava parado no ar, não sabia porquê disse aquilo, não era o irmão dela, mas de alguma forma o irmão da Sara parecia importante e achei que deveria dizer algo.

— Tudo bem, já faz muito tempo, mas obrigada — sorriu um pouco mais amplamente — é melhor mudar de assunto, por causa do casamento — faz um gesto ao redor, concordei em silêncio — apesar de saber que o Saulo ia amar tudo isso, não era exatamente o tipo de casamento que ele queria, mas sem dúvidas estaria animado em passar um fim de semana inteiro numa pousada como essa, com a família e os amigos.

Fiquei olhando para ela sem conseguir dizer nada, então o tal Saulo mencionado ontem era o irmão falecido da Sara? Achei aquilo estranho,

tentei mais uma vez recordar se o Igor havia mencionado algo assim para mim, mas não, ele nunca mencionou um cunhado, muito menos um cunhado falecido. Resolvi mudar de assunto quando percebi que ela ficou desconfortável com o meu silêncio.

— E você só tem um irmão mesmo? – Meu Deus, eu me tornei uma máquina de perguntas, olhei ansioso para ela, mas a Livia parecia muito à vontade com o interrogatório e a mudança do rumo da nossa conversa.

— Sim, mais velho, um chato – sorriu atrevidamente – mas em parte meu melhor amigo também, o que faz a chatice dele ser relevada, são só dois anos de diferença entre nós, acho que isso ajuda – o rosto ficou parcialmente encoberto por uma grande xícara, só os olhos muito azuis olhando para mim – e você, só uma irmã?

— Sim, só a Isis, bem mais nova, ela tem 23, eu tenho 32.

— Não são superamigos então? – O tom de provocação me faz rir.

— Acho que só agora estamos nos tornando amigos, quando eu fui para o Rio estudar, ela ainda era muito nova, era uma amizade diferente, eu tinha

18 anos e ela 9, na maior parte do tempo que vivemos juntos ela era apenas irritante.

— Aposto que o meu irmão dizia a mesma coisa, mesmo sendo só dois anos mais velho, ele sempre se sentiu muito responsável por mim. Uma vez ouvi ele rezando pendido a Deus que eu crescesse e saísse do pé dele, mas quando isso aconteceu, era ele quem me seguia para todo o lado, tão ciumento...

Dei uma risada, era tão simples conversar com ela, apesar de haver alguns assuntos que pareciam delicados demais, assim que encontrávamos um tema seguro era como se fôssemos capazes de permanecer um na companhia do outro por muito tempo, era algo que nunca experimentei antes, só esse prazer em sentar e conversar com alguma garota, ela era mesmo uma pessoa especial. Estava surpreso e agradecido pelo Igor ter tido a ideia de nos apresentar, era a primeira vez em muito tempo que me sentia realmente interessado por uma mulher e não apenas atraído por ela.

Lívia

Ficamos por ali conversando um pouco mais, até muito depois de termos terminado de comer, sobre a volta dele para Vitória, sobre a faculdade e como ele e o Igor haviam se conhecido. Percebi que ele era mesmo um cara legal, não um dos amigos convencidos e cheios de si do Igor, ele ouvia com atenção as histórias que eu compartilhava e estava sempre rindo, Daniel tinha a mania de tombar a cabeça para trás e olhar para o alto quando ria, às vezes levava a mão a boca se estivesse mastigando alguma coisa. Falei sobre o meu ateliê e as peças que produzia, não me sentia muito à vontade falando sobre aquilo, não sabia bem o que dizer, mas contei que fazia algumas coisas por encomendas e estava tentando montar um pequeno estoque para iniciar uma loja online, além disso estava produzindo uma coleção de acessórios para noivas, contei a história boba por trás do nome LIF e ele adorou.

Por sua vez, Daniel me contou histórias sobre o período de residente, não perguntei porque ele decidiu ser médico, ou se ele gostava de ser médico, mas perguntei por histórias absurdas no pronto-socorro ou situações que o tivessem deixado em pânico. Ele tinha um sorriso hipnotizante

enquanto dizia “*nada me deixa em pânico*”, para na frase seguinte dizer, “*mas uma vez fiquei completamente em pânico por uns segundos, quando no meu primeiro plantão sozinho um homem apareceu com um vergalhão atravessado na barriga*”, foi tão repentino e o sorriso sumiu tão de repente revelando uma expressão chocada, que ri muito alto engasgando com o que provavelmente era minha terceira xícara de café e ele explodiu numa gargalhada também. Foi assim que a Sara nos encontrou.

— Liv! E Daniel – o sorriso dela cresceu demais. Tentei não revirar meus olhos diante da minha amiga, mas acho que falhei.

— Bom dia, Sara.

— Estava te procurando, a sua maquiagem será às 13 horas no meu quarto, ok?

— Claro, estarei lá!

— Não sei como é com padrinhos, mas o Igor vai se arrumar no quarto dele, acho que espera vocês lá...

— Ah sim, ele me avisou. Vou me vestir e vou para lá fazer companhia para ele – Daniel sorriu para a Sara que continuava em pé ao nosso lado com um sorrisinho bobo no rosto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom era isso, vou deixar vocês terminarem o café – disse olhando fixamente para os pratos e copos vazios em cima da mesa – Ah, Liv – olha nervosa para o Daniel antes de falar comigo – minha avó chegou com a minha tia, ela perguntou por você.

— Oh... – Ia começar, olhei ao redor para todas as mesas, olhei para o Daniel parecendo perdida e de volta para a Sara – acho que... Vou primeiro no meu quarto – fiquei de pé num pulo – Depois eu... Eu acho ela depois, ok?

— Claro Liv, não tem problemas.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 5

Daniel

Eu não tinha ideia do que acabou de acontecer, nós estávamos conversando, rindo, e então a notícia de que a avó da Sara estava ali deixou a Livia completamente perdida e ela praticamente fugiu de volta para o quarto. A noiva ainda ficou em pé ao meu lado parecendo meio perdida, olhou para mim como se não soubesse o que fazer.

— Igor está lá fora – falou depois de um tempo – acho que vou atrás da Liv.

— Certo.

Ainda fiquei sentado um pouco confuso com tudo que aconteceu no último minuto, quando estava indo para o meu quarto encontrei meu amigo na recepção.

— Estou indo no lago, olhar o lugar onde
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

será a festa, vamos?

— Claro — estava monossilábico, precisava voltar a falar frases completas, caminhamos juntos por um tempo e quando já estávamos afastados do prédio com os apartamentos finalmente comecei a falar — tomei café com a Livia.

— É mesmo? — Igor sorriu de forma sacana para mim.

— Ela me disse que a Sara tinha um irmão, você nunca comentou nada.

Vi quando os olhos do meu amigo se abriram me olhando cheios de surpresa.

— Liv te contou do Saulo?

— Não, quero dizer, perguntei como ela e a Sara se conheceram, e ela disse que a Sara e o irmão a protegeram quando era criança e sofria bullying na escola, então eu disse que não sabia que a Sara tinha um irmão e ela me disse que ele já havia falecido.

— Certo — agora era o Igor que parecia mudo e meio agitado olhando ao redor, estávamos sozinhos atravessando uma pequena ponte que levava até o outro lado do lago — não conheci o Saulo, ele morreu uns meses antes de eu conhecer a Sara, uns quatro ou cinco meses eu acho.

PERIGOSAS ACHERON

— Entendi — não tinha ideia do porquê estava tão curioso com aquela história, mas todo o mistério e o silêncio das pessoas em torno daquilo me deixava ansioso — o que aconteceu?

— Foi câncer — falou no meio de um suspiro, sendo vencido pela minha curiosidade — pelo que eu soube, ele ficou meses lutando contra aquilo, quase um ano, pelas fotos eu vi que era um cara grande e atlético e no fim ele estava bem mal, muito magro e debilitado já. Teria uns 28 anos hoje.

Balancei a cabeça confirmando. Câncer era uma doença muito traiçoeira, ver pacientes definhando era muito para mim, por mais que me considerasse forte, tinha coisas que eram demais para mim.

— Deve ter sido muito difícil para a família, um rapaz tão novo — falei por fim, precisava dizer alguma coisa.

— Ele e a Liv... — Igor começou e eu aguardei — estavam noivos.

Noivos? Lembrei que ela disse que quando conheceu o Igor tinha “saído” de um longo relacionamento, ela não saiu, o noivo morreu. Minha cabeça começou a fazer contas, um pouco

mais de dois anos que ele faleceu, ela teria então, no máximo, 24 anos. Isso explicava como a Livia conhecia minha mãe, Saulo deve ter sido paciente dela, e explicava porque ela ficou tão incomodada com o assunto ontem à noite.

— E por que diabos vocês estão me empurrando para ela? — Explodi. Igor parou no mesmo lugar me olhando chocado.

— Não estamos fazendo isso.

— Estão sim! Num casamento! O noivo dela morreu! A família dele toda está aqui hoje e vocês estão me empurrando para ela!

— Não, nós só achamos que vocês se dariam bem.

— Vocês não podem decidir isso e, principalmente, não podem me usar para fazê-la superar isso!

— Superar? Liv já superou isso — Igor fez uma careta.

— Não foi o que pareceu quando a Sara avisou que a avó dela estava aqui e a Livia saiu praticamente correndo do café da manhã. E por que diabos você não me contou isso antes?

— A avó da Sara é muito idosa, tem a memória muito ruim, ela ainda pergunta pelo Saulo

como se ele estivesse vivo, como se fosse o casamento deles, sei que esse fim de semana não será fácil para a Liv, mas ela já superou essa perda, não estou dizendo que ela não sente a falta dele, ou não se importa, mas que está tentando seguir em frente, ela sempre fala sobre ele com muita tranquilidade. Sobre não te contar, eu não lembrava que nunca tinha mencionado o Saulo e ontem a Liv pediu que não contássemos nada – olhei confuso para ele, estava tão irritado e perdido com todas aquelas informações – ela não entendia bem como você não sabia de tudo ainda, mas pediu a Sara para não falar nada esse fim de semana, não queria que você sentisse pena dela...

Pena? Eu me sentia mal por ela, não conseguia acreditar que tudo aquilo tinha acontecido na vida da Lívia, ela era tão nova. Voltei a caminhar em silêncio na direção do local da festa, segundos depois Igor me alcançou.

— Dan, eu não pensei em te usar para nada. Nós nunca te apresentaríamos para a Liv se ela ainda sofresse pelo Saulo. Não convivi muito com ela, mas conversamos muito online, conheço ela um pouco, e a ideia de apresentar vocês dois foi da Sara, eu nem tinha imaginado isso antes, mas

quando ela mencionou, achei que fazia sentido, vocês passaram por experiências diferentes, mas estiveram em relacionamentos muito longos e tem personalidades muito parecidas...

— Vocês não deveriam se meter nisso... — Suspirei, é claro que eu queria culpar o meu amigo, mas eu conheci a Livia uma semana antes, com o Igor e a Sara se intrometendo ou não, eu teria dado um jeito de encontrar com ela novamente, eles só tinham facilitado a minha vida.

— Você não acredita em mim, mas você acha que a Sara faria isso? É o irmão e a melhor amiga dela! E a ideia foi da Sara, também não é como se você fosse ser o primeiro cara com quem ela fosse ficar depois de tudo, já faz mais de dois anos — ele faz uma expressão irritada com toda aquela conversa — Liv seguiu em frente, ou pelo menos ela vem tentando seguir em frente.

— E você sabe disso por quê?

— Porque ela conversa comigo, nós sempre conversamos sobre isso, não sei, acho que ela encontrou em mim alguém da “família” com quem se sente confortável em falar sobre isso, alguém que não vai julgá-la por querer seguir em frente. Sara também não julga, acho que nenhum deles

seriam capazes de julgá-la por isso. Os pais da Sara amam essa garota como se fosse filha deles, ela nunca vai deixar de ser parte da família, não importa o que aconteça, mas acho que a Liv não percebe isso. Foi por isso que resolvemos apresentar alguém para ela, por isso pensamos em você, porque vocês têm muitas coisas em comum.

— Certo — estava monossilábico novamente.

— Estou falando sério, não faria isso com você, mas o mais importante, Sara nunca faria isso com a Liv.

Eram muitas informações, não podia nem começar a imaginar por tudo o que ela havia passado e, eu gostava dela.

Ontem no início da tarde ela era só uma garota muito bonita, mas hoje já conseguia entender que a Livia era muito mais do que isso, era engraçada e inteligente, e de alguma forma sabia que se conversasse mais, ia gostar ainda mais dela. No café da manhã já estava ansioso pelo casamento, pela festa quando nós finalmente poderíamos conversar mais, mas agora com tudo isso, era como se eu não tivesse o direito.

Não podia flertar com essa garota durante

um casamento, não poderia dormir com ela esse fim de semana, porque esse era o plano que começava a surgir na minha cabeça, e não podia simplesmente beijá-la no meio da festa, com a família do noivo falecido toda por ali. Não importa o quanto o Igor diga que todo mundo quer vê-la feliz.

Ao todo nós só conversamos por algumas horas, eu a tinha visto pela primeira vez na vida uma semana atrás, e ainda assim, quando ela me olhava parecia que podia me ler inteiro e isso me deixou aterrorizado.

Livia

Estava sentada na cama pensando em como fazer aquilo quando ouvi uma batidinha na porta e me levantei para ver quem era. Sara estava em pé no corredor parecendo meio perdida.

— Ei, posso entrar?

— Claro, entra – voltei para dentro do quarto e deixei que minha amiga fechasse a porta nas minhas costas – estou bem, é só que a sua avó fala muito sobre ele, como se ele ainda estivesse aqui e... Não sei, isso ainda é um pouco difícil para

mim.

— Eu entendo, achei que te encontraria chorando.

— Achei que iria chorar, mas não sei, pela primeira vez as lágrimas apenas não vieram.

Eu sabia que esse fim de semana seria difícil, mesmo que já fizesse um bom tempo desde a morte do Saulo, era um casamento afinal e o último casamento que deveria ter acontecido era o meu e o dele. Nas semanas finais, quando ele já estava muito debilitado no hospital, eu fiz uma promessa ao Saulo, prometi que seguiria em frente, que encontraria alguém. O odiei por algum tempo por me fazer prometer algo assim, mas prometi e não conseguia cumprir minha promessa. Conheci um monte de gente nos últimos anos, mas nunca deixei ninguém se aproximar o suficiente de mim, não a ponto de me importar com a pessoa. Ninguém era o Saulo. Ninguém nunca seria ele, é claro.

Estava feliz pela Sara e o Igor, todo mundo estava feliz, quando a mãe da Sara falou sobre o Saulo no dia anterior quando só nós três estávamos juntas, foi com sorrisos e pensamentos de “*ele ia adorar tudo isso*”, exatamente a forma como eu

disse ao Daniel no café, mas a avó da Sara era outra coisa. Nas poucas vezes que conversamos nos últimos anos, ela sempre falava como se fosse o meu casamento e do Saulo que estivesse chegando, perguntava por que eu estava sozinha, por que o Saulo não aparecia mais para visitá-la, mas principalmente ela sempre falava como nós éramos o seu casal favorito no mundo inteiro e que nunca existiria ninguém como nós dois, nunca mais.

E eu realmente sentia que aquilo era verdade, nunca mais haveria nada como nós dois, eu poderia conhecer alguém e me apaixonar, estava certa que isso acabaria acontecendo, mas ainda me prendia a ideia daquele relacionamento perfeito e da nossa história, que ele adorava contar para todo mundo sempre com um sorriso imenso no rosto enquanto me abraçava e me enchia de beijos.

E agora estava me sentindo um pouquinho mal porque, bem ali, rodeada de todas as pessoas que o Saulo mais amou na vida, eu estava realmente interessada em outra pessoa. Daniel havia ocupado boa parte dos meus pensamentos desde que apareceu no dia anterior. Era estranho, no fim de semana em que eu acreditava que a presença do Saulo seria quase que física ao meu

lado, eu só tinha cabeça para o amigo do Igor que acabei de conhecer.

— Quer dar uma volta? Podemos ir até o gazebo, já estão organizando as coisas por lá e quero dar uma olhada.

— Preciso ir ver sua vó.

— Na volta eu vou lá com você.

Concordei em ir com ela, eu precisava mesmo dar uma volta e clarear meus pensamentos, além disso, eu evitaria o máximo possível aquela conversa. Peguei a minha câmera e saí com a minha amiga, fomos caminhando em silêncio dentro do hotel, até que passamos pelo deck da piscina. A festa do casamento será numa espécie de gazebo muito grande que fica quase na entrada da pousada, em parte sob o lago. É para lá que caminhamos.

— Então você e o Daniel estavam juntos hoje cedo – Sara fala como se não estivesse nem um pouco interessada naquilo, mas eu conheço bem demais a minha amiga, resolvi que era melhor contar a verdade.

— Eu estava lá e ele apareceu, ficamos conversando.

— Quer dizer que não foi uma ideia tão

ruim apresentar vocês dois?

— Eu não ficaria tão convencida se fosse você, na verdade, eu conheci ele antes — Sara me olha entre surpresa e curiosa, dou uma risada — no jantar do deputado, o que eu fui com o meu pai, ele falou comigo lá.

— Do nada?

— Do nada, parecia me seguir pela festa, queria meu telefone, não dei — adiantei a informação diante da agitação dela — depois encontrei com ele no sábado passado, no bar do Ti, uma situação estranha com a Manu bêbada e o Patrick nervoso, ele queria meu telefone de novo — olhei para minha amiga que estava agitada do meu lado.

— Ai meu Deus! Você... — Deu um soquinho no meu ombro me fazendo gargalhar — E você deu?

— Não... — Sorri mais — eu queria, mas não sei, foi tão de repente que neguei.

— Queria ter visto a cara de vocês quando se encontraram ontem. Então ele já estava completamente afim de você, hem? Só de te ver em uma festa? Imagino agora que te conhece. Nunca ia imaginar tudo isso quando decidi que você entraria

com o Daniel. Eu ia te colocar com o Arthur, mas achei que você se negaria...

— Eu aguentaria uns 30 minutos ao lado do Arthur por você.

— Bom saber! Mas não quero que você aguente as coisas por mim, quero que você seja feliz.

— Eu sou feliz.

— Feliz com alguém – disse baixinho, mas não dei atenção.

— Ele parece um cara legal – falo enquanto paro para olhar umas flores na lateral do caminho.

— Ele é. Quero dizer, estive com ele poucas vezes, mas é o melhor amigo do Igor, e o Igor sempre tem coisas boas para falar sobre ele.

— Arthur disse que ele é um mulherengo.

— Sério? Nunca ouvi o Igor dizer nada do tipo, mas pode ser, ele é solteiro, nunca vi ele com nenhuma namorada nesse tempo que estou com o Igor, mas sei que ele namorou muitos anos uma garota.

— 8 anos... Ele mencionou – respondi depois que a Sara ficou me olhando muito curiosa – e ele é muito bonito, com aquele semblante tranquilo – senti a mão da minha amiga no meu

braço e quando olhei, ela parecia estar prendendo a respiração.

— Você gostou dele?

— Só conversamos um pouco...

— Mas você acha ele bonito?

— Todo mundo parece achar ele bonito, até sua mãe ficou abalada.

Isso fez a Sara dar uma gargalhada.

— Vocês são muito bonitos juntos – falou satisfeita – ontem à noite conversando sozinhos e hoje de manhã quando cheguei no café, fazia muito tempo que eu não via você rindo daquele jeito.

— Isso não é verdade.

— Quero dizer, você sempre está rindo comigo, ou o seu irmão, ou com nossos amigos e seus pais, mas fazia tempo que não te via rir assim com um rapaz, era quase como se eu te visse com o... – Então ela parou. Ficamos nos olhando em silêncio – desculpa.

— Você pode falar dele comigo.

— Eu sei, mas não quis comparar o que você e o meu irmão tiveram com um momento entre você e o Daniel, que você acabou de conhecer, achei que estava fazendo pouco caso dos seus sentimentos e sei que você amava muito o meu

irmão.

— Tudo bem, acho que foi um pouco como eu e o Saulo mesmo, quero dizer, como a amizade que nós tínhamos, não é estranho? Nós só estávamos conversando e rindo, não vi o tempo passar, estava me divertindo e, pela primeira vez, não me senti culpada. Ainda não me sinto culpada por conversar e rir das histórias de um outro rapaz...

— Que está interessado em você.

— Que está interessado em mim – senti meu rosto corando ao assumir essa informação.

— Eu nem sabia desses encontros anteriores, mas percebi pela forma como ele te acompanha com os olhos – fala com um grande sorriso e dou outra gargalhada no minuto em que escutamos a voz do Igor atrás de nós.

Quando me virei vi ele e o Daniel caminhando na nossa direção. Sara ainda me dá uma olhada significativa e diz “*só observe bem como ele te olha*”, me fazendo ficar completamente vermelha.

E ali estava ele, caminhando na minha direção, me olhando fixamente como se não existisse mais nada ao redor, mas era um olhar

diferente, diferente do corredor de quando imaginei que iríamos nos beijar, ou do café da manhã. Não entendia exatamente como, mas naquele minuto soube que o Igor havia contado tudo para ele.

Daniel

O espaço reservado para a festa é um ambiente muito diferente, uma espécie de gazebo gigante. Fiquei em pé nos fundos, numa área aberta com vista para o lago, pensando em tudo o que Igor havia contado sobre a Lívia e o irmão da Sara e juntei essa história as outras partes que tinha ouvido. O que eles tiveram foi algo importante, não foi só um namorinho de adolescentes, estavam noivos, ninguém fica noivo só por ficar. Namorei por 8 anos e não fui noivo.

Estava distraído olhando a paisagem quando vi a Sara e a Lívia aparecerem na ponte sobre o lago, as duas estavam conversando, pararam perto de umas flores, eu estava muito longe para ouvir o que elas falavam, muito longe até para identificar a expressão delas enquanto conversavam. Comecei a me sentir esquisito, parecia que estava escondido

olhando para elas, levantei e fui atrás do Igor.

— Ah você está aí! Vamos voltar? — Igor veio sorrindo da entrada do gazebo.

Pensei em falar que a vi a Sara e a Livia indo para ali, mas acabei ficando em silêncio e comecei a andar em direção a porta.

— Você vai ficar mesmo com raiva de mim por te apresentar a Livia? Vocês iam se conhecer de qualquer forma esse fim de semana, não é como se eu e a Sara tivéssemos feito grande coisa.

— Não estou com raiva — respondi baixo sem olhar para ele — e conheci ela na sexta-feira passada — ele estancou no mesmo lugar me encarando — ela tinha parte do cabelo rosa, nos encontramos no jantar de aniversário do Marcos Abadi, Livia basicamente me deu um fora.

Escuto meu amigo resfolegar enquanto tenta sufocar uma risada, não sei se isso me irrita ou me diverte, mas sigo atravessando o gazebo.

— Eu sabia que você ia gostar dela.

— De novo isso? Quem disse que eu gosto dela?

— Você é horrível em disfarçar o que sente e é pior ainda em admitir.

— Igor, não sei o que fazer com toda essa

informação, nem entendo exatamente o que ela espera de mim...

— Não sabe o que fazer? — Ri, mas quando vê minha expressão de irritado parece meio arrependido.

— É óbvio que fiquei interessado na Lívia, primeiro porque ela é bonita, só isso foi o suficiente, mas você me fez vir um dia antes para eu realmente conhecê-la e perceber que ela é mais do que bonita, e eu percebi isso, nós mal conversamos e já percebi isso. Passei a noite pensando em alguma situação que fizesse com que o dia de hoje terminasse com essa garota no meu quarto, é um casamento, todo o clima de romance, uma pousada, faria todo sentido. E para falar a verdade, estava indo bem, todos os olhares ontem à noite, o clima no corredor, toda a conversa no café da manhã, achei que resultaria em algo, mas agora eu descobri que estou em um casamento com todos os familiares do noivo falecido dela e tudo parece errado...

— Mesmo com todo esse clima em todos esses momentos que você acabou de citar?

— Posso ter entendido tudo errado, posso ter entendido o que eu queria entender porque

fiquei hipnotizado por ela no minuto que a vi uma semana atrás! – Enfatizo isso para mostrar minha situação lamentável para o meu amigo – Isso é ridículo, ela nem é tão bonita assim, é? – Eu me sentia um garotinho bobo, impressionado demais e não tinha ideia de com o que exatamente.

Igor olhou para mim com uma sobrancelha erguida e na mesma hora demos uma risada lembrando do Arthur e o seu “*verdadeiramente bonita*”.

— Dan, você é quem sabe. Mais de dois anos se passaram, é claro que a data e a noite talvez não sejam ideais, mas os dois estão aqui e como eu disse, você não seria o primeiro cara com quem ela fica depois de tudo. No meu ponto de vista existem duas opções: você pode seguir o seu plano e fazer algo acontecer, ou pode ficar num canto olhando Arthur ou outro cara qualquer tentar, porque meu amigo, alguém vai tentar e talvez, alguém vai conseguir. Arthur sabe da história e tenta desde sempre. Vou deixar que você decida isso sozinho, fiz minha parte, apresentei vocês com a melhor das intenções, minha influência termina aqui.

Ele termina de falar e começa a andar para fora do gazebo me deixando ainda mais perdido

sobre tudo. É quando finalmente vemos as duas paradas ainda perto da ponte.

— O noivo deveria ver a noiva antes do casamento?

— Se ela não estiver vestida de noiva acho que tudo bem – Sara sorri muito para ele.

Lívia ainda estava sorrindo de alguma coisa que as duas conversavam, senti mais uma vez que meus olhos estão presos nela, será que imaginei todo o clima, que interpretei errado todos os olhares? Não estava muito certo de que conseguiria seguir adiante com tudo o que planejei, não que tivesse muitos planos, eram mais esperanças. Tudo o que eu tinha eram alguns olhares e umas conversas amigáveis, que não significavam nada realmente. Meu grande plano para conquistar a garota era bem básico: ficar por perto, mas não forçar minha presença, manter uma conversa enquanto houvesse assunto, fazê-la rir, me aproximar aos poucos e beijá-la, parecia fácil de executar, mas agora não sabia mais de nada.

— Tudo certo lá dentro? – Ouvi a Sara falando com Igor e ele confirmando. Vi a expressão da Lívia mudar de risonha para desanimada, e então para uma expressão que se manteve neutra apenas

ouvindo a conversa dos outros dois.

— Acho que quero ir lá ver as flores, você volta comigo? — Sara está agarrada ao braço do Igor puxando-o para longe. “*Não está me empurrando para ela, até parece*”, pensei vendo os dois se afastando ainda em silêncio, fiquei praticamente de costas para Livia, mais uma vez estávamos sozinhos, horas atrás teria adorado a oportunidade, mas agora não sabia o que dizer.

— Ele te contou, né? — Ouvi ela falando e girei o corpo parecendo surpreso — ele te contou sobre o Saulo.

— Como você...

— Sei? Pela cara que você veio de lá me olhando — diz apontando na direção onde a Sara e o Igor seguiam juntos de mãos dadas.

— Minha cara? — Faço uma careta como quem diz que aquilo não faz o menor sentido — acho que você não me conhece tão bem para saber o que se passa na minha cara.

Isso foi grosseiro, pensei assim que terminei de falar, mas sentia o pânico crescer dentro de mim, ela podia mesmo me ler e interpretar com tanta facilidade? Quando olhei para a Livia novamente, vi que ela revirava os olhos e suspirava.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É claro que não te conheço o suficiente para isso, mas estou mais do que acostumada a identificar um olhar de pena...

— Pena? — Agora estava realmente surpreso.

— Um olhar de “*pobrezinha, o noivo morreu*”.

— Não estava pensando nisso — falei com muita tranquilidade dando de ombros, naquele minuto, realmente não estava pensando nisso — apesar de lamentar que tenha acontecido com você — completei olhando nos olhos dela, ela continuava no mesmo lugar, os olhos cravados em mim — sinto muito mesmo.

— Obrigada, mas já faz muito tempo — parece desconfortável com aquilo, diz tudo isso olhando ao redor e com um gesto com as mãos como se aquilo não importasse mais.

— É claro, mas...

— Estamos em um casamento com toda a família dele? — Sorri, aquele mesmo sorriso enviesado, parece um tipo de defesa para esconder o que realmente se passa na sua cabeça — percebi a situação no minuto que os dois pombinhos ali ficaram noivos, tive bastante tempo para assimilar e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

processar tudo o que iria acontecer aqui hoje e bolar um plano.

— Um plano?

— Para sobreviver a todos os olhares de piedade que serão lançados para mim no minuto que colocar meus pés naquele deck para cerimônia e atravessar um corredor repleto de familiares do Saulo.

Fiquei olhando para ela por um segundo, Livia se virou e começou a andar de volta para a pousada e, como parecia acontecer sempre, eu a segui. Estava pensando na força dela em passar por tudo aquilo, percebi que a admirava um pouco mais por isso, na lista de adjetivos que estava fazendo mentalmente ao lado do nome da Livia acrescentei: forte.

— Posso te ajudar? – Me olhou confusa – com o seu plano, para que ninguém te olhe com piedade. O que você planejou fazer?

— Quer mesmo saber?

— Claro!

— Meu plano consiste em ficar completamente bêbada e assim não notar os olhares – falou muito séria, mas então me olhou e deu uma risada, não resisti e ri também – era de se esperar

PERIGOSAS ACHERON

que com tanto tempo eu teria pensado em algo melhor, mas...

— Sou ótimo em conseguir bebidas, serei seu fornecedor, você não ficará um minuto sequer sem um copo cheio na sua mão.

— Não me faça promessas!

— Está prometido, esqueça os garçons e confie em mim! – Eu estava olhando para frente e sorrindo quando percebi que ela me olhava com o maior dos sorrisos que tinha visto até então.

Eu não tinha ideia do que aconteceria, não tinha ideia do que estava sentindo, mas de alguma forma queria ser um tipo de amigo para ela, pelo menos por hoje.

Livia

Quando terminamos de atravessar a ponte, olhei para a pousada e depois para a trilha que margeava o lago, estava com a câmera, não queria realmente voltar para o quarto.

— Acho que vou caminhar um pouco, tirar umas fotos – falei sem olhar para ele, e depois num impulso disse – quer vir?

Vi ele olhar para a ponte e o gazebo, nem sinal da Sara e do Igor.

— Claro — fez um gesto para o caminho e começamos a andar lado a lado em silêncio.

Não sabia exatamente o motivo pelo qual fiz o convite, era um tipo de intuição que dizia para que caminhássemos um pouco juntos. Parei em uma parte do caminho enquanto fotografava o gazebo do outro lado, e depois tirei uma outra foto que mostrava o lago e a ponte, não poderia seguir muito adiante sem realmente conversar com ele, ou nada daquilo faria sentido.

— Ele era é o melhor amigo do meu irmão, vivia lá em casa, foi como nos conhecemos, eu e o Saulo — falei enquanto voltava para a trilha, Daniel estava alguns passos distante, olhando ao redor de forma distraída, mas quando me ouviu pareceu endireitar o corpo e prestar atenção — eu seguia os dois para todo lado, para o terror do meu irmão, quando a Sara foi para a mesma escola que nós três já estudávamos ficamos amigas imediatamente, e aí era impossível nos evitar — olho para ele com um sorrisinho maroto que o faz sorrir de volta — acho que comecei a gostar dele de verdade no dia que ele me defendeu de um valentão na escola, eu tinha só

10 anos.

— O que aconteceu nesse dia? — A voz do Daniel era tão baixinha que precisei olhar para ele e ver nos seus olhos que realmente havia dito aquilo e aguardava uma resposta.

— Um garoto mais velho estava no meu pé por causa do meu aparelho, Saulo apareceu uma vez e mandou o garoto me deixar em paz — Daniel abriu um grande sorriso, percebi que estava rindo também — meu irmão não estava na escola naquela semana, geralmente era ele quem me defendia. Na saída um outro dia, eu estava sozinha quando o mesmo garoto apareceu novamente, ele falou um monte de coisas, sobre meu irmão, o Saulo e sobre mim, e quando eu respondi, ele me jogou no chão, foi quando o Saulo apareceu e deu um soco no garoto, eles rolaram pelo chão pelo que parecia ser uma eternidade.

— Ele foi o seu herói...

— Foi mesmo e fez questão de me lembrar disso por anos. Ele era bem pouco modesto — paramos numa bifurcação da trilha olhando para os dois lados, tentando decidir por qual ir, até que o Daniel apontou para um lado e seguimos caminhando.

— E foi por isso que você se apaixonou? — Ele quase parecia arrependido de ter perguntado aquilo.

— De certa forma sim, eu tinha só 10 anos, ele tinha 12, eu gostava como ele era muito mais paciente comigo do que o meu irmão, mas ao mesmo tempo ele era um garoto de 12 anos, o que fazia dele um tipo nojento — Daniel deu uma risada muito alta, que parecia ressoar no espaço aberto em que estávamos — só fui perceber que estava apaixonada mesmo aos 14 anos, quando ele arrumou uma namorada e fiquei com ciúmes. Nessa época nós éramos muito amigos, eu, ele, a Sara e o meu irmão. É estranho pensar que foi ciúmes que fez com nós notássemos que aquele gostar não era exatamente um gostar de melhores amigos, sabe?

— Acho que sim... — Disse puxando uma folha de um arbusto, então girou para mim e disse — na verdade não, nunca me apaixonei por uma garota que tenha sido minha amiga antes, eu me apaixonei, nós começamos a namorar e então, conforme o relacionamento foi crescendo, nos tornamos amigos.

— Entendo, parece que é o que acontece com a grande maioria das pessoas, e pode ser por

isso que tenho tantas dificuldades hoje em dia, é difícil para mim acreditar que possa me apaixonar por uma pessoa sem realmente conhecê-la.

— Não é o caminho natural para você – fala caminhando, fico parada vendo só as costas dele se afastarem lentamente.

— Não, acho que não – volto a andar ficando lado a lado com ele novamente – mas acho que... Não sei, não posso esperar que isso aconteça duas vezes na minha vida, né?

— O que?

— Me apaixonar por um amigo.

— Coisas mais estranhas já aconteceram – sorri de forma encorajadora – e qual foi o episódio que deixou ele com ciúmes?

— Ah, foi um ótimo episódio. Sabe o valentão que fazia bullying comigo quando eu tinha 10 anos? – A expressão dele era uma mistura de curiosidade e descrença, Daniel sabia o que viria a seguir — eu tinha 15 anos quando esse rapaz apareceu se desculpando por ter sido um idiota, estávamos numa festa e eu pensei "por que não?"

— Não acredito nisso, Lívia!

— Ele estava arrependido – falo muito convincente, mas então estrago tudo ao dizer – e

tão bonito.

— Se fosse eu, também teria ficado revoltado, onde já se viu! — Ele praticamente bufou e levou um susto quando escutou minha risada.

— Saulo ficou muito revoltado também e eu fiquei ainda mais revoltada com ele por brigar comigo, é claro.

— Bom, sinto lhe dizer que nesse caso específico ele, e não você, teria toda a minha solidariedade.

— Posso imaginar que sim — disse rindo e observei ele rindo também, era bom finalmente contar essa história para ele, sentia como se ele fosse a última pessoa a descobrir tudo isso, ou pelo menos, a última pessoa para quem eu precisaria contar tudo.

Daniel

Fico parado olhando para ela sorrindo, estamos mais uma vez, em uma conversa muito profunda, o tipo de coisa que nunca converso com ninguém, e ainda assim aqui está essa garota que conheci há poucos dias e com quem me sinto

completamente confortável para falar sobre tudo isso. Tinha a estranha sensação de que era muito fácil para ela sorrir, ela enxergava as coisas com certa leveza e bom humor.

Percebi que não me importava nem um pouco em ouvir as histórias de como ela havia conhecido e se apaixonado pelo ex, o que me fez imaginar que não estava tão interessado assim nela, caso contrário deveria sentir um pouco de ciúmes, não? Quero dizer, ele estava morto, o que poderia fazer? Podia perceber que era uma boa história e que ela gostava de contá-la, de relembrar como tudo aconteceu.

Lívia tinha se afastado, estava de costas para mim fotografando alguma coisa. Permaneci em silêncio olhando para ela uns segundos a mais, refletindo sobre tudo o que havíamos conversado no pouco tempo que nos conhecíamos. Estava muito distraído pensando sobre como me sentia bem na presença dela quando percebi que ela estava parada do outro lado olhando para mim com certa curiosidade e um pequeno sorriso.

— Você ficou muito sério de repente.

— Estava pensando que a gente mal se conhece – falei sem refletir, e ao ver a expressão

dela parecer um pouco confusa com aquilo, completei – e mesmo assim, me sinto bem com você.

— Bem? – Ela arqueou uma das sobrancelhas, era um gesto muito estranho, entre divertido e ofendido, algo que só ela conseguia parecer expressar tão bem.

— Não sou muito de conversar ou falar sobre minha vida, mas com você acabo sempre contando alguma coisa.

— Na verdade, eu contei muito mais sobre a minha vida do que você – sorriu e parou do meu lado, encostando na cerca de madeira e deixando só alguns centímetros entre nós, também virada para frente. Acho que fiquei olhando tempo demais para ela, tanto que percebi ela ficando desconfortável, Lívia levantou a câmera e fotografou a paisagem na nossa frente.

— Você está certa – vi os lábios dela subirem num sorrisinho convencido.

— Que tal me contar alguma coisa então?

— Que tipo de coisa?

— Por exemplo, por que seu namoro de 8 anos terminou? – Ela girou o corpo ficando de frente para mim, ainda apoiada na madeira da

cerca.

— Não prefere que eu conte como me apaixonei?

— Vocês se conheceram em algum lugar, ficaram algumas vezes e então você se apaixonou.

— Em uma festa da faculdade, no resto você tem razão.

— Geralmente eu tenho mesmo – aquele sorrisinho convencido aumentou e senti meu estômago saltar, não queria contar que tinha sido traído e trocado por outro, era um fim de relacionamento tão idiota, alguma coisa na minha expressão deve ter me denunciado, porque o sorriso dela sumiu e ela falou muito baixo – desculpa, eu não deveria ter te perguntado algo assim.

— Não faz mal, só não é algo que eu goste de lembrar.

— Nenhum fim é – Livia se afastou um pouco, mas não continuou caminhando, então do nada parou e virou o corpo ficando frente a frente comigo – Saulo ficou doente por meses, foi um choque muito grande quando descobrimos e por muito tempo tivemos muitas esperanças, ele era muito novo...

— O que ele teve? – Engoli em seco, lá

estava eu mais uma vez sendo inconveniente e a enchendo de perguntas – Igor me disse que foi câncer... – Falei baixinho como se aquilo a eximisse de comentar mais alguma coisa. Ela suspirou e encostou novamente na cerca, agora um pouco mais longe.

— Câncer no estômago. Foram muitos meses no hospital, duas cirurgias, muita quimio, mas ainda assim, o câncer sempre voltava. Foi como eu conheci a sua mãe, ela foi a médica dele por um tempo.

— Sinto muito – disse a única coisa que poderia dizer. Eu já tinha visto alguns pacientes debilitados pelo câncer, e o câncer no estômago não era o dos mais simples de acompanhar, principalmente nesses casos fatais onde a família praticamente tinha que ver a pessoa definhando e sumindo em uma cama de hospital.

— Era de se esperar na época que, de alguma forma, eu fosse estar pronta quando ele finalmente partisse, ele já estava tão cansado de tudo aquilo, acho que o Saulo resistiu por muito mais tempo do que ele provavelmente queria por causa da minha teimosia, eu não podia desistir dele e de alguma forma, custava a ele também desistir

de mim, por mais que ele insistisse que eu precisava seguir com a minha vida, eu era ainda mais insistente em dizer que ele ficaria bem, não fazia a menor diferença a opinião dos médicos – me deu uma olhadinha como quem se desculpa, mas eu podia entender aquilo – ele faleceu uma semana antes da data que havíamos marcado o casamento, tudo já havia sido cancelado com a perspectiva de uma nova data, é claro, ainda assim foi algo muito significativo para mim, parece que minha vida estava mesmo destinada a mudar completamente naquela semana, eu só não podia imaginar que seria da forma como foi.

— Não posso nem começar a imaginar tudo o que você passou – falei quando percebi que ela tinha levado uma das mãos ao rosto secando uma lágrima – me sinto realmente bobo agora por ter ficado tão mal por tanto tempo por causa do fim do meu namoro que não foi nada parecido com o seu...

— Todo fim é sofrido quando não queremos ele... – Começou a dizer, mas a interrompi.

— Não, eu realmente passei os últimos três anos agindo de forma inconsequente e justificando isso pelo “trauma” do fim do meu relacionamento,

e não vivi 2% do que você passou, mal posso falar sobre a minha ex, apesar dela estar muito bem de saúde e me enviando mensagens até hoje, sempre que lhe convém é claro – digo com um sorriso forçado.

— Ela provavelmente o magoou muito, para que você se sinta assim.

— Acho que estava no direito dela, quando alguém não se sente feliz em um relacionamento, tem o direito de seguir em frente, certo? – Olho para ela que se limitou a balançar a cabeça concordando – na época tentei ser compreensivo e ver dessa forma, apesar da única coisa que ela me disse quando terminou é que a vida tinha ficado chata comigo – falei e então tossi, coçando a garganta sem acreditar que tinha acabado de dizer aquilo em voz alta e justamente para a Lívia. Fiquei em silêncio, meio constrangido, não era exatamente algo bom para revelar sobre si mesmo, ainda mais quando sentia uma necessidade estranha de impressionar aquela garota.

— Isso não me parece muito justo – escutei ela dizer e a olhei meio perplexo – longe de mim querer dizer qualquer coisa sobre como era o relacionamento de vocês, já que não faço a menor

ideia, mas também namorei por muitos anos e a responsabilidade de tornar um relacionamento interessante não pode cair só sobre uma pessoa, não quando as duas se amam. Além disso, quando se passa tanto tempo com uma mesma pessoa, mudamos muito. No meu caso por exemplo, eu tinha só 15 anos quando comecei a namorar o Saulo, terminei o ensino médio, fiz vestibular, faculdade, arrumei o meu primeiro emprego, tantas coisas mudaram no tempo que estivemos juntos, nós dois crescemos e mudamos muito, é claro que uma hora ou outra as coisas pareciam não funcionar mais. Acho que tudo é uma questão de caminhar juntos, de ainda desejar a mesma coisa, todos nós mudamos, não sou a mesma garota de 15 anos, não sou nem mais a mesma de quando tinha 24 e passei por tudo isso, se a pessoa que está conosco não entende, não acompanha, ou não aceita essa mudança, é impossível mesmo continuar juntos.

— Foi mais ou menos assim mesmo, eu terminei a faculdade de medicina e comecei a fazer especialização, estava sempre estudando, muito focado no meu curso, e ela havia terminado a faculdade dela e queria voltar para Vitória, acho que foi quando nos desencontramos, os caminhos

quero dizer – olho para a Lívia com um sorrisinho – até namoramos um tempo a distância, mas não deu certo, minha rotina era muito puxada, eu tentava acompanhá-la em tudo o que ela queria fazer, mas estava sempre cansado, às vezes só queria passar um fim de semana em casa com ela, por isso acabei dando razão para a crítica, eu fazia o meu melhor para estarmos sempre juntos, mas não tinha muito ânimo para ir em festas ou sair, uma semana depois descobri que ela já tinha um novo namorado, provavelmente já estava com ele antes.

— Então ela provavelmente usou isso como desculpa para terminar com você, sem coragem de dizer a verdade, que precisava terminar porque se apaixonou por outro – sua voz tinha um tom de raiva e rancor que me fizeram ficar de frente para ela, parecendo um pouco assustado com aquela reação, foi quando ela suspirou e se virou para mim também, os olhos indo direto para os meus – meu irmão passou pelo mesmo. Ele namorou uma garota por quase um ano.

De repente ficar ali me encarando pareceu demais e a Lívia começou a andar novamente, não havíamos nos afastado muito ainda da pousada, por

isso ao invés de voltar, seguiu andando mais para dentro de uma pequena mata.

— Eu e meu irmão sempre fomos muito próximos e quanto mais doente o Saulo ficava, não sei explicar, meu irmão era a única pessoa com a qual eu conseguia conversar, eu não queria preocupar ainda mais os meus pais que já estavam muito ansiosos com o meu estado físico e mental, e não sentia que podia desabafar com a Sara, porque era o irmão dela e ela sofria tanto ou mais do que eu, então, eu só tinha o Gui, tinha noites que eu chegava mesmo a dormir no quarto dele, depois de ficar exausta de tanto chorar e ele ficar só do meu lado, abraçado comigo, me ouvindo. Ele tinha essa namorada com a qual nunca me dei bem, e ela começou a ter muito ciúmes de mim e da atenção que meu irmão me dava, era estranho. Eu não queria me meter no relacionamento deles, mas ele estava apenas sendo meu irmão, cuidando de mim, além disso era o melhor amigo dele também. Eu praticamente vivia no hospital na época que eles terminaram, ela disse que ele não se importava com ela e não tinha tempo para eles, quando na verdade só estávamos passando por uma fase horrível, até que dias depois um amigo meu me contou que ela

PERIGOSAS NACIONAIS

estava namorando um outro rapaz, dias depois de ter terminado com o meu irmão, ela não estava conhecendo alguém, ou ficando com alguém, ela estava namorando mesmo! Eu estava na pior fase da minha vida e não consegui ser para o meu irmão o apoio que ele foi para mim em todo aquele tempo.

— Tenho certeza que ele entendia o que você estava passando.

— Eu sei, mas isso não me impedia de me sentir mal por tudo aquilo. Eu tentei conversar com ele algumas vezes, mas ele sempre dizia que estava bem, que eu não deveria me preocupar com aquilo, mas no fundo eu sabia que ele não estava, eu só não tinha energia o suficiente para insistir mais, estava sempre muito cansada naquela época, mas sabia que ele estava mal, ele havia alugado um apartamento, tinha me contado que pretendia pedir a garota em casamento, eu tinha desistido de entender o relacionamento deles há muito tempo, não achava mesmo que aquilo era uma boa ideia, só não me envolvia mais, e aí ela terminou com ele só porquê minha família estava num momento muito difícil e ele não queria ir a todas as festas e eventos sociais com ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você acha que foi por isso?

— Era o principal motivo das brigas. Minha família sempre esteve envolvida em muitos eventos da alta sociedade – ela usa um tom de deboche para falar isso e percebo novamente que realmente temos muitas coisas em comum, mais do que o Igor supostamente possa imaginar – mas com tudo o que estava acontecendo, passaram a recusar alguns convites e a evitar certos encontros, as pessoas costumam ser muito mórbidas quando o assunto é uma pessoa doente.

— Sei bem como é isso. Foi por isso que você foi estudar fora? – Ela me olhou parecendo meio surpresa – desculpe, acho que estou sendo um pouco mórbido também – de alguma forma isso a fez rir, rir de verdade.

Só pude ficar parado meio confuso, eu estava no meio de uma trilha, dentro de uma espécie de mata, com uma garota muito bonita, tendo uma conversa muito estranha, como tínhamos chegado até ali? Como ela não parava de rir, acabei sendo contagiado por aquele bom humor repentino e comecei a rir também quando perguntei.

— O que eu disse de tão engraçado?

— Você é a primeira pessoa que assume

PERIGOSAS ACHERON

que sua curiosidade é um pouco mórbida – fala com um grande sorriso, não parece ofendida – e me dei conta de que sempre faz as perguntas sem pensar muito bem, e depois parece muito arrependido, o que faz com que seja impossível para mim ficar ofendida.

— Isso é um alívio, já percebi diversas vezes que fui inconveniente...

— Mas só percebe tarde demais? – O sorriso dela aumentou ainda mais me provocando.

— Pois é, alguma coisa em você me deixa muito a vontade para falar coisas que geralmente consigo guardar para mim.

— Sinto o mesmo, acho que você é a primeira pessoa, fora da minha família, com quem converso sobre tudo isso. Não é estranho? Visto que nós...

— Mal nos conhecemos – completei com um sorriso porque era exatamente o que estava pensando.

— E agora você já completa minhas frases – a expressão dela é divertida, mas naquele momento só consigo sentir uma necessidade muito forte de beijá-la, meus olhos saem dos olhos azuis dela em direção a sua boca, percebo um movimento

minúsculo, como se ela houvesse engolido alguma palavra, os lábios abrem só um pouquinho, a respiração fica densa, também estou me sentindo um pouco sem ar. Então a boca dela some, pisco percebendo que ela se virou, se afastando um pouco, finalmente consigo soltar o ar dos pulmões.

— Mas respondendo a sua pergunta — diz ainda de costas para mim — não fui embora para fugir da situação como muitos pensam, sendo bem honesta, não completamente por isso, é claro que foi muito conveniente e eu estava mesmo me sentindo sufocada em Vitória, mas na verdade eu sempre quis morar fora, sempre quis fazer muitas coisas e nunca fiz nada, ficava adiando, tudo o que aconteceu com o Saulo, perdê-lo tão cedo, me fez perceber a minha própria mortalidade — depois de uma pausa ela volta a me olhar parecendo um pouco tímida — sempre soube disso, ter essa consciência sobre a fragilidade da vida, mas se tornou muito real para mim naquele momento, pode acontecer qualquer coisa, em qualquer momento e num minuto nem existimos mais, é provavelmente um conceito e uma ideia a qual você está habituado por ser médico, mas para mim só surgiu de verdade naquele momento, então eu só

queria aproveitar todas as oportunidades que eu tinha e não sei... Viver, ao invés de continuar lamentando.

Lívia

Eu me sentia meio tonta na presença dele, todas as emoções, os sentimentos era como uma montanha russa, quando percebia, estava falando sem parar, às vezes coisas muito profundas e íntimas, então estávamos rindo, e do nada havia aquele clima sufocante e urgente entre nós, e estávamos tão isolados ali, no silêncio absoluto, longe de tudo e de todos, era muito, muito estranho, e quando o Daniel olhava dentro dos meus olhos, coisa que reparei que ele fazia constantemente, era como se pudesse me ler inteira, sentia que não adiantaria nada fingir ou esconder certas coisas, a única possibilidade com aquele homem era ser completamente honesta e, de uma forma muito mais curiosa, queria mesmo ser honesta com ele, queria mesmo que ele me conhecesse de verdade.

— Você é incrível — falou baixinho, como se dissesse aquilo só para ele mesmo.

— Como? — Falei também muito baixo, aquela

era a última coisa que imaginei ouvir depois de tudo o que tinha acabado de falar, então ele fez aquilo que sempre fazia, olhou para mim, bem dentro dos meus olhos.

— Eu disse que você é incrível. Pelo pouco que pude te conhecer e só pelo que eu sei sobre você até agora, você é uma pessoa incrível.

— Bom eu não diria... — Comecei e ele riu.

— E também é péssima em receber elogios.

— Não sou não, é só que incrível parece muito... Incrível — repeti a palavra com uma careta.

— Acho que nunca serei capaz de descrevê-la com algo menor do que incrível — o sorriso dele foi ficando maior — sabe quando você disse que não saberia me explicar porque teve aquela primeira impressão de que sou uma pessoa que se envolve em relacionamentos longos? — Daniel dá um passo na minha direção e sinto toda a agitação dele em encontrar palavras para prosseguir essa conversa, mas não sei o que dizer por isso só balanço a cabeça confirmando — acho que entendi o que você quis dizer, porque agora sinto que poderia passar dias só conversando com você, que posso confiar em você e contar coisas que nem me lembro que vivi, pensava ou sentia. Não é estranho? É como se

fosse praticamente impossível esconder algo, não adianta mentir ou inventar porque você descobriria a verdade e eu quero que você saiba a verdade, seja lá o que isso signifique.

— Eu... — Abri a boca várias vezes e não consegui dizer nada, o que tudo aquilo significava?

Era como se ele realmente estivesse lendo meus pensamentos, os meus sentimentos, porque era exatamente como me sentia em relação a ele. Estávamos bem próximos um do outro, no meio da trilha, existia uma energia, uma espécie de conexão entre nós, mas era diferente do dia anterior quando eu queria ser beijada naquele corredor, agora era como se houvesse alguém no mundo com quem eu pudesse conversar.

Nada daquilo fazia sentido, era tão repentino, não sabia o que fazer, no segundo seguinte ele levou a mão até o meu rosto traçando uma linha com o polegar da minha bochecha até tocar na minha boca, enquanto me olhava daquele jeito que me deixava agitada, como se houvesse fogo sob meus pés.

— O que você está fazendo? — Minha voz era só um sussurro.

— Não tenho ideia — sorriu mais — na

verdade tenho...

— Eu... — Senti a outra mão dele tocar minha cintura e me puxar para ele.

— Gostaria de te beijar.

— Você está pedindo para me beijar?

— Quando eu só tentei isso ontem não funcionou — diz se aproximando mais, agora de forma definitiva, a mão na cintura fazendo uma leve pressão para que eu não me afaste — Posso te beijar?

Eu estava olhando a mão dele na minha cintura, sentindo aquele contato, a energia que parecia fluir dali para mim, e ele estava me tocando por cima da camiseta, levantei os olhos para encará-lo e me arrependi, havia coisas demais naqueles olhos, coisas que eu não estava pronta para ver ou sentir, mas enquanto a minha mente gritava: *o que é tudo isso?*, minha boca falou muito baixo:

— Pode.

Senti quando os lábios dele tocaram os meus, primeiro muito de leve, como se ele estivesse apenas testando o movimento, aguardando eu fugir, ao invés disso, com a mão que não segurava a câmera, toquei de leve seu ombro e deslizei a mão

pela sua camisa indo até o seu pescoço e abrindo um pouquinho minha boca, foi o suficiente para que me puxasse para ele num beijo meio trôpego, a língua dele preenchia a minha boca, uma mão apertava a minha cintura e a outra permanecia no meu rosto, encaixada entre a minha nuca e orelha, eu sentia tudo dentro de mim ferver e derreter, não tenho ideia de quanto tempo ficamos assim, só nos separamos quando ouvimos um barulho na trilha.

Um senhor, provavelmente funcionário da pousada, passou por nós com um sorrisinho tímido e um aceno de cabeça, entrando mais e mais na mata. Eu havia praticamente saltado para longe do Daniel, agora me sentia muito confusa e mais uma vez culpada por tudo o que estava sentindo, como se fosse algo pelo qual provavelmente seria repreendida.

— Preciso voltar — falei passando a língua pelos lábios. Ele estava parado do outro lado da trilha olhando para mim como quem aguardava uma reação para saber o que deveria fazer — é quase meio dia — disse olhando para a hora no meu celular — minha maquiagem é em uma hora e eu preciso almoçar, tomar banho e... — Olhava em volta muito ansiosa em me afastar dele porque,

sinceramente, não confiava mais em mim mesma sozinha com ele por perto.

— Claro, vamos voltar – ele começou a andar.

— Daniel... – Chamei por ele depois de caminharmos em silêncio por um tempo, ele me olhou por segundos, mas não disse nada, voltou a olhar para frente prestando atenção no caminho, aquilo era difícil – esse fim de semana é complicado. Sinto como se eu não soubesse como agir com relação a isso – faço um gesto frenético e ridículo dele para mim – aqui sozinhos é uma coisa, mas lá eu...

— Tudo bem, eu entendo – respirou fundo, passando a mão pelo cabelo e olhando ao redor esperando que mais alguém se aproximasse, estávamos bem perto do lago agora – entendo mesmo. Foi o que falei com Igor quando ele me contou, que ele e a Sara estavam errados, que não era o melhor momento para nos apresentar.

— Nos conhecemos antes sem eles, e íamos nos encontrar aqui de qualquer jeito.

— Sim, mas talvez eu só te encontraria novamente a tarde no casamento, e você seria só uma madrinha muito bonita, uma garota que

PERIGOSAS NACIONAIS

chamou minha atenção dias atrás, alguém com quem eu passaria alguns minutos junto e...

— E que você tentaria beijar durante a festa — ri.

— Com certeza — ele acabou rindo também.

— Então não mudaria muita coisa, né? Só saberíamos menos um sobre o outro, e estou feliz por te conhecer um pouco melhor agora. E bom, sobre o beijo, podemos... Fora daqui, em outro momento talvez...

— Eu sei, não vou comentar com ninguém — sorriu para mim e consegui relaxar um pouco.

— Você ainda vai me ajudar? Com o meu plano de ficar completamente bêbada?

— Promessa é promessa — afirmou com um sorriso e um aceno de cabeça.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 6

Lívia

Eu estava pronta e sentada ao lado da noiva que parecia uma pilha de nervos enquanto era atendida por três pessoas diferentes, duas terminando o seu cabelo e uma sua maquiagem. Sara fazia mil perguntas sobre o buffet, a decoração, a família e o noivo.

— Igor? — Estava me olhando no espelho quando ouvi ela insistentemente perguntando por ele — provavelmente está no quarto dele pronto, aguardando para sair.

— Você pode ir lá ver se está tudo bem? Ele não me responde mais no celular.

— Alguém deve ter tomado o celular dele para que relaxe, acho que devo fazer o mesmo.

— Liv, por favor!!!

— Meu Deus, ok, eu vou lá!

Eu tinha sido a primeira a ficar pronta, muitas horas antes, ao contrário das outras madrinhas, eu havia optado por uma maquiagem em tons mais leves, com um pouco mais de destaque nos olhos apenas, meu cabelo não tinha mudado quase nada, havia sido preso de um lado com uma trança embutida e ondulado com babyliiss do outro, era simples, mas bonito. O modelo do meu vestido era longo e de alça bem fina todo em chiffon com um forro leve por baixo, as costas eram completamente peladas, só as duas alças finas descendo até uma faixa plissada na cintura, e na frente o decote em V era bem profundo, chegando até a faixa também, a saia era fluída e soltinha, mas tinha uma fenda grande que ia até quase o meio da minha coxa direita, que só aparecia se eu desse um passo longo demais. Era um vestido lindo, sem bordados ou pedras, completamente liso, mas cheio de detalhes e decotes.

— Vou procurar o Igor e volto com notícias, não sai daqui!

— Não é como se eu tivesse escolhas – fala mal movendo a boca, com os cabeleireiros e o maquiador quase pairando acima dela.

Fui andando para o fim do corredor, onde

PERIGOSAS NACIONAIS

sabia ser o quarto do Igor, de longe já podia ouvir o barulho de conversas e risadas, parecia um quarto muito mais animado do que o da noiva, bati na porta e esperei, foi o cunhado do Igor que apareceu.

— Madrinha perdida?

— Madrinha em missão... Igor? — Sorri e perguntei olhando para dentro do quarto, o espaço cheirava a fumo, provavelmente charutos, haviam muitas pessoas ali, mais do que apenas os quatro padrinhos e os pais do noivo e da noiva. Dei um passo de volta para o corredor e aguardei quando notei que o Igor tinha me visto.

— Liv! — Ele atravessou o cômodo de braços abertos, parecia muito animado — Está tudo bem?

— Sim, a Sara queria saber se estava tudo bem, você parou de responder as mensagens dela.

— Tomaram meu celular, acho que foi o Átila — olha para um rapaz bonitinho e sorri.

— Certo, vou avisar que você está bem e que não fugiu, deve ser essa a preocupação dela — ele dá uma risada com a minha piada.

— Não quer entrar? — O amigo bonitinho que ainda não conheço aparece ao lado do Igor, os olhos descem até o fim do meu decote e voltam.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, obrigada, vou avisar a noiva que está tudo bem — ignoro os olhares do rapaz enquanto falo com o Igor e vou embora, de volta ao pesadelo do quarto da noiva. Que Deus me ajude no meio de todas aquelas mulheres de novo.

Estava quase na porta quando ouvi alguém chamando meu nome, quando me virei vi o Daniel, ele estava de calça social, uma camisa branca de botão, sem a gravata e o paletó, havia feito a barba, e o cabelo parecia arrumado, mas de um jeito meio caótico. Era uma versão dele da primeira vez que nos vimos, só que melhor. Imediatamente a memória do beijo voltou e me senti meio molenga. Fiquei paralisada, a boca meio aberta sem saber o que dizer, aparentemente eu vivia perdendo a fala diante daquele homem, ele vinha caminhando com um sorriso gigante, era tão bonito, engoli em seco fechando a boca, reparei que trazia um copo na mão.

— Bebida? — Me ofereceu com um sorriso.

— Isso é uísque? — Olhei para o copo dele e quase pude sentir o gosto amargo e ruim na boca.

— Só temos isso por enquanto — sorriu como quem pede desculpas.

Notei quando ele me olhou de cima em

baixo, a mão ainda estendendo o copo, sorri um pouco sem jeito, peguei o copo e virei uma grande golada fazendo uma careta, achei que aquilo de alguma forma me ajudaria a retomar o controle da situação e do meu corpo.

— Tem gosto de pé de mesa velha – Daniel deu uma risada muito alta.

— Você já comeu um pé de mesa?

— Não, mas imagino que o gosto é exatamente esse.

— Nada de uísque? Anotado.

— Preciso voltar ali para dentro – indiquei com a cabeça a porta no minuto que ouvimos um gritinho e muitas risadas femininas vindas de lá – não quero voltar ali para dentro! Socorro! – Olhei para ele como quem implora pela vida, ele continuava sorrindo.

— Podemos ficar aqui mais um pouco – disse bebendo o final do uísque que eu havia deixado no copo.

— Aqui?

— Conversando...

— Sobre? – Tentei esconder um sorriso, mas falhei.

— Qualquer coisa! – O sorriso dele ficou

ainda maior.

— Isso é muito genérico. Me faça uma pergunta, você é ótimo em fazer perguntas – sorri de modo atrevido.

— Certo, o que você estudou na faculdade?
– Daniel encostou na parede do outro lado do corredor, os braços soltos ao lado do corpo, ainda segurando o copo vazio.

— Publicidade, eu não tinha contado isso? – Negou com a cabeça, acabei me recostando do outro lado do corredor, de frente para ele – sempre gostei muito de desenhar e achava que ia gostar de trabalhar como designer gráfico em agências de publicidade.

— Mas não gostou?

— Não, mas tive uma breve experiência, acabei focando muito na parte de marketing e hoje cuido de toda essa parte da empresa da minha mãe e da minha também no caso. Acabou tudo dando certo, meus pais sempre quiseram que eu e o meu irmão assumíssemos os negócios da família, meu irmão trabalha com o meu pai e eu com a minha mãe. Família de administradores, eu só peguei um caminho diferente.

— Desde pequeno nunca pensei em ser

PERIGOSAS NACIONAIS

outra coisa além de médico, minha mãe sempre conta essa história, nunca houve a ideia de ser um astronauta, por exemplo, acho que me faltava criatividade.

— Ou, você poderia só admirar muito os seus pais, e queria ser como eles.

— Sem dúvidas meus pais ficarão muito mais encantados com essa sua teoria – ele ri – você disse que sua mãe tem uma loja de noivas, mas agora falou que seu irmão trabalha com o seu pai, é outra empresa então?

— Meu pai é dono de concessionárias – vejo ele erguendo uma sobrancelha – o que foi?

— Não imaginei que você seria uma – ele para como quem pensa na palavra, mas sei o que está por vir e já estou rindo – *patricinha* – completa com um grande sorriso que demonstra que não acha realmente aquilo de mim.

— Deve ser o meu cabelo e as tatuagens.

— Gosto do seu cabelo e das tatuagens – olho para ele através dos meus cílios e sinto o meu rosto corar, ele continua em pé do outro lado, o mesmo sorrisinho ainda estampado no rosto.

— Você é bom... – Minha voz saio meio engasgada numa risada.

PERIGOSAS ACHERON

— É a segunda vez que você me diz isso e eu não sei o que significa.

— Foi algo que ouvi.

— Você ouviu que eu sou bom? – O sorrisinho confiante e convencido de volta ao rosto dele.

— Preciso entrar – aponto para a porta de onde continuam saindo muitos sons de risadas femininas, mas não respondo o que ele perguntou – até daqui a pouco.

— Até – ele pisca e começa a voltar pelo corredor.

Ele piscou para mim? Ainda fico parada um segundo com a mão na porta vendo as costas do Daniel se afastando pelo corredor. Respiro fundo e entro no quarto. Resolvi beber mais uma taça do espumante, o plano é ficar bêbada, mas tenho minhas ressalvas, pelo menos antes da cerimônia, não queria perder a noção de como caminhar, só ficar um pouco mais disposta a enfrentar os olhares sem me sentir péssima. Quando a Sara já estava colocando o vestido de noiva, recebi uma mensagem do Tiago dizendo que havia chegado. Ainda faltava mais de meia hora para a cerimônia, mas resolvi ir até o deck ficar um pouco com ele e

o Caio, meus pais e o Gui logo estariam por ali também.

Vi que todos os homens que antes estavam amontoados no quarto do noivo já estavam por ali, inclusive o Igor, conversando e cumprimentando os convidados que iam chegando.

Tiago havia chegado com outros amigos, estavam todos juntos num cantinho, quando apareci eles fizeram uma grande confusão sobre o quanto eu estava bonita, eram comentários exagerados e divertidos, em meio a muitas risadas, era bom estar novamente cercada de amigos.

— É que vocês ainda não viram a Sa, ela está tão linda!

Enquanto todos estavam envolvidos em uma conversa, olhei ao redor procurando se havia mais alguém conhecido que deveria ir cumprimentar e vi o Daniel olhando para mim e sorrindo. Quando a cerimonialista começou a reunir os padrinhos em um lugar para iniciar a cerimônia não havia nem sinal da minha família ainda, estava começando a ficar preocupada. Provavelmente deixava transparecer alguma tensão porque quando o Daniel parou do meu lado, colocou a mão dentro do terno, retirou de lá uma espécie de cantil e o

ofereceu para mim disfarçadamente, como se estivesse me passando drogas.

— As pessoas realmente usam essas coisas em casamentos?

— Quem poderia imaginar, não é? — Se curva chegando muito perto e colocando o cantil na minha mão — te dou cobertura — falou no minuto em que ficou em pé na minha frente, deixando-me meio isolada de todas as outras pessoas. Peguei o cantil e bebi, uísque de novo. *Argh*.

— Ainda tem gosto de pé de mesa? — A voz dele veio de cima, perto da minha orelha, era um sopro de hálito quente no meu pescoço, senti uma onda de calor.

— Com certeza — ri e quando olhei para trás dele vi meus pais se aproximando.

Entreguei o cantil para o Daniel e passei por ele, mas não consegui me afastar muito, meus pais vinham caminhando rápido, atrasados para a cerimônia.

— Ei amor, achei que não chegaríamos a tempo — minha mãe me abraça e dá dois passos para trás me observando — deixa eu te ver, você está linda!

— Minha consultora de moda disse que era

o vestido perfeito – sorri para minha mãe que conteve o impulso de apertar a minha bochecha – ei pai.

— Ei meu bem – dá um beijinho na minha testa. Os dois ficam parados olhando para o rapaz que está em pé alguns passos atrás de mim.

— Ah, esse é o Daniel, amigo do Igor, ele vai entrar comigo. Daniel esses são os meus pais, Ricardo e Martha.

— Ei, tudo bem? Prazer – Eles se cumprimentam com apertos de mãos e algumas palavras, meu pai não perde a oportunidade de mencionar que conhece o Dr. Fábio, e que eles já se viram uma vez, no jantar do Marcos Abadi, diz isso para o Daniel, mas com um sorrisinho para mim. Daniel por sua vez leva tudo numa boa, conversa, ri, confirma informações. Eu fico olhando de um para o outro enquanto eles conversam e só então descubro que o Daniel é cardiologista e cirurgião, como o pai, nem passou pela minha cabeça perguntar qual a especialização ele havia escolhido. Só quando a cerimonialista apareceu para colocar todo mundo em ordem novamente é que o assunto termina.

— Cadê o Gui?

— Não tinha lugar para estacionar aqui, ele teve que ir de carro até o outro estacionamento.

— Vamos ver se conseguimos algum lugar para sentar, provavelmente não – minha mãe olhava para o espaço já cheio de gente.

— Pronta para enfrentar o corredor da piedade? – A voz do meu pai estava carregada de humor, reparei que o Daniel parecia completamente surpreso com aquilo.

— Fazendo o que posso...

— Eu poderia gritar: MARAVILHOSA, no minuto que você aparecer e distrair todo mundo com umas risadas – oferece dando uma cutucadinha com o cotovelo na minha costela, me fazendo dar uma grande risada.

— Seria ótimo pai, obrigada.

No fim não foi tão ruim, eu mantive meus olhos fixos em algum ponto do arco com flores que fazia as vezes de altar lá na frente e caminhei até o lugar onde deveríamos ficar, estava me sentindo um pouco tensa, prestes a respirar fundo, quando o Daniel se abaixou, com o braço ainda no meu, e disse "*não ouvi seu pai gritando maravilhosa*", me fazendo dar uma risada mais alta do que deveria para a hora e o lugar, senti meu corpo relaxar e

olhei para ele agradecida.

A cerimônia foi muito bonita, Sara estava radiante, Igor parecia completamente enfeitiçado pela noiva, me sentia emocionada, pensando que tinha feito aquilo, unido os dois, mesmo que na hora fosse só uma piada, mesmo que intimamente desconfiasse que cedo ou tarde os dois acabariam se cruzando por conta própria naquela festa, ainda assim, sentia um carinho especial por fazer parte daquela história, durante toda a vida, quando a Sara e o Igor fossem contar para alguém como se conheceram e se apaixonaram o meu nome seria citado.

Daniel

Era como se eu tivesse recebido uma descarga elétrica, eu estava tão agitado, fui direto para o meu quarto e tomei um banho, ainda sentia o gosto da boca dela na minha, era melhor não ter feito aquilo, como eu ia passar as próximas horas perto dela sem beijá-la?

Comecei a beber no mesmo minuto que o Átila e o Lucas chegaram e nos encontramos no quarto do Igor, eu bebia devagar, não queria ficar

completamente bêbado cedo e então perder completamente a cabeça, eram doses homeopáticas de uísque enquanto eu tentava lavar o gosto dela da minha boca, mas nada adiantava, estava disperso, mais de uma vez meus amigos caçoaram da minha distração e todo o meu foco desapareceu quando ouvi a voz da Lívia na porta do quarto do Igor, alguma coisa desligou no meu cérebro, ou ligou, ainda era difícil de dizer, e a próxima coisa que percebi é que tinha saído pelo corredor com um copo de uísque na mão.

A primeira coisa que vi foram as costas dela, completamente expostas até a cintura, precisei de um segundo para me orientar, respirar fundo, colocar um sorriso no rosto e chamar por ela. Conversamos um pouco, ela disse mais uma vez que sou "bom", não tinha ideia do que ela estava falando, sou bom em conversar?

Depois a vi entre os amigos dela, rindo, sendo admirada e elogiada, minutos depois estávamos juntos novamente, eu não resistia a tentação de ficar perto dela, quando me abaixei para falar sobre o cantil com uísque que havia pego emprestado com um amigo só para ter algo com o que falar e brincar com ela antes da cerimônia, senti seu

perfume, não era muito forte, mas o principal, não era nada doce, como geralmente algumas garotas usavam, era algo amadeirado e parecia com chocolate, nunca senti um perfume daquele na vida, eu juro. E olhando ali, meio de cima para seu pescoço tive muitas ideias do que gostaria de fazer, estava me colocando em problemas, sabia que estava me colocando em problemas.

Foi quando ela praticamente bateu com cantil na minha barriga devolvendo o objeto e passou por mim indo encontrar um casal, os pais, eu sabia no minuto que olhei para a mulher loira muito elegante que não tirava os olhos de mim, como quem se pergunta "*quem é esse homem e porque ele estava sussurrando no ouvido da minha filha?*", senti meu estômago embrulhar e minha boca ficou seca, tinha guardado o cantil no bolso interno do terno, mas agora sentia uma vontade tentadora de pegar o objeto e beber todo o conteúdo. Fomos apresentados e é claro, os pais dela conheciam os meus pais.

Fiquei um pouco surpreso com a piadinha do pai da Lívia sobre o "corredor da piedade", era como ela havia se referido aquilo também, achei curioso o humor um pouco sarcástico da família em

lidar com aquela situação, mas principalmente a cumplicidade entre pais e filha. Pouco mais de 24 horas que nos conhecíamos e, pelo visto, as surpresas nunca terminavam.

Quando a cerimônia acabou, eu me sentia meio elétrico, nós havíamos conversado ontem e hoje várias vezes, havia uma certa amizade entre nós agora e a memória do beijo, mas aqueles foram os 30 minutos em que mais estivemos perto fisicamente um do outro, primeiro os braços dados, depois sentados lado a lado, os ombros encostados um no outro, pernas se esbarrando.

Nós ainda estávamos pelo deck, aguardando para tirar umas fotos com os noivos enquanto os outros convidados caminhavam para o lugar da festa, Livia estava relativamente próxima de mim, a cerimonialista havia pedido inúmeras vezes para que os padrinhos não se separassem no final da cerimônia para que fosse mais rápido organizar tudo, tirar as fotos e liberar todo mundo, ia me afastar dos meus amigos e voltar para perto dela quando ouvi alguém chamando "Liv".

— Até que enfim você apareceu! — Ouvi a voz da Livia respondendo o chamado. Eu ainda estava distraído com a conversa do Átila e do Lucas, por

isso antes de ter a oportunidade de olhar quem tinha chegado ouviu uma voz de homem dizer:

— Nossa você está maravilhosa, não é errado a madrinha ficar mais bonita que a noiva? – Quando girei o corpo com um sorriso daquele comentário a pessoa que vi foi o idiota do ex-namorado da Bianca.

Como eu não tinha nem cogitado essa possibilidade antes? Pai dono de concessionária, loira, olho azul, achava que ela tinha se referido ao irmão como Gui em algum momento, porque obviamente o nome dele era Guilherme.

— Não seja um idiota... – Fala sem humor repreendendo o irmão.

Eu não conseguia tirar os olhos do rapaz e ele finalmente me viu, mais uma vez parecia meio perdido e sem graça ao me reconhecer. Aquilo era um pesadelo e eu precisava de uma bebida. Comecei a transpirar imediatamente, ia me afastar dos dois enquanto levava a mão a gola da camisa para soltar mais um botão quando escutei a Lívia dizendo.

— Gui, esse é o Daniel, amigo do Igor e esse é o meu irmão, Guilherme – ela tem um sorriso tão cheio de carinho que é impossível ficar indiferente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Dessa vez fui eu quem estendi a mão para cumprimentá-lo.

— Você trabalha na Jeep, certo? — Lívia me olha cheia de curiosidade — nos vimos lá semana passada, eu fui ver um carro com o meu pai.

— Ah claro... sim... me lembro — o irmão dela gagueja, não parece mais o vendedor confiante de outro dia.

— Que coincidência — escuto a Lívia falando entre os nós dois.

— Muita — tenho um sorriso meio esquisito e forçado olhando para o Guilherme que parece meio confuso e resolve voltar a atenção para a irmã.

— Você está linda mesmo Liv, tudo bem por aqui? Quero dizer, de uma forma geral, da sua preocupação...

— Ah sim, não está sendo tão ruim quanto imaginei, acho que a maioria das situações estavam só na minha cabeça, ou as pessoas disfarçam bem — sorria enquanto falava.

Sentia que precisava me afastar dos dois, não fazia o menor sentido continuar impondo a minha presença ali ao lado dos irmãos, sorri tentando parecer normal e voltei para perto dos meus amigos, talvez eu deva contar para ela sobre a

PERIGOSAS ACHERON

Bianca, ela vai acabar descobrindo, de alguma forma prefiro que seja através de mim. Estava tão perdido com essa revelação que demorei uns segundos para me lembrar da história que ela contou sobre o fim do relacionamento do irmão que não tem absolutamente nada a ver com a história que a Bianca me contou, logo que a Bianca e o Guilherme terminaram o namoro, nós ficamos, ela parecia arrasada porque o rapaz terminou com ela de uma hora para outra, sem justificativa nenhuma, mas a Lívia contou uma história completamente diferente, e o pior, de acordo com ela, a ex do irmão tinha um novo namorado dias depois, e nós ficamos quase duas semanas depois do fim do relacionamento deles. Tirei o cantil do terno e bebi, ia virar o conteúdo todo quando alguém puxou o objeto da minha mão.

— Não vai dividir não? — Olhei irritado para o Átila que estava agora com o cantil na mão.

— Desculpe — voltei a olhar na direção da Lívia e o Guilherme havia sumido, ela estava com a Vanessa e a irmã do Igor agora.

— Então Daniel, qual é a sua madrinha? — Lucas falou abraçado na namorada, uma garota gordinha e bonita de cabelo cacheado que eu ainda

PERIGOSAS NACIONAIS

não havia decorado o nome.

— Como? – Olhei apavorado para o meu amigo que disse aquilo um pouco alto demais.

— Igor contou que você já ficou com uma das madrinhas, é a que está com você hoje? – Ele sorri, mas a voz diminuiu um pouco.

— Não... Igor fala demais – puxei o cantil de uísque da mão do Átila e bebi mais um pouco.

— Desse jeito você não vai durar muito, sabe?

— Ei... – Lívia aparece do meu lado – acho que é nossa vez.

Eu deveria tê-la apresentado para eles, mas ainda estava ruminando toda aquela história, então só entreguei o cantil de volta para o Átila e a segui até os noivos, depois de algumas fotos e cumprimentos nós estávamos sozinhos, eu estava tão irritado e não tinha ideia do porquê. Ela tentou falar comigo, puxou diferentes assuntos e eu só conseguia grunhir olhando ao redor tentando descobrir se o irmão dela ainda estava por ali, até que ouvi ela respirar pesado, quando olhei ela tinha uma expressão confusa.

— Está tudo bem?

— Claro, por quê? – Minha voz sai sem emoção, não estou com humor para conversar.

PERIGOSAS ACHERON

— Não sei... Você parece diferente – ela parecia magoada, como não reagi, nem falei nada, Livia pareceu ficar sem graça e começou a se afastar de mim.

"Não seja um idiota", fechei os olhos por um segundo, a mão foi até a base do nariz, apertando um ponto entre as duas sobrancelhas, estou com raiva dela e ela não fez nada, não tem culpa de nada, olhei para os meus amigos do outro lado e resolvi ir atrás dela que ia avançando sozinha entre as pessoas que ainda estavam por ali, estava quase a alcançando, quando a vi ser interrompida por uma mulher de mais ou menos uns 50 anos.

— Ah Livia, você está tão linda! – Diz com uma voz afetada.

— Obrigada Ma... – Mas a senhora não deixa ela terminar a frase.

— É uma pena, realmente uma pena, você teria sido uma noiva realmente linda... – Não podia acreditar que aquilo estava acontecendo, me posicionei do lado dela, Livia parecia resignada em oferecer uma resposta a mulher, ela tinha um sorriso que tentava ser simpático, mas assim como o tom de voz ao mesmo tempo estridente e baixo da senhora, não estava fazendo um bom trabalho em

não parecer incomodada com aquela situação – deve ser muito difícil para você estar aqui hoje, não sei aonde a Sara estava com a cabeça em te colocar nessa situação – pelo amor de Deus a mulher não parava de falar!

— Não é difícil, estou muito feliz pela Sara e o Igor – a voz dela era firme e tranquila.

— Ah sim, eu não quis dizer que não estivesse, mas era para ser você, tantos anos juntos, uma história tão bonita... tsc, você teria sido uma noiva linda – estala a língua e eu vejo pela primeira vez a expressão de frustrada da Livia quando respira fundo e diz:

— Bom, ainda estou viva, ainda posso ser uma noiva um dia... – A frase sai corrida e irritada e então ela fica muda, meio chocada com o que acabou de dizer e a senhora na frente dela parece completamente perdida.

— Claro, eu não quis... – Mas agora ela finalmente calou a boca.

— Desculpa interromper – finalmente me coloco no meio das duas – queria te apresentar uns amigos meus.

— Claro... Maria, esse é o Daniel, amigo do Igor, a Maria é tia da Sara – ainda é educada

apresentando a mulher.

— Prazer — respondo sem olhar realmente na direção dela, ao invés disso tento direcionar a Livia para os meus amigos, uma mão tocando de leve seu braço.

Foi uma evasiva sem muito planejamento, ela caminha ainda meio tensa do meu lado e começo a refletir se aquilo foi uma boa ideia, me arrependo ao ver a cara do Lucas e do Átila assim que me aproximo com a Livia, apresento meus amigos e percebo que ela parece relaxar um pouco ao meu lado. O Átila praticamente atravessou o grupo para ficar em pé ao lado dela, mas se a Livia percebe isso não demonstra reação, ao invés disso foca sua atenção na namorada do Lucas, Amanda, agora gravei o nome da garota, a menina fica bem tagarela com outra mulher presente no grupo, elogia o vestido da Livia e então comenta sobre as tatuagens, ela sorri abertamente enquanto aceita todos os elogios e devolve alguns.

— Acho que agora estamos liberados para ir para a festa — falo com o grupo depois de um tempo e começamos a caminhar juntos para o gazebo, eu e a Livia vamos ficando um pouquinho para trás estendendo novamente o cantil para ela, ainda tem um

pouco de uísque ali.

— Acho que você precisa disso mais do que eu — Livia olha para a minha mão, depois para mim, como se não tivesse percebido até aquele momento que caminhávamos praticamente sozinhos agora.

— Obrigada — dessa vez não fez nenhuma careta bebendo só um pouquinho do líquido — por isso e por me tirar de lá. Era uma tia da Sara, me pegou distraída...

— Foi muito insensível da parte dela dizer tudo aquilo.

— Não é uma má pessoa, é só...

— Sem noção? — Ela riu com a cabeça baixa, como quem não quer ser flagrada rindo daquele comentário.

Quando chegamos até a festa meus amigos tinham caminhado até uma mesa próxima a pista de dança.

— Vou falar com os meus pais, a gente se vê daqui a pouco, ok?

— Claro — continuei parado na porta vendo ela se afastar até uma mesa na grande varanda onde os pais estão sentados, o irmão olhando fixamente para mim, acabei não falando nada sobre a Bianca,

é provável que ele conte agora.

É estranho, mas me sinto meio perdido sem a presença dela ao meu lado, não sei exatamente o porquê, mas imaginei que passaríamos a festa toda juntos, bebendo, rindo, conversando, agora sozinho olhando ao redor, não sei exatamente o que fazer. Beber, eu preciso beber, vou para a mesa dos meus amigos e mal consegui um copo quando escutei o Átila dizer:

— A Lívia...

— Com a família dela.

— Eu ia perguntar se vocês estão juntos.

— Já disse que não – respondi com um ar cansado.

— Então eu posso tentar? – Átila diz com um grande sorriso.

— Você pode entrar na fila, logo atrás do Arthur – aponto o primo do Igor umas mesas distantes.

— Não depois de você?

Olhei para o meu amigo sem saber o que dizer, não é possível, o que essa garota tem de tão extraordinário assim que todo homem solteiro que coloca os olhos nela fica interessado?

— Arthur está depois de mim – falei com

um sorriso esperto, é claro que eu não vou desistir, talvez não dê em nada, mas nesse segundo me sinto egoísta o bastante para fazer o possível para que o Átila não tenha sequer uma chance, seria melhor ver a Livia com o Arthur do que com o Átila, apesar de gostar muito do meu amigo.

Livia

Existia algo diferente entre eu e o Daniel agora, é como se depois de toda aquela conversa tivéssemos chegado a algum tipo de amizade, ou cumplicidade. Assim que chegamos no espaço da festa fui direto para a mesa dos meus pais, me despedi do Daniel levando a mão até o braço dele, foi um toque muito simples, quase no ombro para dizer que falaria com ele dali a pouco, mas senti um vazio no estômago naquele momento. Estava tão desorientada com aquele pequeno toque que não reparei que meu irmão me observava caminhar meio cambaleante até a mesa. Logo que sentei, alguém me serviu uma taça de espumante e virei praticamente todo o conteúdo de uma só vez ainda abalada com tudo o que estava sentindo. O que diabos estava acontecendo comigo?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está bem? – Guilherme falou do meu lado.

— Estou. Uma tia da Sara me cercou ali fora – resolvi usar isso como uma desculpa para o meu estado catatônico, sabia que iria funcionar. Gui fez uma careta.

— Sinto muito.

— Nada que muitas dessa – balanço a taça vazia para ele – não me ajudem a esquecer.

— Aquele cara, o amigo do Igor...

— Daniel? – Minha voz saiu esganada, olhei para o meu irmão aflita.

— Vocês se conhecem há muito tempo?

— Não, conheci ele ontem. Ele é uma das pessoas que veio antes, passar o fim de semana aqui – falo tudo sem encarar o meu irmão, olhando ao redor tentando localizar um garçom – é uma boa pessoa.

— Certo... E vocês estão juntos?

— O que? Conheci ele ontem! – Encaro o Guilherme parecendo ofendida.

— Isso faz alguma diferença?

— Claro que faz!

— Não quis te ofender, é só que estamos em 2018, as pessoas fazem isso, sabe? Conhecem

PERIGOSAS ACHERON

alguém e trocam uns beijinhos minutos depois – Guilherme não consegue evitar um sorriso.

— Não seja um idiota, eu sei disso, mas não, não estamos juntos.

— Certo – sorri enquanto se recosta novamente na cadeira, bebendo o restinho do espumante da sua taça, uma expressão convencida ocupa todo o seu rosto.

— A família do Lin toda está aqui! – Falo exasperada, não sei porquê continuo me justificando, é como se o fato da ideia de eu e o Daniel juntos ter sido pronunciada em voz alta por outra pessoa fosse ofensiva o bastante para ser repudiada.

— E daí? – Gui faz uma careta me olhando como se eu tivesse duas cabeças, dois pares de chifres e um rabo.

— Parece errado, não posso ficar com alguém aqui, na frente deles, não hoje... – Deixo meu corpo escorregar um pouquinho na cadeira ficando numa pose nada elegante, fazendo meu irmão dar uma risada alta que chama a atenção dos nossos pais. Consigo sorrir para eles fingindo que não está acontecendo nada, que tudo não passa de uma conversa boba entre irmãos, porque é

exatamente isso que está virando.

— Liv, você não pode está falando sério, faz mais de dois anos...

— Você não entende, ninguém parece entender. Na verdade, ele entende – olho para o meu irmão que está em silêncio, o corpo novamente inclinado para mim prestando atenção – Daniel. Ele parece entender o que esse fim de semana significa para mim, e eu nem consigo explicar os motivos.

— Você gosta dele – os olhos do Gui se abrem em constatação.

— Não gosto não – fico de pé num pulo, essa conversa não faz sentido.

— Liv...

— Guilherme eu conheci ele ontem!

— Liv, você não precisa conhecer uma pessoa há mais de 10 anos para se apaixonar por ela, sabe? Isso limitaria muito as opções de todo mundo.

— Não estou apaixonada por ele – dou uma risada nervosa olhando ao redor só para ter certeza que mais ninguém está ouvindo aquilo, preciso fugir dessa mesa.

— Claro, se é o que você diz.

Ele recosta novamente na cadeira com um

sorriso muito convencido no rosto, a cena me deixa irritada, e com uma risada nervosa me afasto deixando meu irmão falando sozinho.

Preciso beber para enfrentar a família do Saulo e preciso beber para parar de pensar no que sinto ou no que acho que estou sentindo em relação ao Daniel.

Existe um bar de drinks, a Sara mencionou isso, preciso localizar esse espaço e beber algo forte, todo o uísque do Daniel parece ter tirado o meu paladar, mas assim que entro no salão sou cercada por um grupo de amigos, estou meio aérea ouvindo tudo o que eles falam quando olho ao redor e vejo o Daniel com os amigos dele, está rindo de alguma coisa e, como aconteceu ontem durante todo o dia quando nós dois estávamos no mesmo ambiente, ele me vê no minuto que olho para ele, é quase como se sentíssemos mesmo a presença um do outro no lugar.

Localizo do outro lado do salão, na parte externa da varanda o open bar, terei que passar por ele para chegar lá, ou posso sair e dar a volta, passando pelo meu irmão. Antes que consiga decidir o que fazer, Igor e Sara aparecem e o lugar vira uma bagunça de gritos, assovios e aplausos,

meus amigos viram praticamente uma onda me arrastando para a pista de dança, mais ou menos próxima de onde o Daniel está com os amigos dele.

Igor estava em pé no palco com o microfone agradecendo a presença de todo mundo, depois de dizer algumas palavras e fazer umas piadas ele passa o microfone para a Sara que fala praticamente as mesmas coisas, eu estava pensando em usar esse momento de distração para ir até o bar, mas escutei minha amiga falando o meu nome.

— Liv, nós nunca poderemos agradecer a você o suficiente. Você é como uma irmã para mim, sempre será. Obrigada por ter me apresentado o amor da minha vida – olho para ela cheia de amor e sinto meus olhos encherem de lágrimas. É isso, preciso mesmo começar a beber porque se alguém não tinha notado minha presença ainda, agora com certeza sabem que estou aqui.

Seguro uma pontinha da saia do meu vestido e começo a passar pelos meus amigos para ir em direção ao bar, sinto como se fosse sufocar.

— Livia! – Uma voz grita, olho aflita e identifico uma amiga da família da Sara, essa não, fico parada, não posso simplesmente sair correndo da mulher agora, por que são sempre as mulheres?

Faz com que ser grosseira seja mais difícil – nossa eu não tinha reconhecido você! – A mulher se aproxima mais, como é mesmo o nome dela? Não consigo me lembrar – sinto muito por tudo o que aconteceu, nunca consegui falar com você depois de tudo, vocês eram um casal tão bonito...

Eu ainda estava com os olhos meio marejados pela fala da Sara e fiquei desesperada quando a mulher se inclinou me olhando com atenção e disse "*Ah querida, você está chorando*", interpretando aquilo de forma completamente errada, foi quando senti uma mão nas minhas costas, bem na base da minha coluna, olhei para o lado e o Daniel estava ali, o braço estendido indo até mim, era a mão dele. Estava com uma expressão de poucos amigos para a mulher na nossa frente, então ele esticou a outra mão e me entregou uma taça de espumante, aceitei a bebida e praticamente virei tudo novamente.

— Desculpe, eu não lembro o nome da senhora – consegui dizer.

A mulher ficou tão sem graça que parecia querer desaparecer, falou algum nome que não processei, era como se duas conchas tivessem sido colocadas sob meus ouvidos e eu só conseguia

ouvir um chiado o tempo todo, a única coisa sobre a qual meu corpo conseguia ter consciência naquele momento era a respeito da mão do Daniel que permanecia nas minhas costas, na minha pele, "*eu estou ótima, obrigada por perguntar*", falei para segundos depois lembrar que ela não havia perguntado nada, então de modo automático me virei para o Daniel e disse "*preciso de algo mais forte que isso*" e comecei a andar com ele seguindo meus passos.

Eu seguia andando cegamente para o bar quando o Daniel apareceu com outra taça na minha frente, dei uma risada, não consegui evitar.

— Você é mesmo bom... — Agora eu tinha duas taças vazias na mão, ele abriu um grande sorriso, parecia um garotinho.

— Você continua dizendo isso sem me explicar o que significa.

— Obrigada por me salvar, mais uma vez.

— O que há de errado com essas pessoas? — Ele sussurra e então olha ao redor preocupado, dou uma risadinha colocando as duas taças vazias numa mesa alta que estava ao nosso lado.

— Não tenho ideia... — Levanto o queixo para olhar diretamente para ele com um sorriso — eu

ia até lá – aponto para o bar – procurar uma dose de algo forte.

— Tequila? – Abre um grande sorriso.

— Tem certeza que depois de todo aquele uísque é uma boa ideia?

— Não tenho cirurgia marcada na próxima semana, acho que consigo me recuperar.

— Uma semana para se recuperar?

— Estou velho – dá ombros me fazendo rir.

— Espero que tenham tequila então – e num reflexo segurei a mão dele e comecei a puxá-lo na direção do bar.

Daniel

No minuto que vi a Lívia dentro do salão, comecei a procurar um garçom para conseguir uma bebida para ela, era o combinado e a desculpa perfeita para nos colocar juntos novamente, e o melhor, ela apareceu sem o irmão, mas antes que tivesse a oportunidade de chegar até ela, a vi ser abordada por outra mulher, ouvi só a parte do “*vocês eram um casal tão bonito*”, foi o suficiente para me deixar irritado, qual o problema dessas pessoas? Ela parecia mais abalada agora, mas

talvez fosse mais pela declaração da Sara, aquela doida só a tinha flagrado no momento errado.

Agora a Livia estava praticamente me puxando em direção ao bar, olho para mão dela segurando a minha, meus olhos vão subindo para o cotovelo e então as tatuagens, o desenho mais próximo do cotovelo era uma mulher usando uma espécie de capacete de astronauta e então vários tipos de flores em linhas pretas muito finas e sombras, só agora reparei que havia um pássaro no meio e alguns ramos, era muito bonita, o tipo de desenho que quanto mais se olha, mais detalhes descobre, estava tão distraído que quando ela parou no bar, não percebi e ainda dei um passo, trombando meu corpo com as costas dela.

— Tem tequila! — Girou com um grande sorriso o ombro raspando no meu peito.

"Toda a família do noivo falecido aqui. Irmã do ex da Bianca. Toda a família do noivo falecido aqui. Irmã do ex da Bianca".

Comecei a repetir como um mantra tentando afastar a vontade de beijá-la, estar tão perto dela era agonizante. Um espaço ao seu lado foi liberado e sai das suas costas me colocando de frente para o balcão, o barman serviu duas doses de

PERIGOSAS NACIONAIS

tequila, pegamos os copos praticamente juntos, trocamos um olhar rápido e viramos. Ia terminar essa noite completamente bêbado, o que poderia dar errado?

— Não acredito que você veio até aqui beber sem mim! – Virei e vi um rapaz moreno, o dono do bar.

— Desculpa, eu bebo outro depois com você... Tiago, esse é o Daniel, vocês já se conheceram?

— Já sim, e ele estava no meu bar semana passada também, vocês se conheceram lá?

— Não, nos conhecemos ontem, aqui – fala muito tranquila.

— Interessante – ele olha para nós com um sorrisinho – então vai beber uma dose comigo?

— Preciso comer alguma coisa, Ti, se eu continuar bebendo assim não vou durar mais 5 minutos

— Você não comeu nada? – Falo num tom mais preocupado do que gostaria.

— Não deu tempo, é uma sucessão de senhorinhas sem noção atrás da outra – o comentário me faz rir, Tiago que está parado na nossa frente nos observa com muita curiosidade.

PERIGOSAS ACHERON

— Você me deve um shot e uma dança, não quero atrapalhar o que está acontecendo aqui, eu vou...

Ele não completa a frase, só vai embora deixando a Lívia vermelha como se estivesse prestes a entrar em combustão. Parece que mais gente está começando a notar que existe alguma coisa acontecendo entre nós. Sei que não vou conseguir ficar perto dela a festa inteira, ainda assim lamento quando ela fala que vai novamente até a mesa dos pais e preciso voltar até os meus amigos, não que isso seja ruim, são um grupo animado, agora o Igor está por ali com eles, assim como o Arthur, a Vanessa e a Gisele.

— Cadê a Liv? – Igor grita perto do meu ouvido logo depois de nos abraçarmos.

— Não sei, provavelmente com o idiota do irmão – não consigo evitar dizer aquilo.

— Você conhece o Guilherme?

— Longa história – e quando percebo o interesse crescente do meu amigo no assunto completo com um "*te conto outra hora*", assim que vejo a Sara se aproximando do grupo.

— Ei, cadê a Liv? – Olho ao redor como se ela tivesse dito aquilo com outra pessoa, mas ela ri

batendo com a mão no meu braço.

— Você também? Como eu vou saber?

— Não sei, vocês passaram o dia juntos...

— Vocês dois são muito engraçados!

É nesse momento que a Sara dá um gritinho e passa por mim indo encontrar com a Lívia que reapareceu, agora seguida pelo irmão, observo enquanto o Guilherme conversa com a Sara, e depois com o Igor, que me lança um olhar desconfiado, Lívia está com o Arthur e as primas da Sara, meus amigos ao redor, todo mundo virou um grupo só e eu preciso me afastar, talvez consiga encontrar algo para comer longe daqui, nesse momento sinto o estômago embrulhado por toda a bebida, não foi muito esperto beber tanto sem comer nada.

Discretamente me afasto do grupo para área externa, me lembro de ter visto uma espécie de buffet próximo ao bar é para lá que vou sozinho. Fico um tempo ao redor da mesa olhando toda a variedade de comida, mas é como se não conseguisse focar em nada, minha cabeça continua rodando no fato de que a Lívia e o Guilherme são irmãos, de que o Guilherme é o ex da Bianca e de que pareço estar apaixonado pela Lívia, porque só

isso explica eu ficar tão perturbado na presença dela, mais do que isso, só isso explica o fato da companhia dela ser a única que quero hoje.

— Aquele ali é muito bom – é uma frase conhecida, mas agora dita por um homem, a versão feminina da Lívia, o mesmo olho azul. Olho para ele confuso e depois ao redor para ver se mais alguém conhecido está por perto, mas não, seja lá o que estiver acontecendo aqui, ele veio sozinho atrás de mim – pelo visto você sabe quem eu sou e pelo que entendi, minha irmã não sabe que a gente "*se conhece*" – faz um pequeno sinal de aspas com os dedos e depois pega uma espécie de mini quiche de cima da mesa, enfiando tudo na boca, fica mastigando aquilo e me olhando esperando que eu diga alguma coisa.

— Nos conhecemos ontem...

— Eu soube – diz assim que termina de engolir o que tinha na boca e pega mais um – você sabia que ela era minha irmã?

— Não, estou tão chocada quanto você – não consigo esconder o toque da ironia de tudo aquilo.

— Isso muda alguma coisa? – Como a única coisa que faço é olhar para ele como quem

diz "*o que diabos isso significa?*", o rapaz completa a pergunta – o fato dela ser minha irmã muda o que está acontecendo entre vocês?

— Não tenho nada com a sua irmã.

— Certo... – Ele tem um sorrisinho irritante – olha, você não me conhece realmente, eu não conheço você. Quero dizer, ouvi várias coisas sobre você, mas com tudo o que aconteceu depois, acho que não posso levar em conta a opinião da única pessoa que nós tínhamos em comum até agora – eu estava completamente chocado, deve ser um traço da família, isso de começar a falar e nunca mais fechar a boca, com a Livia me sinto à vontade, agora com o Guilherme tudo o que eu gostaria de fazer era virar as costas e ir embora, mas existe algo fascinante no jeito deles de se expressarem, por isso permaneço no mesmo lugar só ouvindo – vou deixar que você conte para minha irmã sobre a nossa pessoa em comum.

— Obrigado – vejo ele dar um sorrisinho, como quem percebe que tinha razão sobre algo que disse antes, mas a verdade é que estou aliviado, gostaria mesmo de ser a pessoa a mencionar a ex-namorada em comum, não tinha a menor ideia do porquê Guilherme estar fazendo aquilo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Talvez a gente tenha a chance de se conhecer afinal – é quando o sorriso dele desapareceu enquanto ele se aproximava mais de mim, com uma atitude séria e pouco característica da personalidade que imaginei que ele teria – minha irmã não tem nada a ver com o que aconteceu no passado, então se isso for algum tipo de vingança para me atingir, eu agradeceria se você deixasse ela de fora, ela já passou por muita coisa...

— Eu não tinha ideia de que ela é sua irmã, não vivo minha vida para te atingir e não faria algo assim com a Lívia.

— Ótimo! – Coloca outro mini-quiche na boca, sorrindo.

— Ótima conversa – devolvo um sorriso forçado e me afasto.

O que foi que acabou de acontecer aqui? De volta no salão vejo a Lívia com o amigo, o tal Tiago, estão rindo e conversando, ela tem o maior dos sorrisos assim que me vê, é um daqueles sorrisos que parecem fazer meu cérebro virar gelatina porque em questão de segundos vou de “*mantenha-se longe*” para “*fique o mais perto possível*”.

PERIGOSAS ACHERON

Livia

Comer alguma coisa teve pouco ou quase zero efeito. A cada olhar que eu imaginava ser de dó de algum parente distante do Saulo, eu bebia uma boa quantidade de álcool e no ritmo que estava em pouco tempo fiquei alegre o suficiente para derrubar algumas barreiras emocionais, como sorrir abertamente para o Daniel ou tocar demais o braço dele sempre que ia falar alguma coisa, aquilo tudo era tão óbvio que se estivesse só um pouco mais sóbria sem dúvidas me sentiria mal.

É claro que o Daniel não facilitava as coisas, ou pensando bem, era exatamente o que ele fazia, tornava tudo mais fácil, ele estava o tempo todo ao meu redor, parecia haver dezenas dele por ali, para onde eu olhasse, para onde fosse, lá estava ele ao meu lado. Tão bonito, um pouco mais alto que os outros, não muito, mas o suficiente para ter de erguer meus olhos, ele estava sem o terno agora, só a camisa social com as mangas dobradas, o cabelo estava desalinhado, ele tinha a mania de passar a mão pelos fios e coçar o topo da cabeça quando conversava e refletia sobre alguma coisa. Daniel estava comigo em todas as vezes que fui até

o bar tomar um shot de tequila, eram sempre nós dois e mais alguém.

Muito tempo depois meus pais e meu irmão apareceram para se despedir, a festa já não estava tão cheia e eu já não estava muito bem, a maior parte do grupo, de amigos meus e dele, estava agora reunida em uma mesa rindo alto demais e contando histórias, ele estava sentado do meu lado, as cadeiras próximas demais, para que outras cadeiras fossem colocadas ao redor da mesa, nossos braços apoiados na mesa estavam grudados um no outro, em algum movimento para se colocar mais confortável a perna dele encostou na minha e não se afastou mais, eram coisas tão simples, mas que tiravam minha concentração.

Tiago estava contando uma história sobre mim, algo sobre um carnaval, eu não conseguia entender o que meu amigo dizia, consciente demais da proximidade do Daniel, aflita demais com tudo o que estava sentindo, nesse momento o braço dele estava no encosto da minha cadeira, ele parecia meio bêbado também, meio alheio a tudo, senti os dedos dele passarem pelo meu braço e ombro, deslizando pela minha pele para cima e para baixo, numa espécie de carinho, daqueles que fazemos

quase sem perceber, tirei as costas da cadeira e me afastei daquele toque muito nervosa buscando minha taça, mas ele mal pareceu notar, voltando o braço para a mesa.

Em determinado momento, quando escutei ele rindo um pouco mais alto de algo que o Tiago contou, meus olhos foram diretamente para ele, era a mesma cena que vi diversas vezes no café da manhã, ele estava rindo, inclinado a cabeça para trás e levou a mão fechada até a boca, de modo que só o polegar e o indicador tocavam seus lábios, os olhos estavam um pouco fechados. Percebi que estava olhando para ele provavelmente por tempo demais e olhei aflita em todas as direções, mas ninguém parecia ter notado aquilo, a mesa era uma confusão de histórias e assuntos paralelos, quando voltei a olhar na direção do Daniel ele tinha os olhos cravados em mim, os pensamentos pareciam estar longe dali, sorri um pouco vacilante sem saber o que fazer e ele piscou como se voltasse a realidade, os olhos dele foram dos meus para a minha boca e ficaram ali tempo demais, a pontinha da minha língua foi até os lábios, eu estava com sede, precisava me afastar, sair daquele olhar.

Alguém chamou meu nome, Caio ou Tiago,

tudo era um borrão, sentia como se o meu coração estivesse batendo na minha cabeça. Ouvi o que ele disse, Tiago ou Caio, estavam lado a lado, como eu poderia saber quem falava? Era uma história, ri e confirmei o que foi dito, assim que a conversa mudou de rumo, empurrei a cadeira para trás num pulo chamando a atenção do Daniel para mim mais uma vez, chamando a atenção de todo mundo, sentia um nó na garganta, meu corpo oscilou por causa de toda a bebida e o olhar divertido do Daniel mudou para algo que beirava preocupação, mais uma vez sem pensar a mão dele foi até a minha, segurando meus dedos.

— Tudo bem?

— Acho que vou para a pousada — Consegui soltar os meus dedos dele, mas sentia meu corpo inteiro arrepiado. Só havia nós por ali, a maioria das mesas estavam limpas, as cadeiras empilhadas.

— Hum... Precisamos mesmo desocupar o espaço, podemos ficar pela piscina conversando... — Igor sugeriu. Era engraçado perceber como o noivo, mesmo bêbado, ainda parecia um pouco mais responsável que os outros.

Isso fez com que todo mundo ficasse de pé

para ir embora, não era exatamente o que eu queria, sentia como se estivesse acabando com a festa de todo mundo, mas ninguém precisava me seguir, só queria me trancar no quarto sozinha, longe de todo aquele perigo. Tiago e outros amigos se despediram, estavam em uma outra pousada na rota do lagarto, os amigos do Igor, os dois que o Daniel me apresentou, pelo visto estavam hospedados ali mesmo. Ia caminhando meio vacilante conversando com a namorada de um deles, as primas da Sara estavam divididas, Vanessa ia muito próxima do amigo solteiro, Gisele estava ao lado do Daniel, que estava exatamente ao meu lado. Mais despedidas, no meu corredor estavam os amigos dele e as primas da Sara, um por um, todos eles foram ficando pelo caminho, até que sobrou apenas nós dois, nos dois últimos quartos no fim do corredor

— Ei, está tudo bem? — Me perguntou novamente, quando faltavam poucos passos para chegarmos até a porta dos quartos.

— Tudo, acho que meu plano foi um sucesso, me sinto realmente bêbada — ele deu uma risadinha e paramos na frente das portas, no meio do corredor, exatamente como na noite passada, o

que parecia ter acontecido em outra vida.

— Foi um prazer ajudar — o sorriso se esticou marcando as covinhas nas bochechas e então a mão dele estava mais uma vez no meu rosto, tirando uma mecha de cabelo que havia grudado numa parte meio suada da minha pele. Eu teria que raspar esse cabelo para que coisas assim parassem de acontecer.

Fiquei olhando para ele, sustentando seu olhar, acho que meus olhos eram uma mistura de pânico e desejo, mas os olhos dele cintilavam com toda a vontade que ele tinha de me beijar, como se estivesse travando uma batalha interna tentando decidir o que fazer. Engoli em seco notando que ele não se afastava, pelo contrário, parecia se aproximar milímetro por milímetro, enquanto olhava cada pedacinho do meu rosto sorrindo, senti meu corpo oscilar novamente. A mão dele desceu pelo meu rosto, no mesmo movimento daquela tarde, o polegar traçando uma linha da bochecha até a boca.

— O que você está fazendo comigo? — Falou baixinho, os lábios roçando o meu, senti cada pedacinho do meu corpo se arrepiar — não consigo ficar longe de você, seu cheiro me enlouquece — a

boca dele desce pelo meu pescoço – você é bonita demais, e tão divertida, quero passar todos os meus minutos com você...

— Daniel... – Arfo quando ele morde o meu queixo.

— Ainda temos muito o que conversar – soa sério e começa a se afastar de mim, mas não consigo romper essa ligação, passo meus braços pelo seu pescoço e o puxo de volta, os olhos castanhos dele me encaram com tanta intensidade que por um segundo questiono se estou mesmo no meu melhor juízo ao fazer isso.

— E se me beijar agora você não vai mais falar comigo?

— Se eu te beijar novamente talvez eu nunca mais pare de falar com você – o tom dele é grave e sinto algo se modificar dentro de mim, estamos completamente sozinhos aqui, ninguém vai ver, ninguém poderá me julgar por ceder tão facilmente.

— Bom então não vejo como mais um beijo pode estragar tudo o que ainda temos para conversar...

— Espero que você tenha razão – a mão desliza pelas minhas costas e antes que nossos

lábios se toquem ainda consigo dizer “*geralmente eu tenho*” fazendo ele sorrir um segundo antes de me beijar.

Quantas coisas cabem dentro de um beijo? É como se de repente eu tivesse ficado muito leve e fossem os braços do Daniel ao meu redor que me mantivessem de pé, o beijo começou calmo e foi ganhando algum ritmo quando minha mão deslizou dos ombros para as costas dele e então para o cabelo, os fios são grossos, sinto cada um deles entre os seus dedos, é estranho como meus sentidos parecem estar aguçados mesmo na penumbra do álcool, a mão dele pelas minhas costas vai deixando um rastro de calor enquanto ele me puxa mais para ele, a boca beija e mordisca a minha, sinto uma pressão estranha no peito uma dor física que faz com que eu comece a me afastar, as mãos dele estão agora no meu rosto, em ambos os lados enquanto ele parece querer evitar até o último segundo que nos separemos.

— Definitivamente ainda temos muito o que conversar – fala com um sorriso ainda perto demais.

— Você é cardiologista, né? – A pergunta esquisita faz ele se afastar com uma espécie de

sorriso, as mãos deslizando até os meus ombros enquanto dá um passo para trás para me olhar melhor – estou sentindo uma dor incômoda aqui – aponto para um ponto um pouco acima do peito – qual a chance de ser um infarto?

— Quase zero – ele ri – Bom, eu espero...

Quando olho para ele, sobrancelha erguida e uma expressão meio preocupada como quem tenta superar a embriaguez para se lembrar de coisas importantes, começo a rir, estou bêbada, beijando um homem num corredor com a família do Saulo por ali e agora estou rindo de um modo que não consigo parar, me afasto um pouquinho dele, Daniel está rindo também, uma das mãos deslizou pelo meu braço e agora segura a minha mão, quando a crise de risos começa a passar, ele usa esse mesmo ponto que ainda nos conecta para me puxar de volta para ele em um novo beijo.

— É melhor você deitar um pouco – diz enquanto a mão passa pelo meu cabelo e rosto – tem água no seu quarto? – Olho para ele sem conseguir entender aquela conversa – você precisa beber água antes de dormir.

— Tenho água – falo confusa.

— Amanhã a gente conversa... – Me beija

novamente

— Você...

— Vou para o meu quarto – diz com um sorriso indicando a porta atrás dele com a cabeça – acho que só beijos são o suficiente, quero dizer, para este fim de semana em específico, depois de amanhã tudo muda – sorri e eu entendo.

Mesmo ali naquele momento, mesmo estando os dois bêbados, ele entende o que esse fim de semana significa para mim.

— Até amanhã então – me inclino e beijo ele novamente, era para ser um beijo rápido, mas ele reluta um pouco em me soltar, é como se tivesse esquecido o que acabou de me dizer, ele me segura contra uma parede, o corpo pressionando o meu, uma das pernas entre as minhas, as mãos ansiosas pelo meu corpo, me sinto totalmente perdida, acho que soltei um pequeno gemido quando a boca dele passou pelo meu pescoço, os dentes arranhando a minha pele, foi o suficiente para ele me soltar e se afastar.

— Meu Deus, você... Você me faz perder completamente a razão – ainda estou encostada na parede ao lado da porta do meu quarto, respirando com dificuldade – você pode se trancar no seu

quarto, por favor? – Fala com uma risada sufocada.

— Você pode entrar comigo... – Ofereço porque quero isso mais do que tudo agora, ele parece dividido.

— Lívia... Nós precisamos conversar, eu te falei.

— Nós podemos conversar lá dentro – olho para o corredor escuro nervosa pensando que alguém pode aparecer.

— A última coisa que vou fazer dentro desse quarto é falar com você, precisamos conversar com calma, sóbrios... – Acho que ele nota a minha expressão desapontada, porque me puxa para ele e me beija de levinho – quero isso desde que te vi uma semana atrás, já sonhei com isso e nem te conhecia, só quero fazer tudo certo, não quero ser um idiota com você, quando ficarmos juntos quero que você saiba exatamente o que está fazendo.

— Tudo bem.... – Não entendia nada do que ele estava falando, mas não queria mais continuar ali – é melhor eu entrar.

Me soltei e entrei no quarto fechando a porta sem olhar para ele novamente, sei que ele estava tentando fazer tudo certo, sabia que aquilo

era a coisa certa a se fazer, ainda assim, não pude evitar de me sentir um pouquinho rejeitada.

Daniel

Eu deveria ter contado para ela sobre a Bianca, mas nunca surgia uma oportunidade, sempre havia gente demais ao redor e então o beijo aconteceu e pensei "*agora não é mesmo o melhor momento*", acordei com uma dor de cabeça horrível e uma mensagem do Igor dizendo que eu não fosse embora, havia algum tipo de almoço combinado, em um restaurante fora da pousada. Achei que o melhor a fazer seria tomar um banho, não conseguia pensar em comer nada, apesar de saber que precisaria comer alguma coisa, não lembrava quando foi a última vez que bebi tanto. Era tudo culpa da tequila, tinha certeza.

Depois do banho, sentindo-me um pouco mais animado comecei a ficar ansioso para encontrar com a Livia, o estado dela ontem à noite não era muito melhor que o meu, ela oscilava um pouquinho, mas parecia lúcida o bastante para saber o que estava fazendo, e eu havia negado ir para o quarto dela, se aquilo não era a prova de que

definitivamente não era mais o cafajeste que fui nos últimos anos, não saberia dizer o que mais significava além de burrice.

Eram quase 11 horas, não haveria mais café da manhã e não tinha absolutamente nada para comer, resolvi levar a mala até o carro e na volta esperar o Igor pela recepção para saber aonde iríamos, mas o motivo principal de continuar ali é que eu queria, não, eu precisava, encontrar com a Livia, se não fosse por esse pequeno detalhe, estaria dentro do carro indo embora agora mesmo.

Estava quase chegando no estacionamento quando vi a Livia voltando pelo caminho, aquilo era melhor do que poderia imaginar.

— Ei... — O sorriso dela era um pouco vacilante.

— Bom dia — ficamos os dois parados no meio do caminho, como se não soubéssemos agir um com o outro mais.

— Você já está indo?

— Não, só vou deixar as coisas no carro.

— Ah sim, foi o que eu fiz... — Ela parece um pouco ansiosa, então olha ao redor prestando um pouco mais de atenção ao caminho nas minhas costas — quer companhia?

Finalmente consigo sorrir, faço um gesto para o

PERIGOSAS NACIONAIS

caminho e começamos a andar juntos em direção ao estacionamento.

— Conseguiu tomar café? — Me pergunta, tentando puxar um assunto.

— Não, mas também não me sinto bem o suficiente para comer nada.

— Ah sim, eu também, parece que ainda sinto o gosto do uísque na boca e nem foi algo que bebi a noite inteira...

— O gosto de pé de mesa velha?

— Esse mesmo.

Quando chegamos até o carro, me distraio um pouquinho colocando tudo dentro do porta-malas, Lívia vai até o veículo ao lado e se apoia na lateral me observando, quando fecho o meu carro novamente ela está na mesma posição, só me olhando.

— Você está bem? — Pergunto porque não sei como começar a fazer isso.

— Estou sim, tirando o fato de que tenho vontade de chorar de cansaço quando penso que preciso dirigir até Vitória hoje ainda, estou bem — fala com um sorrisinho — e você?

— Acho que vou precisar de duas semanas para me recuperar completamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela dá uma risada enquanto abaixa a cabeça e olha para os próprios pés, quero beijá-la de novo, mas isso estragaria completamente a oportunidade que tenho agora e não é exatamente uma conversa que possa ser adiada por muito tempo.

— Sabe, eu lembrei que conheço seu irmão — Isso começou errado, ela levanta a cabeça para me olhar, o sorriso é quase nada no rosto.

— Mesmo? Ele não me disse nada.

— Quero dizer, não conheço, nós nunca fomos apresentados.

— Certo — agora a expressão dela é de desconfiada — era sobre isso que você disse que precisávamos conversar?

Confirmo com a cabeça e começo a me sentir desconfortável, mudo o peso do corpo de uma perna para a outra, estou ansioso e com medo de estragar tudo, será que foi por isso que o Guilherme deixou para que eu contasse? Por que sabia que isso estragaria tudo?

— Lembra da minha ex? — Ela confirma em silêncio, ao contrário de todas as vezes em que conversamos a boca dela não se move para dizer nada — o nome dela é Bianca, ela namorou seu irmão depois de mim.

PERIGOSAS ACHERON

Ela havia levantado os óculos para o topo da cabeça e seus olhos tornaram-se muito grandes me encarando, a boca se abriu um pouquinho e então fechou novamente, Livia piscou várias vezes franzindo o cenho, olhou ao redor e de volta para mim, a boca se abriu novamente, mas voltou a fechar em silêncio, isso não podia ser bom.

— Eu deveria ter comentado isso ontem, mas tinha sempre tanta gente em volta, tanta bebida...

— Bianca é a garota com quem você namorou 8 anos? — Ela finalmente fala interrompendo as desculpas esfarrapadas que eu havia começado a pronunciar.

— Sim...

— Você é o ex-namorado dela de antes do meu irmão? — A mão dela agita o ar em gestos e confirmo mais uma vez quando vejo ela levando a mão até a testa e dando uma risada — ela gostava muito de contar histórias sobre você — a voz sai numa espécie de chiado e risada.

— Como? — Não entendo isso, meu corpo vai para frente, quero saber que tipos de histórias minha ex poderia contar para um novo namorado e a irmã dele.

— Bianca... É a sua ex? — Fala de forma

pausada.

— Você está bem? – O jeito como ela fica repetindo essa informação começa a me preocupar.

— Você sabia que o Gui era meu irmão? Quando chegou aqui, quando me conheceu?

— Não, só descobri ontem quando ele falou com você no casamento, disse a mesma coisa para ele...

— Como é que é? – Agora ela tinha realmente uma expressão de chocada. Meu Deus nós nem tínhamos nada e aquilo parecia uma briga maluca de casal – vocês conversaram?

— Na festa. Ele achou que eu estava me aproximando de você por causa dele e não foi nada disso. Não é por isso.

— Mas o Igor e a Sara...

— Depois que nós terminamos, nunca mais falei sobre a Bianca com o Igor, ele não sabe das pessoas que ela namorou depois de mim, Igor ainda estava no Rio na época que eles namoraram, a Sara eu não sei. Não sei se ela e o Igor já encontraram com a Bianca em Vitória e o Igor disse algo.

— Provavelmente não, se ela soubesse que você é o ex-namorado da Bianca nunca teria nos apresentado – agora ela deu uns passos se afastando

de mim, indo para o meio do estacionamento.

Eu continuava no mesmo lugar, aquilo, definitivamente, era o plano do irmão dela, estragar tudo sem que houvesse uma oportunidade de realmente começarmos alguma coisa. E o que a Bianca poderia ter falado para ela? Todo mundo dizia que ela sempre tinha coisas boas para falar sobre mim, e isso sempre me deixou muito confuso, como ela poderia me ter em tanta consideração e ainda assim ter feito o que fez? Desencostei do carro pensando em ir até a Livia que estava parada à alguns metros de distância, mas quando comecei a me mover ela se virou e disse com uma expressão muito cansada:

— Você ainda é apaixonado por ela.

— O que? — Agora eu estava chocado, essa era a conversa mais maluca de todos os tempos — é claro que não sou.

— Daniel — o sorriso dela era estranho, como se dissesse que eu era um tipo especial de idiota por negar aquilo — você praticamente assumiu isso ontem, na trilha quando conversamos.

— Nunca falei que sou apaixonado pela minha ex — a interrompo de forma enfática.

— Mas também nunca superou o fim do

relacionamento e vocês ainda se falam.

— O que uma coisa tem a ver com a outra? — Ela parecia o Igor agora, era exatamente o tipo de coisa que meu amigo diria se soubesse que eu e Bianca ainda nos falamos, pior, se soubesse que eu tinha voltado a ficar com ela, e o que mais incomodava é que ela estava certa, eu nunca superei, mas não estava mais apaixonado pela Bianca.

— Tá, então você está me dizendo que nesse tempo todo vocês nunca ficaram?

— Sim, mas... Sou solteiro, não tenho compromisso com ninguém — não consigo olhar diretamente para ela, poderia ter mentido e negado, mas ainda tenho aquele sentimento sobre querer ser honesto com ela.

— Por que? — Livia ainda está à metros de distância, não entendo o que ela está perguntando, acabo ficando apenas parado, também olhando para ela que respira fundo e recomeça — se você não é apaixonado por ela, por que você nunca mais teve uma namorada?

— Não conheci ninguém com quem eu quisesse namorar.

— Não conheceu ou não deu uma chance para

ninguém? – Ela começou a andar na minha direção, mas parou quando viu que eu estava irritado.

— E você, por que nunca mais namorou ninguém? – Disse isso com tanta raiva que ela deu um passo para trás, que idiota, a situação dela era completamente diferente da minha, a boca dela virou uma linha fina, a expressão irritada.

— Nunca dei uma chance para outra pessoa se aproximar de mim, ao mesmo tempo que nunca mais gostei de ninguém ao ponto de querer iniciar um relacionamento – fala de forma sincera e me desarma.

Queria responder que não havia mesmo conhecido ninguém até esse maldito final de semana, quando a conheci e meu mundo saiu do eixo, agora não me reconhecia mais, aquela figura tranquila e inconsequente que construí por meses nos últimos anos tinha desaparecido e tudo o que eu queria era ter mais tempo com ela, mas ao mesmo tempo eu sabia que também nunca dei uma oportunidade real para outras garotas, Lívia havia me enfeitado desde o primeiro minuto, mas é provável que eu poderia ter me sentido assim antes se tivesse me permitido, não era um romântico ao ponto de imaginar que estávamos destinados um ao

outro, ou coisa do tipo.

— Não sei, acho que eu só não queria namorar ninguém, não queria que ninguém me conhecesse profundamente e depois de um tempo descobrisse que não sou tão interessante quanto elas imaginam ou esperam que eu seja – passo a mão pelo cabelo parecendo cansado, depois franzo meus olhos refletindo sobre o que acabei de falar, não acredito que disse tudo isso para ela.

— Como você pode não ser interessante? – Ela sempre fazia as perguntas mais estranhas. Levantei os olhos que estavam encarando uma pedrinha no chão perto de um carro e olhei para a Lívia, ela tinha um sorrisinho minúsculo, os braços estavam cruzados na frente do corpo, aguardando minha resposta.

— Sou bom em apenas uma coisa: meu trabalho. Foquei tanto nisso que não sobrou tempo para mais nada.

— Sim, você é especialista em coração – fala com o sorriso crescendo e não consigo evitar de rir da sua descrição do que eu faço.

— Sim, mas o músculo, não romanticamente...

— Dá para perceber – tomba a cabeça e o

sorriso vai todo para o lado direito dando a ela um tom de quem sabe de muito mais coisas do que eu poderia imaginar.

— Eu realmente não sou apaixonado pela minha ex – falo olhando dentro dos olhos dela, porque isso é verdade, não tenho a menor vontade de voltar a namorar a Bianca – mas fui apaixonado por ela, por muitos anos, mesmo depois que terminamos, só que isso acabou faz algum tempo.

— Tudo bem, não sou exatamente uma pessoa que pode julgá-lo por não superar um relacionamento, né?

— Sua história é muito diferente da minha.

Não podia aceitar que ela fizesse aquele tipo de comparação, desde quando a Livia me contou toda a história sobre ela e o Saulo, vinha refletindo sobre a estupidez de ter passado tanto tempo trancado na minha própria dor. Fui rejeitado por uma mulher, a única que amei e depois disso senti como se não fosse mais digno do amor de ninguém, era tão infantil de minha parte me sentir assim. Nunca me considerei uma pessoa vaidosa, mas aquilo só poderia revelar uma falta completa de amor próprio, como eu poderia ter passado tantos anos deixando que a opinião de uma única pessoa

ditasse a forma como me sentia em relação a mim?

— Eu sei que é, mas eu entendo, acho que entendo. Eu perdi o Saulo, e não existe nada que eu possa fazer em relação a isso, não tem como voltar atrás, ele não vai me enviar uma mensagem dizendo que sente a minha falta, e eu também não posso fazer isso, mas imagino que não seja fácil para você porque a Bianca ainda está por aí, uma parte sua ainda se apegava a ideia de que vocês pertencem um ao outro...

— Livia, eu não sou apaixonado... — Comecei a dizer e fui interrompido.

— Pela Bianca. É você falou, mas também nunca se apaixonou de novo por ninguém — disse com um sorrisinho lendo meus pensamentos mais uma vez, então começou a andar e encostou do meu lado no carro — eu também não. Todo mundo fica dizendo que preciso conhecer alguém, seguir em frente. O Saulo me disse isso ainda naquela maldita cama de hospital, mas eu não consigo. Conheci um monte de gente nesse tempo morando fora, mas nunca deixei ninguém permanecer tempo o suficiente para que a lembrança do Saulo não me fosse mais querida a seja lá o que eles fizessem.

Eu estava olhando para ela enquanto a

ouvira, ela tinha um ar de quem sabia exatamente o que falava, exalava sabedoria, era uma das pessoas mais conscientes sobre si mesma que já conheci, era como se não houvesse nada confuso dentro dela, todos os seus sentimentos e pensamentos eram muito bem organizados e ela sabia como ninguém os expressar.

— Isso, até esse fim de semana – falou de forma muito pausada, como se respirasse profundamente logo antes de começar a frase e então novamente no fim, eu havia voltado a encarar o nada na nossa frente, mas essa frase chamou minha atenção, olhei para ela novamente muito surpreso com aquilo, ela parecia um pouco corada, talvez fosse o sol, mas parecia agitada. Não consegui dizer nada, vi a boca dela formar um pequeno bico enquanto ela respirava fortemente, então girou o corpo ficando de frente para mim – você tinha mesmo que ser o ex da Bianca?

— Pelo visto ela contou histórias horríveis...

— Deixei de acreditar em praticamente tudo o que ela falou há alguns anos – dá de ombros me fazendo rir – mas que isso é uma grande confusão, é.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso quer dizer que terei uma chance de mostrar quem eu sou de verdade? De te conhecer de verdade?

— Me conhecer melhor fará com que eu te conheça melhor também, e você disse que vem evitando que isso aconteça. O que mudou?

— Você, você mudou isso – me coloco muito próximo dela, minha mão vai até o seu cabelo, colocando uma mecha atrás da orelha – quero mesmo conhecer você.

— Que tal começarmos com esse almoço?

— E com o número do seu telefone? – Ofereci meu melhor sorriso e vi ela dar uma risadinha, o rosto deslizando pela minha mão.

— Você não desiste mesmo?

— Soube que na terceira vez é que teria sorte.

— E esperou até o último minuto?

— Esperei até você confessar que está tão interessada quanto eu...

Ela deu uma risada alta e me beijou. Eu não tinha a menor ideia de onde isso tudo nos levaria, mas queria a oportunidade de encontrar com ela longe dali, longe da pressão dos familiares da Sara e do ex, longe do ar romântico da pousada, para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

entender se foi a atmosfera que criou todo o clima, ou se seria algo que conseguiria sobreviver após as emoções desse fim de semana.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 7

Lívia

De volta ao meu ateliê na segunda-feira a primeira coisa que vi, junto com a correspondência que a Naná voltou a separar para mim, foi um convite de um leilão beneficente da AR, a Fundação Ana Rosa, a ONG gerida pelos pais do Daniel que ajuda a custear tratamentos para pessoas carentes, tive um pouco de contato com a instituição na época que o Saulo esteve doente, não porquê usamos os recursos deles, mas por causa da Dra. Inês, meus pais acabaram muito envolvidos com a iniciativa, ajudando em alguns eventos e fazendo doações. Ana Rosa havia sido a mãe da Dra. Inês e pelas histórias era uma senhorinha que nunca conseguiu estudar medicina ou enfermagem, mas vivia aplicando seu conhecimento de “curandeira” em amigos e vizinhos, e quando era

preciso um especialista, ela ia de porta em porta pedindo ajuda aos vizinhos para arrecadar o dinheiro e ajudar no tratamento de quem fosse. Era uma história muito bonita.

O evento será em duas semanas, com o convite nas mãos vou até a loja conversar com a minha mãe.

Eu e o Daniel vínhamos trocando mensagens desde que deixamos o restaurante no domingo, depois de fingirmos para os nossos amigos que não tinha acontecido nada entre nós, não foi algo combinado, só pareceu natural naquele momento.

— Bom dia — dou um beijo no rosto da Naná que está na mesa dela — tem café por aqui?

— Só o da máquina... — Aponta uma máquina de café expresso.

Olho para aquela coisa gigantesca e desanimo, continuo entrando na loja, procurando pela minha mãe, tem algumas pessoas por ali já, olhando vestidos, umas três mulheres conversando e rindo alto. Encontro a minha mãe no escritório dela, nos fundos, no lugar mais silencioso daquela casa, segundo ela.

— Ei, eu recebi um convite da AR, um leilão. A senhora está sabendo disso?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah sim, eu disponibilizei um vestido de noiva exclusivo, que será feito no gosto/estilo da pessoa que ficar com o meu lote, além das mães do noivo e da noiva escolherem o vestido que quiserem aqui...

— Uau... Quero dizer, eu queria contribuir com algo, mas agora não sei mais – a loja da minha mãe não era conhecida exatamente por ter os melhores preços e sim pelos modelos exclusivos. É claro que ela trabalhava com o aluguel dos vestidos de outras marcas conhecidas e aqueles que as noivas não queriam comprar, mas ainda assim, a maior renda era de peças exclusivas, um vestido de noiva exclusivo Martha Moulin poderia facilmente passar de 10 mil reais.

— Qualquer coisa é bem-vinda, filha. Existem lotes maiores, mas também outros menores para que todo mundo tenha a sensação de contribuir e claro, adquirir algo.

— Certo, posso dar uma olhada no cofre? Quero recuperar as minhas peças não vendidas, vou escolher alguma coisa para enviar para o leilão e as outras vou fotografar para ativar novamente meu site. A Lu vem aqui hoje a tarde para conversarmos sobre isso.

PERIGOSAS ACHERON

Lu, é a Luisa, uma amiga minha da época da escola e que hoje trabalha como web designer, é praticamente a responsável pelo meu negócio existir online.

De volta ao ateliê com as peças, mandei uma mensagem para o Daniel “*Você é rápido, já estou sendo convidada para eventos da sua família*”, e uma foto do convite, depois fiquei me sentindo mal com aquilo, como se fosse uma provocação desnecessária envolver famílias tão cedo. Fiquei olhando para a tela do celular por uns minutos, nada. Porcaria.

Fotografei todas as peças e organizei os arquivos, ou pelo menos tentei, para deixar tudo mais ou menos certo para minha reunião com a Lu, eu já estava no portão da casa aonde a loja e o ateliê funcionam esperando minha mãe e a Naná para irmos almoçar quando meu celular vibrou com a resposta do Daniel “*manhã cheia de consultas, desculpe. Meu dia acaba de ficar melhor só de saber que terei companhia para velhos imbecis e senhorinhas sem noção*”, dei uma risada enquanto lia e fui surpreendida pela curiosidade da Naná.

— Sara não está te mandando mensagens da lua de mel, né?

— Ah não, acho que não terei notícias dela por um tempo, era... Um amigo – falo com um sorrisinho e ela me olha como quem sabe bem a verdade por trás desse amigo, mas não fala nada.

O almoço e a tarde passaram voando, eu tinha tantas coisas para resolver, tinha praticamente zerado meu estoque de matérias primas, não tinha quase nada das minhas caixas personalizadas para os produtos e precisava refazer o meu contrato com o Correios para o envio dos pedidos que seriam feitos pelo site. No final do dia eu estava exausta e descabelada querendo desesperadamente comer uma pizza e ainda era segunda-feira! Depois de um dia como esses eu e a Sara costumávamos nos encontrar de forma rápida, beber alguma coisa, reclamar da vida adulta e ir para casa satisfeitas, mas minha amiga estava casada e em lua de mel. Pela escuridão da loja, minha mãe já tinha ido embora, peguei o celular para mandar uma mensagem para ela e no mesmo segundo ele começou a tocar com uma ligação do Daniel, fiquei imediatamente nervosa.

— Oi...

— Oi, eu estava aqui bolando um plano de como te chamaria para sair pela primeira vez e tudo

parecia muito complicado e demorado, então pensei: estou com fome, talvez ela esteja com fome, por que não agora?

— Agora? – Olho minha imagem refletida na vitrine da loja. Estou de jeans rasgado, uma camiseta preta larga demais e tênis, meu cabelo é um caos preso em um coque esquisito, mas de alguma forma não quero perder a oportunidade e fico feliz pela iniciativa dele – estava pensando em pizza... – sugiro porque não estou mesmo vestida para ir em nem um tipo de jantar caro e romântico.

— Eu adoro pizza.

— Você conhece o Bixiga? Fica no bairro República.

— Acho que nunca fui...

— Não acredito! É simplesmente a melhor pizza de Vitória! Vou te mandar o endereço, a gente se encontra em uns 20 minutos, pode ser? Ainda estou no ateliê, vou direto – aviso para já deixá-lo preparado para o meu estado quando chegar lá.

— Ótimo.

Envio o endereço para ele e entro correndo na loja, vou direto para o banheiro. Só posso estar ficando maluca, olho minha imagem no espelho e

acho que tenho jeito, arrumo o meu cabelo num coque bagunçado que parece proposital, amarro minha camiseta gigante com um nó um pouco acima do cós da minha calça, deixando um pedacinho de pele exposto, corro para a sala de maquiagem, as meninas vão me matar se descobrirem que mexi aqui, mas não preciso de muito, rímel e blush para esconder a palidez do meu rosto, no fim, decido passar um batom bem clarinho também, estou usando alguns dos meus acessórios, três gargantilhas combinadas, várias alianças bem finas e um brinco mais simples. Não tem muito o que fazer mais.

Vou de Jardim Camburi ao bairro República sentindo meu corpo vibrar dentro do carro, quando finalmente estaciono tenho uma mensagem do Daniel dizendo que já chegou. Olho as mesas que ficam dispostas na calçada e estão todas vazias, Daniel está dentro do restaurante, sentado em uma mesa meio afastada da janela, o cabelo está penteado, tudo no lugar, como quando o vi pela primeira vez, ele usa uma camisa branca social e calça de linho branca também, as mangas da camisa foram puxadas e emboladas de qualquer jeito acima do cotovelo, fico aliviada de perceber que ele veio

direto do trabalho também, mas o que mexe mesmo comigo é a forma como ele me olha e o sorrisinho que tem plantado no rosto.

Daniel

Desde que me separei da Lívia ontem sinto como se estivesse agindo como um desesperado, eu a bombardeei de mensagens e ela me respondia todas, o final do meu domingo foi basicamente ocupado com isso, eu queria ter falado ontem mesmo para sairmos, mas achei que seria um pouco ridículo, era melhor não forçar. Durante todo o dia de hoje eu estive tão ocupado que ver a mensagem dela no meu almoço me deixou agitado pelo resto do dia, quem eu queria enganar? Eu estava mesmo desesperado para vê-la de novo e agora eu tinha os meios para fazer isso acontecer, mas não esperava que ela fosse aceitar, Bianca nunca aceitaria.

Sair do trabalho direto para um restaurante? Não, ela precisava ir em casa, tomar banho, se trocar, mil coisas, no fim, eu já estava exausto, era como se meu corpo esfriasse da correria do dia e eu não tivesse mais forças para sair. Veja só, estou fazendo de novo, estou comparando uma garota

com quem estou tentando sair com a minha ex, a diferença é que pela primeira vez, a garota nova sempre vence.

Assim que ela entra pelo restaurante não consigo não sorrir, ela tem um ar cansado, mas consegue ser tão estilosa usando jeans e camiseta, eu quero essa mulher, ela é a personificação de tudo o que eu nunca soube que queria. Fico de pé para cumprimentá-la, mas antes que consiga chegar onde estou, a senhora que está de pé do outro lado do balcão fala com ela.

— Lívia, veio buscar algo para levar?

— Hoje não, Lúcia. Vim comer com um amigo – sorri para a senhora e aponta para mim que sigo em pé próximo a mesa.

A senhora me olha com um grande sorriso para logo em seguida desaparecer enquanto a Lívia se aproxima de mim.

— Oi... – Estava pronto para recebê-la com um beijo, mas agora me sinto estranhamente tímido e beijo seu rosto apenas.

Ela se senta do outro lado da mesa na única outra cadeira disponível, longe demais de mim, não tenho tempo de conversar com ela, um garçom logo aparece, deixo que ela faça o pedido, brinco que

como não conheço o lugar, vou confiar na escolha dela.

— Então será uma meia parma, meio toscana — o garçom sorri parecendo hipnotizado com os olhos dela meio franzidos pelo sorriso gigante que mantém o tempo todo no rosto — e para beber?

— Como é segunda e atingi todos os meus limites no fim de semana, vou beber um suco, laranja, tudo bem?

— Claro, eu quero abacaxi — fala com o garçom que, sinceramente, parece distraído demais, tenho a impressão de que ele não anotou nada.

Assim que o rapaz se afasta parecendo relutante em ir ela me olha, o mesmo sorriso ainda no rosto.

— Estou aliviada que você veio direto do trabalho, estava preocupada com o meu estado...

— Que? Você está linda. Então é assim que uma designer de joias trabalha?

— Quando a rotina é interna ou burocrática sim, se eu tiver algum cliente agendado, aí preciso me produzir, algo a ver com credibilidade ou talvez não parecer uma hippie como a Sara diz.

— Parece mais interessante que meu guarda-roupa terrivelmente branco — ela ri — É verdade! Tenho umas 8 camisas praticamente iguais, 3 são

para emergências...

— Emergências tipo sangue? — Se apoia na mesa me olhando curiosa como uma criança.

— Emergências tipo o molho do meu almoço — dá uma risada alta, meu Deus como eu adoro ver essa mulher rindo.

Achei que não teríamos assunto, que seria uma situação estranha, tantas coisas me preocupavam em relação a esse encontro, mas aqui estamos nós, conversando e rindo, como no café da manhã no sábado, não falamos sobre o evento dos meus pais, mas ela me questiona sobre meu trabalho na clínica, se gosto de estar lá, ela faz uma careta quando diz “*ter um chefe é complicado, e quando o chefe é família, tudo fica pior*”, o que eu só consigo responder com um “*nem me fale*”.

Cada vez mais noto como meu pai sente orgulho do caminho que venho trilhando, você pode achar que estou exagerando em só notar isso agora, mas o Dr. Fábio não é um homem que se impressione fácil, elogios lá em casa sempre foram feitos quando eram totalmente merecidos, nunca de forma gratuita, mas mesmo expressando esse orgulho ele é muito exigente com a minha postura profissional, sou eu atendendo, sou eu operando,

mas de alguma forma é o nome dele que está sempre em jogo. Ainda assim não trocaria a clínica por nada, cada vez me apego mais aos pacientes e a equipe. Ela me conta um pouco do dia dela e do que ainda precisa fazer para colocar o negócio de volta a ativa, percebo que não tenho a menor ideia de como gerir um negócio.

Pela primeira vez na minha vida, é uma garota que insiste para que eu coma a sobremesa, uma espécie de "sorvete de pudim", diferente do queijo com nozes, dessa vez eu realmente gosto do que estou comendo, descubro que aquela é a sobremesa favorita dela.

— Eu sei fazer, mas esse aqui é o melhor de todos — fala pegando o último pedacinho do prato que estávamos dividindo sem nenhuma cerimônia.

Quando percebo já terminamos de comer, foi tudo tão rápido, não estou pronto para me despedir, puxo a conta e ela segura a comanda sobre a mesa.

— É uma pizza, nós podemos dividir...

— Não precisa...

— Sei que não, mas... Por favor? — O sorriso está lá, concordo porque quero resolver aquilo logo, sair dali e beijá-la.

— Meu carro está na rua de trás — fala assim

que chegamos na calçada – e o seu?

— Hã... – Olho ao redor tentando me lembrar – perto do supermercado, mas vou com você até o seu.

Ela comenta sobre outros restaurantes que tem por ali e digo que também não os conheço, recebo um olhar divertido.

— Você realmente viveu os últimos 14 anos fora de Vitória... – Diz parando ao lado da porta do motorista, ainda se referindo ao meu desconhecimento geral dos bares e restaurantes da cidade.

— Isso significa que tenho várias desculpas perfeitas para continuar te chamando para sair.

— E como eu gosto muito de comer, tenho a justificava mais inocente de todas para aceitar.

— Estabelecimentos irão prosperar. Gostaria de contribuir para a economia dessa cidade depois de tanto tempo longe, jantar quarta-feira?

— Só se eu puder ir em casa primeiro, um banho pelo menos...

— Você se preocupa demais, daqui... – Me aproximo dela deixando-a presa entre o meu corpo e o carro, enquanto me inclino e inspiro na curva do seu pescoço, ela tem aquele mesmo cheiro de

PERIGOSAS NACIONAIS

sábado, mais suave dessa vez — você parece perfeita.

O beijo dura tempo demais, sinto quando o nó da sua camiseta se solta e aproveito para deslizar minha mão pela sua cintura e costas, sentindo a pele quente, ela suspira na minha boca e eu quase perco a razão de novo, volto a minha mão para uma posição segura por cima da sua camiseta enquanto me afasto um pouco dela.

— Quarta-feira? Jantar, te busco na sua casa...

— Ok — ela parece meio embriagada, a boca vermelha pelo beijo, os olhos cintilam.

Espero na calçada até ela sair da vaga e ir embora, já no meu carro vejo no retrovisor que também estou um pouco "desalinhado", meu cabelo ficou bagunçado porque ela sempre leva as mãos até ele me puxando e controlando o que estamos fazendo, o que me deixa maluco, sinto uma ardência no peito, meu coração está fazendo o possível para bombear sangue o suficiente para todo o meu corpo que foi atingido por uma descarga de adrenalina. Meu apartamento e um banho gelado, é disso que preciso, não que eu ache que vai resolver.

PERIGOSAS ACHERON

Livia

Organizei em duas das minhas caixas personalizadas o conjunto que resolvi doar para o leilão da Fundação AR, fico olhando as peças sobre o veludo num tom de sienna queimado, refletindo sobre a minha decisão, o conjunto é formado por uma gargantilha, um bracelete, um anel e um par de brincos. As peças foram produzidas com fios de prata, brilhantes e âmbar, os brincos e o anel eram no formato de uma flor chamada *edelweiss*, com as pétalas pontudas brancas formadas pelos brilhantes e o miolo amarelo formado por pequenas pedras de âmbar, a gargantilha era mais simples, mas com as maiores pedras, tornando-a uma peça imponente com brilhantes pequenos do fecho, até uns maiores no centro, onde uma flor minúscula, igual a do brinco, ganhava destaque, quase como se estivesse espremida entre os grandes brilhantes finais. Eu amava aquelas peças, mas nunca iria usar e não queria disponibilizar na loja.

Fechei as caixas e anotei em um cartão do ateliê o valor de cada uma colocando tudo em uma bolsa para que a Naná pudesse enviar para a ONG junto com seja lá o que minha mãe fosse preparar para

enviar também.

Quando quarta-feira a noite chegou eu tinha ido embora muito antes do horário, não sabia bem como conversar com os meus pais sobre sair com um rapaz, nunca fiz isso antes, eu tenho 26 anos e nunca fiz isso! Saulo sempre esteve aqui, muito antes de namorarmos e eu não podia simplesmente me meter na lua de mel da minha melhor amiga com uma notícia dessas. Eu tinha acabado de colocar um vestido verde plissado e completamente solto que terminava um pouco acima do meu joelho e estava me olhando no espelho quando o Gui apareceu.

— Ei... Vai sair? — Fica parado na porta meio surpreso me olhando arrumada, é como os meus pais no dia que fui para o bar do Ti, ele sabe que eu saía em Nova York, mas não tinha me visto arrumada e produzida para isso ainda, não como antigamente.

— Sim, entra, quero falar com você... — Escuto meus pais conversando pelo corredor e me aproximo da porta fechando ela só um pouquinho para ter mais privacidade, Guilherme se sentou na minha cama e tem um sorriso idiota no rosto quando diz:

— Então eu estava certo e tem alguma coisa acontecendo entre você e o Doutor...

— Não, você estava errado aquele dia porque ainda não tinha nada entre nós – falo mais para ter razão, porque já tinha rolado um beijo, mas vejo pela expressão dele que tinha feito uma piada e eu cai.

— Mas é com ele que você vai sair? – Ergue a sobrancelha aguardando eu admitir, balanço a cabeça positivamente e ele parece sem jeito.

— Por que você não me contou da Bianca? – Pergunto sentando ao seu lado.

— Ele te contou, então? Menos mal...

— Por que você não me contou?

— Porque se eu estava certo sobre o clima entre vocês, achei que era ele quem deveria te contar, ele tinha que ser honesto com você, se não tivesse nada entre vocês que diferença faria saber que o amigo do Igor é ex-namorado da Bianca?

— Você não gosta dele, né?

— Nem conheço ele, Liv. Na verdade, me sinto mais envergonhado, eu sabia que a Bianca tinha um namorado e não me importei em ficar com ela, só percebi o erro quando aconteceu a mesma coisa comigo. Só espero que ele não seja um idiota com

você por minha causa.

— Eu também. Sei que cheguei outro dia aqui, mas... o Daniel é a primeira pessoa em muito tempo com quem me sinto bem – meu irmão segue em silêncio me olhando – é estranho. Sinto como se conhecesse ele há muito mais tempo, é muito fácil conversar com ele.

— Pelo comportamento dele no casamento, acho que sente o mesmo, ele não saiu de perto de você um minuto, mesmo depois da nossa “conversa”.

Meu celular vibrou com uma mensagem dele dizendo que havia chegado, vi o Gui olhando para a tela do meu telefone junto comigo.

— Estamos bem com isso? Você está bem com isso?

— Liv...

— Nunca fiz isso, não aqui. O que eu falo com o pai e a mãe? – Minha pergunta faz ele rir alto.

— Que você tem um encontro, você tem 26 anos, acho que tudo bem se sair a noite com alguém...

— Ou posso simplesmente fugir, como nos filmes – vou até a janela do meu quarto que fica virada para a rua e olho o jardim na frente da casa,

PERIGOSAS NACIONAIS

vejo um carro diferente parado lá na frente – quais a chances disso funcionar?

— Deixa de ser maluca, vem... – Meu irmão sai me empurrando do quarto enquanto digito uma mensagem para o meu “date” dizendo que estou saindo.

Meus pais estão na cozinha e fingem não notar que estou toda produzida, só recebo umas olhadinhas laterais do meu pai. Olho para o meu irmão aflita e ele esconde um sorriso com a mão enquanto indica nossos pais com a cabeça.

— Eu vou sair, tenho um.... Encontro? – Falo na dúvida olhando para o meu irmão que agora sim está segurando uma risada. Franzo minhas sobrancelhas zangada com ele.

— É mesmo? – Minha mãe está me olhando agora.

— Sim, preciso ir, ele já está ali fora...

— Ele não quer entrar?

— Não – falo correndo e escuto Gui engasgando nas minhas costas – quem sabe outro dia?

— Certo. Aproveite – ela volta para o que estava fazendo.

— Não volte tarde... – Meu pai ainda diz e olho

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aflita dele para o meu irmão que pisca para mim.

Saio praticamente correndo da casa, quando me vê, Daniel sai do carro e dá a volta me esperando, está tão bonito com jeans e uma camisa social meio lilás por fora da calça, as mangas dobradas, o cabelo bagunçado, do jeito que eu gosto, ele tem aquele mesmo sorrisinho que me distrai todas as vezes.

— Oi... — A mão passa pela minha cintura e ele me dá um beijinho leve na boca.

— Oi... Você trocou de carro? — Olho o carro ridiculamente grande e moderno nas suas costas, ele mantém as mãos na minha cintura e o sorriso sexy ao me responder.

— Soube que o pai da garota que estou tentando impressionar é dono de uma concessionária Honda...

— Você comprou um carro para me conquistar?

— Comprei um carro para conquistar o seu pai... — Fala baixinho no meu ouvido. A respiração dele no meu pescoço me deixa meio molenga, acho que ele interpreta meu silêncio de forma errada porque se explica — estou brincando, comprei o carro na sexta passada, mas só peguei ontem — beija a lateral da minha cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

— Sei... – Olho distraída para o carro e depois para ele com um sorrisinho beijando de leve sua boca, mas ele me envolve em um abraço, um beijo que praticamente faz eu me curvar um pouquinho até que ele fala no meu ouvido:

— Tem uma luz acesa na casa...

Olho para trás e vejo a janela da sala iluminada.

— Melhor irmos agora, antes que todos eles apareçam na janela.

Ele ri e abre a porta do carro para mim, brinco sobre ele ser um cavalheiro o que o faz rir e dizer algo como “*conte isso para minha irmã um dia*”, o carro ainda tem aquele cheiro de novo, o interior é todo cinza e preto e com um milhão de botões.

— Que carro é esse?

— Você não sabe? – Me olha surpreso, como se o fato do carro ser vendido pelo meu pai significasse que sou especialista em carros da Honda.

— Só reconheço o meu carro pela placa e pela cor – dou de ombros.

— É um Accord – aperta um botão e o carro liga.

— Você ligou o carro com um botão? – Isso o faz dar uma gargalhada – e depois diz que não

comprou para me impressionar – dou sorrisinho enquanto ele sai com o carro ainda rindo.

Vamos em um restaurante que fica no bairro Santa Lúcia de um chef muito conhecido por aqui. Como é quarta-feira o lugar está vazio, fico feliz por que teremos um pouco de privacidade. Vim nesse restaurante umas duas ou três vezes com o Saulo, não era muito o nosso tipo de programa, sempre fomos mais de barzinhos.

Ele se sentou na cadeira ao meu lado, achei aquilo divertido, sempre notei como é estranho essa coisa de casais sentarem um de frente para o outro nos jantares, acho que tem algo a ver com se olharem nos olhos enquanto conversam, sempre gostei mais dessa proximidade, de ficar ao lado da pessoa, de cochichar e dizer coisas baixinhas e mesmo trocar alguns beijinhos no meio da conversa, depois de fazermos os pedidos ele está um pouquinho de lado na cadeira quando me pede para contar alguma coisa da minha adolescência para ele.

— Não tenho muitas histórias boas da minha adolescência que não envolvam o Saulo – falo sem graça e sinto a mão dele passando de levinho pela minha bochecha.

— Não ligo que você fale dele, só quero saber um pouco mais de você – ele tem um sorrisinho minúsculo e cheio de compreensão no rosto que faz meu coração derreter um pouquinho.

— Certo... Eu jogava vôlei – a expressão de descrença dele me faz rir – e eu era muito boa – falo orgulhosa – estudei a vida toda no Salesiano, antes mesmo de chegar no ensino médio eu já estava no time principal da escola, no meu último ano lá nós participamos de um campeonato nacional e fomos vice-campeões.

— Uma atleta! – Dou uma risada com a falsa expressão de chocado dele.

— Durante essa competição nacional uma espécie de olheiro me descobriu, ele ofereceu um contrato para que eu fosse para o Rio, jogar no time de base do flamengo.

— Você está brincando, né?

— É sério, pode perguntar a Sara! Mas eu neguei, nunca imaginei que jogar vôlei fosse o que eu iria fazer da minha vida, eu comecei porque queria fazer novos amigos na escola, já não sofria tanto bullying, mas ainda era muito isolada só com a Sara e o Tiago como meus amigos, eu gostava de jogar, só que era um passatempo, algo que eu fazia

depois da escola, só isso. Além disso ir embora para o Rio e deixar tudo para trás não me animava nem um pouco...

— E você já namorava.

— Já, há uns 2 anos, mas nem era tanto pelo Saulo que neguei, eu só não queria mesmo, sabe? Não me empolguei em nem um momento com a ideia, permanecer em Vitória, estudar na UFES, continuar meu namoro e minha rotina era uma previsão de futuro que me deixava mais feliz do que me tornar profissional. Tudo no Rio era incerto, havia as chances de algo grandioso acontecer ou tudo poderia dar errado, eu era boa entre adolescentes, com profissionais o ritmo era outro.

— O que o Saulo fazia? – Vejo que ele fica tenso um segundo por ter voltado aquele espírito curioso que me enche de perguntas, mas abro um sorrisinho para responder e deixa-lo tranquilo.

— Engenharia Civil, ele estava trabalhando em uma construtora em Vila Velha. Era maluco por matemática, nunca entendi como o cérebro dele podia funcionar para fazer tantos cálculos de cabeça enquanto eu nunca nem decorei uma tabuada. Ainda assim sou eu que cuido e organizo

PERIGOSAS NACIONAIS

de toda a parte financeira da LIF, ainda bem que tenho calculadora e a Naná que é outra fera em matemática para me ajudar com tudo.

— Naná?

— Ah a Naná é a minha segunda mãe, ela cuidava de mim e do Gui quando crianças, acho que ela trabalha com os meus pais já faz uns 30 anos, desde antes do meu irmão nascer. Hoje ela é o braço direito da minha mãe lá na loja e me ajuda muito também, antes era com a melhor comida que já provei na vida, motivo pela qual fui bem gordinha minha infância toda, hoje com matemática e conselhos mordazes sobre minha vida amorosa.

— Impressionar a Naná... Anotado – ele se inclina e me beija – É uma pena que eu seja péssimo em matemática. Talvez eu deva usar de uma vez a cartada do “sou médico”.

— Ela não gosta muito de médicos – dou uma risada vendo a expressão dele de desanimado.

— Estou perdido...

— Ela gosta muito de rapazes bonitos, você pode sorrir bastante.

— Isso eu sei fazer – fala pertinho da minha boca com um grande sorriso enquanto a mão desliza pelo meu cabelo me beijando.

PERIGOSAS ACHERON

É por isso que sentar lado a lado é muito melhor do que de frente um para o outro.

Somos interrompidos quando nossos pratos chegam, me sinto mais tranquila agora, sem todo aquele nervosismo, é estranho porque saímos juntos na segunda-feira, mas parece que esse é o nosso primeiro encontro, vejo o Daniel olhando uma mensagem que acendeu na tela do celular, mas ele nem desbloqueia o aparelho, só vira a tela para a mesa enquanto continua comendo e me contando sobre a mudança dele e do Igor para o Rio de Janeiro.

Estou feliz por ter me permitido dar essa oportunidade para nós dois, para nos conhecermos melhor, e quanto mais tempo passo com ele, quanto mais conversamos, menos culpa eu sinto, e aquela sensação de estar de alguma forma traindo a memória do Saulo vai ficando mais distante, não estou sendo leviana, não estou me envolvendo de modo precipitado com ninguém ou correndo mais rápido do que minhas pernas podem aguentar, estamos indo devagar e nos conhecendo e isso importa para mim.

Eu só não sabia naquele momento que nem duas horas depois disso teria jogado todas essas

certezas para o alto e me deixado levar completamente pelas emoções.

Daniel

Antes de sairmos do restaurante, Livia me pediu um minuto enquanto ela ia ao banheiro, aproveitei para ver a mensagem que tinha chegado no meu celular. Bianca. Ela estava em cima de mim como uma águia, desde que voltei no domingo não parava de mandar mensagens, nós já havíamos conversado, eu já havia deixado claro que não voltaríamos a namorar, mas ela não desistia.

Ontem ela me ligou chorando, quis ir até o meu apartamento para conversarmos, disse que encontrava com ela no hospital, eu estava chegando para o meu plantão, ficamos quase uma hora sentados no meu carro no estacionamento, enquanto ela chorava e dizia que me amava querendo voltar a namorar. Realmente não conseguia entender de onde vinha tudo aquilo, nem parecia ser sincero, questionava por que ela queria tanto voltar comigo se ela não gostava de mim, falei umas quatro vezes que ela havia terminado

PERIGOSAS NACIONAIS

comigo, lembrei o fim do nosso relacionamento, lembrei que fui traído, lembrei que eu a havia ajudado a trair praticamente todos os namorados que teve depois de mim, e ela teve um bocado de namorados, e que nós dois não daríamos certo, disse que continuar aquilo era um erro, que precisávamos superar de uma vez por todas o passado e seguir em frente. Até que ela perguntou se eu tinha conhecido alguém. Fui sincero e disse que sim. Tentei ser razoável e pedi a ela que entendesse aquilo.

— Todas as vezes que você me disse que não voltaríamos a namorar eu recuava e você aparecia com um namorado novo, nunca me impus a você Bia, eu queria que você entendesse isso, podemos ser amigos, nos conhecemos há anos, mas não vai rolar mais nada, isso precisa acabar definitivamente.

Ela parecia mais irritada do que magoada quando saiu do meu carro depois de tentar me beijar e eu negar. A mensagem dela dizia algo sobre sentir a minha falta e tinha uma foto junto, que não baixei. Bloquei o telefone quando a Livia voltou, eu teria que lidar com a Bianca em outro momento.

PERIGOSAS ACHERON

Paguei a conta ouvindo um pequeno protesto da Livia e só quando estávamos para sair do restaurante que notei que chovia um pouco, ficamos parados no hall de entrada do restaurante, um espaço onde geralmente as pessoas ficavam esperando pela mesa, enquanto aguardávamos a chuva diminuir para ir até o carro.

— Ei... — Puxo ela devagar para mim e enquanto meus braços envolviam sua cintura, ela apoiou as mãos nos meus ombros — estava pensando, está um pouco cedo, talvez eu não precise te deixar em casa agora... — Estou me arriscando muito aqui, mas realmente não quero me separar dela ainda.

— Ah não? — Ela se inclina um pouquinho e me beija, uma das mãos desliza pelo meu pescoço, indo para o meu cabelo.

— Nós podemos ir para o meu apartamento — falo de uma só vez, porque o jeito que ela me beija faz meu cérebro pular etapas, ainda estou perto demais dela, sentindo sua respiração próxima a minha boca, ela ainda estava com os olhos fechados, eles se abrem de uma vez só me encarando, tenho a sensação de que ficamos tempo demais assim, colados um no outro, nos olhando,

PERIGOSAS NACIONAIS

com o meu convite feito e ela em silêncio, eu estava quase voltando atrás no que disse, dando uma risada e falando que estava brincando quando ela voltou a me beijar.

— Tudo bem.

Agora já não me importo nem um pouco com a chuva, só quero sair daqui com ela, pergunto se quer esperar eu buscar o carro, não está longe, mas assim ela não precisaria correr na chuva comigo, mas ela diz que não precisa, saímos de mãos dadas, quando a chuva faz a primeira manchinha no tecido da minha camisa, olho para a Lívia e falo “*Melhor correr, não quero que você desista*”, o que faz ela dar uma risada e seguir o meu ritmo até o carro. Já sentada no seu lugar ela dá uma olhada no vestido cheio de marcas de chuva e então me olha, o cabelo está molhado em vários pontos diferentes, observa minha camisa toda manchada de gotas e fala com um sorrisinho:

— Bom, nosso estado é lamentável – a mão vai até o meu rosto tirando o cabelo que grudou na minha testa.

— Você continua linda, mesmo com isso aqui...
– Passo o polegar por baixo do olho dela aonde um risquinho minúsculo preto tinha aparecido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aí meu Deus... — Ela arfa e abre um espelhinho do carro se olhando — Ah, achei que tinha manchado tudo...

— Não era nada — dou uma risada ligando o carro — melhor ir, que tipo de médico eu seria se te deixar por muito tempo com essa roupa molhada?

Vejo ela ficando corada, eu queria rir novamente, mas me controlo. Ela vai praticamente em silêncio todo o caminho, meu apartamento fica em Jardim da Penha, não muito longe de onde ela mora com os pais. Quando entramos no elevador, o silêncio dela começa a me deixar agitado, e agitado ao lado dela eu faço um milhão de perguntas idiotas.

— Está tudo bem?

— Sim... — Me olha tranquila com um sorriso, mas não diz mais nada.

— Não é a primeira vez que você está fazendo isso, né? Desde... — Cale a boca! Minha mente grita e eu paro.

— Faço o que? — Agora ela está de frente para mim com uma expressão muito divertida.

— Indo para a casa de uma pessoa com quem você saiu... — Resolvo deixar tudo o mais simples possível, mas mesmo assim ela ri, uma risada

PERIGOSAS ACHERON

divertida enquanto balança a cabeça e chegamos no meu andar. Estou abrindo a porta do meu apartamento quando ela fala nas minhas costas.

— Não, não é a primeira vez.

— Ok.

Deixo que ela entre primeiro, não é um apartamento grande, quase não fico aqui e até hoje tudo é muito básico, sem muita decoração.

— Quer conhecer o apartamento? – Sinto minha garganta arranhar, ela volta a olhar para mim.

— Depois de você – o sorrisinho dela quase me faz apressar tudo de novo, a puxo pela mão em direção ao corredor.

— Sala, cozinha, banheiro – aponto a primeira porta – quarto de visitas...

— É aqui que eu fico? – Para no meio do corredor, olhando para o cômodo.

— Você não é visita – ok, posso começar isso aqui.

— Ah não? – Olha novamente para o quarto.

— Não, você é minha... – A puxo para perto de mim num beijo apressado, finalmente deixando meu desejo transbordar, passo meu dente pelo seu pescoço, lembrando da reação que ela teve com

isso no fim de semana, o corpo dela arqueia mais para perto de mim, continuo beijando seu pescoço e ombro, enquanto deslizo uma alça do vestido pelo seu braço.

— Não sabia que eu era sua – isso está errado, se ela ainda consegue pensar e me responder não estou fazendo isso direito, deslizo a outra alça pelo braço e o vestido soltinho desliza devagar até o chão, ela respira com dificuldade e eu tento o máximo que posso me controlar enquanto olho para ela de calcinha no meio do meu corredor – e você?

— Eu? – Minha voz é rouca, enquanto ela vai abrindo botão por botão da minha camisa numa paciência inacreditável, a cada botão um beijo vai deixando uma marca quente no meu peito – Sou seu desde o dia que te vi pela primeira vez... – Os olhos azuis voltam para mim, a boca meio aberta num sorriso atrevido, é quando eu me perco.

Não sei exatamente como chegamos até a minha cama, era uma confusão de beijos e risadas enquanto ela tentava tirar as sandálias de salto, eu arrancava a minha camisa e abandonava o meu sapato, ela abria o meu cinto e eu perdia completamente a cabeça. Eu imaginei muitas vezes como isso aconteceria, mas nada havia me

preparado para ela, era como se a timidez, aquela que vez ou outra ela demonstrava, desaparecesse e só sobrasse a Livia segura e de sorrisos diabólicos, eu estava perdido, eu era mesmo dela, definitivamente, essa mulher poderia me fazer de gato e sapato, eu só esperava que isso não fosse acontecer novamente.

— Você é mesmo bom... — Fala baixinho deitada no meu peito, uma perna sobre a minha, dou uma risada e giro meu corpo me colocando quase por cima dela.

— E isso é algo que você ouviu?

— Hum rum... — O sorrisinho tímido estava de volta — e comprovei.

— E você é incrível — beijo a pontinha do seu nariz e ela dá uma risadinha preguiçosa — ouvi algumas vezes que não tinha a menor chance com você.

— E você não tinha... — Olho para ela deitada na minha cama completamente nua e sinto sua mão batendo no meu braço, dou uma risada — não tinha até que mostrou que não era um idiota.

— Se não sou um idiota, o que eu sou?

— Você é bom, eu já disse — ri.

— Eu quero ser ótimo — deslizo minha mão

pela sua cintura até sua coxa, puxando a perna dela para cima.

— Hum... Acho que podemos chegar lá – Ela suspira enquanto a beijo, me fazendo rir.

— Ah nós vamos sim, eu ainda estou só começando.

Livia

Depois que me deixou em casa ontem no meio da madrugada, Daniel havia me mandado uma mensagem assim que voltou para o apartamento dele, uma foto da cama bagunçada e um pequeno texto com uma provocação sobre o lugar estar vazio demais.

Fiquei na minha cama até muito depois do que normalmente era comum, deixando que meus pais se organizassem e saíssem sem mim, eu tinha um sorriso besta pregado no rosto e não queria ter que me explicar, nem sobre a hora que cheguei, nem pela minha expressão de tonta. Quando a casa ficou relativamente silenciosa, fui para o meu banheiro, tomei um banho longo e demorado, tudo estava acontecendo rápido demais. Eu sei, não sou mais

nenhuma juvenzinha, mas ainda assim, era diferente, diferente de todas as vezes que fiz a mesma coisa em Nova York, eu ficava repetindo para mim mesma que a diferença era que agora eu estava em Vitória, mas no fundo sabia que não era isso, a diferença era o Daniel, a diferença é que dessa vez eu me importava e queria que desse certo.

Como eu não tinha fome, só coloquei um macacão pantacourt de alcinha, calcei meu tênis de sempre e fui para o ateliê. Eu tinha uma mensagem da Sara perguntando como eu estava e dizendo que no domingo eles estariam de volta, ela queria marcar um jantar na casa dela “*meu primeiro como casada*”, a mensagem dizia. Respondi enquanto ia entrando na loja, já passava das 10 horas, segurei a porta de vidro enquanto um rapazinho com um buquê que vinha meio apressado pela calçada indicou que iria entrar também. Sorriui agradecido e terminamos de entrar juntos.

— Bom dia — dei um beijinho na Naná que saiu da mesa dela para atender o rapaz e fui direto até a máquina de café. Geralmente noivos ou pais mandavam flores para as filhas que estavam na loja fazendo a prova final do vestido, então aquela era

uma cena muito comum no nosso dia-a-dia.

— São para você... — Ouvi a Naná falando e girei meu corpo depressa demais derramando um pouquinho do café da xícara minúscula, as únicas disponíveis perto da máquina. Ela tinha um sorriso para mim como quem passou a vida inteira esperando aquilo acontecer.

— Hã... É mesmo? — Olhei nervosa para o cartão na mão dela, ainda fechado, só meu nome riscado fora do envelope pequeno.

Me aproximei devagar do buquê que o rapaz me estendia e assim que tirei as flores da mão dele, ele se virou e foi embora. Era um buquê muito bonito, com lírios e rosas brancas e rosadas, eu não sabia o que dizer.

— Então, quem mandou?

— Ainda não vi o cartão... — Só havia uma pessoa para fazer algo desse tipo, ainda assim era difícil de acreditar, ou eu não queria pensar demais naquilo e descobrir que era de qualquer outra pessoa e me decepcionar.

— Vamos trocar então — ela me estendeu o cartão e pegou as flores cheirando de levinho cada tipo de flor presente no arranjo.

Dei as costas para ela enquanto abria o

envelope, era uma letra puxadinha, mas compreensível.

“Espero que as flores não sejam um exagero. Pelo segundo encontro perfeito, ansioso para que cheguemos logo ao milésimo. Daniel”

Senti todo o meu corpo se arrepiar, ontem depois de me mostrar que ele poderia ser ótimo, ainda ficamos um bom tempo deitados juntos conversando, brinquei dizendo que no começo daquela noite me sentia nervosa, como se fosse nosso primeiro encontro, mesmo que tivéssemos saído juntos na segunda-feira, mas naquele momento eu estava tão tranquila era como se saíssemos juntos há muito tempo, "*mil encontros*", ele falou concordando comigo.

— Que flores lindas! — Minha mãe fala assim que entra no espaço. Meu coração está tão acelerado, eu ainda estava encarando o cartão na minha mão.

— São da Liv...

— Jura? Foi o rapaz com quem você saiu ontem que enviou?

Balanço minha cabeça concordando, o cartão

ainda preso pelos meus dedos quase na altura do meu rosto.

— Acho que temos um vaso lá dentro, vou arrumar com um pouco de água e levamos para o ateliê depois, tudo bem?

— Ótimo! Preciso fazer uma ligação... — Saio praticamente correndo da recepção, mas vejo minha mãe e a Naná trocando uns olhares e risadinhas.

Fico circulando pela garagem da casa tentando me acalmar, estico a minha mão e vejo que estou tremendo. Merda. Estou me apaixonando por ele, estou mesmo me apaixonando por ele, e o Daniel não facilita em nada, sendo todo atencioso, ouvinte e extremamente safado quando convém. Ligo para o celular dele, mas no fundo torço para que esteja ocupado e não possa me atender. Ele responde depois de alguns toques.

— Oi...

— Você está ocupado? Desculpa eu nem pensei, só te liguei, talvez você esteja com paciente... — Disparo a falar, escuto ele rindo e me calo.

— Eu pedi a Regina para segurar o próximo paciente um minuto para te atender. Posso falar.

— Recebi as flores, obrigada, são... São lindas.

Obrigada.

— Não foi demais? Nunca fiz isso antes...

— Não, são perfeitas. Naná ficou muito impressionada.

— Foi exatamente para impressionar a Naná que enviei... – Dou uma risada alta demais – talvez agora ela não me odeie por ser médico.

— Talvez...

— Pela minha lista, só me falta impressionar a sua mãe e o seu irmão.

— E a mim?

— Meu Deus mulher, o que mais você quer de mim?

Rio de novo e não sei o que responder.

— Tenho plantão hoje, mas podemos sair amanhã – ele propõe de novo.

— Amanhã é o aniversário do Caio, vou ao bar do Ti – ele fica em silêncio e reflito por um segundo – você quer ir comigo? Realmente não posso faltar.

— Você quer que eu vá?

— Acabei de te convidar!

— Te busco às 8, pode ser?

— Combinado.

Tiago e Caio vão pirar completamente ao me

verem chegando lá com o Daniel, não tenho ideia do porquê fiz isso, acho que é cedo demais ainda, mas talvez nós possamos ir como amigos, nada demais, certo?

Trocamos algumas mensagens ao longo do dia e quando acordei na sexta, havia outras mensagens que ele me mandou durante a madrugada, parecendo entediado no plantão. Passei o dia inteiro agitada na expectativa de que estaríamos juntos e em público naquela noite, mas quando estava terminando de me arrumar recebi uma mensagem do Daniel se desculpando que não conseguiria ir comigo até o bar, ele não disse exatamente o que aconteceu, só que teve um imprevisto e que sentia muito, me ligaria mais tarde. Foi inevitável me sentir decepcionada e sem nenhuma vontade de sair.

Eu estava usando um vestido justo e curto, as alças passavam pelo meu braço deixando meus ombros a mostra, tinha escolhido aquele vestido pelo Daniel e agora não queria trocar, se eu fosse escolher outra roupa iria desanimar e eu precisava sair.

O bar estava lotado, como da última vez em que estive aqui. Caminhei até a área VIP do meu amigo

PERIGOSAS NACIONAIS

e a primeira pessoa que vi foi o meu irmão, pela primeira vez fiquei aliviada pela ausência do Daniel, esse era um encontro que eu gostaria de evitar por mais um tempo até ter certeza absoluta do que estávamos fazendo.

— Uau... — Tiago aparece na minha frente — garota, vamos te colocar em um lugar seguro agora! — Ri e começa a me guiar até o espaço reservado. Gui aparece do meu lado e me dá um abraço levinho e um beijo no topo da minha cabeça, ele tem um copo de algo que pode ser vodca e energético na mão.

— Liv! — Caio surge do meio da multidão.

— Feliz aniversário — estico uma das minhas bolsinhas para ele — desculpe não ser nem um pouco original e te dar uma das minhas peças, mas essa fiz para você — beijo o rosto dele que tem um grande sorriso.

— Viu Guilherme, quem sabe ano que vem você me dá um carro... — Meu irmão dá uma gargalhada e diz algo como “*quem me dera se eu pudesse*”.

— Você está dando joias para o meu namorado?

— Ele merece — pisco para o Caio que tem o

PERIGOSAS ACHERON

maior dos sorrisos ao tirar de dentro da sacola um bracelete de couro trançado com uma tag prata onde está gravado "*Virtus perseverantiae*", que é algo como "A virtude da perseverança", em latim, algo que ele sempre diz.

— Liv, eu amei, quero colocar agora... — Estica o braço e eu o ajudo a colocar, ele ainda fica olhando a pulseira no próprio pulso até que dá um salto e grita — Tequila! — E começa a me puxar em direção ao bar.

Minha bolsa com o celular ficou na mesa da área vip, junto com o meu irmão, havia algumas outras pessoas conhecidas por lá, por isso não me preocupo tanto quando o Caio me puxa para pista de dança com o Tiago indo e vindo com drinks.

— Amo fazer aniversário e ser atendido pelo dono do bar — ele grita para mim assim que o Tiago volta com dois drinks para nós.

— E ser o namorado do dono do bar?

— Essa parte é ainda melhor! Cadê aquele médico gostoso que estava com você no casamento?

— Ele não pode vir — falo olhando ao redor e rindo, mas quando olho para eles, Caio e Tiago estão boquiabertos me olhando, dou uma risada.

— Você está pegando o McDreamy? — Tiago puxa meu braço e Caio dá uma risada.

— Ah meu Deus, era meu sonho chamar alguém assim, Grey's Anatomy finalmente nos possibilitando o melhor da vida.

— EU SABIA!

— Não sabia de nada, não tinha nada acontecendo aquele dia ainda... — Minto mais uma vez.

— Eu sabia que era uma questão de tempo.

Passamos muito tempo dançando e rindo, até que me sinto cansada e resolvo voltar para perto do meu irmão, não tão perto, tem uma garota agarrada a ele, então me mantenho um pouquinho distante para não o deixar sem graça. Tem muita gente da época da escola aqui, Tiago e Caio mantiveram contato com quase todo mundo. Eu estava distraída conversando com uma menina que puxou conversa comigo, lembro que ela era da turma do Tiago, ficamos conversando sobre o que ela está fazendo da vida e o que eu estou fazendo, inacreditavelmente ela não menciona o Saulo, nem o que aconteceu, ela só conversa comigo normalmente.

— Oi — sinto uma mão na minha cintura e

Patrick está do meu lado.

— Oi, não sabia que você estaria aqui hoje — me afasto um pouquinho dele, fazendo com que sua mão saía de mim. Ele me olha sem entender — aniversário do Caio...

— Eu não tinha ideia.

— Então esse é só um bar que você frequenta demais? — Rio.

— Ah sim, principalmente se for um que você estará sempre — ele volta para perto de mim, mão na minha cintura, a boca praticamente roçando na minha orelha enquanto diz isso, me sinto mal com aquilo, quando consigo me soltar dele vejo o Daniel em pé no meio das pessoas olhando para nós com uma expressão que parece variar entre a raiva e o ódio.

Daniel

Eu estava pronto, aguardando a hora de sair e buscar a Livia quando a Bianca começou a me ligar, ignorei as três primeiras ligações, depois comecei a ficar preocupado que alguma coisa poderia mesmo ter acontecido e atendi.

— Oi Bianca...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Preciso falar com você...

— Bia, já conversamos o que tínhamos pra conversar.

— Dan, por favor, preciso da sua ajuda. Meu pai passou mal, acho que ele está sendo operado, ninguém me fala nada, estamos no hospital.

Merda. Olho a hora, não vou conseguir fazer as duas coisas.

— Estou indo.

Mando uma mensagem para a Livia avisando que não vou conseguir ir no bar, ela me responde só com uma carinha triste. Merda, merda, merda.

Assim que chego no hospital, fico quase 30 minutos atrás da Bianca, a encontro na cafeteria, rindo e conversando com uma enfermeira amiga dela, começo a ficar irritado.

— Você veio... — Ela tem um sorrisinho convencido no rosto.

— O que aconteceu com o seu pai?

— Nada na verdade, um mal-estar, já está melhor, mas eu precisava falar com você... — Começa vindo para cima de mim.

— Você só pode *tá* brincando comigo — seguro os pulsos dela antes que me encoste — porra, Bia.

— O que está acontecendo, Dan? Quando você

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vai enjoar dessa nova conquista e voltar para o que tínhamos?

— Quando você vai arrumar um namorado novo e me esquecer por mais um ano?

— Eu te disse, gosto de você, podemos voltar ao que tínhamos, como no Rio, mas agora melhor, aqui...

— Bianca, acabou. Não vamos voltar a namorar, não gosto de você e você não gosta de mim, sei o que você quer...

— Dan... — Ela volta para cima de mim.

— Sei que você mentiu para mim sobre o fim do seu namoro com o Guilherme, o rapaz com quem você me traiu. Sei que foi você quem terminou com ele, sei que você fez o mesmo que fez comigo, que tinha um namorado dias depois e mesmo assim você ficou comigo um fim de semana inteiro, semanas depois. Você me traiu e eu te ajudei a trair vários namorados, mas agora acabou.

— Não tenho ideia do que você está falando.

— Que desculpas você inventa para os namorados quando quer traí-los? Eu gostaria de saber, para entender se passei por isso antes ou só no fim.

— Você não pode falar comigo desse jeito...

PERIGOSAS ACHERON

— E você tem que aceitar que acabou. Eu fiquei atrás de você por anos, deve ter sido muito confortável, mas agora acabou, eu ligo para o seu pai depois... — Começo a sair e ela me ameaça.

— Não acabou não, só acaba quando eu disser Daniel, sempre foi assim.

— Eu fui o ex-namorado simpático e bonzinho até agora Bianca, não queira ver meu lado ruim.

— Lado ruim? — Dá uma risada debochada.

— Eu tenho um nome, lembra? Você costumava adorar isso, filho da Inês Rosa e do Fábio Ribeiro. Estou tentando fazer isso de forma amigável, mas eu posso fazer do jeito difícil. Segue a sua vida e para de me ligar.

Saio do hospital tão irritado que sinto minhas mãos tremerem. Eu criei toda essa confusão, é minha culpa ter continuado aceitando as migalhas que a Bianca me oferecia e agora ela acha que pode me controlar, que tem poder sobre mim. Ligo para a Lívia, uma, duas, três vezes, nada. Fico tempo demais dentro do carro no estacionamento tentando me acalmar, resolvo ir até o bar, preciso vê-la, preciso conversar com ela, ter a confirmação de que existe algo bom e certo na minha vida.

Vejo o amigo dela, o dono do bar, ele acena

para mim e grita “*Liv está lá atrás*”, sorrio agradecido, então ela contou para ele? Só isso explica o que acabou de acontecer, o bar está cheio demais como das últimas vezes, a vejo na mesma área vip que estive com minha irmã semanas atrás, ela está linda, finalmente sinto meu corpo relaxar e continuo avançando no meio das pessoas para chegar o quanto antes nela, mas outro chega na minha frente, Patrick, ele se aproxima demais, ela se afasta, ele a puxa de volta, falando algo no seu ouvido, mas que imbecil desgraçado. Lívia parece desconfortável quando se afasta novamente dele e me vê.

Ela olha ao redor e então começa a vir para perto de mim. Respira Daniel, você não está irritado com ela, está irritado com a sua ex, está irritado com esse idiota que não consegue tirar as mãos dela toda vez que os vê juntos.

— Ei você veio... — Ela para na minha frente, olho para onde ela estava, Patrick está no mesmo lugar olhando para nós, a poucos passos dele, Guilherme me encara também.

— Tentei te ligar... Eu...

— Ah, eu sinto muito, meu celular ficou na bolsa, na mesa. Achei que você tivesse uma

PERIGOSAS NACIONAIS

cirurgia, ou algo do tipo...

— Tudo bem, acho que não deveria ter vindo aqui – ela segue meu olhar e vê o irmão dela e o Patrick no mesmo grupo, os dois tentam evitar olhar na nossa direção, mas não conseguem.

— Te chamei para vir, lembra? – A mão dela vai até a minha e isso me distrai, olho para nossas mãos e sinto algo ficar mais leve em mim, consigo abrir um pequeno sorriso.

— Lembro, desculpa por mais cedo, queria ter vindo com você.

— Está tudo bem?

— Agora sim – passo uma mecha do cabelo dela por trás da sua orelha e me abaixo para falar no seu ouvido, enquanto meus olhos encaram o Patrick que não para de olhar para nós – Você está linda. Eu vou poder te beijar?

Ela dá uma risadinha e beija meu pescoço, sinto meu braço arrepiar, quando volto a olhá-la, Livia não espera nem um segundo até passar a mão pelo meu pescoço me puxando num beijo.

— Acho que devemos ir...

— Já? – Voltou a beijá-la segurando com força seu corpo perto de mim. Por favor, me diz que já.

— Estou com fome...

PERIGOSAS ACHERON

— Podemos pedir algo no meu apartamento.

— Vou pegar a minha bolsa – começa a ir, mas seguro sua mão e vou com ela. Nesse segundo me sinto um pouquinho possessivo, nos beijamos no meio de uma multidão, tudo bem ficar ao lado do seu irmão por alguns segundos.

Patrick evaporou do lugar, menos mal. Guilherme tem um sorrisinho minúsculo para mim, que só o cumprimento com um aceno de cabeça, antes que consigamos sair, o rapaz que acho ser o aniversariante aparece.

— Você já vai? – A voz dele é um pouco indignada, Livia dá uma risadinha e fala algo baixo com ele que só então me vê e abre um grande sorriso – certo, obrigado pelo presente, Liv, e por ter vindo. A gente se fala amanhã, em detalhes... – Pisca para ela.

Livia dá uma risada alta e diz um "*minha nossa*" antes de começar a me puxar para longe, sorrio para o rapaz e desejo um feliz aniversário apressado antes de segui-la para fora do bar.

— Você está me sequestrando? – Puxo ela para mim quando chegamos no carro, ela praticamente correu até ali comigo a seguindo. O olhar confuso dela me diverte – parece que você não me queria

nem um segundo lá dentro mais...

— O que? Não, claro que não. Ah, me desculpa, nós podemos voltar... — Olha para o bar atrás de nós parecendo arrependida.

— Não, estamos com fome, lembra? — Ela ri daquele jeito delicioso e toca o meu rosto de levinho me puxando para um beijo, a mão deslizando pela minha nuca, os dedos entram no meu cabelo, inconscientemente solto um gemido enquanto prendo ela contra a porta do carro, suas pernas se afastam fazendo com que eu me encaixasse ainda mais nela, sua mão entra por baixo da minha camiseta, tocando minhas costas e então a minha barriga, aproveitando esse momento, minha mão sobe até a curva do seu seio, solto um gemido baixinho na sua boca — Liv... — Consigo me afastar — melhor a gente ir.

Abro a porta do carro e deixo ela entrar, meu corpo inteiro está tenso quando sento no banco do motorista, ela ainda está ofegante quando me olha e diz:

— Você me chamou de Liv?

Livia

Não conversamos muito depois que entramos no apartamento dele, as mãos do Daniel estão por todo o meu corpo, puxo a camiseta de malha simples que ele estava usando, é uma camiseta azul clara com uma estampa de flores num tom azul mais escuro na altura do peito, a mão dele desliza abrindo o zíper nas costas do meu vestido, os dedos arranham meus braços me libertando da roupa, me sinto meio zozza e de alguma forma poderosa, fomos caminhando pela sala, enquanto nos beijamos e tentávamos nos despir meio sem jeito e afobados, empurro Daniel para o sofá, ele me olha deslumbrado.

— Você é real?

— Não... — Dou uma risadinha, enquanto me sento no seu colo, de frente para ele, as mãos dele deslizam pela minha cintura.

— Você parece real, mas é tudo que eu já sonhei...

Fico paralisada por um segundo, ele diz umas coisas, em momentos como esse que me deixam um pouco abalada, não consigo responder ou reagir de forma apropriada porque a mão dele puxa a minha nuca me aproximando para me beijar. Ele não me solta um segundo, me beija inteira, em

movimentos ágeis ele se livra da própria calça, os olhos estão sempre em mim, não me parecem mais tão calmos agora, Daniel geme contra minha pele não me permitindo me afastar, ele me deita sobre o sofá cobrindo meu corpo com o seu, eu me perco entre sorrisos e gemidos, enquanto ele segue explorando o meu corpo, é uma sensação boa, de ser aos poucos esvaziada de todas as minhas inseguranças e então preenchida com emoções que não sentia há muito tempo.

O tempo todo com ele por perto é como se eu vivesse em um turbilhão de emoções, sinto aquele calor e uma pressão no meu peito novamente, tão rápido, tudo está acontecendo tão rápido, hoje ele é quem está deitado sobre a minha barriga, a mão deslizando de levinho pela lateral do meu quadril e perna, num movimento suave de vai e vem. Ele desliza o dedo indicador pela minha costela, bem por cima da minha tatuagem enquanto lê.

— *Alis volat propriis...* o que significa?

— “Ela voa com suas próprias asas”, foi minha primeira tatuagem, logo que comecei o meu ateliê.

Não estou olhando para ele, mas sinto quando sorri, a barba por fazer arranhando minha barriga.

— Todas têm um significado? — Agora o dedo

vai trançando o contorno dos desenhos no meu braço.

— Não exatamente, a garota com o capacete de astronauta foi a última, estava bêbada com amigos em Londres e comentei sobre voltar para Vitória e como eu gostaria de ser invisível aqui, nós tínhamos visto um filme de um garotinho que teve vários problemas genéticos e usava um capacete desse para não ser notado pelas outras crianças, foi assim que surgiu essa. As flores são só porque sempre achei bonitas...

— Você fez uma tatuagem bêbada? – Agora ele ergueu o corpo, pairando acima de mim, me encarando divertido e surpreso.

— Não! Eu tive a ideia bêbada, fiz a tatuagem muitos dias depois.

— E a da nuca? – Ele deita do meu lado no sofá, me espremendo no cantinho, respiro fundo antes de responder.

— Foi para o Saulo, um pouco antes dele falecer, é um símbolo do infinito – ele confirma com a cabeça – com uma florzinha chamada edelweiss, dizem que é a flor do amor eterno... – Fico sem graça, nunca imaginei que teria que explicar isso para alguém, não sei porquê não

invente qualquer história sobre ela, mas a reação dele me desarma.

O sorriso se torna maior e ele me abraça mais me beijando de um jeito tão profundo que sinto que nada do meu passado seja capaz de magoá-lo, não preciso ter medo de compartilhar essas coisas, sempre fui honesta com ele e continuarei sendo. Ele volta a deitar sobre mim, quietinho só me abraçando.

— O que aconteceu mais cedo? — Enrolo um dedo em uma mechinha do seu cabelo e sinto a barba dele arranhando meu ombro quando move a cabeça para me olhar, fica assim por uns segundos, como se estivesse avaliando o que me dizer. Então ele se senta, se afastando um pouco de mim, quase me dá as costas.

— Bianca me ligou — eu estava me levantando também e paro, o corpo meio suspenso no ar — ela tem ligado, mandado mensagens e eu tenho ignorado, mas hoje depois de umas três ligações seguidas achei que poderia ter acontecido algo e atendi, ela disse que o pai estava em cirurgia e ninguém informava nada a ela, parecia preocupada no telefone, então eu fui até lá, talvez eu pudesse descobrir algo, mas era mentira. O pai dela estava

bem, foi só uma desculpa para falar comigo e me levar aonde ela queria.

Estou finalmente sentada no sofá, ele tem uma expressão cansada, como se lhe custasse me contar aquilo, olho ao redor e a camiseta dele é a peça mais próxima de mim, sei que preciso ouvir a história toda primeiro, mas não consigo deixar de me incomodar com o fato de que a Bianca ligou e ele escolheu ir ter com ela do que comigo. Puxo a camisa e visto, me levanto e ele fica só sentado no sofá me olhando preocupado.

— Eu já volto...

Vou para o banheiro e fico andando de um lado para o outro, indo e vindo e pensando, eu sabia disso, sabia que eles ainda se falavam, que mantinham contato, apesar dele ter negado ainda ser apaixonado pela ex. Eu me sentia tão angustiada naquele momento. Vamos lá, Lívia, não é nada demais, você já passou por isso antes, conheceu alguém, viveram bons momentos e não deu certo, qual o motivo para que isso te deixe angustiada agora? Não tem nada de extraordinário aqui.

Mas tinha, ontem mesmo com as flores eu entendi que havia algo diferente no que estávamos começando, toda a nossa conversa no fim de

semana e depois, e tudo que havia acontecido nesses dias mostravam que aquilo era diferente, eu precisava dar a ele uma chance de falar. Respirei fundo e sai daquele banheiro me preparando para o pior.

Ele continuava no sofá, estava com a calça jeans agora, os cotovelos apoiados nos joelhos e a mãos cruzadas na frente do corpo que estava inclinado para frente me observando voltar devagar e sentar ao lado dele no sofá.

— Você ainda a ama? — Perguntei de forma clara e olhando bem dentro dos olhos dele. Daniel franziu o cenho diante da minha pergunta, a boca esticou só um pouquinho em descrença.

— Eu já te contei que não...

— Não, você me disse que não é apaixonado por ela. E ser apaixonado por uma pessoa é diferente de amar uma pessoa. Por exemplo, você pode muito bem se apaixonar por mim e ainda amar a Bianca...

— Eu não amo a Bianca, Liv... — Ele me chama pelo meu apelido de novo e preciso fechar meus olhos um segundo antes de continuar.

— Por que vocês ainda se falam?

— Porque eu fui um idiota todos esses anos,

toda vez que a Bianca me ligava entediada eu estava lá...

— Isso é amar uma pessoa – falo novamente.

— Não, isso é ser dependente de uma pessoa, é achar que aquela pessoa será a única capaz de gostar de você na vida. Eu sei que parece muito ridículo isso, eu sou médico, sou bem-sucedido e, de acordo com a minha irmã, relativamente bonito, então como eu poderia pensar em algo assim? A única explicação que encontro é que, apesar de tudo isso, sou alguém com uma autoestima bem baixa. Eu amei a Bianca por muito tempo, mesmo depois que ela deixou de me amar, e eu fiz um monte de coisas erradas, justificando o que eu fazia porquê amava a Bianca e isso fez de mim uma pessoa pior. Ao invés de evoluir, de me tornar uma pessoa melhor, o fim do meu relacionamento me fez um ser-humano pior, não de um modo geral, eu continuava sendo um bom amigo, um bom irmão e um bom médico, mas com mulheres, em relacionamentos eu afundei completamente, eu tinha sido bom uma vez e me dei mal, qual motivo eu tinha para continuar sendo bom então?

— Era seguir sendo verdadeiro. Sendo você mesmo – ele me olha meio confuso e magoado –

não posso ser isso para você Daniel, não posso ser a pessoa que conserta o que ficou errado depois do seu relacionamento com ela. Simplesmente não posso fazer isso, porque passei tempo demais me reconstruindo e te ajudar nisso seria me entregar a você completamente sem nenhuma garantia, e não posso me entregar a você se existe essa ligação entre vocês ainda.

— Não consigo entender porquê não convenço ninguém sobre isso – fala frustrado – tem semanas que eu venho falando isso para a Bianca, que não gosto dela, que não quero mais ter contato, que isso precisa acabar e ela segue atrás de mim e agora você também não acredita – ele me olha angustiado e me sinto perdida – como eu posso explicar que aqui dentro – aponta para o próprio peito e depois para a cabeça, não sei se para afirmar as duas coisas ou numa correção médica de que o coração não guarda sentimentos – não existe mais a Bianca.

— Ela definiu quem você é hoje, o que ela te fez ainda define como você age.

— Saulo também fez isso com você... – Sei que ele não está tentando me atacar, mas sim entender o que quero dizer. Me aproximo um pouquinho dele e seguro a sua mão, imediatamente os olhos

PERIGOSAS NACIONAIS

castanhos e calmos dele vão parar nos meus, me olhando, como se implorasse algum tipo de compreensão.

— Fez, Saulo mudou completamente a pessoa que já fui um dia, fez isso antes de morrer, quando ainda éramos amigos e ele me tornou mais corajosa e confiante, e fez isso quando morreu, precisei pegar aquela situação horrível e me tornar mais forte com ela.

— Por que você acha que nossa situação é diferente? — Agora sou eu que pareço confusa — quero dizer, sei que as circunstâncias são diferentes, mas estou te contando a minha história, essa parte que estava dentro de mim há tanto tempo e nunca consegui expor. Na minha cabeça é tudo muito parecido com algo que você já me disse, que nunca permitiu ninguém se aproximar o suficiente de você, foi o que eu fiz, a diferença é que você foi viver isso longe, focou em estudar e amadurecer e eu, eu continuei exatamente onde eu estava, trabalhando e fazendo besteiras, eu levei tempo para me curar e levei tempo para entender que estava curado. Por que se fechar para outros relacionamentos faz de você forte e de mim alguém fraco e que ainda ama a ex?

PERIGOSAS ACHERON

— Eu ainda amo o Saulo, sempre vou amar o Saulo. Amar outra pessoa para mim significa esquecê-lo – sinto meus olhos se encherem de lágrimas – como posso esquecê-lo? Deixa-lo no meu passado? É isso que sempre me impede. Não consigo, sempre me sinto culpada e você me distraiu dessa culpa, mesmo lá no casamento, eu não me sentia culpada ou mal por estar com você...

— Eu não amo a Bianca, Livia. Eu nunca mais deixei ninguém me amar e nunca mais ameie ninguém, mas sei o que estou te dizendo agora: não sinto mais isso pela Bianca. Foi um erro voltar a me envolver com ela quando voltei para Vitória, ou mesmo antes disso, e não percebi isso quando te conheci, sempre soube, tanto que nunca contei ao Igor, não quero que você me salve ou me cure. Eu terminei o que estava acontecendo entre nós antes mesmo de te ver pela primeira vez. Quando te vi naquele jantar a única coisa que eu queria era ter você na minha cama, eu não tinha ideia de quem você era, da sua história, de nada. Só queria você fisicamente, era desejo. E então eu conheci você, e antes mesmo de descobrir toda a sua história eu estava apaixonado, sábado à noite, naquele corredor, eu já estava apaixonado. Não quero que

você me ajude a ser uma pessoa melhor ou me conserte, eu sei como ser melhor e quero ser melhor porque só assim acho que vou merecer você. Não posso mudar o que aconteceu no meu passado, e não estou me envolvendo com você para superar a minha ex, nós temos muito em comum, mas também muitas coisas diferentes, você acha que amar alguém é esquecer o Saulo, e não precisa ser assim, ele sempre será parte da sua história, da sua vida, é um amor que foi tirado de vocês, não tenho dúvidas de que se ele estivesse vivo eu jamais teria te conhecido, você nem teria me visto naquele jantar, ele estaria lá com você tudo seria diferente. Não sou você Livia, a sua verdade não é a minha, você não pode achar que só quando eu amar alguém novamente é que vou deixar de amar a Bianca, porque essa regra foi você quem criou para lidar com o que sente, mas não é como as coisas funcionam para mim.

— Esse sim parece o milésimo encontro – falo um pouco cansada e ele sorri, parecendo exausto também.

— Entendo se você quiser ir para casa, pensar em tudo isso e conversamos depois.

— Ainda não comemos... – Falo baixinho e o

PERIGOSAS NACIONAIS

Daniel abre um grande sorriso.

— Eu achando que você está me deixando e você está pensando em comida?

— Não consigo pensar quando estou com fome – ele se movimenta para me beijar, mas o faço parar no meio do caminho – não entendo o que está acontecendo entre nós, tudo tem sido rápido demais e isso me assusta. Acredito em você, não sei porquê, mas acredito que está sendo sincero comigo e vou confiar no que está me dizendo – me aproximo e o beijo de forma suave, mantendo nossos lábios juntos por um tempo, ao me afastar vejo que ele está me olhando de modo atento, tentando ler algo nos meus olhos ou minha mente – por favor, não seja um idiota comigo. Se tudo isso for demais para você, só seja sincero, ok? Converse comigo.

— É tudo o que tenho feito, Liv, conversado, me exposto, me abrindo sobre o que sinto hoje e o que senti no passado, quero que me conheça como ninguém mais, mesmo que isso revele partes de mim que não gosto, quero que esteja comigo sabendo quem eu sou e que entenda que quero ser o melhor para você...

— Você é ótimo – falo dando um beijo nele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Achei que eu era bom – me provoca e dou uma risada, o clima voltando a ser leve.

— Na maior parte do tempo, às vezes você é ótimo, mas já está ficando só bom de novo pois estou com fome.

— Vamos resolver isso! – Fica de pé e pega o celular, futuca pelo aplicativo e me olha – comida japonesa? – Concordo feliz vendo ele andar pela sala enquanto faz o pedido, deixo meus olhos passearem pelo corpo dele, o peito largo e os pelos descendo pela barriga, ele me olha me flagrando.

— O que foi? – Coloca o celular no móvel da TV e volta para o sofá do meu lado.

— Gosto quando você me chama de Liv – disfarço passando minha mão pela sua barba por fazer indo até o seu cabelo, ele deita o rosto um pouquinho na palma da minha mão, como se aproveitasse o carinho, então me olha com algo indecente nos olhos e aquele sorriso safado ao dizer:

— Gosto quando você me chama de "huuummm"... – Diz mordendo o lábio inferior me fazendo dar uma gargalhada.

— E ele está de volta... – Fico de pé rindo, mas ele me puxa de volta para o sofá, sentada no colo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dele a mão do Daniel passa pelo meu rosto e depois alisa o meu cabelo.

— Isso vai dar certo, nós dois, posso sentir — e assim ele começa a me beijar novamente.

Um beijo que faz tudo dentro de mim tremer e liquefazer, que faz minha pele arrepiar enquanto tenho a sensação do meu corpo inteiro se tornar muito leve a ponto de conseguir flutuar. Ele levanta comigo do sofá e sem tirar os olhos dos meus me leva até o quarto.

É diferente dessa vez, a forma como me olha enquanto tira a camiseta que estou vestindo, ou os beijos lentos e delicados que dá pelo meu ombro e pescoço, algo dentro de mim me diz que posso chorar a qualquer minuto, faço um esforço para me controlar, porque isso sim seria ridículo demais, não quero ter que explicar algo tão estranho, mas pela primeira vez em muito, muito tempo mesmo, sinto de novo aquela conexão e sintonia com outra pessoa. Não é mais só desejo e libido, é um carinho, um cuidado que está pronto para virar outra coisa, nós só precisamos nos curar mais um pouco do nosso passado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 8

Daniel

Abandonei de vez a minha racionalidade e conclui que estou mesmo apaixonado por ela, de um modo que quando tento expor meus pensamentos e sentimentos tudo parece confuso e exagerado, fico pensando em tudo o que aconteceu ontem e só tenho uma certeza: quero a Livia na minha vida, quero mais momentos como os que tivemos ontem, quero alguém com quem eu possa falar de coisas que eu ainda tento entender e que essa pessoa mesmo depois de notar minha confusão, ainda escolha ficar. Ela é mais do que perfeita, é como se ela tivesse sido feita e preparada para mim, e tudo o que eu passei estivesse me preparando para ela também.

Não combinamos nada para esse sábado, preciso ir para o hospital, tenho um plantão para

PERIGOSAS ACHERON

cumprir. Acordo cedo demais no sábado e vou para a academia, encontro o Arthur por lá, ele conversa comigo animadamente e me informa que o Igor e a Sara estarão de volta amanhã, coisa que eu sei porque meu amigo me enviou uma mensagem falando sobre um jantar. A Livia também comentou, mas não conversamos sobre como faríamos, vamos juntos? Vamos agir como se nada estivesse acontecendo?

Estava indo embora quando ouvi chamarem meu nome, olhei ao redor e vi o meu pai na lanchonete que ficava no primeiro piso da academia, ao lado dele estava o pai da Livia, aquela cena me deixou tão nervoso que eu parecia um adolescente que fez besteira e estava prestes a ser descoberto. Tive que ir até os dois já que o meu pai continuava acenando para mim.

Eles estavam sentados cada um com café, não vi nem um dos dois lá em cima, então era provável que tivessem acabado de chegar por ali. Ricardo olhava para mim de um jeito suspeito, era como se os seus olhos dissessem “*sei o que você anda fazendo com a minha garotinha*”, mas talvez fosse só uma impressão minha, assim que cheguei ao lado deles a expressão do homem se desfez num

sorriso enquanto meu pai nos apresentava oficialmente.

— Ricardo, esse é o meu filho, Daniel, ele voltou do Rio há pouco tempo...

— Nós nos conhecemos em um casamento no último fim de semana – praticamente interrompe o meu pai – ele foi padrinho junto com a minha filha – termina de dizer isso olhando para o meu pai com um grande sorriso no rosto.

— Casamento do Igor? – Meu pai pergunta para ninguém em especial, mas o homem confirma.

— Isso, é um bom rapaz. Ele se casou com a Sara que é uma grande amiga da minha filha, praticamente faz parte da nossa família.

— Você não comentou nada – meu pai tenta parecer despreocupado, mas reconheço um toque de reprimenda na sua voz, provavelmente ele está um pouco arrependido de não ter ido ao casamento agora.

— Mal nos vimos essa semana, pai... – Me defendo, mas na verdade não achei que precisava comentar aquilo com os meus pais, não com tudo o que estava acontecendo entre eu e a Lívia, ou pelo menos até as coisas ficarem mais claras entre nós.

— Tenho quase certeza que não conheço a sua

filha, só o rapaz...

— Ela morou fora um tempo, mas graças a Deus está de volta, é uma garota incrível e não falo isso por ser minha filha – ele ri e meu pai concorda, como se ele mesmo vivesse dizendo coisas daquele tipo sobre os filhos – é a coisa mais preciosa que tenho, eu mataria por aquela menina.

Tenho vontade de rir com isso que parece uma ameaça velada, principalmente por causa do olhar que ele me lança segundos antes de dizer essa frase, mas só fico olhando para os dois pensando em como me afastar dali, descubro de onde a Lívia e o Guilherme puxaram a eloquência, ele continua falando e eu sigo mudo do lado ouvindo.

— Ela conhece a Inês, Lívia passou por uma fase difícil, tinha um noivo, um rapaz muito querido por nós, sua esposa foi fundamental por manter minha filha de pé naquela época, nunca seremos capazes de agradecer o suficiente.

De repente me sinto mal em continuar ali, por mais que quisesse saber sobre o relacionamento da Lívia com a minha mãe, não queria descobrir nada daquele jeito, ouvindo a conversa dos outros. Vejo o sorriso orgulhoso do meu pai com a história que está ouvindo sobre a esposa e resolvo que é melhor

eu ir.

— Você e a Livia ainda se falam? — O pai dela pergunta me pegando completamente de surpresa.

— Sim... Um pouco — gaguejo — nos conhecemos só lá no casamento então... — Me arrependo de dizer isso, ele nos viu conversando no estacionamento no dia do jantar do Marcos Abadi, então sabe que já nos conhecíamos de antes.

— Ainda estão se conhecendo — completa a minha frase com um sorriso estranho, concordo meio atônito e com um sorriso muito sem graça no rosto.

— Eu preciso ir, pai. Tenho um plantão...

— Claro, filho. Você vai almoçar conosco amanhã?

— Vou, já combinei com a Isis.

Me despeço dos dois me afastando, mas posso sentir que me seguem com os olhos e escuto só um pouquinho da conversa, a parte em que meu pai conta que eu e o Igor somos muito amigos, mas ele não pode ir no casamento.

Eu estava dando entrada no meu plantão no meio da tarde enquanto trocava umas mensagens com a Livia sobre o sábado dela e descobri que ela tinha ido para ateliê, "*precisava ocupar a minha*

cabeça e parar de pensar em bobagens", fiquei encostado por ali próximo a área do pronto socorro com um sorriso bobo no rosto enquanto tentava digitar uma mensagem atrevida para ela, "*Pensando em bobagens ou lembrando de coisas?*", sou distraído por uma correria no hospital, mas logo vejo um outro médico acompanhando o caso.

Olho de volta para o celular e tem uma nova mensagem da Livia lá "*pensando, lembrando, imaginando... Meu cérebro não para um minuto*", tenho um sorriso grande demais no rosto, não consigo responder pois sou trazido de volta a realidade pelo chamado de uma das enfermeiras e preciso atender outro caso que está chegando, vou caminhando com ela enquanto me informa tudo, um senhor de uns 60 e poucos anos, dores fortes do lado esquerdo do peito, dormência e ou formigamento no braço do mesmo lado, ele não soube dizer com precisão, como sempre minha cabeça desliga do resto e vou fazer o meu trabalho.

Muitas horas depois, quando já passei pelo quarto para ver o paciente e tranquilizar a família, resolvo ir até uma das salas de descanso e dar uma olhada novamente no meu celular, mas não tenho

PERIGOSAS NACIONAIS

novas mensagens, resolvo ligar, ela me atende parecendo meio atrapalhada.

— Desculpe, você está ocupada? – Pergunto quando escuto ela xingando baixinho.

— Não, estou me arrumando para sair, derrubei meu pó no chão...

— Pó? – Dou uma risada.

— Maquiagem, minha maquiagem – fala depressa, então parece que respira e quase posso ver seu sorriso do outro lado – tudo bem?

— Tudo, aproveitei meu horário de pausa para te ligar – queria perguntar aonde ela vai, com quem ela vai, mas não parece certo, mesmo assim ela começa a me contar.

— Vou sair com o meu irmão – volta a falar parecendo distraída novamente – Tiago, Caio e outros amigos estarão lá, estava mais no clima de ficar em casa quieta, mas o Gui reclamou que ainda não tive tempo para ele desde que voltei. Sua irmã é muito carente?

— Um pouco, mas sempre que eu apareço ela dá um jeito de me despachar...

— Para longe das amigas?

— Sim... – Abro um sorriso, queria tanto vê-la.

— Irmãos bonitos, um drama e tanto. Nenhuma

PERIGOSAS ACHERON

garota deveria passar por isso. Eu... Preciso terminar de me arrumar...

— O que você está vestindo? — Minha boca fala rápido demais e não escuto nada do outro lado da linha por um tempo.

— Eu poderia dizer muitas coisas agora, e você não saberia a verdade.

— Eu pediria fotos para comprovar... — Sinto algo dentro de mim esquentar, ela fica muda novamente.

— Aí está algo que nunca fiz, mas se você quer mesmo saber, estou de pijama sentada no chão do meu quarto limpando a bagunça de maquiagem que fiz ao deixar minhas coisas caírem. Uma cena nada sexy.

— Difícil de acreditar, tudo em você é sexy — escuto alguém chamando por ela.

— Irmão carente e ciumento a caminho, nos falamos mais tarde?

— Você provavelmente estará dormindo no meu próximo intervalo...

— Então vou deixar o meu telefone para chamar um pouquinho mais alto.

E com isso se despede e desliga. Recosto no sofá numa posição desconfortável, mas não tenho

PERIGOSAS NACIONAIS

muito ânimo de me mexer, fico olhando para nossas mensagens e pensando na noite dela com os amigos quando uma foto aparece, ela está sentada no chão com um short minúsculo e uma camiseta de alça fininha, tudo num tecido meio brilhoso, talvez seja seda, Lívia tirou a foto de cima, meus olhos ficam indo das tatuagens, seu colo e suas coxas, um milhão de pensamentos invadem minha cabeça, "*nada Sexy? NADA SEXY? Eu achei que ia dormir, mas vou correr ao redor do hospital para me acalmar*", me responde com uma grande risada. Não tenho coragem de ligar para ela durante a madrugada, gostaria muito de ouvir a sua voz mais uma vez, mas não me parece justo acordá-la.

Saio do hospital e já passa das 6 horas da manhã de domingo, uma cirurgia no meio da madrugada me prendeu no plantão além do meu horário, vou direto para o meu apartamento, tomo um banho demorado e desabo na cama, o cheiro dela ainda está aqui no travesseiro, olho o celular, mas nada novo, tem outra foto que ela me mandou durante a madrugada e me desconcentrou completamente, ela estava de volta ao quarto dela, dessa vez só com a camiseta do pijama e de calcinha, deitada de bruços na cama, o texto dizia

PERIGOSAS ACHERON

“desculpe, não sei fazer isso”, em uma mensagem ela me fazia rir e me deixava excitado ao mesmo tempo, eu estava mesmo perdido.

Acordo com o meu celular tocando, minha irmã pergunta impaciente onde estou, eles estão me aguardando para o almoço. Resmungo alguma coisa e me levanto, minha sorte é que minha família come muito tarde aos domingos.

Quando chego na casa dos meus pais, a cena me deixa um tanto desconcertado, a churrasqueira está acesa, Isis está de biquíni na piscina e meus pais juntos numa mesa bebendo e conversando, se eu disser que já vi isso alguma vez na minha vida nessa casa, só a minha família em um churrasco na beira da piscina, estarei mentindo.

— Ei filho – minha mãe fica de pé e me abraça – esqueci que você tinha plantão ontem, ou não teria marcado esse almoço.

— Não faz mal, mãe, consegui descansar um pouco – cumprimento o meu pai e dou uma risada quando a Isis passa atrás de mim me molhando.

— Já viu o jornal hoje? – Minha irmã pergunta se jogando numa cadeira, com uma mão ela espeta um garfo num pedaço de carne e com a outra me estende parte do jornal que estava sobre a mesa

perto de onde ela está sentada agora, o restante do jornal está com os meus pais. Faço uma careta para ela sem entender, mas pego o jornal enquanto me sento.

Na capa do caderno especial de domingo está a Livia, ela está em pé recostada num sofá de couro, está tão bonita que fico um tanto quanto boquiaberto olhando para a imagem, o título diz "*Livia Moulin retorna a Vitória com uma nova coleção para a LIF*", vejo o número da página da matéria e vou direto sem olhar para os meus pais ou para minha irmã, o texto basicamente fala sobre a marca dela, seu tempo em Nova York e suas inspirações para a nova coleção, eles ressaltam que ela tem apenas 26 anos e destacam alguns valores das peças produzidas por ela, eu imaginava que não seriam baratas, mas os preços colocam mesmo o que ela faz na categoria joias.

A matéria ainda cita o nome de alguns famosos da TV que já foram vistos com suas peças, mas eu perco mais tempo olhando as fotos que ilustram o texto. Ela já estava com o cabelo apenas loiro, ela está maravilhosa, radiante.

— Você conhece a Livia? — Minha mãe pergunta espiando o jornal, como se até aquele

momento nem tivesse reparado naquela matéria, finalmente tiro meus olhos do papel e vejo que os três estão me observando meio embasbacado.

— Ela é a melhor amiga da Sara, do Igor – minha irmã me olha chocada, mas minha mãe reage primeiro.

— Meu Deus! – Leva a mão a boca – eu não tinha ideia que conhecia a noiva do Igor, é uma garota muito especial, uma família incrível. Ela é a filha do Ricardo e da Martha, que conversamos ontem – puxa o jornal da minha mão mostrando ao meu pai – não tinha visto o caderno especial ainda.

— Ah, Ricardo se derreteu em elogios a ela ontem – ele olha o jornal, mas não lê a matéria só olha as fotos e me olha – muito bonita. E foi seu par no casamento, né?

Isis praticamente pula na cadeira e minha mãe fica só me observando.

— Sim, ela passou o fim de semana lá também, me contou que te conhecia – sorrio para minha mãe.

— Ah sim, uma história bem triste, no jantar do Marcos ela falou comigo, estava com o cabelo rosa! Tão bonita, fiquei muito feliz de vê-la bem, antes de ir para Nova York ela ia lá na clínica, a Sofia era

terapeuta dela – concordo com a cabeça, apesar disso ser uma novidade para mim – a família ficou tão preocupada quando ela quis ir embora, mas pelo que vi, foi mesmo a melhor escolha, até onde eu sei ela ainda conversa com a Sofia, estabeleceram um tipo de amizade, é maravilhoso vê-la tão bem – minha mãe olha a foto da capa do caderno novamente.

— Sou completamente apaixonada pelas peças dela, nunca consegui comprar – minha irmã comenta do meu lado – eu não tinha associado que a dona da LIF era a amiga da Manu, porque no Instagram da marca não tem fotos dela, as joias dela são peças muito exclusivas, e ela é linda mesmo, a vi pessoalmente no jantar com o cabelo rosa – fala com a minha mãe e me olha – mas adorei o cabelo platinado, e você? – Sorri para mim, peste.

— Ela é bonita mesmo – os três seguem me olhando e fico nervoso – o que tem na churrasqueira, pai? – Fico de pé e me afasto, mas tenho certeza que vejo os três trocarem sorrisinhos.

Lívia

Fico um bom tempo sentada no chão do meu quarto me sentindo bastante ridícula olhando a foto que acabei de enviar para o Daniel quando a resposta dele chega dou uma risada alta demais, no mesmo minuto em que meu irmão bate na porta e entra.

— O que é tão engraçado? – Sinto meu rosto esquentar e instintivamente escondo o meu celular, fazendo o Gui erguer uma sobrancelha curioso.

— Nada...

— Trocando mensagens com o doutor?

— Você pode chama-lo de Daniel, sabe?

— Acho que não... – Meu irmão faz uma careta pensando na ideia – então, vocês estão juntos mesmo, né?

— Juntos... Juuuuntos, eu não diria, mas gosto da companhia dele, temos saído e não sei... Gosto dele.

— Você acha que só acontece uma vez? – Olho um pouco confusa com a pergunta dele. Gui está sentado aos pés da minha cama que ainda é a mesma de solteiro da época de adolescente, ele respira fundo e deixa o corpo cair sobre o colchão e continua falando sem me olhar agora – tipo o que você tinha com o Lin, você acha que esse tipo de

sentimento só acontece uma única vez na vida?

Sou pega completamente de surpresa por essa conversa, levanto do chão e vou até a cama, me deitando ao lado do meu irmão, me coloco um pouco de lado olhando o semblante meio triste dele observando o teto, ele ainda não consegue me olhar.

Não sei o que isso significa, qual a preocupação real dele? De que eu esteja esquecendo o Saulo? Sei que todas as atenções se voltaram para mim naquela época, assim como sei que meu irmão sofreu muito com tudo também, eles eram melhores amigos desde os 7 anos de idade, eram inseparáveis e, por mais que tenha amigos, Gui nunca encontrou ninguém que fosse tão próximo dele quanto o Saulo, talvez me ver seguindo em frente o magoe, é esse tipo de coisa que me faz sempre ficar com um pé atrás sobre ficar bem ou seguir me arrastando e sofrendo.

— Sinceramente não sei Gui, mas espero que não, espero que eu seja capaz de sentir pelo menos algo parecido novamente ou estou perdida.

— Você? — Ele vira de lado também e fica me encarando — e eu? Tenho praticamente 30 anos e nunca senti nada como o que vocês tinham. Se só

existe uma vez e eu ainda não consegui. Será que nunca vou conseguir?

Dou uma risadinha e empurro o ombro dele.

— Deixa de ser bobo!

— É como se eu não fosse capaz, sabe?

— Não, não sei, porque essa é a coisa mais idiota que você disse na vida, e olha que já ouvi muita idiotice de você.

— Depois do que aconteceu com a Bianca...

— O que diabos essa mulher tem para quebrar vocês assim? — Falo irritada e sem pensar, Guilherme abre muito os olhos me encarando, fico sem graça, não quero contar nada sobre a minha conversa com o Daniel para ele, apesar de não ter pensado duas vezes sobre contar dele para o Daniel no casamento, como eu poderia saber naquele dia que a mesma pessoa era responsável pelos dois estragos? Ele suspira e volta a encarar o teto antes de começar a falar novamente.

— O que eu ia dizer é que, depois do que aconteceu, eu percebi que o que eu sentia por ela não era tão grande quanto eu imaginava, achei que tinha chego lá, que tinha encontrado a minha pessoa, eu realmente amei ela por um tempo, mas no fim, estava mais cansado e irritado com todo o

ciúme e a possessividade dela, eu sofri, é claro, mas também fiquei aliviado. Quem fica aliviado quando perde a pessoa que ama?

Ficamos os dois em silêncio olhando para o teto, deslizo a cabeça pela cama e a apoio no ombro do meu irmão, mas ele não se move, nunca conversamos sobre isso, ele nunca falou sobre a Bianca comigo.

— Fiquei mais decepcionado por ainda não ter encontrado a pessoa certa do que triste por ela me deixar. Foi assim que percebi que não a amava, não da forma como imaginei pelo menos.

— Por que não me contou isso na época?

— Eu não entendia, estava tão triste com tudo, com o Lin, acho que virou um bolo só, e na época eu não conseguia separar uma coisa da outra, mas precisei de pouco tempo para perceber que não sentia falta dela, que a minha tristeza era pelo meu melhor amigo. Tive muito medo de te perder naquela época também e ficar completamente sozinho.

Olho para ele com os olhos cheios de lágrimas, é algo sobre o qual nunca se falou alto nessa casa, mas eu sabia que era a maior preocupação da minha família, como eu afundei em uma depressão, uma

apatia, principalmente naquele primeiro mês onde virei um zumbi, minha mãe praticamente abandonou a loja para ficar me observando rodando de um lado para o outro dentro dessa casa enquanto chorava compulsivamente a todo momento.

— Ela me liga... — Volta a falar e olho para ele assustada, mais essa também? — Ficamos algumas vezes no último ano...

Sinto meu estômago embrulhar, ela liga para o meu irmão, liga para o Daniel, indo de um para o outro e sabe-se lá com mais quem, saio da cama me sentindo desconfortável.

— Por quê? — Ele volta a se sentar e me olha meio triste.

— Estou sozinho e já a conheço, é fácil — fala meio envergonhado — virou só isso, só sexo — fica encarando as próprias mãos — falei com você que as pessoas se conhecem e se apaixonam hoje em dia, mas ainda fico esperando que vou ter uma história como a sua e a do Lin, sabe?

Muda bruscamente de assunto e me faz olhar para ele novamente.

— Você sabe, ser muito amigo de uma garota e então descobrir que sou apaixonado por ela.

— Você não tem muitas amigas antigas com

quem não ficou... – Brinco tentando descontrair e ele me olha com seu sorriso torto e convencido – você vai encontrar alguém, Gui. É uma das melhores pessoas que eu conheço, é meu melhor amigo, tenho certeza que vai encontrar alguém.

— Estou feliz por você, por seja lá o que esteja acontecendo entre você e o Doutor, espero que ele te mereça...

— Também espero – ele me olha com um sorriso e estava pronto para me chamar de convencida quando o celular começou a tocar fazendo com que ficasse de pé.

— Você é a minha pessoa, Liv. Que bom que voltou – beija minha cabeça e sai do meu quarto para atender o telefone.

Terminei de me arrumar e sai com o meu irmão para encontrar nossos amigos. Foi uma noite divertida, Tiago e o Caio ficaram ao meu redor muito tempo tentando descobrir mais detalhes do que estava acontecendo entre eu e o Daniel, Sara iria me matar quando descobrisse que ela não foi a primeira pessoa para quem eu contei.

No Domingo fui acordada pela minha mãe sacudindo o jornal na minha frente, ela estava tão orgulhosa, ficamos nós duas sentadas na minha

PERIGOSAS NACIONAIS

cama, enquanto ela lia a matéria em voz alta e eu bebia uma xícara de café que meu pai me trouxe, ele havia sentado numa poltrona do outro lado do quarto e nos observava em silêncio.

— Vocês gostaram? Estou morrendo de vergonha dessa matéria.

— Ficou perfeita, filha, fala do seu trabalho, do seu sucesso e você está deslumbrante – minha mãe alisa o meu joelho. Olho para o meu pai aguardando e ele sorri.

— Comprei mais 4 edições, quero ter certeza que todo mundo nas lojas leia isso amanhã – dou uma risada – estou muito orgulhoso de você – se aproxima e beija o topo da minha cabeça – você se tornou exatamente a mulher que eu sabia que seria, desde que te vi pela primeira vez...

Olho para os dois com os olhos cheios de lágrimas e vejo uma mensagem do meu irmão no meu celular, é uma foto dele com uma cara de chocado com o jornal do lado e a mensagem *“quando meus amigos verem isso nunca mais vou ter paz”*.

Não importa toda a dor que existe no passado, ou tudo que ainda pode vir a doer, eu tenho uma sorte inacreditável de pertencer a essa família.

PERIGOSAS ACHERON

Daniel

Hoje é segunda-feira, Igor e Sara estão de volta e insistem que querem nos ver amanhã, um jantar na casa deles, não contei nada ao Igor ainda e acredito que a Livia também não falou com a Sara, ou meu amigo já teria me falado algo, o mais divertido de tudo é que o tal jantar é só para mim e para a Livia, é como se eles continuassem empenhados no projeto cupido, como a Livia sempre se refere as armações dos dois para nos juntar, sem nem ao menos saber que eu já estou completamente de quatro por ela e, com algum calor no coração, sentia que ela estava cada vez mais envolvida comigo, saímos juntos no domingo a noite, comprei um jornal e levei comigo, ergui a capa com a foto dela assim que ela entrou no carro, me ver ali com aquele jornal fez ela dar uma risada alta e corar.

— Você não estava brincando quando disse que era um pouco famosa.

— Aí me Deus...

— Você está linda aqui – olho a foto da capa e depois as da matéria – e aqui e aqui... – Fico apontando e ela ri – e mais ainda aqui – me

aproximo e a beijo, ela ri de novo, uma risada deliciosa.

— Eu estou morrendo de vergonha disso, mas minha mãe me convenceu que era o certo, as pessoas precisam saber que voltei, que o ateliê voltou e como as peças são quase todas exclusivas e por encomenda, achou que daria uma boa visibilidade, eu queria só fotos das peças, mas... Me sinto desengonçada.

— Estou severamente mais apaixonado, linda, divertida, inteligente e um sucesso?

— Somos um casal e tanto, não? — Ela pisca e me derreto com a possibilidade de sermos um casal.

Fomos no cinema e não tenho ideia de qual filme estava passando porque ficamos a sessão inteira como dois adolescentes nos beijando, depois ela me levou a um restaurante próximo a pizzaria onde fomos na primeira vez, de lá fomos para o meu apartamento mais uma vez, tive que acordá-la para leva-la em casa, eu queria que ela ficasse, queria acordar com ela por lá, mas a Livia ainda tinha essa preocupação de morar com os pais e não saber como lidar exatamente com a situação já que não estamos realmente namorando.

Estou no consultório olhando pela janela para a

vista bonita da terceira ponte que tenho da minha mesa e lembrando do que aconteceu ontem, do sexo depois de toda a conversa, de como foi silencioso e das nossas bocas que nunca desgrudavam uma da outra. Livia acredita que eu esteja procurando uma substituta para a Bianca no meu coração, ao mesmo tempo que assume que não seria capaz de substituir o Saulo no coração dela.

Não acho que isso seja necessário, só preciso saber que hoje ela escolhe ficar comigo, mesmo que existam outros pretendentes, se ela escolher ficar comigo, Saulo, a memória dele, sempre terá espaço entre nós, é outra coisa sobre a qual não consigo racionalizar também, por que essa memória e esse amor ainda confesso não me incomodam?

Talvez porquê algo dessas minhas emoções, que não consigo compreender completamente agora, me digam que preciso tanto dessa mulher que tudo bem dividir o espaço do seu coração com alguém que nem está mais aqui. Seria diferente se ela nos comparasse, mas a Livia nunca fez isso, não em voz alta para mim pelo menos, nem parece ser o tipo de coisa que faria no futuro. Essa dificuldade em separar as coisas é minha.

Regina que cuida da minha agenda aparece na

PERIGOSAS NACIONAIS

porta do consultório dizendo que o paciente seguinte havia desmarcado a consulta e que eu tinha o horário antes do almoço livre, era quase 11 horas e eu só precisava estar no hospital às 14h para me preparar para uma cirurgia.

— O doutor vai para casa ou quer que eu peça algo para comer aqui?

— Não, obrigado, acho que vou almoçar fora. Lembra que a senhora procurou um endereço para mim? De uma loja de noivas em Jardim Camburi?

— Claro, o doutor quer enviar mais alguma coisa?

— Não, eu queria o endereço – sorrio para ela de forma educada e ela parece meio perplexa com o meu pedido.

— Envio para o seu celular em um minuto – assinto com a cabeça antes dela sair do consultório.

Eu já estava atravessando a clínica em direção ao elevador quando a mensagem dela apareceu na tela com o endereço da loja da mãe da Lívia e, conseqüentemente, do ateliê onde eu esperava que ela estivesse. Estava esperando o elevador quando meu pai parou do meu lado.

— Já está indo?

— Um paciente desmarcou.

PERIGOSAS ACHERON

— Sua mãe e eu vamos almoçar no Paco, quer vir?

— Vou almoçar com uma pessoa.

— Namorada? – Olhei para o meu pai, ele vinha tentando se aproximar de mim, ser meu amigo, mas era difícil depois de tanto tempo distante, acho que pode ser algo relacionado a idade ou talvez minha volta para Vitória e a minha frieza em tantos momentos o tivessem feito perceber que ele havia perdido um pouco o filho e criado um projeto durante todos esses anos.

— Não pai, é uma amiga. Eu gostaria muito de namorar com ela, mas não chegamos nessa conversa ainda... – Acho que minha resposta sincera, e revelando algo tão importante, o pegou de surpresa.

Éramos muito parecidos fisicamente, o mesmo cabelo, olhos e nariz, eu o havia ultrapassado um pouco em altura, mas tínhamos a mesma estrutura física grande e magra. Entramos juntos no elevador, ele ainda mudo, então continuei falando, a convivência com a Lívia estava me transformando num tagarela de primeira.

— Conheci ela no casamento do Igor – meu pai assentiu, não sei se ele fez logo a ligação com a

filha do seu amigo, mas cedo ou tarde acabaria pensando nessa possibilidade, continuou em silêncio sem saber como reagir a minha abertura – estamos juntos desde lá, então ainda é muito recente.

Fomos caminhando lado a lado em silêncio até o estacionamento, quando chegamos no meu carro, meu pai parou e ficou olhando para mim tentando descobrir o que falar para o homem diante dele que estava se comportando como filho pela primeira vez em muito tempo, mas fui mais rápido e consegui deixa-lo completamente chocado antes de ter a oportunidade de me dizer alguma coisa.

— Como o senhor soube que a minha mãe era a pessoa com quem passaria a vida e construiria tudo o que tem hoje?

Nem eu posso acreditar nessa conversa, então entendo o silêncio dele que fica me olhando como se eu tivesse sido abduzido, transformado e devolvido à terra.

— Sua mãe não estava nem aí para mim – fala com um sorrisinho pouco característico enquanto troca o peso de uma perna para a outra – eu nem sabia o que queria até conhecer ela num congresso da faculdade, eu me achava inteligente, mas ela?

Ela era brilhante. Infelizmente eu soube no dia que a perdi, eu estava tão ocupado acreditando que seria ela quem me seguiria pela vida, que a perdi, vi ela ficar noiva de outro.

— Eu nunca soube disso...

— Não sou bom em assumir meus fracassos – brinca de modo divertido, e é verdade, meu pai sempre foi muito orgulhoso – soube quando percebi que queria ser melhor para ela, não queria mais as coisas para mim, queria para ela, queria ser capaz de realizar o que ela sonhava. E ela queria ajudar as pessoas, tratamentos gratuitos – ele ri – eu só conhecia um caminho para isso na época: eu precisava trabalhar muito, ter dinheiro e então arcar com esses custos, foi o que eu fiz e hoje, nós dois temos algo pelo qual ela sonhou – ele sorri orgulhoso para mim como sempre, mas nesse momento, pela primeira vez, eu entendo a história dos meus pais e toda a dedicação deles ao trabalho.

— Obrigado por me contar isso pai – acho que deveria abraça-lo, mas ainda somos meio travados nisso – eu preciso ir.

— Daniel... – Eu já tinha virado para abrir o carro, mas voltei a olhar para ele – peça a garota em namoro, mesmo que seja recente, deixe claro o

que você quer e traga ela para nos conhecer quando se sentir confortável.

Balanço a cabeça concordando e entro no carro, vejo pelo retrovisor meu pai indo para o carro dele, olho ao redor e nem sinal da minha mãe, eles vão ter uma conversa e tanto no almoço, já posso até ver.

Quando chego até o endereço que a Regina me passou vejo que a loja funciona mesmo em uma casa, tem uma fachada aberta e bonita, com uma vitrine, logo após um pequeno jardim. Eu deveria ter ligado antes, ou mandado uma mensagem, mas agora estou em pé na frente do portão refletindo sobre a minha escolha.

Uma senhora morena e gordinha aparece vindo pela lateral da casa, como se dos fundos e me vê em pé no portão, ela tem um sorriso grande e simpático para mim, para na varanda de frente a porta de entrada da casa e aperta um botão que abre o portão na minha frente, vou entrando e dou uma olhadinha para as roupas que estou vestindo, calça jeans clara, camisa social branca, vejo o carro da Lívia na garagem ao lado, pelo menos um bom sinal.

— Bom dia, veio ver alguém? Ou alguma

roupa? – A senhora me pergunta ainda parada no mesmo lugar. Me aproximo com um sorriso e estou para abrir a boca e falar quando escuto a voz da Livia vindo de dentro da casa.

— Naná, vou ao banco, se quiser me dar suas coisas eu mesma resolvo.

A senhora gordinha e morena na minha frente sorri mais para mim e se vira para falar com a Livia.

— Meu amor você não precisa fazer isso, eu vou lá depois, já estou acostumada.

— Sim, mas eu não tenho nada agora e... – Ela veio para porta falando e paralisou quando meu viu, eu tinha um sorriso culpado no rosto pela expressão chocada que ela mantinha ao me ver ali – ei... Você, me ligou? – Passou pela mulher que agora observava nós dois muito curiosa e parou na minha frente.

É o trabalho dela seu idiota, e o trabalho dela é com a família, como o seu. O que eu tinha na cabeça de vir aqui assim, sem mais nem menos? Resolvi ser sincero, como sempre tentava ser com ela.

— Pensei em te levar para almoçar, se você não tiver que ir ao banco – a expressão dela suavizou

num sorriso, mas foi a senhora que respondeu.

— Ah ela não precisa não, não sei de onde essa menina tira essas ideias – e se aproximando tomou depressa uns papéis que estavam na mão da Livia – você pode parar de fazer o trabalho dos outros, viu? – E com isso ficou em pé do nosso lado só aguardando, um sorrisinho sabido no rosto.

— Essa é a Naná, ou Dona Naíde, quando resolve ser muito para frente... – Fala séria olhando para a senhora que estala a língua e bate com os papéis no braço dela me fazendo rir – esse é o Daniel.

— O das flores? – A senhora agarra o braço da Livia e ela solta o mesmo “*minha nossa*” exasperado que sempre diz quando alguém é um pouquinho indiscreto com perguntas sobre o que temos.

— Espero que sim – falo com a senhora – ou ela tem recebido flores demais?

Ela fica me olhando com sorriso congelado no rosto e os olhos fixos em mim, então se curva e fala baixo, mas não o suficiente para que eu não escute.

— Liv, ele é muito bonito.

— Naná ele pode te ouvir – ela dá uma risada e a senhora parece sem graça – posso ir almoçar,

chefe?

— Pode — a senhora se ajeita ao lado dela passando a mão pelo cabelo — mas tem que estar aqui 13h, lembra da noiva, né?

— Sim senhora. Preciso buscar minhas coisas, quer conhecer o ateliê?

— Quero — começo a segui-la pelo caminho que vai para a lateral da casa, de onde a senhora veio.

O espaço é bem maior do que eu imaginava, fica numa espécie de mezanino, sobre uma outra garagem que parece ser um pouco abaixo do nível da rua, o ambiente é organizado e muito bonito, com móveis com um designer moderno na parte do escritório e uma outra parte separada por vidros que tem um estilo mais industrial, onde ela provavelmente faz as peças.

— Então? — Ela fica parada do meu lado enquanto eu olho tudo.

— É muito diferente do que eu imaginei...

— Você me imaginou num porãozinho suja de fuligem martelando ouro?

— Sim — sorrio mais enquanto a abraço — só faltava ser anã — ela dá uma gargalhada e eu aproveito para beijá-la — desculpa aparecer assim, queria te fazer uma surpresa, não te colocar em

uma situação complicada.

— A Naná? Ah não se preocupe, ela já estava impressionada, te achar bonito só vai fazer ela me perturbar ainda mais sobre isso – só agora reparo que algumas das flores que enviei para ela sobrevivem no aparador próximo as outras plantas na frente espelhada do espaço.

— Bonitas as flores... – Ela se curva ainda no meu abraço olhando na direção do vaso e fala com um sorriso endiabrado de volta para mim.

— Um médico bonitão que está tentando me conquistar me mandou.

— Bonitão? É mesmo? E quais as chances desse médico bonitão conseguir?

— Ele está quase lá, ele é bom em me seduzir.

— Bom? Achei que tínhamos chegado ao ótimo – minha boca roça na sua orelha e sinto seu braço arrepiar.

— Vai variando de um dia para o outro.

— Qual a chance de alguém aparecer aqui? – Olho para a porta fechada nas minhas costas.

— Muitas...

— Então tenho quer ser ótimo e rápido.

Quando a minha mão puxa a saia dela para cima, ela não me para. Quando minha a boca desce

PERIGOSAS NACIONAIS

pelo decote da sua blusa e encontra o topo de um dos seus seios, ela puxa o meu cabelo, quando a coloco sentada no sofá e começo a me inclinar sobre ela, as mãos dela correm para o meu cinto e eu me afobo tentando ajuda-la a fazer aquilo mais depressa, até que sua boca passa pelo meu pescoço e diz "*você tem camisinha?*", e eu travo. Não eu não tenho, eu vim aqui para leva-la para almoçar. Pela minha expressão ela para completamente o que estava fazendo e suspira, me ajeito e sento do seu lado no sofá.

— E agora? – Pergunta baixinho.

— Agora nós devíamos ir almoçar...

— Ou numa farmácia... – Dou uma risada alta demais e ela se assusta do meu lado.

— Teremos muito tempo para isso depois, quero te levar para almoçar! – Fico de pé e me ajeito, tentando me colocar confortável, puxo-a pela a mão, colocando-a de pé bem pertinho de mim, olho para o sofá atrás dela e digo – eu volto qualquer dia desses...

— Isso foi uma promessa para mim ou para o sofá?

— Os dois.

PERIGOSAS ACHERON

Livia

Seja racional, Livia. É tudo que fico dizendo para mim mesma quando estou com o Daniel e mesmo assim coisas como a que quase aconteceram no ateliê continuam acontecendo. Como eu preciso voltar logo, o convenço a irmos em lugar perto da loja mesmo, uma hamburgueria. Ele fica parado na porta do lugar que é bastante conhecido e me olha engraçado quando diz:

— Você está mesmo levando um cardiologista para comer hambúrguer no almoço?

— Eles têm salada — sorrio mais enquanto o puxo pela mão para dentro do restaurante.

Daniel sentou do meu lado num banco desses compridos e acolchoados, um rapaz aparece depressa e fazemos os nossos pedidos, assim que o garçom se afasta, Daniel me cutuca me empurrando lá para o cantinho, numa brincadeira, dei uma risada e o cutuquei para que chegasse para o lado e nesse clima de bobeira ele me beijou, não era nada demais, eu ainda estava rindo da mão dele me fazendo cocegas para que eu fosse mais e mais para o canto dando todo o espaço para ele quando ouvimos duas vozes:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Liv... — Olhei e vi a Manu próxima da nossa mesa, ela parecia um pouco chocada por me ver acompanhada do Daniel, os olhos grudaram nele.

— Dan? — A outra garota que reconheci como a irmã do Daniel, parecia mais divertida em nos flagrar naquela situação de casal sorridente.

Acho que fiquei um pouco pálida com toda a situação, mas ele tinha um grande sorriso ao falar com a irmã.

— Você não devia estar no consultório? — Olhou o relógio como quem confere se não está dizendo besteira.

— Tenho direito a almoçar.

— Vocês estão juntos? — Manu ainda estava paralisada atrás da irmã do Daniel, me olhou depressa, mas voltou a encara-lo. Ele me olhou como quem diz que ia deixar para que eu respondesse aquilo.

— Um pouco... — A expressão dele era tão engraçada quando me ouviu dizer isso, Daniel franziu as sobrancelhas e o nariz como quem quer gritar “*UM POUCO?*” e só pude rir, mas era impossível não notar como os olhos da Manu ficaram fixos nele, meio perdidos pela atenção e os sorrisos que ele direcionava para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não queremos atrapalhar vocês – a irmã dele fala depressa olhando brava para a amiga – nós já estamos atrasadas para voltar.

E com isso, sem dizer mais nada, ela sai meio que empurrando a Manu para fora do restaurante.

— Uau... – Abro bem os meus olhos enquanto ajeito um guardanapo em cima da mesa – a Manu quer mesmo você.

— Nem me fale... – Ele ajusta o guardanapo dele na mesa também.

— Você deveria negar!

— Como? Você viu o jeito que ela me olha? –
Dá uma risada gostosa.

— Convencido...

— É do mesmo jeitinho que o irmão dela olha para você – a voz dele é muito baixa, mas fico prestando atenção, ele tem uma expressão séria agora.

— Será que essa é a minha sina? – Me olha curioso – me apaixonar por homens que sentem ciúmes do Patrick?

Isso faz ele sorrir e recostar no banco, fica revirando um canudo que estava sobre a mesa na mão antes de dizer olhando para o objeto.

— Eu não diria que tenho ciúmes, fico mais é

PERIGOSAS ACHERON

com pena do pobre coitado que não tem nem uma chance com você desde que eu apareci...

— Soube que você também não tinha, e agora nós estamos "um pouco" juntos... — Falo só para provocar, ele se volta para mim, soltando o canudo sobre a mesa, o jeito que me olha me deixa nervosa, é aquele mesmo olhar de quando nos encontramos pela primeira vez na pizzaria, parece faminto.

— Sobre isso, eu estava pensando que talvez devêssemos deixar as coisas mais claras entre nós e se ao invés de um pouco, nós estivéssemos muito juntos?

— Daniel...

— Quer namorar comigo?

Os dedos dele buscam a minha mão que está sobre o banco apoiando o meu corpo que está virado para ele enquanto conversamos, fico muda, ele está olhando para as nossas mãos, o polegar deslizando pelas costas da minha mão aguardando minha resposta.

— Dan, você não acha que estamos indo depressa demais?

— Não preciso conhecer a sua família agora — os olhos dele encontram os meus — você não

precisa se envolver com a minha família agora, nem precisamos anunciar e tornar público, para os outros podemos continuar sendo amigos ou apenas "um pouco juntos", mas entre eu e você, gostaria que ficasse mais claro o que temos de verdade.

— Você está me pedindo em namoro, pouco mais de uma semana depois de nos beijarmos pela primeira vez, em uma hamburgueria?

— Gosto de ser inesquecível... — Ele tem um sorriso brincalhão no rosto que me faz sorrir também — e não quero te perder — a outra mão, que estava livre, vai até o meu rosto enquanto ele se aproxima e me beija.

Diante do meu silêncio posso ver que fica magoado, ele tenta disfarçar, mas consigo perceber seu ar desanimado.

— Você não precisa me responder agora, pode pensar. Eu estou pronto para começar isso, posso esperar por você.

— Dan... — Sou interrompida com os nossos pratos chegando.

— Tudo bem, Liv. Quando você estiver pronta — puxa a minha mão que ainda estava segurando e dá um beijinho nos meus dedos antes de me soltar e voltar sua atenção para o próprio prato.

Ele não me dá mais oportunidade de falar sobre aquilo, puxa um outro assunto perguntando sobre o ateliê e a tal reunião com a noiva que tenho naquela tarde, eu sigo a conversa dele, mas fico pensando no pedido e se estou pronta para dar um passo desses. Tirando aquela pequena decepção nos seus olhos quando eu não disse sim imediatamente, ele voltou a me provocar, rir e contar histórias e me deixei envolver novamente nesse clima que era fácil entre nós.

Quando ele parou o carro na frente da loja para me deixar após o almoço, tentei mais uma vez falar com ele.

— Daniel, sobre o seu pedido, eu...

— Estamos bem, Liv – sorriu e me beijou – amanhã a noite estaremos juntos na operação cupido dos nossos amigos, hoje tenho plantão e sábado é o leilão, você vai, né? Nem falamos sobre isso.

— Eu vou.

— Estou à disposição da minha mãe no sábado e com esses eventos grandes ela me deixa ocupado o dia inteiro...

— Posso falar? – Coloco um dedo sobre a boca dele fazendo-o ficar quieto, ele sorri meio cansado

e balança a cabeça dizendo que sim – quero namorar com você – a expressão dele me ouvindo permanece neutra – vamos fazer isso aos poucos, ok? Estamos juntos, mas vamos devagar, na medida do possível...

Ele me beija profundamente, a mão segurando a minha nuca com força.

— Vamos devagar, no seu ritmo – mantém a testa colada na minha – você decide o momento de contar para todo mundo.

— Vamos decidir juntos, só vamos nos conhecer mais, ok?

— Ok – recosta no banco, dá uma risada curta e me olha divertido – pobre coitado do Patrick, não teve a menor chance.

— É mesmo a minha sina... – Saio depressa do carro enquanto a mão dele desliza pela minha perna e ele dá uma gargalhada.

Vejo o carro dele se afastando antes de entrar na loja. Tenho um namorado, ninguém sabe disso ainda, mas eu acabei de aceitar um pedido de namoro, estou feliz, genuinamente feliz, como não me sentia há muito tempo, ainda assim fico com um pensamento remoendo na minha cabeça: "*tenho um namorado e ele não é o Saulo, que estranho*".

Daniel

Quando entrei no apartamento do Igor e da Sara já conseguia ouvir a Lívia conversando com a amiga em algum lugar, elas riam alto e falavam sem parar, fiquei esperando indícios de que ela havia comentado algo, mas nada. Cheguei levando comigo algumas cervejas, como havia combinado com eles, o apartamento fica em Jardim Camburi, um prédio relativamente novo e numa rua quase sem movimento, afastada das áreas de bares e restaurantes do bairro.

— Que bom que você pode vir – Igor me puxa em um abraço.

— Claro, como foi de lua de mel? – Ele me leva para cozinha para colocar as cervejas na geladeira, dou uma olhada geral no apartamento sem ver as meninas ainda.

— Foi ótima, você precisa conhecer o jalapão, é um lugar incrível... – Escuto a Sara dar uma gargalhada alta e olho divertido para o meu amigo – elas estão na varanda, vamos lá...

Eu já havia encontrado com o Igor ontem no hospital, a primeira coisa que ele me perguntou foi como tinham ficado as coisas entre eu e a Lívia,

tentei desconversar dizendo que a gente se falava. Vou caminhando com ele até as portas de vidro de correr que separam a sala da varanda, assim que chego lá vejo que ela é bem longa chegando até a porta de um dos quartos, Livia e Sara estão em poltronas de vime no final da varanda, as duas estão com taças de vinho branco na mão, Liv está usando um short jeans e uma camiseta justa branca, o cabelo solto e ondulado naturalmente, sem maquiagem e descalço, ela é linda produzida, mas vê-la assim descontraída me lembra aquele primeiro fim de semana, quando meu deslumbramento com ela se tornou real.

— Ah me desculpe, nem fui te receber na porta — Sara fica de pé e vem de braços abertos na minha direção, Livia também fica de pé com um sorrisinho, não quero tirar meus olhos dela, mas me forço a olhar para a Sara e sorrir — espero que isso não seja estranho — fala baixinho logo depois de beijar o meu rosto, de forma que só eu e o Igor possamos ouvir.

— Oi... — Vou na direção da Livia e controlo a minha vontade de simplesmente beijá-la, mesmo que, depois de muito silêncio, ela tivesse aceitado ser minha namorada, havia dito que daria a ela o

tempo que precisasse, seria uma tortura, mas estava disposto a fazer isso.

Assim que me aproximei o suficiente, a mão dela foi até o meu peito e ela beijou o meu rosto, mas pude ver nos seus olhos que ela estava prestes a contar tudo, era uma coisa que havia surgido entre nós, como o jeito que olhávamos um para o outro deixava entendido o que estávamos pensando, ela tinha um brilho naqueles olhos azuis e o início de um sorriso endiabrado, como quem me convida a chocar nossos amigos, me senti imediatamente animado, esperei para ver o que ela faria. Livia se colocou um pouco a minha frente, o corpo ainda próximo demais do meu e olhando para Sara e o Igor disse:

— Vocês podem parar essa operação cupido, nós estamos juntos – aproveitei o momento e, em pé nas suas costas, deslizei minha mão até sua cintura puxando ela um pouco para mim, notei que ela disse "juntos" e não "namorando", mas não era o momento para me ater a detalhes, juntos era melhor do que simplesmente "temos nos falado".

Igor tinha um sorriso gigantesco no rosto e a Sara deu uma risada alta que eu nunca tinha ouvido na vida, então franziu os olhos, como se fosse

possível torna-los ainda menores e apontou um dedo para a Lívia.

— Sua piranha... Desde quando? – Confesso que o tom dela me assustou, mas a Liv só riu passando os braços pela minha cintura me abraçando, aquele gesto, tão simples, me deixou meio abobado, olhando para ela completamente apaixonado, perdi um pouco o que foi dito, vi ela sorrindo e dizendo algo do tipo "alguns dias...", de um jeito provocante, como quem não quer revelar tantos detalhes, voltei a realidade quando vi ela olhando para mim, eu estava todo esse tempo com um sorriso pateta nos lábios olhando para ela, mas não a vendo realmente, me curvei e beijei de levinho sua boca e olhei para nossos amigos que pareciam verdadeiramente felizes com aquilo.

— Vocês não tiveram nada a ver com isso – falei num tom orgulhoso – eu teria conquistado a garota do cabelo rosa de qualquer forma... – Sinto a Lívia se remexer no meu abraço tentando se afastar, coisa que ela sempre faz quando fico convencido.

— Ele é convencido demais, não sei como eu...

Dou uma risada e a puxo em outro beijo, talvez dessa vez deixando claro demais que estou completamente apaixonado por essa mulher.

Depois desse primeiro momento as coisas ficaram mais leves, passamos um bom tempo na varanda, e fico feliz porque a Livia permanece o tempo todo ao meu lado, é a primeira vez que saímos assim, com outras pessoas, sempre somos só eu e ela em algum restaurante ou no meu apartamento, e tirando o beijo no bar do amigo delas e da minha irmã e da Manu nos vendo juntos, nunca ficamos juntos em público ou perto de conhecidos. Igor e a Sara querem saber os detalhes e com isso acaba ficando claro que estamos juntos desde o fim de semana do casamento, quando aconteceu o primeiro beijo.

Eu estava um pouco preocupado com a recepção da Sara a essa notícia, mas ela continua muito feliz por nós, não sei exatamente o que eu esperava, talvez um olhar perdido e um pouco de tristeza por causa do irmão, mas não vejo nada disso acontecendo, penso que o Igor tinha razão, eles querem ver a Livia feliz.

Estávamos todos ao redor da mesa conversando e rindo com histórias antigas, quando a Sara fez a pergunta:

— O que seus pais acharam do namoro? — Livia abriu muito os olhos e vi eles irem rapidamente da

amiga para mim.

— Vocês são os primeiros a saberem sobre isso – ela não desmente a parte do namoro, não diz que não é isso, fico feliz novamente – decidimos ir devagar, nos conhecer melhor antes de envolver as famílias.

— Claro, faz todo sentido! Mas e o Gui, você conheceu ele? – Agora ela fala comigo – ele tem aquela cara de mal-encarado, mas é um amorzinho e tão fácil de enganar – ri divertida e vejo o Igor me encarando provavelmente lembrando da nossa conversa no casamento, Livia se remexe desconfortável ao meu lado.

— Falei com ele no casamento, mas não nos conhecemos oficialmente ainda.

Para tentar me salvar daquela situação, provavelmente notando meu desconforto, Igor começa a contar sobre um atendimento que fez durante o dia, uma criança com um ombro deslocado, a conversa volta a transitar por assuntos seguros e passamos boa parte da refeição assim, conversando, rindo, gosto de ver a interação entre a Livia e a Sara, as duas tem um monte de histórias, mas reparo que elas só contam as que não precisam mencionar o Saulo.

Depois que terminamos de comer, estou sozinho com a Sara na mesa enquanto escutamos a Livia e o Igor rindo e conversando na cozinha, ela foi buscar uma sobremesa que trouxe e ele se ofereceu para ir no lugar da Sara pegar os pratos e colheres para comermos.

— Fico feliz por vocês, de verdade — olho para a Sara e agora quase posso ver um ar triste pelos seus olhos, pode ser toda a bebida, bebemos muito mais do que eu esperava para um dia de semana — acho que o Lin ia gostar de você, se te conhecesse — entendo que Lin é provavelmente como ela chamava o irmão, diz isso com um sorriso, não sei o que dizer — quanto ao Gui, ele tem muito ciúmes da Liv, é muito protetor com ela, então tenha paciência, mas vocês vão se dar bem. Talvez ele estranhe no começo por alguém ocupar o lugar do meu irmão, mas ele demorou também a aceitar o namoro deles então... Quando ele perceber o quanto ela voltou a ser feliz e relaxada, ele vai te adorar, tenho certeza que vão ficar amigos.

Tenho vontade de dizer "*não sei não*", mas guardo essa conversa para ter com o Igor.

— Não quero apagar a memória do seu irmão na vida da Livia — me surpreendo com o que acabei

de falar, é verdade, mas não achei que diria isso alto, ela sorri faceira para mim – só quero estar com ela e quem sabe um dia, nós tenhamos algo tão bonito quanto o que eles tiveram.

— Sei que terão – fala baixinho – essa é a Liv, se ela assumir um namoro com você então ela estará falando sério quanto a isso – meu coração sacode no meu peito – Liv sempre foi muito amorosa, mesmo com quem não merecia, até o imbecil do Patrick ela perdoou e ele foi um escroto com ela na infância.

Patrick? Será que o Patrick é a criança que fazia bullying com ela? Agora tudo faz sentido, até o comentário sobre sempre se apaixonar por homens que tem ciúmes do médico. Não conseguimos conversar mais porquê os dois voltam da cozinha.

— Sorvete de pudim – Lívia anuncia com um sorriso gigante para mim e eu derreto, mais um pouco e estarei declarando amor eterno a essa mulher com menos de duas semanas juntos.

Ela serve todo mundo e fica com os olhos fixos em mim enquanto provo a sobremesa.

— Você quem fez? – Levanto uma sobrancelha, ela morde o lábio inferior com um sorrisinho e confirma com a cabeça – ficou muito melhor que o

da pizzaria – o rosto dela ilumina em um grande sorriso e eu volto a comer tentando desviar minha atenção para outra coisa que não esse estado de deslumbrado que fico do seu lado – não acredito que nunca tinha comido isso até te conhecer... – Sinto a mão dela pelo meu pescoço e sou pego de surpresa com um beijo.

Depois do nosso beijo na varanda aquilo não tinha acontecido mais, ficamos só perto um do outro, vendo a Sara e o Igor trocando beijinhos enquanto interagiam, mas entre nós ainda não existia essa dinâmica de casal, não na frente dos nossos amigos pelo menos, quando senti a boca dela geladinha da sobremesa na minha, meu cérebro desligou e a puxei num beijo mais longo e profundo, aquele sem dúvidas era o meu novo sabor favorito da vida. Só parei de beijá-la quando ouvi o Igor se levantando da mesa, Livia parecia corada e sem jeito, mas tinha aquele sorriso endiabrado que mexia tanto comigo.

— Vou ajudar a limpar tudo – ficou de pé ajudando a Sara a recolher as coisas.

— Não precisa, vou testar minha lava-louça pela primeira vez! – As duas riem e não entendo a piada – vocês podem ir...

PERIGOSAS NACIONAIS

Nossa quanta sutileza, escuto Igor dar uma risada e a Livia está paralisada perto da mesa ao meu lado.

— Você está nos expulsando da sua casa?

— Está tarde e quero aproveitar um pouco meu marido – dá de ombros e o Igor engasga, a mulher realmente consegue deixar todo mundo aflito com seu jeito direto.

— Ah bom, eu não vim de carro – fala comigo.

— Eu vim, posso te levar...

— Você não acha que bebeu demais para dirigir? – Agora nossos amigos é que estão paralisados nos olhando. Eu bebi mais do que esperava mesmo, mas ainda me sinto bem para ir até em casa.

— Você acha? – Franzo o nariz com a pergunta e ela ri.

— Vamos dividir um uber...

— Amanhã levo o seu carro até o hospital – Igor sugere tentando ajudar, mas fico dividido, preciso ir para a clínica cedo, ficar sem o carro vai me complicar inteiro, mas não quero brigar por causa disso, percebendo a situação a Sara e o Igor saem da sala nos deixando sozinhos, Livia segue impassível na minha frente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu estou bem para dirigir... — Tento convencê-la, mas na verdade me sinto um pouco zozinho.

— Podemos ir de Uber até o seu apartamento, minha casa é perto, posso pegar meu carro amanhã cedo e te deixar na clínica, ou te trazer aqui para pegar o seu...

— Não vou poder te agarrar em um uber — falo a verdade do que mais me incomoda naquela situação e ela ri alto.

— Vou para o seu apartamento, durmo lá com você hoje... — A ideia me agita e puxo ela para mim — se formos embora de uber — cruza os braços decidida.

— Você sempre consegue o que quer, né?

— E você também — me beija e a seguro com força contra mim — vamos embora, antes que a Sara nos arrume um quarto aqui.

Dou uma risada e pego minhas coisas, passamos pela cozinha e nos despedimos dos nossos amigos, deixo a chave do carro com o Igor que sorri satisfeito, ele também detesta que eu beba e dirija, e normalmente não é algo que eu faça, só não tinha pensado bem sobre essa noite. Eu e a Livia saímos de lá de mãos dadas, uma cena tão

PERIGOSAS ACHERON

diferente de como chegamos.

Livia

Não sou toda certinha, mas realmente não gosto de misturar bebida e direção, seja na quantidade que for, é minha briga constante com o Gui e era com o Saulo também, uma vez fui embora sozinha de uma festa deixando o Saulo para trás porque ele estava completamente bêbado e insistia em dirigir, foi nossa primeira briga séria de verdade, eu praticamente explodi aquele dia dizendo que se ele queria morrer ia fazer aquilo sozinho e não comigo junto. Cheguei em casa ainda bufando de raiva, nem bem tinha chego na varanda quando outro táxi parou na frente da casa dos meus pais e o Saulo saiu tropeçando de dentro. Foi a primeira vez que ele dormiu no meu quarto, depois de me pedir desculpas tantas e tantas vezes que no fim eu já estava rindo e apaixonada de novo, no outro dia meus pais pareciam alarmados, mas expliquei o que aconteceu e eles nunca mais questionaram, foi assim que começou a rotina de um dormir na casa do outro e, conseqüentemente, foi assim que minha

primeira vez acabou acontecendo.

Eu vi que o Daniel não queria deixar o carro para trás, naquela pose tão comum do homem bêbado que sabe o que está fazendo, mas eu também via os sinais de que ele não estava bem, felizmente ele concordou em ir comigo, e assim que entramos no prédio dele, depois de avisar a minha mãe que eu ficaria na Sara aquela noite, notei que eu estava certa, os passos dele pareciam em falso e ele sorria de um jeito meio mole para mim, queria rir, ele era tão grande e sério na maior parte do tempo, e mesmo tendo o visto bêbado no casamento o clima sufocante entre nós lá deixava tudo diferente, agora ele parecia um adolescente brincalhão e cheio de sorrisos.

— Você precisa de um banho — comentei quando entramos no apartamento, Daniel ficou parado no meio da sala meio confuso, levantou o braço e se cheirou, dei uma risada alta e ele começou a rir também — não por isso, para passar a bebedeira.

— Ah sim... — Sorriu cheio de malícia e me puxou para perto dele, passando o nariz pelo meu pescoço — você vem?

— Tomar banho? — Pergunto um pouco

alarmada, nunca fiz isso, tomar banho com outra pessoa, com um homem!

— Hum rum — vai espalhando beijinhos pelo meu pescoço — quero você embaixo do chuveiro — arfo e a boca dele encontra a minha, desesperado — quero você em cada canto desse apartamento, sou maluco por você Liv...

Paro de pensar e simplesmente deixo as coisas acontecerem, ele me leva até o banheiro no quarto dele e vai tirando a minha roupa com tanta calma, os olhos famintos em mim.

— Minha namorada... — Fala com a voz rouca me olhando enquanto tira a própria camisa, abre a bermuda e fica só de cueca boxer preta na minha frente — você é bonita demais, vem, vou te lavar...

Me puxa pela mão entrando comigo no box, abre o chuveiro e fica testando a temperatura com uma mão enquanto me segura ainda fora da água, grudada nele, quando vejo o sorrisinho de satisfação dele pela água estar no ponto certo não resisto mais e o puxo num beijo, Daniel corresponde completamente, ele me esmaga contra o azulejo frio do banheiro, as mãos me apertam e ele me gira me levando para a água enquanto sua mão me toca, fazendo minhas pernas falharem, não

acho que isso seja possível, não vou conseguir fazer isso em pé! Quero ser tudo o que ele deseja, mas neste momento não sei o que fazer.

Deixo que ele me segure e me beije, tento corresponder a todas as suas ações, não preciso pensar muito, ele sabe exatamente o que fazer e apenas sigo o seu ritmo e seus comandos, me sentindo muito amada e desejada.

Talvez seja pelo pouco tempo em que estamos juntos, ou talvez pela carência que sentimos de afeto e cuidado nos últimos anos, mas tudo sempre é tão intenso entre nós, é como se os nossos corpos se reconhecessem, e cada vez que ele suspira e me chama de Liv eu penso na sorte que tive de encontrá-lo naquela festa. Na sorte que tivemos de nos encontrar agora, quando nós dois já estávamos relativamente curados das nossas dores e pudemos aproveitar de forma verdadeira a atração que sentimos um pelo outro desde aquele primeiro dia.

Acordo sozinha na cama dele, ontem ficamos muito tempo deitados conversando, durante todo esse tempo, ele fazia carinho no meu cabelo e me olhava de um jeito tão carinhoso, era como se realmente nos conhecêssemos há muito tempo, achava aquilo tão maluco, eu sorria demais,

completamente entregue a ele já, assustada com a velocidade das coisas e dos meus sentimentos. Daniel passou um bom tempo contando histórias da irmã dele, de como foi sua adolescência com uma irmã tão mais nova dentro de casa, dava para ver que ele amava a garota e que havia sido difícil deixa-la quando foi para o Rio estudar, mesmo pontuando sempre que ela é um tanto quanto irritante.

Me remexo na cama, já tem um pouquinho de sol aparecendo por uma frestinha da cortina, me enrolo mais no edredom, ele dorme com ar condicionado na temperatura mais baixa, não passei frio porque fui possessiva e dormi agarrada nele a noite inteira, coisa que ele aceitou de bom grado, se eu me mexia e girava na cama, ele me puxava de volta se colando em mim mais uma vez. Daniel aparece saindo do banheiro, toalha enrolada na cintura. Me espreguiço e ele para me olhando

— Não me esperou para o banho?

— Não queria te acordar... — Senta do meu lado, aquele sorriso incrível no rosto — bom dia.

— Bom dia — se inclina e me beija — vou buscar o meu carro e te levo na clínica — falo me sentando e ele olha meu corpo nu.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não precisa, vou de uber e o Igor vai levar o carro para o hospital para mim, pode dormir mais.

— Se você está indo eu preciso ir... — Ele estica a mão e pega um par de chaves que estava na mesa de cabeceira ao meu lado.

— São para você — fico um pouco chocada olhando aquele objeto, mas ele não titubeia e continua — para que possa entrar e sair daqui sempre que quiser. Você pode usar ou não, só gostaria que as tivesse — pega a minha mão e deposita as chaves nela.

— Obrigada — sorrio e o beijo novamente antes de ficar de pé e ir para o banheiro meio desnorteada com as chaves na mão, vejo a minha roupa ainda por ali e aproveito para vesti-la. Ele me deu a chave do apartamento dele! Isso está ficando muito sério e o que me deixa agitada não é apenas por tudo ser rápido demais, mas também porque nunca tive nada assim com o Saulo, um apartamento onde ficássemos juntos e a vontade, sexo no chuveiro, Daniel estava criando novas memórias para mim, onde ele era o primeiro a fazer tais coisas. E eu achava que já havia tido todas as minhas primeiras vezes. Olho ao redor e não tenho uma escova de dentes aqui, a ideia de uma escova minha ali faz

PERIGOSAS ACHERON

meu estômago gelar, aquele frio gostoso de expectativas, passo só uma água pela minha boca e acho o enxaguante bucal, uso um pouquinho, só para garantir e tirar o bafinho da manhã.

Quando saio do banheiro ele estava quase pronto, todo de branco, o cabelo penteado bem certinho, não sei bem o que fazer, por isso só vou até perto dele que me abraça, colocando meu cabelo atrás da orelha.

— Quer uma carona? Eu já pedi um carro.

— Não, vou andando mesmo, é só umas quadras...

— Tenho plantão hoje, mas podemos sair amanhã, a gente vai se falando.

— Tudo bem – ele me beija e fica um tempo só me olhando.

— Parece um sonho, preciso ir – me beija de novo rapidinho e vai embora me deixando sozinha no apartamento.

Não sei o que fazer por ali, melhor ir embora também, dou uma olhadinha geral e quando entro na cozinha tem um bilhete dele perto da cafeteira "*fica à vontade, tem café pronto. Pode futucar minha geladeira*", dou uma risada e abro os armários atrás de uma xícara, fico olhando tudo

enquanto bebo o café, notando como já me sinto confortável aqui e como já existem muitas memórias de nós dois por esse espaço. Escuto o interfone tocar e fico dividida, mas acho melhor não atender, se fosse o Daniel ele subiria direto. Depois de lavar a minha xícara, pego a minha bolsa, a minha chave e saio. Quando estou passando pelo portão já chegando na calçada vejo a Bianca em pé alguns passos de distância com o celular na mão, ela parece tão chocada quanto eu por esse encontro.

— Lívia, nossa quanto tempo... — Me abraça e quero empurrá-la para longe, será que foi ela que tocou o interfone? Por que ela viria atrás do Daniel? Ou talvez ela só more por perto, tento lembrar onde ela mora, mas o relacionamento dela com meu irmão era tão estranho e o relacionamento dela comigo era tão horrível que não consigo recordar — você está morando por aqui? — Olha ansiosa para o prédio.

— Meu namorado — falo antes de refletir direito sobre a informação que forneci, ela parece surpresa com aquilo.

— Seus pais estão bem?

— Sim, estão ótimos — nunca conheci os pais

dela e não estou com ânimo para continuar essa conversa, muito incomodada com tudo que está acontecendo

— E o Gui?

— Vocês não se falam? – Ela gagueja, mas não diz nada realmente – estranho ele me disse que você ainda liga para ele às vezes. Você deveria dar um espaço sabe? Parar de procurá-lo, deixar que ele te esqueça, obviamente você não quer mais nada com o... – Ia dizer Daniel, falei tudo isso pensando no Daniel, mas mudo no fim – meu irmão.

— Eu amei muito o seu irmão...

— Como amava seu ex? – Vejo ela olhar nervosa para o prédio do Daniel, ela veio atrás dele! Meu coração aperta.

— Sei que você não gosta de mim, nunca gostou – dá de ombros – nunca entendi porquê você tinha ciúmes do seu irmão comigo, nunca nem tentou ser minha amiga – dou uma risada alta e ela para de falar.

— Você está brincando, né? Você nunca sequer tentou se aproximar de mim, aliás você só abria a boca para falar mal de mim – começo a falar e não consigo parar, descarregando todo aquele rancor antigo em cima dela – o melhor amigo do seu

namorado estava morrendo num hospital e você estava preocupada com o vestido que ia usar na festa do fim de semana. A irmã do seu namorado estava destruída e você brigava por ciúmes de mim. E agora vem me dizer que eu nunca quis ser sua amiga? Que EU tinha ciúmes? Você é maluca! Quando você foi qualquer coisa para mim além da garota que me odiava e namorava o meu irmão?

— Não conhecia vocês, me sentia perdida no meio de tudo aquilo, era como se eu não fosse bem-vinda, não conheci o Saulo direito e ele não gostava de mim, por que eu precisava sofrer por ele? — Ela fala exaltada e sinto meu corpo inteiro ferver de raiva.

— Você falava mal de nós o tempo todo, inventava histórias ridículas. E sofrer por ele? Não por ele, mas pelo meu irmão! Para mostrar que não é uma egoísta, que tem empatia pela dor dos outros, ao invés de ficar pulando de namorado em namorado atrás do convite da próxima festa...

Vejo o carro do Daniel parando na entrada do prédio, ela parece não reconhecer o veículo, fico agitada, principalmente quando o Igor sai de dentro dele olhando para nós sem entender nada, do outro lado da rua vejo a Sara estacionando o carro deles e

PERIGOSAS NACIONAIS

vindo na minha direção.

— Bianca? — Igor chama e só então ela o vê. Ela se recompõe inteira e abre um grande sorriso.

— Oi Igor, quanto tempo... — Vai até ele e o abraça, mas ele fica me olhando. Quando ela o solta e se vira para mim, Sara já está do meu lado — Sara? Que coincidência!

— Oi Bianca... Vocês se conhecem? — Minha amiga pergunta para o marido.

— A Bianca e o Daniel namoraram por um tempo... — Ele comenta meio perdido e a Sara me olha chocada, ainda estou tremendo de raiva pela nossa briga.

— Nossa Bianca tem alguém em Vitória com quem você não namorou? — Sara fala e dou uma risada, vejo a garota ficar vermelha e o Igor totalmente confuso.

— Melhor eu ir... — Ela começa a se afastar e eu não aguento.

— Mando seu oi para o meu irmão ou você vai ligar para ele e reclamar de mim? Você gostava muito de fazer isso, lembra?

— Não tenho mais nada com o Guilherme, Livia — fala olhando ansiosa para o Igor — bom te ver.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Até parece... – Digo alto, mas ela ignora, entra em um carro e vai embora.

Igor se aproxima de mim e da Sara ainda olhando a outra ir embora. Minha amiga está falando sem parar do meu lado enchendo o Igor de perguntas sobre a Bianca e o Daniel.

— Vocês se conhecem? – Ele me pergunta quando cansa de responder a esposa.

— Ela namorou o meu irmão.

— Liv, eu não tinha ideia que o Daniel namorou com ela, eu sinto muito, se eu soubesse...

— Eu sabia... – Os dois ficam parados me olhando – ele me contou no domingo, depois de ver o meu irmão no casamento.

— Por que ela...

— Veio aqui atrás do Daniel? – Completo a pergunta do Igor que parece sem jeito.

— Eles não têm mais nada, Liv.

— Eles estavam juntos até outro dia – comento voltando a deixar os dois chocados – e eu sabia, ele me contou. Ele me contou tudo e ainda assim aceitei continuar com ele – me sinto tão cansada, olho a chave do apartamento dele ainda na minha mão – preciso ir para casa.

— Eu te levo.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, vou andando, preciso pensar.

Me despeço e me afasto dos dois deixando-os meio perdidos.

Em casa vou direto para o chuveiro, fico muito tempo ali deixando a água bater com força nos meus ombros, me lembrando de tudo o que passei com a Bianca. Ela era carinhosa e melosa com o meu irmão, principalmente na frente dos meus pais, o que ela não sabia, por que nunca fez questão de me conhecer, é que eu e o Gui sempre fomos muito amigos, ela sempre me criticava para o meu irmão, que sempre me defendia.

Nunca entendi bem porquê ela implicava tanto comigo desde o começo, uma vez, bem no começo do namoro deles, quando o Saulo ainda não estava doente fomos numa festa e eu tive a impressão de vê-la dando em cima do Saulo, ele sorriu de modo forçado para ela e se afastou, dias depois ele e o meu irmão brigaram feio, foi a partir daí que ela passou a isolar o meu irmão de nós, e no começo conseguiu, ele se distanciou um pouco e foi viver o namoro deles, até que o Saulo foi internado pela primeira vez e recebemos a notícia do câncer.

Bianca nunca aparecia para nos ver no hospital, tinha a impressão de que ela até nos evitava, ela foi

até nós duas vezes, e só porque meus pais e meu irmão estavam lá ao mesmo tempo, na frente deles ela era perfeita, mas nas minhas costas ela vivia inventando coisas e armando intrigas, tentando colocar meu irmão contra mim e o Saulo.

Quando tudo virou um pesadelo ainda pior e eu me afundei em uma depressão, Gui era minha única companhia, ele deixou de sair a noite, meus pais pararam de ir em eventos e nós passávamos muito tempo, só nós quatro, dentro de casa, era a época que eu odiava dormir sozinha, tinha pesadelos, febre, eu queria ficar no hospital o tempo inteiro e meus pais não deixavam mais, estavam muito preocupados comigo, Gui dormia comigo praticamente toda noite, quando eu ficava exausta e notava que as brigas entre ele e a Bianca aumentavam e meu nome sempre estava no meio, ficava no meu quarto sozinha me sentindo horrível, até que ele dispensava a namorada e vinha ficar comigo, me abraçava e eu chorava, chorava pelo Saulo e chorava por arruinar o relacionamento dele, enquanto ele me dizia que estava tudo bem.

Quando saio do banheiro já vestida para ir para o trabalho, vejo uma ligação perdida do Daniel no meu telefone, Igor provavelmente ligou para ele

contando do meu encontro com a Bianca e questionando as coisas que eu disse, mas não estou afim de conversar. Jogo o celular dentro da bolsa e vou para o ateliê, só preciso focar no meu trabalho e esquecer tudo isso por umas horas. Esquecer que estou apaixonada pelo ex-namorado da garota que mais magoou meu irmão na vida, que o magoou também, e que pelo visto, está atrás dele com todas as armas que tem.

Daniel

Chego no trabalho com um tremendo bom humor, até escuto uma piadinha sobre isso de um auxiliar de enfermagem que trabalha na área de exames da clínica, paro na recepção da parte dos consultórios onde além de mim, meu pai e minha mãe, outros três médicos atendem, converso com a Regina que me passa rapidamente a minha agenda do dia, confiro no meu relógio e estou 10 minutos adiantado para o meu primeiro paciente, odeio deixar meus pacientes esperando, acho isso uma falta de respeito, então sempre saio de casa muito mais cedo do que preciso, assim, mesmo que eu pegue um pouco de trânsito, não vou fazer ninguém

PERIGOSAS NACIONAIS

ficar me esperando tempo demais.

— Oi filho, não vi seu carro lá embaixo — minha mãe beija o meu rosto e alisa minha bochecha num gesto carinhoso.

— Oi mãe, vim de Uber, meu carro ficou no Igor, fui jantar lá ontem e bebi demais, achei melhor não voltar dirigindo.

Ela me olha com tanto orgulho, como se eu fosse a pessoa mais responsável do mundo, mal sabendo que na verdade a boa influência foi da minha nova namorada, fico com um sorrisinho bobo no rosto pensando nisso e ela parece notar.

— Precisa de carona para ir até o hospital a tarde, ou sua namorada vai pegar o carro para você? — Acho que minha expressão de assustado a diverte, porque ela ri antes de se explicar — seu pai me contou da conversa de vocês. Então existe mesmo uma namorada?

— Um pouco... — Falo e dou uma risada lembrando da Lívia falando a mesma coisa para a Manu — eu pedi, ela aceitou, mas estamos indo com calma.

— Claro, bom, você decide se quer ir com a mamãe ou com a namorada — pisca para mim e vai embora para o consultório dela.

PERIGOSAS ACHERON

Isso me dá uma ideia, um jeito de ver a Livia, talvez almoçarmos juntos. Mando uma mensagem para o Igor perguntando se ele pode deixar o carro no meu prédio e ele me responde que tudo bem. Vou para o consultório e fico aguardando até que a Regina libere a primeira consulta do dia pensando no que vou falar quando ligar para Livia dizendo que estou sem carro e preciso de uma carona, posso fazer alguma piada sobre ter atendido ao pedido dela ontem e hoje ela precisar me socorrer. Quando encerro a primeira consulta dou uma olhadinha no meu celular e tem uma mensagem do Igor de um tempo atrás, pego para ler achando que é algo sobre ter deixado o carro na garagem do prédio, mas o que eu leio faz minha espinha gelar.

Tenho três perguntas para você:

- 1 – Liv dormiu no seu apartamento?*
- 2 – Você sabia que a Bianca namorou com o Guilherme e não me disse nada?*
- 3 – Você e a Bianca estavam juntos até outro dia?*

Não entendo nada e ligo para ele, logo depois de pedir para a Regina segurar um pouquinho o

próximo paciente. Assim que o Igor atende, consigo ouvir a Sara resmungando alguma coisa ao lado, eles devem estar juntos no carro indo até o trabalho dela.

— O que... — Eu começo, mas ele me interrompe.

— Cara que confusão é essa? Você e a Bianca? Sério isso, Dan? Porra, achei que essa mulher tivesse ficado no passado, mas...

— O que aconteceu?

— Bianca estava na porta do seu prédio quando passei lá para deixar o carro — sinto aquele frio percorrer minha espinha, Livia! Elas se encontraram lá... Puta que pariu — e a Livia estava saindo — completa o que eu já imaginava, sinto o sangue fugir do meu corpo — as duas estavam brigando feio na rua, Dan. Por que a Bianca foi até o seu apartamento?

— Não sei... — Escuto um ruído e tenho a impressão de que estou sendo ouvido no viva voz, é claro que a Sara quer ouvir tudo, respiro fundo — não tenho mais nada com a Bianca, desde antes de conhecer a Livia eu já havia encerrado tudo, eu contei isso para a Livia, nós já conversamos sobre e nos entendemos...

— Ela não estava brigando por sua causa — Sara fala me dando a certeza de que estou sendo ouvido pelos autofalantes do carro, posso notar que está irritada — elas estavam brigando porque sua ex foi um demônio na vida da Liv e da família dela.

Ficamos em silêncio enquanto eu absorvo o que ela acabou de dizer, escuto ela resmungar baixinho "*não acredito que essa desgraçada vai voltar para nossa vida*" enquanto o Igor fala algo com ela.

— E a Livia?

— Ela foi para casa, Dan, não quis carona, disse que precisava pensar.

— Vou ligar para ela...

Desligo ouvindo só metade da ameaça da Sara, algo sobre "*se você magoar a minha amiga...*", mas não tenho tempo para isso, o telefone toca até a ligação cair na caixa postal, preciso atender o próximo paciente, ou vou embolar minha agenda inteira. Mando uma mensagem para ela perguntando o que aconteceu, para que me ligue, mas preciso voltar minha atenção para o trabalho, consulta após consulta volto a olhar para o meu telefone e nada, ela não dá sinal de vida. Quando finalmente encerro tudo, pego o telefone e tento falar com ela novamente, mas sem resultado. Fico

sentado no mesmo lugar olhando para o meu celular tentando entender o que pode ter acontecido, qual foi a briga, o que a Bianca falou com ela, quando uma mensagem dela aparece.

*Estou terminando com um cliente.
Te ligo em 5 minutos.*

Respiro aliviado e começo a contar o tempo, mas não consigo esperar, respondo a mensagem dela.

*Preciso de uma carona até o hospital.
Você pode me ajudar?
Podemos almoçar juntos e conversar.*

Fico agitado tamborilando os dedos na mesa e observando meu celular, ela começa a digitar e para, isso aconteceu umas três vezes até a mensagem "*passo aí em 15 minutos*" aparecer sem mais nada. Curta e grossa.

Eu queria sair e esperar por ela na frente da clínica, mas sou parado por uma paciente e amiga do meu pai, uma conversa sobre a filha dela, médica e solteira, tento sorrir e ser simpático, mas

estou quase pedindo para essa mulher me deixar em paz em nome de Deus, quando vejo a Livia aparecendo no elevador, ela fica meio sem graça, mantém uma distância de mim enquanto consigo me livrar da mulher.

— Oi... — Me abaixo e beijo de leve sua boca não me importando nem um pouco com os olhares curiosos de todo mundo que trabalha por aqui.

— Meu celular descarregou — fala parecendo cansada — e eu estou sem carregador no carro, por isso precisei entrar, você não tinha saído ainda...

— Desculpe, eu fiquei preso. Quer conhecer o consultório?

— Melhor a gente ir... — Fala já virando como quem quer fugir dali, mas dá de cara com a minha mãe vindo do elevador.

Dra. Inês abre um sorriso assim que vê a Livia ao mesmo tempo que parece preocupada.

— Livia, tudo bem?

— Oi, sim, estou bem, e a senhora? — Me olha nervosa sem saber como reagir com a minha mãe.

— Estou ótima, você tem alguma coisa agendada conosco?

— Não eu... Conheci o Daniel no casamento da Sara — minha mãe segue nos olhando com

curiosidade.

— A Livia veio me dar uma carona mãe – falo de uma vez, minha mãe olha para nós dois parecendo encantada com tudo o que está imaginando, abre um grande sorriso antes de tocar o braço da Livia e mudar de assunto.

— Livia, nós recebemos a sua doação para o leilão – isso me pega de surpresa, não sabia que ela havia doado algo – obrigada, as peças são lindas, são suas mesmo?

— Sim, não são muito parecidas com as que eu geralmente faço, mas foram feitas por mim.

— São maravilhosas! Fábio ficou assustado, achou que eram joias de família – fala levando a mão até o peito e a Livia ri, parecendo relaxada pela primeira vez desde que chegou aqui – vou deixar vocês irem, você estará no baile sábado, né?

— Claro, vou com os meus pais – comenta antes de se despedirem e saímos juntos, sem dar as mãos.

Ela volta a ficar em silêncio todo o caminho, nem olhar para mim ela olha. Quando finalmente estamos os dois dentro do carro dela, questiono o que aconteceu pela manhã.

— Ela foi até lá, o interfone tocou e não atendi,

quando desci ela estava lá na rua, acabei falando que estava saindo da casa do meu namorado, ela não entendeu nada, não sabe sobre nós...

— Não, não sabe. Na quinta-feira passada quando ela me fez ir até o hospital eu contei que conheci uma pessoa, mas não falei que era você, eu disse que vamos fazer isso no seu tempo...

— Eu sei, tudo bem. Ela não vai muito com a minha cara – dá uma risadinha cansada e liga o carro – o namoro dela e do Gui foi complicado. Bianca foi a única pessoa que conseguiu afastar o meu irmão de mim e do Saulo. Foi a única pessoa que fez os dois brigarem e ficarem sem se falar por semanas – vai me contando baixinho enquanto dirige – ela inventava muitas coisas e o meu irmão, apaixonado, ficava do lado dela, nos isolando, foi um período curto, acho que pouco mais de um mês depois Saulo foi internado pela primeira vez e o Gui voltou, mas ela me criticava o tempo todo, nunca entendi sua implicância comigo – respira fundo – só perdi um pouco a cabeça quando ela se fez de simpática perguntando pelos meus pais e o meu irmão, como se realmente se importasse.

— Vou ter uma conversa definitiva com ela, outra na verdade, não sei porquê ela bateu lá, não

tive mais notícias dela.

— Não sou uma pessoa ciumenta, sabe? Nunca fui, então só quero ter certeza de que estamos na mesma página aqui. Você tem certeza sobre isso? Sobre nós dois?

— Claro que tenho, estou apaixonado por você Liv, te dei a chave do meu apartamento, gostaria que você fosse comigo no baile sábado, estou ansioso para te apresentar a minha família, mas entendo sua insegurança em começar um relacionamento e vou respeitar o seu tempo, mas o que tivemos ontem, com o Igor e a Sara, é tudo o que eu quero, ter você ao meu lado, em todo lugar.

— Sabe eu... Eu não brinco nessa coisa de relacionamento. A última vez que aceitei um pedido de namoro fiquei com a pessoa por 9 anos então... — Para de falar e me olha aflita — o que eu quero dizer é que sempre me envolvo muito.

— A última vez que pedi uma garota em namoro eu fiquei com ela por 8 anos, até que ela decidiu me deixar. Nós dois sabemos o que estamos fazendo e seremos os únicos responsáveis por fazer dar certo ou não.

Paramos em frente ao restaurante que a vi pela primeira vez na Praia do Canto, onde ela esbarrou

PERIGOSAS NACIONAIS

em mim na saída do banheiro.

— Sabia que foi aqui que te vi a primeira vez?

— Pergunto tentando nos levar de volta a um clima tranquilo.

— Aqui? — A princípio ela não entende, mas então fica vermelha — aí meu Deus você foi o grosso com quem esbarrei saindo do banheiro...

— Me desculpe por aquilo — dou uma risada — eu te vi depois na calçada, esperando alguém.

— Meu irmão, tinha vindo almoçar com ele.

— Vocês são mesmo muito amigos, né? — Pergunto com um sorriso porque o relacionamento deles é muito curioso para mim.

— Muito, meu irmão é a minha pessoa, meu melhor amigo, sempre fomos muito unidos lá em casa, com meus pais também.

Conto do dia que encontrei com o pai dela na academia e ele me fez uma ameaça de forma indireta, ela fica rindo, achando aquilo o máximo, aproveito para contar um pouco sobre o meu relacionamento com os meus pais.

— Meus pais sempre foram muito focados no trabalho, eu admiro muito os dois, mas sempre fui muito sozinho, por haver uma diferença grande entre eu e a Isis, minha infância foi muito solitária.

PERIGOSAS ACHERON

Acho que temos mais um relacionamento pais e filhos do tipo: nos amamos, respeito muito eles, eles têm orgulho de mim, mas não somos exatamente próximos ou amigos, sabe?

Ela se sentou ao meu lado, tem o cotovelo apoiado na mesa o queixo apoiado na mão enquanto me escuta.

— Acho que sim, lá em casa sempre foi um pouco fora da curva nisso, meus pais sempre foram muito liberais, às vezes nós até confundíamos as coisas, era tudo tão na base do diálogo e da amizade que quando eles se impunham e queriam dar ordens, eu e o Gui achávamos a coisa mais estranha.

— Acho que eles fizeram um trabalho incrível com você, seu irmão deve ser uma boa pessoa também — falo com uma careta, mas ela não me leva a mal, só ri e me beija, fico tão aliviado com esse gesto de carinho que quase repito a cena que protagonizamos ontem na casa do Igor, onde eu a puxei num beijo que nunca acabava.

Fizemos os nossos pedidos e continuamos conversando sobre nossas famílias, ela me contou um pouco mais da sua história com a minha mãe e disse que não conhecia o meu pai, fiquei realmente

tocado pelo carinho que ela demonstra ter pela minha mãe, faço o meu melhor para participar da conversa contando boas histórias sobre os meus pais, dos poucos momentos que tivemos em família quando eu era criança, sei reconhecer que eles foram a melhor versão de pais dentro dos limites que existiam para eles, mas penso que quando chegar a minha vez, eu gostaria de ter uma família mais parecida com a que ela me relata sobre a sua infância, e menos como foi a minha.



Capítulo 9

Lívia

Depois que deixei o Daniel no hospital me sentia mais leve com tudo o que havia acontecido, toda a conversa do almoço me fez relaxar e me sentir segura sobre o que estávamos fazendo. Daniel é incrível quando quer me seduzir, é muito divertido quando faz piadas e é ainda mais encantador quando conversa e se abre comigo, dá sempre para notar que certas coisas o deixam desconfortável enquanto ele fala, mas ele insiste em se abrir e se revelar para mim, e só consigo entender isso da melhor forma possível, ele estava mesmo levando a sério o que disse sobre me contar coisas que nem se lembra de ter vivido.

Naquele dia, ainda precisei conversar por muito tempo com a Sara contando tudo o que eu sabia sobre o relacionamento da Bianca e do Daniel,

além do que havíamos falado na nossa discussão acalorada na calçada. Sara nunca esteve envolvida na briga, mas acabou pegando birra da Bianca pela forma como a ex do meu irmão sempre inventava picuinhas para afastá-lo de nós.

Na sexta-feira, nós fomos até o bar do Ti, estávamos todos lá, Sara e o Igor, Tiago e o Caio, eu e o Daniel, eu olhava ao redor aguardando o momento que meu irmão iria aparecer, mas ele não deu as caras, nem notícias. Foi uma noite divertida, com muita conversa e risadas. Igor e Sara pareciam aliviados ao perceberem que as coisas seguiam bem entre eu e o Daniel. Havia muitos conhecidos ao nosso redor e não fiz nenhuma questão de esconder o que estava acontecendo, passei a noite abraçada ao meu novo namorado, enquanto nós ríamos, dançávamos e nos beijávamos. Fiquei surpresa ao notar que ele realmente sabia dançar, Tiago, Caio e Sara estavam mortos de inveja de mim, e o Igor aproveitou o máximo que pode para zoar o amigo, foi uma noite muito boa, uma prévia de como nosso futuro poderia ser, só faltava o meu irmão ali. Eu sabia que o Gui ainda estava resistente em aceitar aquele namoro, e muito provavelmente por estar envergonhado do que fez, e não por não gostar do

Daniel.

No final da noite o Igor, que não estava bebendo, nos deu uma carona até o apartamento do Daniel, onde resolvi passar a noite mais uma vez. Eu estava num nível de embriaguez muito maior do que ele havia me visto até então, Daniel parecia preocupado ao meu redor quando me sentou no sofá e foi para cozinha atrás de algo para eu comer. Fui atrás dele, eu estava bêbada e cheia de fogo, minha voz mole e minhas mãos indecentes o faziam rir e se preocupar comigo, enquanto eu insistia em dizer que estava bem, terminei sentada sobre a bancada enquanto ele me vigiava comer um pão com queijo que havia feito para mim, eu parecia uma criança comendo e reclamando enquanto ele ia me beijando meu braço, ombro e pescoço rindo.

— Você não vai comer nada? — Os olhos dele brilham enquanto balança a cabeça para dizer que sim e a mão desliza pela minha coxa, subindo um pouquinho o meu vestido.

— Já fez sexo numa cozinha? — Meus olhos se arregalam e eu perco imediatamente a fome, ele ri tirando o pão da minha mão enquanto balanço a cabeça rápido para dizer que não — quer fazer? —

PERIGOSAS NACIONAIS

Confirmo na mesma velocidade em silêncio – melhor te levar para a cama e te deixar dormir – fala isso enquanto as duas mãos deslizam pelas minhas pernas e apertam a parte interna das minhas coxas.

— Não quero dormir...

— O que você quer?

— Você... – Falo sentindo minha boca ficar seca.

— Você já me tem... – Sorri de modo esperto e me beija, um beijo gostoso que me deixa agitada.

Existem tantas versões do Daniel e eu nunca consigo descobrir por qual delas estou mais apaixonada, se é pelo médico apaixonado pelo trabalho, pelo moleque brincalhão e convencido, ou sua versão serena e reflexiva que passa horas me contando as coisas sobre sua vida e família ou ainda, essa versão safada que me deixa envergonhada e desinibida, tudo ao mesmo tempo.

Com toda a bebida de ontem à noite eu não consegui pensar em uma história elaborada para contar aos meus pais sobre passar outra noite fora na mesma semana, enviei algo do tipo “*não vou dormir em casa, não se preocupe*” para a minha mãe e esqueci do celular. Quando acordei com o

PERIGOSAS ACHERON

meu telefone tocando no sábado havia uma série de mensagens dela onde basicamente me perguntava, de formas diferentes, duas coisas: *Como assim não vai* e *Vai dormir aonde então?*

— Ei mãe...

— Lívia, como você me dorme fora de casa e não me diz aonde, eu estava preocupada!

— Estou bem mãe, daqui a pouco estou em casa... — Daniel se remexe na cama ao meu lado, jogando o braço por cima de mim.

— Liguei para o seu irmão, para a Sara, para o Tiago, ninguém sabia de você — ela parece realmente descontrolada no telefone.

— Desculpa mãe, eu bebi ontem e não consegui explicar melhor, estou... — Olho para o lado e flagro o Daniel me observando, giro na cama deitando de lado, olhando para ele também — dormi na casa do rapaz com quem eu tenho saído.

Minha mãe fica em completo silêncio, as mãos do Daniel me envolvem me puxando para ele.

— Então esse rapaz... É sério entre vocês?

— Ele me pediu em namoro — Daniel sorri abertamente — e eu aceitei.

— Sendo assim acho bom ele aparecer aqui em casa, não gosto disso, você dormindo na casa dele e

PERIGOSAS NACIONAIS

nós nem o conhecemos!

— Ah vocês o conhecem – ele arregala os olhos – mas vamos fazer as coisas direito, com calma.

— Lívia, pelo amor de Deus, você está na casa dele, a noite toda, já perdeu a calma faz tempo... – Dou uma risada com o desespero dela.

— Daqui a pouco estou em casa, mãe. Beijo.

Nem desliguei o telefone e o Daniel me puxa num beijo enquanto faz um carinho pelo meu cabelo.

— De acordo com a minha mãe, nosso plano de ir com calma foi para o brejo – ele ri.

— Vou te levar em casa, minha mãe já me ligou também, dia de evento, estou por conta da Dona Inês.

Apesar do que falei com a minha mãe, não tocamos no assunto dele entrar, talvez seja melhor fazer isso em um outro momento do que já enfrentar meus pais me trazendo da casa dele depois de passarmos a noite juntos, como eu disse, meus pais são muito liberais e amigos, mas as vezes eles lembram que são pais e as coisas ficam estranhas.

Não vou em no salão me arrumar para a festa de hoje, eu mesma faço minha maquiagem e ajeto o

PERIGOSAS ACHERON

meu cabelo do jeito simples que gosto de usar, com grandes ondas no comprimento e as pontas lisas. Dessa vez escolhi um vestido vinho que tem um decote ombro a ombro e a cintura bem marcada, a saia é rodada, mas não armada e de tamanho midi, lembra um pouco os modelos dos anos 50.

Minha mãe ficou no meu pé o dia inteiro pelo que aconteceu, mas me deu um espaço quando eu disse que apresentaria ela ao rapaz na festa a noite, mandei uma mensagem ao Daniel contando isso, para prepara-lo para o momento, mas ele parecia empolgado com a ideia. Quando desci pronta, meus pais já estavam me esperando ao lado do meu irmão.

— Gui, você já conheceu o namorado novo da Liv? — Minha mãe esperou eu aparecer para jogar o assunto no colo do meu irmão, ele me olhou surpreso e respondeu que não, os olhos ainda em mim — parece que vamos conhece-lo hoje.

— Vou com o Gui, ok? — Comento assim que ela pega a bolsa e sai de casa acompanhando o meu pai.

Vou em silêncio com o meu irmão até o carro dele, a festa vai acontecer num cerimonial que fica bem perto de casa, de frente para a praia de

Camburi, não temos muito tempo para conversar.

— Ele me pediu em namoro essa semana — comento enquanto meu irmão fica focado no sinal vermelho na nossa frente — e eu aceitei.

— Ele não gosta de mim. Talvez ele já tenha te dito isso.

— Daniel nunca reclamou de você comigo, Gui. E eu já deixei claro que não existe ninguém no mundo que vai conseguir afastar nós dois — levo minha mão até o braço dele que está esticado e tenso até o volante — acho que ele está disposto a te conhecer, se você puder dar uma chance.

— Você gosta mesmo dele, né?

— Gosto.

— Tudo bem então, vou dar uma chance do doutor me conquistar — fala com um sorrisinho já entrando no cerimonial e me fazendo rir.

Daniel

Estou com os meus pais quase na entrada do salão de festas recebendo as pessoas, Isis deveria estar aqui, mas inventou uma desculpa qualquer assim que a Manu e o Patrick chegaram com a família e seguiu com a amiga para o meio da festa.

PERIGOSAS NACIONAIS

O leilão é um evento grande, para mais de 600 convidados, o espaço gigante está bem decorado, as grandes mesas redondas de até oito lugares cada já estão parcialmente ocupadas, o palco onde acontecerá o leilão e logo após uma banda assumirá a festa para dar continuidade ao baile está mal iluminado, só aguardando o momento de virar a grande atração da noite, alguns garçons já circulam entre as mesas com bebidas e começo a me sentir agitado por não ter um copo na minha mão. Mães e filhas solteiras passam por mim com sorrisos gigantescos e mãos alisam o meu braço enquanto tento manter o ar simpático com todos pelo meus pais.

Quando uma senhora amiga do meu pai finalmente se afasta levando a filha com ela, uma jovem bonitinha, vejo a Lívia chegando com os pais dela e o irmão, nunca vi os quatro juntos, é uma cena boa de observar, ela e o Guilherme entram na frente dos pais conversando e rindo de alguma coisa, os quatro olham ao redor pelo lugar decorado com todo o bom gosto da minha mãe para esses eventos, então os pais dela param cumprimentando alguém, e ela o irmão aguardam, Guilherme se curva e fala algo com ela que dá uma

PERIGOSAS ACHERON

risada. Ela sempre disse que eles são muito amigos, ainda assim era curioso comprovar a intimidade entre os dois, finalmente os quatro começam a caminhar na direção onde estou com os meus pais, tenho a impressão de ver algum calor nos olhos super azuis que me encaram e fico agitado, combinamos que no decorrer da noite eu seria apresentado aos pais dela, mas agora eles estão vindo direto até nós e fico perdido sem saber o que vai acontecer. Contrariando minhas expectativas, minha mãe é a primeira a se manifestar, abrindo os braços para falar primeiro com a Lívia.

— Lívia, você está cada dia mais linda! — Liv me olha rapidamente parecendo sem graça, mas retribui o abraço da minha mãe e agradece o elogio — Esse é o Fábio, meu marido — meu pai se aproxima e também cumprimenta a Lívia.

— Você e o Guilherme são a cara da sua mãe — ele brinca, e é verdade, o mesmo cabelo loiro e os olhos azuis, enquanto o pai dela tem o cabelo castanho e os olhos escuros.

— Mas ela tem a minha personalidade — O pai dela fala atrás e pisca para ela que dá uma risada, como se aquela fosse uma piada da família.

Assim seguem o restante das apresentações e

cumprimentos, não sei como a minha mãe não soltou algo do tipo “*que maravilha esses dois namorando, né?*”, acho que ela está aguardando um posicionamento oficial de um de nós dois, beijo o rosto da Lívia e ela praticamente para do meu lado em silêncio, Guilherme me estende a mão com um sorriso gigantesco dizendo que “*é muito bom te ver novamente*” e tenho quase certeza que a Lívia sufocou uma gargalhada do meu lado. Quando tive a impressão de que ela ia comentar na frente de todos que nós dois estamos juntos, ela foi interrompida pela minha mãe que, encerrando um assunto com os pais dela, se voltou para nós mais uma vez.

— Martha, Lívia enviou umas peças incríveis para o Leilão – Lívia sorri de um jeito delicado e tímido, os pais dela observam curiosos – eu mesma queria ficar com elas para mim – minha mãe continua com uma risadinha segurando novamente a mão da minha namorada, não consigo evitar o pensamento vendo a proximidade das duas.

— Você que enviou as joias? – Meu pai pergunta um pouco surpreso.

— Ela quem fez as joias! – Minha mãe o repreende – Lívia é a designer de joias, do jornal,

lembra? Foi ela quem fez aquelas peças, eu já tinha visto algumas por foto, porque Isis é apaixonada por todas, é louca para ter uma e nunca conseguiu, sempre esgotam tão rápido...

Fico olhando da minha mãe para ela que parece envergonhada com tudo aquilo, mas também muito orgulhosa.

— A maioria das minhas peças são exclusivas e sob encomenda, e geralmente eu nunca faço mais de duas peças iguais, mas estou montando uma coleção nova e a sua filha terá prioridade...

— Que Deus proteja minha conta bancária – minha mãe ri.

— Desculpe, mas eu achei que eram joias de família, fiquei muito surpreso por termos um lote assim – meu pai volta para a conversa – até outro dia eu achava que você trabalhava na loja com a sua mãe, como o Guilherme e o Ricardo, só pelo jornal soube das joias.

— Entrei como sócia da minha mãe e estamos ampliando o negócio – ela tem um sorriso gigante e lindo quando fala com ele – meu ateliê funciona anexo a loja, ainda é minha principal atividade, na loja eu apenas ajudo em reuniões de marketing ou com algumas ideias.

— As peças que você enviou são incríveis, é um trabalho realmente impressionante, nunca conheci ninguém que fizesse algo assim, meus parabéns – meu pai é tão efusivo no elogio que faz com que eu e a minha mãe olhemos para ele surpresos, mas somos distraídos pela mãe da Livia, minha sogra! Minha mente volta a me sabotar.

— Quais peças você enviou?

— The Edelweiss – ela fala meio tímida e posso ver a mãe dela abrir bem os olhos, um pouco assustada pela informação, recordo que esse é o nome da flor da sua tatuagem, a flor do amor eterno.

— Então são peças especiais? – Minha mãe pergunta.

Livia se remexe um pouco e volta a olhar para a minha mãe, mas posso ver que está desconfortável, me olha rapidamente, Martha segue ao lado da filha, parecendo meio perdida e com os olhos cheios de lágrimas, não sei o que está acontecendo, mas volto a olhar para a minha namorada, gostaria se toca-la, segurar sua mão.

— Eu fiz as peças quando o Saulo estava no hospital – fala com um sorriso minúsculo no rosto, então se vira para explicar a história ao meu pai –

Dra. Inês foi médica do meu noivo – meu pai sorri um pouco triste, como quem diz que sabe a história, provavelmente porque o pai dela deve ter contado tudo no dia que os encontrei na academia – a senhora sempre me dizia que eu precisava sair um pouco do hospital e me dedicar a algo que me deixasse feliz, foi assim que criei essas peças, acho que elas foram a minha primeira terapia...

— Foi uma época muito difícil... – Minha mãe passa a mão pelo cabelo dela num gesto muito fraterno de carinho.

— Foi sim e a senhora fez toda a diferença – o sorriso fica maior, como se quisesse espantar a tristeza – as peças ficaram guardadas por todo esse tempo e eu sinceramente não me vejo usando-as, todas tinham um objetivo muito claro para mim – ela fica muda um pouco e me olha ansiosa, mas sei o que quer dizer, ela fez as peças esperando que ele melhorasse, que ficasse bem e provavelmente as usaria no casamento dos dois, sinto novamente aquela necessidade de abraça-la de me colocar ao seu lado e dizer que eu entendo, que estamos bem – acho que o momento é o ideal, aqui elas podem ajudar pessoas que precisam de tratamento, podem fazer alguma diferença, além de enfeitar orelhas e

dedos – ri espantando de vez o clima pesado – e acho que estou pronta para construir outras peças, outras histórias de amor...

Porra... Pai, mãe essa é a minha nova namorada, olá sogra. Sinto um arrepio percorrer todo o meu corpo.

— Tenho certeza que você irá... – Minha mãe a abraça novamente e somos todos distraídos pelo deputado Marcos Abadi que chega fazendo muito barulho com sua esposa, atraindo a atenção de todos.

Vejo ela se afastando com a mãe e indo para perto do pai e o irmão, enquanto os quatro caminham juntos até a mesa deles, se tudo isso fosse oficial eles estariam na nossa mesa e eu estaria abraçado a ela agora, mas paciência.

Quando a Isis volta para onde nós estamos sou finalmente liberado pelos meus pais para “*ir ficar um pouco com a minha amiga*”, minha mãe diz num tom divertido, mas não encresco, é a única coisa que quero mesmo, mas qual não é a minha surpresa quando finalmente localizo a Lívia no salão e noto que o Patrick já está grudado nela, sentado ao seu lado na mesa onde os pais dela estão também, eles parecem muito alheios ao homem ao

lado da filha, Patrick por outro lado se aproxima demais, como sempre, ela parece educada respondendo e hora ou outra rindo do que ele fala. Fico parado a uma certa distância pensando se devo ir até lá e forçar a minha presença, mesmo não tendo sido apresentado oficialmente como namorado ainda.

— Esse cara não desiste nunca — fico sobressaltado com a chegada do irmão dela ao meu lado. Guilherme está com um terno muito bem alinhado, o cabelo loiro espetado e com aspecto molhado, quando vejo, ele está estendendo um copo de uísque para mim, pego a bebida e agradeço, voltando a olhar para a cena que me deixa nervoso, Patrick sentado perto demais da minha namorada.

— Eles são amigos... — Digo simplesmente, como quem assume que não há nada que eu possa fazer em relação aquilo.

— Infelizmente, mas esse imbecil tenta desesperadamente ser meu cunhado há uns 11 anos ou mais.

Fico em silêncio agora observando o homem do meu lado, ele bebe um pouquinho de nada do copo igual ao meu e parece ansioso.

— Sinto muito pelo que aconteceu, pelo modo como comecei a namorar a Bianca, fui um imbecil também naquela época e provavelmente te fiz sofrer — sou pego completamente de surpresa com isso, abro a minha boca, mas não consigo dizer nada — minha irmã me disse que vocês estão namorando — minha única resposta é confirmar com a cabeça — talvez você não goste de mim, e até dou razão caso não goste, mas... Seria mais fácil se pudéssemos nos dar bem e deixar o resto no passado.

Ele parece tão sem jeito ao me dizer essas coisas, sempre enxerguei o Guilherme como um playboy convencido, mas nas duas únicas vezes que nos falamos ele demonstra tanto cuidado e atenção pela irmã que ficava impossível sustentar essa imagem.

— Eu tive raiva de você mesmo, por um bom tempo, mas desde que conheci sua irmã, ela fala tantas coisas boas sobre você e a amizade de vocês, que é impossível ficar indiferente — ele gosta do que eu falo.

— Com o tempo você vai notar que a Liv faz a gente se apaixonar por todas as pessoas que ela gosta, ela tem esse dom, de criar um elo muito forte

entre as pessoas – olha diretamente para mim sorrindo e noto que estou sorrindo também – menos com o Patrick, o tipo realmente não me desce.

Dou uma gargalhada com a implicância dele com o homem e ele ri também, o som chama a atenção da Livia que olha na nossa direção curiosa com o que está acontecendo.

— Então, posso contar com você para que o Patrick não se torne o meu cunhado?

— Ele não tem a menor chance – falo no meu melhor tom de convencido, fazendo o Guilherme rir novamente.

— Confiante, que bom. Quando perguntei isso ao Saulo ele travou e levou mais de uma semana para finalmente fazer alguma coisa... – Olho sem entender e ele parece sem graça – desculpe, nós éramos muito amigos.

— Eu sei, a Livia já me contou muitas histórias – o sorriso dele fica ainda maior com isso – e pode parecer maluquice, mas gostaria de ter tido a oportunidade de conhece-lo.

— Ele ia te odiar se soubesse que estava interessado na minha irmã – dou uma risada – melhor irmos até lá – indica a mesa onde agora a Livia está sozinha com os pais – o que será que ela

disse para conseguir fazer ele desgrudar?

Lívia

Quando chegamos e fomos direto até o Daniel e seus pais, achei que teria a chance de falar sobre ele ser meu namorado, mas a oportunidade não aparecia, depois quando minha mãe questionou sobre as joias e contei que eram as peças que fiz pensando em usar no meu casamento com o Saulo fiquei sem graça, eu havia acabado de contar uma história sobre meu ex-noivo para na frase seguinte emendar um: “*mas estou bem, namorando o seu filho*”, não parecia o momento.

Nós nem bem havíamos chegado até a nossa mesa quando o Patrick surgiu do meu lado, meu irmão no mesmo segundo evaporou, como sempre o Patrick cumprimentou meus pais sendo muito educado e vi minha mãe olhar para mim ansiosa, como se ele fosse o tal namorado novo, e quanto mais o Patrick permanecia na mesa ao meu lado, mais minha mãe me sinalizava como quem diz “*nos diga logo que ele é seu namorado*”, meu pai parecia desconfortável, apesar de gostar do Patrick, sei que

PERIGOSAS NACIONAIS

ele pensa mais ou menos como o meu irmão sobre não ser a melhor companhia, pelo histórico do Patrick de sempre dar em cima de mim, mesmo quando eu ainda estava com o Saulo.

Tento ser educada e manter um diálogo com ele na medida do possível até que escuto duas risadas conhecidas altas e vejo meu irmão e o Daniel juntos, meus olhos ficam muito abertos, eles não estão apenas conversando, mas rindo juntos. Dan tem um sorriso tão maravilhoso na minha direção que acabo me distraindo completamente.

— Você e o Daniel, ainda está rolando? – A pergunta me traz de volta.

— Estamos namorando – falo sem pensar e com um sorriso.

— Sério? Namorado novo? Uau! Achei que teria minha chance – ele já não está tão perto de mim.

— Patrick, sempre fui clara em relação a nossa amizade, nós ficamos uma única vez há mais de 11 anos atrás. É isso que posso fazer por você, ser sua amiga.

— Claro, Lívia, amigos então – fala de um jeito seco se colocando de pé – felicidades no seu novo namoro.

PERIGOSAS ACHERON

E com isso se afasta me deixando sozinha e com uma sensação de ter feito besteira, me coloco de pé nervosa quando vejo meu irmão e o Daniel se aproximando e vou até metade do caminho me encontrando com os dois.

— Você colocou o Patrick para correr — meu irmão diz com um sorriso convencido.

— Ele descobriu que tenho um namorado — sorrio para o Daniel que me olha encantado.

— Sempre funciona, mas é melhor ficar de olho — comenta quase cochichando com o Daniel, a interação entre eles me surpreende tanto que fico olhando os dois boquiaberta, meu irmão dá de ombros — o time contra o Patrick está completo novamente, estou ansioso para contar para a Sara.

E com isso se afasta indo para a mesa junto dos nossos pais, olho na direção deles, mas estão distraídos com alguma coisa.

— Quer conhecer o meus pais?

— Muito — seguro a mão dele e vamos caminhando até a mesa, minha mãe já nos encara com um sorriso bobo.

— Vocês já conheceram o Daniel — meus pais nos encaram aguardando — nós dois estamos meio que namorando — meu pai parece relaxar

visivelmente.

— Ah graças a Deus, achei que seria com o Patrick... — Daniel ri do meu lado e meu irmão também.

— Como assim meio que namorando? — É a minha mãe que deixa a conversa séria novamente.

Olho para o Daniel, mas ele não quer me ajudar, só fica com um grande sorriso esperando que eu resolva aquilo.

— Meio que namorando porque só vocês sabem disso oficialmente, ainda não fui apresentada aos pais dele como namorada.

— Eles meio que sabem — dá de ombros e o olho chocada — mas você tem razão, tem que ser feito direito.

A mão dele desliza pela minha cintura nos colocando mais próximos, até que meu pai o convida para se sentar e passamos um tempo juntos conversando, meu pai brinca que já desconfiava por causa do carro que me buscava em casa às vezes, fico surpresa ao saber que a Naná não contou nada para minha mãe sobre o dia que o Daniel apareceu na loja, depois de um tempo, ele pede licença aos meus pais para que possa me apresentar a família dele, tornando aquele “*meio namoro, um namoro*

completo”.

Fico satisfeita em segui-lo até lá, notando como a conversa na minha mesa fluiu, Daniel sempre comentava como ele era meio travado socialmente e sem assunto com as pessoas, mas ao meu redor eu sempre o via interagindo com todo mundo, no meio do caminho ele é interrompido por um senhor que puxa muitos assuntos com ele, eu sou devidamente apresentada como namorada, mas fico um pouco ao lado conversando com uma senhora muito simpática que me pergunta se sou a jovem que faz joias, dou uma risada e confirmo, ela me conta que me reconheceu pois sou muito parecida com a minha mãe e cita o jornal. Daniel está à alguns passos de mim agora, ainda conversando com o mesmo senhor, acho que marido da senhora que não me deixa ir, vejo a Bianca se aproximando, ela para falando com o Daniel que mal responde o que foi dito e se vira vindo para perto de mim.

— Vamos?

— Está tudo bem? – Bianca está nos olhando chocada – foi um prazer conhecer a senhora, vou falar com a Naná para que possamos agendar algo – a senhora sorri e me libera.

Daniel segue me guiando pelo salão, a mão na

base da minha coluna, mas antes que cheguemos até os pais dele, Bianca nos alcança.

— Preciso falar com você, Daniel – eu travo, ele parece irritado quando se vira para ela com um olhar que diz “fale logo” – sozinhos, preciso falar com você sozinho...

— Não, não precisa.

— Tudo bem, eu vou falar com a Manu – vejo a garota uns passos longe de onde estamos, quero sair dali, o jeito que a Bianca me olha me deixa nervosa, mas o Daniel me puxa pela cintura para perto dele.

— Não temos nada para conversar, Bianca, já conversamos tudo, mais de uma vez, lembra?

— Eu tô grávida... – Ela joga a bomba e sinto o chão girar um pouco ao meu redor, a mão do Daniel me solta na hora, a expressão dele de pânico me deixa ansiosa.

— O que? Como assim? Usamos camisinha, você dizia tomar remédio...

— Aconteceu, estou de seis semanas – ela me olha para ter certeza de que aquela informação me atinge, como se quisesse descobrir quanto tempo nós dois estamos juntos.

Daniel parece transtornado do meu lado, ele

olha em todas as direções e não sabe mais o que dizer, sinto meu corpo inteiro tremer de raiva, mas o mais incrível é que não acredito nela, não acredito que isso seja verdade, e como aconteceu no dia que nos encontramos na frente do prédio dele, perco o controle e começo a falar.

— E você tem certeza que o filho é do Daniel?
— Isso a ofende, acho que se estivéssemos em qualquer outro lugar ela teria me batido, mas ela apenas crispa a boca antes de me responder.

— Sempre soube que você é uma dissimulada que adora usar essa capa de garotinha amorosa que criaram para você...

— Ah Bianca... — Dou uma risada irônica porque finalmente ela está se revelando na minha frente — só pergunto porque até onde eu sei, o filho pode ser do meu irmão, ou sei lá, de qualquer outra pessoa...

Daniel me olha assustado e ela parece lívida, como se a cor houvesse sumido do seu corpo.

— Você vai querer fazer esse jogo baixo comigo, Lívia? Você não me conhece, não sabe...

— Na verdade, eu conheço sim. Você é que não sabe nada sobre mim, por que você me odeia? Por que deu em cima do Saulo e ele não quis nada

contigo? Então partiu para cima do meu irmão, fez da vida dele um inferno, falou mal de mim para metade de Vitória... Você não tem ideia de quem eu sou, mas eu sei exatamente quem você é Bianca. E sinceramente, se você estiver mesmo grávida, vou torcer para que o filho seja do Daniel, pelo menos assim minha família estará livre de você.

Saio marchando pelo meio das pessoas me afastando dos dois, deixando meu namorado chocado e a garota sem palavras. Acho que o Gui viu tudo o que estava acontecendo de longe, pois eu nem sai do salão quando ele me alcança e eu começo a chorar imediatamente. A última vez que chorei tanto foi logo após a morte do Saulo, era um choro dolorido que fazia todo o meu corpo balançar em soluços, Gui me puxou para ele me escondendo dos olhares curiosos de quem passava por ali e depois de um tempo desceu comigo até o estacionamento, onde ficamos em silêncio no carro dele até que finalmente consegui contar o que tinha acontecido, ele parecia pálido também, chocado com tudo.

— Ela disse seis semanas, tem chance de ser seu?

Ele esfregava o próprio rosto completamente

chocado, parecia processar um monte de informações ao mesmo tempo, apoiou os braços no volante e deitou a cabeça sobre eles, sem me olhar.

— Sim, foi a última vez que ficamos juntos, tem mais ou menos isso...

— Quero ir para casa, você pode...

— Claro – ele se empertigou ligando o carro e saindo do cerimonial. Lembrei que a minha bolsa com o meu telefone ficou na mesa dos meus pais, mas não reagi, não importava.

Fomos em silêncio até em casa, ao invés de só me deixar, ele colocou o carro na garagem e entrou comigo.

— Minha bolsa ficou lá. Você pode avisar a mãe que me senti mal e você me trouxe em casa, para eles trazerem minha bolsa.

— Claro, Liv...

— Preciso ficar sozinha Gui, vou tomar um banho, dormir, lavar essa noite de mim.

Não espero ele falar mais nada, só subo as escadas deixando-o sozinho no meio da sala. Eu sabia que cedo ou tarde, quando descobrisse sobre mim e o Daniel, Bianca faria alguma coisa, mas isso, um filho, não sei lidar com isso. Eu baixei a minha guarda um minuto, me envolvi com alguém,

apresentei aos meus pais, e esse foi o meu erro. Deveria ter me afastado dele quando soube da Bianca, mas eu tenho essa mania estúpida de me deixar levar pelo meu lado sentimental e quanto mais conhecia o Daniel, mais difícil para mim era acreditar que ele namorou por tanto tempo a Bianca que conheci, mas o que eu sei? Ela também namorou o meu irmão e nunca conheci duas pessoas mais distintas do que o Gui e a Bianca.

Tomei um banho, coloquei um pijama e me arrastei até a cama, não conseguia entender como de uma hora para outra minha vida tinha virado essa tragédia de novo, eu só tinha uma certeza: não queria a Bianca próxima da minha família novamente.

Daniel

Grávida?! Não posso acreditar nisso e que merda toda é essa sobre o filho talvez ser do Guilherme? Ela esteve com nós dois nesse tempo? E me dizendo que me amava e queria voltar a namorar comigo? Mas que caralho. Vejo a Livia desaparecer no meio das pessoas e ameaço segui-la, mas Bianca me segura.

PERIGOSAS NACIONAIS

— A sonsa da Lívia, sério Daniel?

— Não sei o que você pretende com tudo isso, mas estou cansado dessa palhaçada, Bianca. Você sabe de quem é o filho?

— Seu! – Ela praticamente grita.

— Tem certeza? Ou, mais uma vez, você estava repetindo por aí que me ama enquanto ia para cama com outro?

— Não acredito que você vai acreditar nela...

— Vou acreditar no Guilherme – praticamente cuspo as palavras e ela parece surpresa – pois é, parece que me dou bem com meu novo cunhado. Vou agendar um ultrassom para você essa semana, e assim que possível vamos fazer um teste de DNA...

— Você não pode...

— Não vou assumir filho nenhum sem ter certeza de que é meu. E mesmo que seja, isso não muda o que existe entre nós dois hoje, não vou voltar com você Bianca, tem semanas que te digo isso, meu filho terá tudo de mim, mas entre eu e você só vai existir ele. Preciso encontrar a minha namorada agora.

— Você só pode estar maluco se acha mesmo que a Lívia vai continuar namorando com você

PERIGOSAS ACHERON

sendo madrasta de um filho meu...

— Você só pode estar maluca de achar que um filho muda todas as merdas que fez no passado.

Me afasto depressa dela, tremendo de raiva, não vejo a Livia na mesa com os pais dela e resolvo não ir até eles ainda, olho tudo, mas nem sinal dela ou do irmão. Vou para perto do banheiro e pergunto a uma senhora da limpeza que está na porta se uma moça loira e de vestido vinho está lá dentro, mas ela diz que não. Depois de muito rodar e ligar para ela sem resposta, me dou por vencido e vou até os pais dela tentando parecer calmo.

— Ah querido, você teve mesmo que ficar — a mãe dela fala assim que me aproximo e não entendo — Gui acabou de me ligar, falou que a Liv se sentiu mal e ele a levou em casa pois você não podia sair...

— Sim, mas agora já consegui me liberar, ela está bem? Acho que vou até lá...

— Você pode levar a bolsa dela? Nós vamos daqui a pouco, vou esperar um pouco o leilão pelo menos, Gui disse que ficaria lá com ela até chegarmos.

— Claro, mando notícias também — pego a bolsa dela e começo a sair, mas sou cercado pela

minha mãe.

— Querido, você viu sua irmã?

— Mãe, eu preciso ir – ela me olha assustada – Livia se sentiu mal e foi embora, preciso ir ver como ela está... – Segue me olhando impassível – estou namorando com a Livia, ia apresentar ela a vocês hoje, mas não deu tempo.

— Imaginei. Ela foi para o hospital? – Me pergunta parecendo preocupada.

— O que aconteceu? – Agora é meu pai quem está do nosso lado, santo Deus, não vou conseguir sair daqui.

— Livia se sentiu mal e precisou ir embora...

— Ela foi para casa com o irmão, eu preciso ir até lá, mãe – acho que deixo transparecer que estou mesmo um pouco desesperado, meus pais ficam me olhando.

— Tudo bem, filho...

— Desculpa pelo evento, eu só... Preciso ir até a minha namorada – tenho quase certeza que vi meu pai sorrindo, mas estou tão nervoso que assim que eles me dispensam passo voando pelos dois saindo do cerimonial e indo até a casa dela.

Fico em pé no portão sem saber o que fazer, não tenho o telefone do Guilherme para ligar para

ele, mas vejo o carro preto e gigantesco na garagem junto com o dela, ele provavelmente está aqui, uma luz acende na varanda depois de um tempo e ele aparece na porta da sala, vem andando devagar, já sem o terno e com uma expressão cansada no rosto, abre o portão para que eu entre.

— Onde ela está?

— No quarto dela, não sei se é uma boa ideia...

— É verdade o que a Liv disse, pode ser seu? — Pela expressão dele quando cheguei, sei que está tão transtornado quanto eu com tudo, e é óbvio que a irmã já contou o que aconteceu.

— Sim, pelo tempo sim... Eu... — Não fala nada, está catatônico enquanto eu estou em pânico.

— Qual o quarto dela?

— Subindo a escada, primeira porta a esquerda.

Passo por ele e entro pela primeira vez naquela casa, direto numa sala de TV bem grande e confortável, está tudo escuro então levo um tempo para me localizar e ver a escada bonita e moderna que leva ao andar de cima, fica entre a sala de TV e a sala de jantar, do outro lado parece haver uma cozinha grande e uma espécie de escritório, subo praticamente pulando dois degraus por vez e chego em um corredor largo e relativamente curto com

três portas, vou direto até a porta que ele indicou, a casa toda está escura. Bato de levinho, mas não tenho resposta nenhuma, empurro a porta e vejo a Lívia de pijama sentada na cama com uma foto na mão.

— Gui, não quero conversar...

— Liv... — Quando ouve minha voz ela leva um susto e me olha, o rosto lavado de lágrimas.

— O que você...

— Você esqueceu sua bolsa — estico o objeto para ela que estende a mão e o pega, aproveito para me aproximar e sentar ao seu lado.

Continuamos em silêncio por um tempo, olho ao redor, é um quarto grande, uma parede é completamente coberta de armários e entre eles tem uma porta para um banheiro que está iluminado, ela tem uma poltrona próxima a janela e uma bancada grande que usa de escrivaninha com o computador e várias outras coisas em cima, a cama é de solteiro e muito confortável, quando entrei notei que existe um quadro na parede lateral da cama com muitas fotos, que agora estão nas minhas costas. Olho para a foto na mão dela e, pela primeira vez, vejo o Saulo.

A fotografia parece ter sido tirada em algum

bar, na foto aparecem o Guilherme e a Sara, logo atrás da Livia e do Saulo, ele lembra um pouco a Sara, o cabelo escuro e liso, cortado de um jeito moderno, os olhos puxados, mas não tanto quanto os da Sara, era um rapaz muito bonito, os quatro sorriem muito para a foto, Livia está gargalhando praticamente, com aquela expressão que eu amo ver e provocar.

— Foi a última foto que tiramos todos juntos, antes da doença, antes do meu irmão começar a namorar a Bianca – ela explica baixinho – a última antes de tudo desabar na minha cabeça.

— Liv...

— Desculpa por tudo o que eu disse lá.

— Não precisa me pedir desculpas, você é a única pessoa que não tem culpa em nada disso.

— Não falei sério sobre torcer para que seja seu e não do meu irmão, eu só... Gostaria que não fosse de nem um dos dois.

— Eu também – falo baixinho e ela deita a cabeça no meu ombro – não quero te perder Liv, você é a melhor pessoa que já conheci na vida, não sei o que fazer, estou completamente perdido, mas não quero te perder, acho que sou egoísta demais...

— Quando você me contou da Bianca, eu

deveria ter me afastado – ela começa a falar se afastando de mim e sinto meu coração ficar pesado – eu nunca soube completamente da história, eu sei que ela conheceu primeiro o Saulo, soube que tentou ficar com ele, outras pessoas me contaram isso, gente do trabalho dele, parece que havia um primo ou tio dela que era engenheiro e trabalhava com ele, se conheceram numa festa de aniversário desse parente dela.

Busco na memória e me lembro de um primo dela que é engenheiro. Não falo nada, não consigo esboçar nenhuma reação, se a Bianca conheceu primeiro o Saulo, se essa história é verdade, ela me traía muito antes de ficar com o Guilherme. Diante do meu silêncio, ela respira fundo olhando a foto e continua a falar.

— Então, ela conheceu o meu irmão, e eu conheci ela numa festa. Quando meu irmão chegou lá com ela, Saulo ficou incomodado na hora, depois de um tempo vi os dois conversando num canto, ele voltou irritado e quis vir embora, questionei o que estava acontecendo e ele me disse que conhecia ela, e que ela tinha um namorado – fala baixinho e me olha – no outro dia, quando ele conversou com o meu irmão e contou isso, alguma coisa já tinha

acontecido. Gui provavelmente percebeu a conversa estranha dos dois e questionou ela também, e ela inventou uma história de que o Saulo estava com ciúmes dela e preocupado porque eles haviam ficado na tal festa que não fui. A princípio, meu irmão não acreditou, mas quando o Saulo foi conversar com ele sobre ela ser comprometida, de alguma forma, a atitude dele corroborou a história que a Bianca tinha contado e de uma hora para outro, a amizade de uma vida inteira deles parecia nada.

Ela respira fundo e tira os olhos da foto me olhando antes de continuar a falar.

— Meu irmão sempre foi muito ciumento e protetor comigo. Naquela época Saulo andava tendo crises de ansiedade, começou enquanto ele estava na faculdade, por causa de todo o stress do curso e piorou um bocado com o trabalho, minha vida virou um inferno, meu irmão me atazanava dia e noite colocando em cheque o caráter e a fidelidade de uma pessoa que estava comigo fazia mais de 7 anos, que era nosso amigo desde a infância, tudo por causa de uma namorada, eu comecei a ficar paranoica, sempre confiei tanto no meu irmão e no Saulo, não sabia em quem

depositar a minha confiança mais. Saulo começou a ficar cada vez mais doente, ele colocava tudo na conta da ansiedade, ele e o Gui não podiam se ver que brigavam de um jeito horrível e eu via a Bianca sempre agarrada ao meu irmão, criticando o Saulo, questionando minha lealdade a minha família – ela ri cansada, levanta e vai até a janela deixando a foto perto do computador.

— Foi mais ou menos um mês assim, um mês em que eu praticamente sai de casa para não ter que encontrar com o meu irmão. Um fim de semana, meus pais estavam no norte do Estado, na minha avó e o Gui estava em alguma festa com ela, viemos para cá, íamos sair com o Caio e o Ti, eu queria pegar algumas coisas e íamos voltar para a casa dele, mas chegando aqui, ele se sentiu mal, tinha dias que ele reclamava de dores e uma espécie de azia, e tinha dias que eu insistia para que fossemos ao médico e ele nunca quis, do jeito dele, me falou que só precisava tomar um banho e o mal-estar ia passar. Eu descí, fui para cozinha, passou muito tempo e ele não desceu. Quando subi, o chuveiro ainda estava aberto e ele estava apagado no chão do box, tinha vomitado, eu nem sei o que era aquilo, eu não conseguia tirar ele lá de dentro, e

ele não acordava, liguei para emergência, liguei para o Tiago e o Caio porque eu tinha a impressão que eu só conseguia gritar e chorar e ninguém ia me entender.

— Liv, eu sinto muito... — Falo ficando de pé e indo para perto dela. Ela está chorando novamente, o quadril encostado no parapeito da janela.

— Nós estávamos no hospital, eu, Caio e o Ti, não me lembro qual dos dois ligou para os pais do Saulo, eu estava completamente molhada, porque na loucura me enfiei no chuveiro tentando acordá-lo, alguém tinha me arrumado um cobertor, estava conseguindo me acalmar quando o meu irmão chegou com a Bianca. Tinha um mês que eu não via ou falava com ele, e mesmo com toda aquela situação ela ainda achou um jeito de me criticar, ela nem sabia o que estava acontecendo, mas achou tudo exagerado demais, “*Saulo vive passando mal*”, eu já não estava no meu estado normal e naquele momento enlouqueci. Eu literalmente perdi completamente a cabeça, não consegui bater nela — dá de ombros — mas batia no meu irmão que se colocou na minha frente e falei tantas coisas com ele que o Caio e o Ti não sabiam se nos separavam ou deixavam eu continuar para que meu irmão

enxergasse a verdade. Depois disso, Saulo foi diagnosticado primeiro com uma úlcera, depois de uma série de exames e biópsia é que foi descoberto o câncer, mas foi um pouco tarde demais, as crises de ansiedade mais recentes não eram ansiedade, todas as dores de estômago e azia, já eram o câncer, ele fez quimioterapia, mas teve hemorragia durante o tratamento e novos exames mostraram uma metástase no... – Ela para de falar parecendo cansada, com dificuldades de lembrar dos nomes...– peritônio – confirmo com a cabeça – e invasão no pâncreas. Com tudo isso, Gui voltou para nós, nós três nos acertamos, e vendo que não poderia mais atacar o Saulo, Bianca se concentrou em me criticar e reclamar de mim para o meu irmão. Eu já havia te contado o final da minha história com a Bianca, o término deles, e esse foi o começo, eles ficaram pouco menos de um ano juntos e durante todo esse tempo, não houve um dia que ela não reclamasse de mim com o Gui, ou com o Caio e o Tiago. Nunca entendi os motivos dele continuar o namoro, achava que ele realmente a amava e me sentia péssima por não nos darmos bem, sempre fui meio bocó com essas coisas. Tenho essa mania idiota de gostar muito das

peessoas e acreditar no lado bom delas...

Puxo ela para um abraço e escuto ela chorar baixinho abraçada em mim. Fico pensando como tudo isso é possível, como eu posso ter namorado 8 anos com a Bianca e desconhecer essa pessoa que ela acabou de descrever. Eu não conseguia abrir a minha boca para defender a minha ex, nem que fosse um pouquinho e aquilo me deixou mal, era a mesma Bianca que minha irmã comentava, Isis sempre teve antipatia com ela, apesar das duas se darem relativamente bem, Igor gostava dela no começo, mas depois, sempre que podia, a evitava, e eu, não sei, eu estava apaixonado demais para notar qualquer coisa além da verdade que ela me passava, provavelmente foi isso que aconteceu com o Guilherme também.

Imagino que ao descobrir a verdade ele se sentiu tão idiota ou mais do que eu, a diferença é que por aqui ela encontrou muita resistência, a amizade entre a Livia e o irmão, a família muito presente, enquanto comigo, nós vivíamos mais isolados, nunca levei a opinião dos meus pais em consideração quando o assunto era minha vida pessoal, e eles estavam satisfeitos em me ver em um relacionamento ou invés de distraído e

perdendo tempo com outras coisas.

— Não era para ser assim, sabe? — Ela comenta baixinho ainda abraçada em mim, a cabeça recostada no meu peito, penso que ela se refere ao Saulo e a tudo o que aconteceu — eu não deveria gostar tanto de você e tão rápido — sinto meu coração disparar, seguro-a pelo queixo e com a outra mão vou secando suas lágrimas.

— Estou tão apaixonado por você que venho questionando seriamente se perdi o juízo, o que vou dizer parece bobo, mas é verdade: nunca me senti tão bem na presença de alguém como fico com você, tão livre para ser um chato e um convencido — ela ri de levinho e se aconchega mais no meu abraço.

Ficamos assim um tempo, até que ela se afasta e se ajeita me puxando para deitarmos juntos na cama, ficamos ali abraçados e em silêncio, eu já tinha deixado o meu terno no carro, puxo minha camisa para fora da calça para conseguir ficar um pouco mais confortável.

— O que nós vamos fazer? — A voz dela rompe o silêncio e seu "nós" me enche de esperanças.

— Vamos resolver isso juntos. Vou pedir um exame de DNA, a partir da 8ª semana já é possível

PERIGOSAS NACIONAIS

e depois, lidaremos com cada coisa no devido tempo.

— Se for seu, talvez vocês dois devessem...

— Não vou voltar com a Bianca, Liv. Se você não me quiser mais, vou ter que aceitar e conviver com isso, mas não vou voltar com a Bianca.

— Eu quero você sim, mas não quero ser um problema...

— Problema seria minha vida daqui para frente sem você – ela me olha, os olhos como faróis na escuridão, ainda cintilam pelo restinho das lágrimas – e já falei com meus pais sobre você, então... – Dou de ombros.

Ela ri e me abraça mais, a cabeça sobre o meu peito enquanto vou respirando seu cheirinho gostoso uma mistura do shampoo e o perfume que sempre usa. Beijo o topo da sua cabeça e ela gira ficando de frente para mim, me beijando de um jeito tão apaixonado que sinto como se depois de anos minha vida estivesse finalmente entrando nos trilhos novamente, é esse tipo de amor que eu sempre sonhei em ter, a noção de que finalmente está acontecendo me deixa emocionado, essa percepção de que, mais uma vez, estamos escolhendo um ao outro.

PERIGOSAS ACHERON

A sensação é de que, não importa o tamanho da encrenca que a vida coloque no nosso caminho, eu escolheria a Livia todas as vezes.

Livia

Ficamos tanto tempo abraçados que acabo dormindo, pelo silêncio e a respiração ritmada, acho que o Daniel acabou pegando no sono também, acordo com a conversa do meu irmão com os meus pais no corredor e me mexo na cama para levantar, mas o Daniel me puxa de volta para ele.

— Dan, meus pais chegaram...

Ele desperta na hora, sentando depressa na cama.

— Eu dormi... — Fala meio perdido — não acredito que depois de tudo ainda consegui dormir.

— Vou ali fora conversar com eles, ok?

— Quer que eu...

— Não tudo bem, pode me esperar aqui.

Saio do quarto e vejo meus pais e meu irmão em pé na frente da porta do antigo quarto do Gui, os três me olham cheios de expectativa, não sei o que meu irmão contou, então aguardo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ei, seu irmão disse que você se sentiu mal, o que aconteceu?

— Não tenho certeza, um mal-estar, não comi direito o dia inteiro – falo olhando para o meu irmão que vai assentindo em silêncio – Daniel está aqui, ele veio me ver, está tudo bem, me sinto melhor.

— Bianca estava no baile, apareceu na nossa mesa atrás do seu irmão... – Meu pai comenta, pela expressão do meu irmão era sobre isso que eles estavam falando antes de eu aparecer.

— E?

— Não sei, nem sabia que eles ainda tinham contato – meu pai coça a própria cabeça e meu irmão parece sem jeito, provavelmente sabendo que o Daniel pode ouvir tudo.

— Foi o que eu disse pai, nós só saímos algumas vezes no último ano...

— Depois de tudo, Guilherme?

— Pai...

— Essa garota te afastou de todo mundo, colocou sua irmã doente e você...

— Você vai dormir aqui, Gui? – Tento mudar o assunto, ele me olha sem jeito.

— Pensei em ficar, se você quiser companhia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bianca brigou com você, Livia? — Agora é a minha mãe que questiona — foi por isso que você veio embora?

— Não... Não é o melhor momento — olho nervosa para a porta do meu quarto — será que podemos conversar sobre isso depois?

Meus pais olham para a porta do meu quarto entendendo que não estamos sozinhos, o que eles não imaginam é a confusão completa de toda a história e resolvem deixar aquilo para um outro momento, pensando só em manter a privacidade da nossa família.

— Ele vai dormir aqui?

— Não mãe, já estou melhor, vou dizer a ele que pode ir...

— Eu vou ficar — Gui começa...

— Não precisa, eu estou bem, mesmo. Só preciso dormir.

Ainda enfrento uma certa resistência, mas no fim consigo fazer meu irmão ir embora e meus pais se despedem indo para o quarto deles e fechando a porta. Ainda fico um pouco no corredor respirando, tentando me acalmar, quando volto para o quarto, ele está no mesmo lugar, sentado na cama, a camisa toda amarrotada para fora da calça, me olha triste e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

preocupado, vou até ele e me sento no seu colo, passando meus braços pelo seu pescoço o deitando minha cabeça no seu ombro, ele me abraça de volta, a mão deslizando pelas minhas costas num carinho.

— Desculpe por tudo isso — a boca dele fala roçando pela minha testa.

— Você precisa ir, queria que ficasse, mas não é um bom momento.

— Tudo bem.

— Vou lá embaixo com você.

Fico de pé e busco um hobby que está sobre a cadeira vestindo a peça, Daniel me segue em silêncio, passamos pela cozinha, saindo na garagem, vou caminhando com ele ao meu lado até a varanda na frente da casa, quando finalmente paramos, volto a abraçá-lo. Ele faz um carinho no meu cabelo, beija o topo da minha cabeça e segura o meu queixo, me fazendo o olhar, me beija com tanta ternura que sinto meus olhos encherem de lágrimas novamente.

— Hoje faz duas semanas que te beijei pela primeira vez...

— Duas semanas que nos conhecemos de verdade.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu já disse que estou perdidamente apaixonado por você?

— Disse sim... – Sorrio.

Fico parada na varanda enquanto o observo sair, ele para na porta do carro um minuto olhando para frente e depois me olha com um sorriso cansado, entra no carro e vai embora.

Todos os meus sentimentos estão tão confusos, eu acabei de apresentar o Daniel aos meus pais e agora sinto como se o estivesse perdendo. Me sentia segura nos passos apressados que estávamos dando juntos, eu sabia que tínhamos um longo caminho a percorrer, mas estava satisfeita por começarmos isso juntos, algo nele me transmitia essa calma que eu ansiava tanto ter de volta na minha vida.

Me sinto mal, egoísta, não tenho o direito de me meter no meio dele e da Bianca caso tenham um filho, mesmo tendo dito tudo aquilo a ele, se for verdade, precisarei me afastar e deixar que ele viva isso, ao mesmo tempo, não quero perde-lo.

Não entendo porque preciso passar por isso depois de tudo o que aconteceu no passado, não podia viver uma história de amor tranquila e monótona onde nada acontece? E mesmo com tudo

PERIGOSAS NACIONAIS

isso, não desejo o mal da Bianca, eu gostaria que tudo fosse resolvido em paz, mas sei que com ela envolvida isso é impossível. Me preocupa o que meus pais vão pensar de tudo isso, uma garota que pode estar grávida do meu irmão ou do meu namorado. Parece um roteiro dramático de novela das nove, mas é só a minha vida na pequena ilha de Vitória.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 10

Daniel

Saio da casa da Lívia me sentindo em uma corda bamba, ela falou em nós, ouviu minhas declarações e me contou a história completa, mas mesmo sentindo toda a sinceridade das suas palavras, todo o carinho no seu abraço, eu sei que se esse filho for meu, vou perde-la. Quando chego no meu carro, vejo o Guilherme em pé ao lado do carro dele estacionado na rua, mais a frente longe da vista da casa, ele fala baixo, mas escuto “quer beber alguma coisa?”, balanço a cabeça para confirmar e entro no carro vendo a Lívia ainda na varanda, o sigo até um bar na rua da Lama, parecemos dois esquisitos, de roupas sociais amarrotadas e desalinhadas enquanto nos sentamos no bar mais vazio da região.

Fico repassando as coisas na minha cabeça,
PERIGOSAS ACHERON

sempre usei camisinha, fizemos sexo exatamente seis vezes em dois meses, ela me dizia que tomava anticoncepcional, e eu tinha tanta noção do que estava fazendo que sempre conferi a camisinha no final, porque não confiava na Bianca e na sua conversa de pílula e queria garantir que não corríamos risco disso acontecer, quanto mais eu penso nisso, mais me convenço de que esse filho não é meu.

— Será que ela está mesmo grávida? — Ele me pergunta depois de um tempo em que estamos os dois paralisados olhando para o nada dentro do bar.

— Eu vou marcar um ultrassom essa semana. Ela me disse que tomava pílula, usei camisinha em todas as vezes e...

— Não usei camisinha da última vez... — ele tomba a cabeça em cima da mesa e fico olhando aquela cena meio assustado — eu estava tão bêbado, nem me dei conta até o outro dia.

Nem consigo ficar animado com as probabilidades maiores de ser filho do Guilherme, pelo pouco que ouvi da conversa dos pais dele no corredor e pelo jeito dele aqui agora, não consigo ficar feliz por mim. Conto para ele que em duas semanas podemos pedir um teste de DNA,

podemos testar tanto ele quanto eu, falo para o topo da sua cabeça porque ele continua debruçado sobre a mesa.

— Vai ser meu, eu sou tão fodido, que vai ser meu...

— Vamos tentar manter a calma, você vai contar aos seus pais tudo isso?

— De jeito nenhum – ele empalidece e me olha – não até ter certeza, você vai?

— Não, só quando for certo. Se for meu... Sua irmã vai terminar comigo.

— Você disse que usou camisinha...

— Sim, mas... Pode acontecer, não sei como, pelo que me lembro, mas pode e a história da pílula provavelmente é mentira.

Ficamos tempo demais bebendo em silêncio, até que ele começa a rir igual um maluco, olho preocupado para ele que ri e soluça.

— Quando era adolescente minha irmã teve um quase namorado antes do Saulo – fala entre risadas – o cara foi um idiota, eu avisei durante semanas que ele era um idiota, no fim ela descobriu que ele era mesmo – soluça alto e não consigo entender nada daquela conversa – aí ela passou a dizer que todos os homens são idiotas, com 14 anos, ela

bufava pela casa e brigava comigo e o Saulo dizendo que éramos até legaizinhos, mas com certeza, no fundo éramos dois grandes imbecis também – ri e dou uma risadinha pensando na Lívia de 14 anos revoltada – ela tinha razão. Eu e você – faz um gesto dele para mim – dois grandes idiotas.

— Você precisou beber tudo isso para descobrir? – Olho os copos vazios na nossa frente que o garçom não recolheu e Guilherme acompanha meu olhar dando uma gargalhada alta em seguida.

Quando saímos do bar ele mal se aguentava em pé, a chave caiu da mão dele duas vezes enquanto tentava abrir o carro.

— Rapaz, você não está nada bem...

— Bebi o estoque do meu pai enquanto você falava com a minha irmã – soluça novamente.

— Aonde você mora? Vou te deixar em casa.

— Nos meus pais... – Dou uma risada.

— Não, seu apartamento, você mora sozinho...

— Preciso voltar, minha irmã precisa de mim.

— Ela está bem, Guilherme, você precisa de um banho e dormir, chegar lá assim só vai preocupa-los – ele está quase jogado sobre o capô do próprio carro, vou com ele até o meu e faço a única coisa

que posso fazer dado o estado lamentável que ele se encontra, levo o rapaz que eu odiava até outro dia para dentro do meu apartamento.

Ele parece meio confuso quando entramos, olhando tudo ao redor, vou com ele até o banheiro de visitas, abro o chuveiro e digo para ele tomar um banho, ele senta na borda da banheira para tirar os sapatos, escorrega e cai sentado lá dentro rindo igual um maluco de novo, eu deveria estar bêbado e irritado, mas a cena é tão ridícula e absurda que acabo rindo também. Vejo ele deslizar pela banheira ainda sentado se colocando de roupa e tudo embaixo do chuveiro. Ótimo. Vou até o meu quarto e arrumo uma roupa seca para ele vestir, deixo a porta do banheiro mais ou menos aberta e fico vigiando, vou para cozinha e faço um café bem forte, volto no quarto e o chuveiro está fechado, ele está se movendo lá dentro, já estou de volta na cozinha quando ele aparece usando uma camiseta e uma bermuda minha, mas não parece nada bem, me vê na cozinha, faz uma careta e se joga no sofá dormindo imediatamente.

Fico olhando aquela cena sem acreditar, penso em tirar uma foto, registrar o momento, mas acho que não é exatamente uma memória que iremos

querer guardar, ao invés disso coloco um grande copo de água na mesa de centro perto dele e um remédio para a dor de cabeça que sei que ele terá assim que acordar, apago a luz da cozinha e vou para o meu quarto.

Guilherme

Acordo com a sensação de ter sido pisoteado por uma manada de elefantes, tenho um gosto horrível na boca e uma dor de cabeça fenomenal, sem abrir os meus olhos percebo que não estou na minha cama, passo minha mão pelo tecido do sofá onde estou deitado de bruços e não se parece o meu, ah caralho, Guilherme você não tem mais idade para essa merda, acordar sem saber aonde está?! Esfrego meus olhos antes de abri-los e a primeira coisa que noto é o copo de água e um remédio na minha frente, ótimo. Me sento, engulo o remédio e viro o copo de água inteiro sem parar, minha garganta está ardendo de sede e ressaca.

Olho para a sala ao meu redor e não tenho ideia de que lugar é esse, passo a mão pelas minhas pernas e noto que estou de bermuda, estico a

camiseta que estou vestindo, essa roupa não é minha, que ressaca é essa?

Então a noite anterior começa a voltar, minha irmã chorando compulsivamente nos meus braços no Leilão da AR, a notícia de que Bianca está grávida e o filho pode ser meu, Daniel aparecendo lá em casa e ele e a Liv por horas no quarto dela, depois nós saímos para beber juntos e... Ah caralho. Fico de pé num pulo e sinto o mundo girar ao meu redor, esbarro na mesa de centro tentando me equilibrar e o copo cai no chão fazendo um barulho alto do vidro quebrando. Puta que pariu!

— Você acordou... — Olho assustado e vejo o Daniel em pé na cozinha, do outro lado de uma bancada me encarando. Que situação lamentável, hem, Guilherme — você estava caindo ontem, não sabia me dizer onde era o seu apartamento e... Só podia te trazer para cá.

— Minha roupa... você... — Paro de falar e noto ele me olhando chocado, mas então explode numa gargalhada.

— Não cara, você desabou na banheira, depois fez uma bagunça danada no meu banheiro, saiu de lá com a roupa que eu havia deixado para você — aponta para mim — resmungou coisas

incompreensíveis e desmaiou no meu sofá. Não te dei banho, nem troquei sua roupa...

— Graças a Deus — Desabo no sofá e o desgraçado ri, ele se aproxima e me estende uma caneca grande de café.

— Para despertar — sigo o olhar dele para os cacos no chão — cuidado aí...

— Me desculpe por isso.

— Não faz mal, coloquei sua roupa na máquina, deve estar terminando de secar — fala bebendo o café.

— Por que você...

— Te trouxe para cá? — Confirmo com a cabeça — Eu disse, você estava caindo, deveria ter te levado ao hospital, mas eu estava bêbado também e ia pegar mal chegar no meu trabalho daquele jeito, desculpe — sorri sem graça para mim.

— Você não precisava ter feito isso por mim...
— Falo me sentindo um moleque inconsequente e irresponsável.

— Você é meu cunhado — ele dá de ombros — pelo menos até a Livia perceber que sou mesmo um idiota e me dar um pé na bunda — sorri de um jeito engraçado — posso te levar até o seu carro, ou até o seu apartamento?

— Até o meu carro está ótimo.

Visto minha roupa seca e amarrotada e vou em silêncio no carro dele até a rua da Lama, ele para ao lado do meu carro e me estende as chaves.

— Me desculpe por isso Daniel, não queria te incomodar...

— Guilherme, relaxa. Queria que a nossa situação fosse diferente, que a noite de bebedeira tivesse acontecido por um motivo alegre, mas... Eu gosto muito da sua irmã – ele muda o rumo da conversa e me pega desprevenido – estou mais apavorado com a possibilidade de perder a Livia do que ser pai de um filho da Bianca, eu não tenho ideia de como vamos lidar com isso daqui para a frente, mas ontem a Liv se referiu a “nós” e estendo isso a você, nós vamos descobrir como lidar com isso...

Fico olhando para esse cara na minha frente sem entender qual é a dele, só balanço a minha cabeça confirmando e saio do carro depressa, preciso ir para casa, minha casa. Ignoro as ligações do meu pai, nunca fiz isso, mas não estou afim de ouvir um sermão sobre a Bianca, respondo as mensagens da Liv dizendo que estou em casa e estou bem, espero que isso acalme os ânimos por lá

e acho que resolve, porque eles não me ligam mais nem uma vez.

Algo dentro de mim me diz que esse filho é meu, é uma certeza estranha e aterradora, pois além de não estar preparado para ser pai, eu nunca achei que teria um filho assim, com uma mulher com quem não pretendo passar o resto da minha vida, além disso, mais uma vez, arrastei a minha irmã para a merda da minha vida, eu deveria ter sido contra o relacionamento dela com o Daniel, mas como eu ia saber que ele e a Bianca estavam juntos antes? Ela estava sempre me ligando, me enviando milhares de fotos nuas e era só eu beber um pouquinho mais e me sentir um miserável incapaz de sentir amor por qualquer garota que lá estava a Bianca na minha cama, gemendo e dizendo que me amava. Era tão vazio, tão falso e ainda assim eu continuava deixando ela voltar.

Passo o domingo inteiro enclausurado no meu apartamento, fumando feito um louco, hábito que ninguém da minha família sabe que eu tenho, geralmente fumo de forma moderada, que não deixa vestígios ou cheiro em mim e no meu apartamento, mas hoje eu estou consumindo um cigarro atrás do outro, fechado na minha sala,

sufocado na minha angústia.

Choro um bocado lembrando do meu melhor amigo, de como fui horrível com ele quando conheci a Bianca, das nossas brigas, de como ele me alertava sobre ela, como ele parecia magoado com minhas acusações e de como ele rompeu completamente comigo quando o acusei de trair a minha irmã, nós nunca tivemos tempo de reestabelecer nossa amizade, por mais que o Saulo tenha dito que me perdoou, eu nunca me perdoei por ter sido o pior amigo do universo no seu último ano de vida.

Eu tentei me redimir cuidando ainda mais da minha irmã, fiz isso por mim e por ele, foi quando a Bianca virou mesmo uma espécie de demônio na minha vida, ela se descontrolava e brigava comigo quebrando as coisas dentro de casa, duas vezes ela me atacou, me batendo, acho que ela esperava que eu revidasse, mas nunca o fiz, uma vez eu a segurei até que se acalmou, na outra virei as costas e fui embora deixando que ela arremessasse tudo pela casa enquanto me xingava e xingava a minha irmã.

Demorei a entender suas mentiras, demorei a entender o que ela queria de mim, perdi meu melhor amigo e quase perdi minha irmã, aprendi o

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu poderia ter da Bianca. Deixei de acreditar completamente em qualquer coisa que ela me dizia, suas ofensas não me atingiam mais, seu amor não me alcançava, e enquanto ela se desdobrava em declarações e tentativas de me conquistar novamente, mais vazio eu me sentia por me prestar aquilo. Era só sexo, falei com a minha irmã isso, mas na verdade era um tipo de punição, para ela que nunca chegaria no meu coração de novo, não importava quantas vezes tentasse e de certa forma para mim, que era incapaz de me envolver com outra pessoa e seguia nessa penitência ouvindo as mentiras sussurradas da minha ex.

E todo esse tempo, ela estava com o Daniel também, e tinha os outros namorados e... Puta que pariu! Preciso fazer exames de sangue, vai saber com quem mais essa mulher andou trepando e eu não usei camisinha, várias vezes não usei camisinha.

Fico circulando transtornado pelo apartamento pensando em tentar dormir e correr para um laboratório no dia seguinte e fazer todos os testes possíveis, mas não durmo, eu estou pilhado, fumei quase dois maços de cigarro, minha aparência é horrível e eu me sinto o ser humano mais escroto

PERIGOSAS ACHERON

que já existiu, de alguma forma minha lamentação me fez ficar deitado no meio do corredor do meu apartamento, apago um cigarro no piso e abro meus olhos sentindo minha cabeça latejar quando o maldito do meu telefone volta a tocar, atendo sem nem olhar a tela.

— O que que foi?

— Guilherme – a voz desesperada da minha mãe tenta, mas não me agita – aonde você está? O que aconteceu?

— Estou em casa, mãe... – Não entendo todo o desespero, falei isso com a Liv faz poucas horas.

— Fomos aí, ninguém atendeu... – Sento e olho ao redor, o que aconteceu aqui? Tem guimba de cigarro para todo lado, vou engatinhando com o celular na mão até a sala, embalagens de comida em cima da mesa, garrafas de cerveja vazias, uma garrafa de vodca pela metade, mais cinza de cigarro, meu sofá está com um buraco, acho que apaguei um cigarro nele. Eu bebi? Só me lembro de fumar.

— Estou aqui... – Falo depois que escuto ela gritar meu nome no telefone – estou aqui.

— Sua irmã está no hospital... – O que? Tento ficar de pé rápido, mas meu corpo oscila e bato na

parede do corredor sentindo meu estômago revirar – ... a Bianca esteve no ateliê... – minha cabeça gira e corro para o banheiro, vomitando na privada – GUILHERME! Eu estou indo aí, acho bom você me atender dessa vez!

— Não... – Consigo falar fraco caindo para trás no chão do banheiro – não – falo mais decidido – qual hospital?

— Metropolitano...

— Estou indo.

Não entendo o que está acontecendo, eu ouvi irmã no hospital e Bianca no ateliê, duas coisas que não fazem sentido, mas preciso ir ver a minha irmã, preciso ter certeza que não a perdi.

Lívia

Acordo no domingo me sentindo sozinha, como se, mais uma vez, me faltasse alguma parte fundamental para conseguir seguir vivendo. Vejo que tenho uma mensagem do Daniel de minutos atrás perguntando como eu estou, mas resolvo não responder ainda, preciso proteger o meu coração um pouco de tudo isso.

Encontro meus pais na cozinha, parecem

desconfiados, me perguntam repetidas vezes o que aconteceu ontem, repito tudo o que foi falado no corredor, confirmo que soube há poucos dias que o Gui ainda saía com a Bianca, não soube explicar os motivos dele para isso.

De volta ao meu quarto fico olhando a mensagem do Daniel sem saber como responder, ao invés disso vou até o computador e abro a pasta com fotos dele, as duas primeiras que tirei no fim de semana do casamento e outras que tirei com o meu celular, ele deitado no sofá do apartamento dele, enquanto eu estava sentada nas suas pernas, ele tinha uma cara brincalhona e a foto saiu tremida porque o bobo apertou minha bunda no momento certo, também tirei uma foto dele dormindo, não deveria mas tirei, o cabelo era um caos e ele tinha um sorrisinho tão lindo, que não resisti, e tinha as que ele tirou de mim e me mandou, eu sentada na bancada da cozinha comendo um pão com queijo, outra minha debaixo do edredom, dá pra notar que estou nua, olhando fixamente para ele e a melhor de todas, eu usando apenas a sua camiseta, sentada no chão da sala do seu apartamento com um sorriso gigantesco diante de um prato imenso de Yakisoba, eram todos momentos muito íntimos, só nossos,

onde eu estava bagunçada e ele descabelado, onde nós éramos nós mesmos e estávamos completos e felizes. Em nem uma foto aparecemos juntos, só existe a história e a certeza da companhia, começo a chorar.

Para que, para que eu fui me envolver e me apaixonar desse jeito de novo? Eu tive esse pequeno vislumbre de felicidade novamente e agora ia ter que recolher todos esses cacos e me por de pé mais uma vez.

Respondi a mensagem dizendo que estava bem, com enxaqueca, ia dormir, só queria ter um tempo.

Na hora do almoço, minha mãe estava agitada sem notícias do Gui, meu pai ligava sem parar para ele, mandei uma mensagem e ele me respondeu que estava bem, isso acalmou os ânimos. A noite Daniel me ligou

— Oi – tinha passado o dia todo na cama, me sentia sem forças.

— Oi Liv, como você passou o dia?

— Em casa me sentindo péssima, vendo nossas fotos – girei na cama ficando de barriga para cima – achei outra sua no meu celular.

— É mesmo? Eu gostaria de ver...

— Posso te enviar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Podemos nos ver? – Pede e fecho os meus olhos, quero chorar novamente, mas preciso me proteger.

— Estou me sentindo meio mal ainda, melhor amanhã, pode ser? Desculpa eu só...

— Tudo bem, Liv. Você me manda a foto?

— Mando...

— Vou aguardar, fica bem... Me escreve se preferir – parece que ele ia dizer algo e desiste, logo em seguida desliga o telefone.

Acho a foto novamente, nessa dá para me ver, na verdade, é uma foto minha, na frente do espelho, estou nua novamente, meus braços dobrados segurando o celular com as duas mãos escondendo meu rosto, meus cotovelos escondem meus seios, a bancada da pia pega na altura do meu quadril não revelando mais nada, o Daniel está atrás de mim, abraçado na minha cintura, o rosto escondido na curva do meu pescoço, me beijando, tínhamos acabado de sair do banho, depois do jantar na Sara, a memória daquela noite, a primeira que dormi no apartamento dele volta, a chave que ele me deu na manhã seguinte. Envio a foto e aguardo a confirmação de que ele viu, leva um tempo até me responder.

PERIGOSAS ACHERON

*Não lembrava dessa foto, você cuidou de mim
esse dia.*

Obrigado por me enviar.

Fico relendo a mensagem e começo a digitar,
paro, deleteo e começo de novo.

*Estou aqui Liv, estou disposto a te encontrar e
passarmos por isso juntos.*

A mensagem chega e sinto tanta a falta dele que
novamente estou com os olhos cheios de lágrimas.

*Sinto sua falta, mas não posso lidar com isso
agora, só preciso de mais um tempo.*

Amanhã, tudo bem?

Amanhã

A resposta chega rápido, depois de um tempo
uma foto aparece, abro a imagem e não acredito,
somos eu e ele abraçados e gargalhando no bar do
Ti, estamos nos olhando, a mão dele está no meu
cabelo e lembro exatamente do momento, apesar de
não lembrar quem pode ter tirado, nunca vi essa
foto antes, naquele momento, Daniel tinha acabado

PERIGOSAS ACHERON

de me beijar e falado no meu ouvido:

— Estou tão apaixonado por você que desconfio que mais um beijo, mais uma piadinha ou um sorriso, e eu vou pirar e dizer que te amo... — Senti uma emoção percorrer o meu corpo quando ele me encarou e abri um sorriso tímido, ele me beijou de um jeito apaixonado e quando me soltou falou — agora só falta a piada — foi quando dei a gargalhada que está registrada aqui.

Meu irmão não dá mais notícias, na segunda-feira eu estava no ateliê tentando focar no meu trabalho e esquecer um pouco o fim de semana quando escutei uma confusão, alguém grita e a Naná tenta controlar a situação, saio depressa do ateliê tentando ver o que está acontecendo e ajudar, me deparo com a Bianca empurrando a Naná para o lado e passando para vir até mim, ela provavelmente queria ir até o ateliê e estava sendo impedida.

— O que você está fazendo aqui?

— Quero conversar com a futura madrastra do meu filho — grita e a Naná me olha sem entender nada.

— Ou tia, né? — Ela ameaça avançar em mim, mas para.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vou fazer um aborto, nunca imaginei que você seria tão baixa em manipular o Daniel dessa forma.

— Do que você está falando Bianca?

— Do pedido do seu namorado... — Fico paralisada. Daniel pediu que ela fizesse um aborto? Olho ao redor sentindo o chão girar, mas aí lembro que é a Bianca, e que sua especialidade é mentir.

— Não acredito em você, ele não te pediu isso. Você só quer abalar a forma como eu o vejo, não sei nem se acredito que você esteja grávida — falo com muita tranquilidade — você só disse isso, não apresentou nem um exame, e sua palavra não tem valor nenhum para mim. Não te desejo o mal Bianca, e acho que se existir mesmo um bebê, ele terá sorte independente de quem for o pai, mas um azar incrível por só ter a opção de ser você a mãe.

Isso foi o bastante, ela me acerta um tapa e voa para cima de mim, Naná dá um grito e corre para nós, preciso me lembrar que ela talvez esteja grávida para não começar a bater nela também, Bianca me arranha e tenta me bater de novo enquanto tento segurar seus braços e então do nada ela começa a gritar de dor, se afastando de mim e diz que está perdendo o filho e a culpa é minha.

PERIGOSAS ACHERON

— Coloca essa maluca no meu carro, vou levá-la no hospital — Peço a Naná e um rapaz que estava descarregando uns vestidos na loja e apareceu por ali assustado com os gritos.

Não é exatamente uma ideia genial, mas eu não sei mais o que fazer, ela continua gritando como se estivesse com dor e provavelmente uma ambulância demoraria a chegar. Respiro fundo enquanto volto correndo até o ateliê e pego minha bolsa e as chaves do carro, quando volto vejo que a Bianca continua brigando com a Naná que tentou colocá-la deitada no banco de trás, mas ela insiste em ir no carona na frente enquanto resmunga e mantém uma mão sob a barriga.

Naná está ao meu redor, desesperada, quer entrar no carro e ir comigo, não questiona nada do que a Bianca disse, mas posso ver que não quer me deixar sozinha na companhia da maluca da minha ex-cunhada. Falo para ela ficar na loja, ainda é cedo, peço que não conte a minha mãe nada do que ela ouviu, mas o terror no rosto dela me diz que dessa vez não ficará do meu lado.

Ligo para o meu irmão, enquanto ainda estou saindo pelas ruas do bairro e ele não atende. De repente, Bianca ficou muda do meu lado, não olho

na sua direção, só quero me livrar dessa doida o mais rápido possível, olho novamente o meu celular e nem sinal do Gui, ontem ele passou o dia ignorando nossos pais e nunca deixou de retornar uma ligação minha, começo a ficar preocupada, é como da última vez, quando ele sumia e não conseguíamos encontra-lo.

Eu estava indo relativamente rápido pela avenida Norte Sul tentando chegar ao Metropolitano, o hospital mais próximo de Jardim Camburi, quando no mesmo silêncio que ela estava desde que saíamos da loja, Bianca se jogou sobre mim e puxou o volante do carro com força, fazendo o veículo dar uma guinada e capotar.

Daniel

Passei um domingo do cão, depois que deixei o Guilherme em Jardim da Penha no carro dele, fui para a casa dos meus pais. Era uma insistência deles ultimamente que almoçássemos juntos aos domingos, eu nem bem tinha entrado dentro de casa quando minha mãe me abordou e a primeira coisa que me perguntou foi sobre a Livia.

— Achei que você traria ela hoje...

O que eu poderia dizer diante disso? *Sei que te contei ontem sobre estarmos namorando, mas acho que agora ela vai terminar comigo.*

— Talvez outro domingo, mãe.

— Você está bem? Parece cansado. O que aconteceu ontem? A Livia está melhor?

Meu pai e minha irmã me olhavam sem dizer nada, não sei porque fui até ali, eu deveria ter ligado e desmarcado, mas com a Livia me ignorando, me senti mal e sozinho no meu próprio apartamento, achei que seria uma boa ideia tentar essa coisa de família presente com os meus pais, mas agora com todo o interesse deles em fazer parte da minha vida eu não sabia o que dizer.

— Ela está bem, nós só não estamos nesse ritmo de namoro ainda, estamos indo com calma. Vocês já se conhecem e, quando for o momento certo, prometo que trago ela aqui. Eu que não estou muito no clima hoje, devia ter avisado a vocês, mas não queria ficar sozinho em casa...

Minha mãe me olha espantada pela minha sinceridade, os três parecem não saber o que fazer comigo.

— Dormi mal e estou cansado será que... — Começo a falar novamente e paro.

— Ainda está cedo para o almoço, seu quarto está arrumado, você pode deitar lá um pouco, a Ana sempre troca os lençóis, mesmo eu dizendo que não precisa.

Agradeço e vou para o meu antigo quarto, é assim que passo todo aquele dia, no almoço meus pais evitam tocar no assunto "minha nova namorada", como se já previssem que algo pode ter acontecido de errado, eu faço o possível para participar da conversa deles, mas é como se eu tivesse voltado no tempo e os assuntos não me atingem. Não contei sobre a Bianca, nem um deles comentou sobre a presença dela ontem no baile, meus pais pareciam desanimados com meu afastamento, eu tinha começado a me abrir nas últimas semanas e agora havia me fechado novamente.

Eu ainda estava enfiado no meu quarto no fim do dia quando a Isis apareceu.

— Ei, o que está acontecendo?

— Do que você está falando?

— Dan, eu entendo você não querer conversar com eles sobre isso, mas comigo? A última vez que te vi assim foi quando a Bianca terminou com você. A mãe me disse que você e a Lívia estão

namorando e...

— Estamos ou estávamos... — Apoio a testa nas minhas mãos e meus cotovelos nos meus joelhos — Bianca contou ontem na frente da Livia que está grávida e o filho pode ser meu...

Não entro em detalhes, nem preciso, pela expressão da minha irmã dá para notar que eu já disse o suficiente para entender a confusão na qual estou metido. Ela desaba na cama ao meu lado, a boca aberta sem dizer nada.

— Vocês...

— Algumas vezes.

— E a Livia?

— Eu fui atrás dela ontem, nós conversamos, mas agora ela está me evitando e eu entendo...

— Sinto muito, Dan.

Me sinto tão angustiado que acho melhor ir embora, me despeço dos meus pais que parecem meio aflitos e alarmados pelo meu estado, mas ninguém diz nada. Consigo falar com a Livia de forma muito breve a noite, mas ela me evita novamente, fico olhando a foto que ela me enviou por muito tempo, foram apenas duas semanas, parece que tem muito mais tempo, eu gostaria que nós tivéssemos tido mais tempo, quando acordo na

segunda-feira ainda não tenho nenhuma notícia dela, a única coisa que posso fazer é seguir com o meu dia e torcer para que a gente consiga conversar e se acertar.

Guilherme

Quando chego no hospital Naná me olha como se eu fosse um fantasma, entro correndo no quarto da minha irmã e ela está sentada na cama, uma enfermeira está cuidando de um corte na sua cabeça, minha mãe avança para cima de mim me enchendo de perguntas e se afasta confusa ao sentir o cheiro de cigarro.

— Você está bem? — Me afasto da minha mãe e chego mais perto da minha irmã.

— Estou, só meu ombro — olho o braço dela muito vermelho e vejo que está deslocado.

— Precisamos conversar — meu pai começa.

— Não é o momento pai... — Liv tenta intervir, mas eu me meto na conversa.

— Bianca está grávida, o filho pode ser meu, ela é ex-namorada do Daniel, então o filho também pode ser dele...

Minha mãe desaba no sofá no canto do quarto,

meu pai está tão chocado que começa a rir e me pergunta de novo o que foi que eu disse, eu repito. Minha irmã segue de cabeça baixa, parecendo humilhada, mas conta o que aconteceu no ateliê.

— Acho que é meu – falo do outro lado do quarto, longe da minha família – não me cuidei, Daniel disse que sempre usou camisinha, eu não, o que não entendo é porque ela está tão desesperada para que seja filho dele...

— Por que provocar o acidente? Arriscar vocês duas? – Minha mãe pergunta baixinho.

— Não sei... Alguém avisou o Daniel? – Meus pais ficam confusos com a pergunta dela, mas os olhos da minha irmã se enchem de lágrimas.

— Vou ligar para o pai dele.

— Filha, esse namoro...

— Gosto dele mãe, não sei como lidar com isso, mas gosto tanto dele, ele tem me feito tão bem. Vou me afastar, vou terminar tudo se vocês quiserem...

— Você se apaixonou mesmo pelo doutor – falo baixinho e ela começa a chorar.

— Sinto muito Gui, sinto muito mesmo. Vou falar com ele e terminar.

— Não quero que você termine, Liv. Ele gosta

muito de você também, eu sinto muito por tudo isso estar acontecendo. Quero que você seja feliz, tenho certeza que não será filho do Daniel, e vamos dar um jeito nisso, eu vou lidar com as consequências disso e quero que vocês dois se entendam e sejam felizes. Preciso que você seja feliz, Liv, de nós dois você sempre foi a mais capaz de amar e ver o lado bom de tudo, e você prometeu ao Lin lembra? Também prometi que não seria um imbecil com um novo namorado seu – ela ri, mas está chorando

Meus pais estão meio assustados me ouvindo dizer tudo isso, enquanto seguro a mão da minha irmã, mas não dizem nada. Um médico aparece no quarto para olhar o ombro dela e me afasto, vou atrás de notícias da Bianca, ligo para os pais dela. Descubro que ela está em observação, precisamos esperar os pais chegarem para termos notícias.

Volto para o corredor e a Naná se aproxima, me abraça e me deixa ir, chorando de novo, ela alisa minhas costas e fala um monte de coisas bonitas no meu ouvido, um monte de coisas que não mereço ouvir sobre como sou bom, um irmão e um filho incrível, não me sinto nada disso, faz muito tempo que não me sinto assim, perder o Saulo acabou comigo e não fui forte como a minha irmã em me

recuperar, não procurei ajuda, só me fechei e me arrependi pelos erros que cometi com o meu amigo e por ignorar os conselhos que ele me oferecia.

Preciso acertar tudo isso, não posso continuar assim.

Daniel

Me arrumo e vou para a clínica, nunca quis tanto faltar um dia de trabalho na vida, ser irresponsável, remoer minha própria dor. Estava na minha mesa após o meu segundo paciente quando meu pai entrou no consultório com uma expressão preocupada no rosto.

— Ricardo me ligou — levo uns segundos para entender quem é Ricardo — disse que não tem o seu número, a Livia sofreu um acidente de carro — fico de pé num pulo — ela está no metropolitano.

Pego a chave do carro e começo a marchar em direção a porta, mas paraliso, eu tenho um monte de pacientes, meu pai vê meu olhar perdido pelo consultório.

— Vai lá, eu vou atender para você quem já está aqui e vamos ligar para os outros e remarcar.

— Obrigado... — Puxo meu pai num abraço e ele

fica quase que petrificado, saio correndo da clínica e vou para o hospital.

Passo pelos corredores do lugar parecendo um desesperado, não trabalho aqui, mas pela minhas roupas as pessoas deduzem que sou médico, então quando pergunto pela Livia eles não se importam muito de me indicar em qual quarto ela está, quando chego no corredor vejo a Naná em pé com o Guilherme, a situação dele é lamentável, é como se tivesse piorado desde que o deixei no carro dele ontem, os dois me olham e vejo que ele estava chorando, sinto o chão girar e me apoio na parede. Guilherme vem andando na minha direção e para de frente para mim, ele cheira a cigarro e sabonete.

— Ela está bem, foi só um susto — coloca a mão no meu ombro e desabo aliviado no banco que está do meu lado — Bianca é que não está legal, sofreu a maior parte do impacto — *Bianca?* Olho para o Guilherme sem entender nada, ele suspira e começa a contar tudo o que sabe, sobre a briga na loja e de como eles só sabiam o que tinha acontecido porque a mãe deles entrou no carro e foi atrás da Livia e viu a pista parcialmente bloqueada e o carro capotado.

— Posso ver a sua irmã? — Fico de pé e ele me

acompanha.

— Claro, meus pais estão lá, eles meio que sabem da história – respiro fundo, mais essa agora – já liguei para os pais da Bianca, eles estão vindo.

— Certo.

Passo pela Naná que me olha de um jeito triste e bato na porta do quarto que me indicaram, Livia está sentada na cama de costas para a porta, o pai e a mãe estão de pé na frente dela, quando me veem não consigo identificar suas expressões, raiva, tristeza, preocupação.

— Vamos dar um minuto a vocês... – O pai dela fala, levando a esposa para fora do quarto, não diz nada além disso para mim.

Agora a Livia está virada para mim, posso ver um vermelho bem forte no seu ombro, um vergão de onde o cinto de segurança a protegeu, fora isso ela tem um pequeno corte na testa que já foi devidamente tratado.

— Liv... – Me aproximo devagar, mas ela me puxa para perto e me abraça, a cabeça apoiada no meu peito.

— Ela puxou o volante do carro, não consegui controlar, não sei por que ela fez isso e agora eu estou bem e ela...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você só quis ajudar — fico fazendo um carinho no cabelo dela e a escuto chorando baixinho novamente — como você está, sente alguma dor? — Me afasto para olhá-la e ela seca as lágrimas, negando com a cabeça.

— Os arranhões no braço — estica os dois braços e noto os riscos — foi porque ela tentou me bater. Meu ombro tinha saído do lugar no acidente, isso doeu, mas já colocaram de volta — olha as marcas no ombro e peito — a cabeça foi porque bati na cabeça da Bianca, ela se jogou no meu colo, estava sem cinto e por isso... Foi tão rápido, acho que ela bateu no volante e painel um segundo antes do airbag ativar...

— Liv, não pedi a Bianca para abortar, nem falei com ela mais depois de sábado — falo baixinho porque essa notícia, ouvida da boca do Guilherme me deixou chocado, Livia me olha, o azul dos olhos lavados de lágrimas.

— Eu sei, não acreditei nela, mas quando ela começou a gritar que estava perdendo o bebê eu... Não bati nela, eu queria, muito, mas não bati e ela ficava gritando que estava perdendo o bebê e a culpa era minha...

— Não é, você tentou ajudar, ela causou o

PERIGOSAS ACHERON

acidente...

— Melhor você ir lá saber dela.

— Depois, preciso ficar com a minha namorada agora.

— Obrigada – volta a passar os braços pela minha cintura me abraçando, ficamos assim em silêncio até que um médico entra no quarto seguido pelos pais dela, a Naná e o Guilherme, os quatro ficam nos olhando e o médico parece confuso com a minha presença.

— Sou o namorado, Daniel – me apresento e ele sorri entendendo e começa a falar sobre os exames que fizeram com a Livia e que ela está bem, ela pode ir para casa, as dores de cabeça serão normais por umas horas e o melhor a fazer é repousar e não forçar o braço e o ombro que sofreram mais com o impacto, ele entrega aos pais dela uma receita com medicamentos e vai embora.

— A clínica, você... – Começa a falar assim que fica de pé, sua família segue nos encarando.

— Meu pai assumiu os pacientes, vou ligar para o hospital e...

— Eu estou bem, você pode ir trabalhar.

— Prefiro ficar com você, se não tiver problema – olho para os pais dela e acho que vejo a

PERIGOSAS NACIONAIS

mãe sorrir um pouquinho, mas o pai segue impassível me analisando.

— Não tem, só não quero te atrapalhar.

— Não atrapalha.

— Vou com o Guilherme resolver as coisas do seu carro – o pai dela fala se aproximando – te vejo em casa daqui a pouco – ele beija a Lívia, me olha desconfiado e vai embora levando o filho com ele.

— Daniel, você pode deixa-la em casa? – A mãe dela me pergunta e confirmo com a cabeça – vou levar a Naná na loja, porque deixamos o lugar sozinho e daqui a pouco estarei em casa.

Estou de volta naquela casa pela segunda vez e ainda não é como imaginei, subo com a Lívia até o quarto, ela me diz que vai tomar um banho, mas a escuto gemer de dor dentro do banheiro e entro preocupado, ela está com a blusa e de calcinha.

— Não consigo levantar muito o braço sem dor...

— Vem cá, eu te ajudo – peço para que ela levante só o braço que não dói e tiro a blusa primeiro desse braço, depois passo pela cabeça dela e então pelo seu outro braço que segue abaixado, ela me olha com um sorriso lindo agradecida – mais alguma coisa?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Toma banho comigo? — Sou pego de surpresa, olho para fora do banheiro e ela me puxa de volta — eles vão demorar.

Confirmo com a cabeça e vou tirando a minha roupa enquanto vejo ela entrar no box e abrir o chuveiro, abraça-la embaixo da água, ter o meu corpo inteiro colado no dela me acalma de um jeito que não achei que era possível, é um momento que parece curar o meu corpo.

— Quero você — fala beijando meu pescoço.

— Eu sou seu para sempre — beijo sua boca e seus olhos e ela sorri.

— Sempre é muito tempo...

— Eu te disse que não peço ninguém em namoro de brincadeira.

— E eu não aceito namorar ninguém por menos — a água quentinha do chuveiro continua caindo em nós.

Volto a beijá-la de um jeito desesperado, tento ter cuidado, lembrar que ela está machucada e dolorida, a afasto um pouco de mim e tento retomar o controle da situação, ela fica em pé quietinha enquanto vou passando à tola pelo seu corpo bem de leve, toda vez que nossos olhares se encontram ela sorri, quando termino de me secar e vou vestir a

PERIGOSAS ACHERON

minha roupa, Livia me leva pela mão até a cama dela, volto a me sentir um adolescente, ela sempre me deixa nervoso assim, com medo de que alguém chegue e nos flagre, mas nada do que eu digo adianta, ela me beija, me abraça, me arranha, me devora, pedaço por pedaço e eu vou a loucura, com todos os seus gostos e sons.

— Você é incrível! – Desabo do seu lado ofegante, completamente exaurido, ela ri e se vira para mim, uma pequena careta de dor pelo braço.

— Você é ótimo.

— Finalmente! – Giro o meu corpo fazendo ela deitar novamente enquanto dá uma risada, alcanço o meu celular no criado mudo – Aqui, vem cá – a puxo, fazendo com que deite sobre o meu ombro, levanto o celular e tiro uma foto nossa, só nossos rostos corados e suados, mas finalmente juntos olhando para a câmera.

— Adoro nossas fotos – se aconchega mais em mim – adoro que elas sejam só nossas.

— Eu também.

Guilherme

Quando volto no hospital a tarde, depois de uma conversa longa e dolorosa com os meus pais, encontro os pais da Bianca meio perdidos pelo hospital, descubro que ela está bem, estável, sofreu uma concussão na cabeça, quebrou o braço e está dormindo. Pergunto pelo bebê e eles me olham confusos.

— Ela está grávida – sento no sofá no quarto vendo a minha ex-namorada em cima daquela cama, estou tão cansado e com fome, não lembro de quando foi a última vez que comi algo decente.

— Ela estava, sofreu um aborto espontâneo semana passada – a mãe dela fala devagar segurando a minha mão.

Sempre adorei os pais da Bia, eram a minha parte favorita do nosso relacionamento, eles me lembravam muito os meus pais, olho para ela completamente perdido.

— Mas ela...

— Bianca não está bem Gui, tenho acompanhado ela de perto, estava descontrolada, um tanto depressiva, quando descobriu a gravidez ela entrou em pânico, disse que não sabia quem era o pai, não queria mais ir ao psicólogo e parou com os remédios – fala baixinho e olha sem graça para o

marido – depois ela colocou na cabeça que o bebê era de um ex-namorado dela...

— O Daniel... – Confirma com a cabeça.

— Ela dizia que ele tinha sido a única pessoa a amá-la na vida e só poderia ser filho dele, que seria isso que os colocaria juntos novamente, mas ela perdeu o bebê no início da semana passada.

— Ela manteve a história da gravidez quando descobriu sobre a Liv e o Daniel, ela só queria separar os dois – falo mais para mim mesmo, mas eles me encaram, fico de pé cansado de estar ali, cansado de me preocupar com a Bianca – eu espero que a Bianca fique bem, minha irmã está bem. Bia invadiu a empresa da minha mãe e agrediu a minha irmã, nós temos duas testemunhas, depois causou um acidente grave que poderia ter matado as duas e outras pessoas, eu sinto muito que vocês estejam passando por isso e espero que possam ajudar a sua filha quando ela se recuperar, quero a Bianca longe da minha família e isso inclui o Daniel.

Ela permanece sentada me olhando chocada e triste.

— Sinto muito por tudo isso, eu amei a sua filha, mesmo, mas tudo o que ela fez foi mentir para mim e machucar as pessoas que eu amo, não

posso mais continuar me preocupando com a Bianca quando ela não se importa comigo, quando ela não se importa em ferir a minha família.

— Não, você não pode, nós que sentimos muito.

Saio daquele quarto sem olhar para trás sentindo que finalmente rompi esse último laço que me amarrava a Bianca. Eu amei ela no começo, e até hoje eu achei que ela tinha sido a única pessoa que me amou um dia, eu não acreditava mais nas declarações dela, tinha aprendido a ver a falsidade, mas ainda tinha a memória de uma época em que para mim o sentimento foi verdadeiro.

Fui para casa, para o meu apartamento revirado e bagunçado, comecei a juntar tudo, recolher o lixo, abri as janelas para o cheiro do cigarro sair de dentro da casa, estava passando o aspirador pela sala quando a campainha tocou e a Sara apareceu, seguida pelo marido.

— Vim saber se você está bem...— Ela me abraça e eu desabo chorando de novo, na frente do Igor.

— Sigo machucando as pessoas que eu amo, Sa...

— Claro que não, ela está bem, Liv é a pessoa

mais forte que a gente conhece, lembra?

Eu e a Sara nos tornamos muito amigos desde que minha irmã foi embora, nunca imaginei que isso iria acontecer, ela virou minha irmã, mesmo, em todos os sentidos que essa palavra pode ter, eu chorava e desabafava com ela todas as minhas idiotices, todo o meu arrependimento e a minha culpa, ela sempre soube que eu continuava me envolvendo com a Bianca e brigava comigo todas as vezes, mas manteve o meu segredo enquanto tentava me aconselhar, sempre fui péssimo em ouvir conselhos dos meus amigos.

Estamos os dois sentados no meu sofá enquanto o Igor termina de jogar embalagens e garrafas que estavam na mesa no lixo, Sara segue alisando as minhas costas.

— Ela perdeu o bebê semana passada – os dois param me olhando – a mãe dela me contou no hospital, toda essa história foi só para separar a Liv e o Daniel.

— Acho que a Bianca vai finalmente ficar no nosso passado, hem? – Sara me sacode e dou uma risada cansada – Por isso não gosto de guardar segredos – continua falando comigo num tom de brincadeira – se eu tivesse contado ao Igor sobre a

Bianca, ele teria nos alertado e muita coisa podia ter sido evitada...

— Você me conhece, Sa... Eu sou um tipo especial de idiota.

— Como a grande maioria dos homens, sua irmã diria – e nós dois rimos.

— Você esteve com a Liv?

— Sim, fui lá no meu almoço, quando soube de tudo, ela estava com o Daniel – aperta a minha mão e sorri – Gui, você precisa de ajuda. Lin te perdoou, você sabe disso, ele perdoou você e uns meses de brigas não podem ser maiores do que todos os anos de amizade que vocês tiveram, você acha que ele ia gostar de te ver assim? Você tem uma família incrível, amigos que te adoram, é saudável, você até ficou um pouquinho bonito com o tempo – me provoca e dou uma risada – vamos procurar ajuda, vamos conversar com a sua família, eu tenho certeza que todos eles vão te apoiar.

— Tudo bem...

Perdi a conta de quantas vezes a Sara me socorreu nos últimos anos, quantas vezes ela veio até o meu apartamento e me abraçou enquanto eu chorava ou cuidou de mim, quantas vezes me buscou com o Igor em festas onde eu mal

conseguia me manter em pé, Igor tentava se aproximar de mim e eu nunca deixei, eu sentia aquela culpa que antes a minha irmã sentia, que eu estava me metendo no relacionamento deles, prejudicando os dois, quando nunca foi assim, ele se preocupava comigo, eu me afundei em uma depressão e ao invés de buscar ajuda, como a minha irmã fez, eu me joguei de cabeça no álcool e no cigarro, apesar de conseguir manter uma fachada tranquila e profissional para as outras pessoas e mesmo para minha família, mas tinha chegado o momento de me curar daquilo, de superar o passado. Eu precisava de ajuda, e eu sabia que a encontraria na minha família.

Livia

Daniel teve que ir para o hospital, ele tinha uma cirurgia agendada para a tarde, mas ficou relutante em sair de perto de mim o tempo todo, mesmo quando meus pais voltaram para casa ele permaneceu comigo, quando a Sara chegou no almoço, ele estava comigo. Tomei um remédio quando ele precisou ir e dormi praticamente a tarde

inteira, quando acordei soube que meu irmão tinha aparecido, conversado com os meus pais e explicado o tal relacionamento que ele mantinha com a Bianca, a confusão de sábado a noite e o motivo pelo qual passei mal, meus pais voltaram a me observar dentro de casa, de modo silencioso, havia uma certa resistência a presença do Daniel pela manhã, mas ao notarem que a companhia dele me deixava mais tranquila, nem um dos dois questionou mais nosso relacionamento, ou fizeram perguntas a ele sobre a Bianca e essa história de gravidez.

A maior parte do tempo ficamos juntos no meu quarto, conversando como sempre fazíamos, ele viu milhares de fotos da minha infância e adolescência, em muitas o Saulo aparecia, da época em que ainda éramos amigos, depois de quando namorávamos, ele viu uma foto minha com o time de vôlei no final de um campeonato, nós estávamos com as medalhas.

— Você foi atleta mesmo... — Brincou com um sorriso gigante e me contou que ele quase reprovou por causa de educação física no ensino médio, faltava todas as aulas para estudar, até que foi repreendido e passou a jogar tênis fora do horário

da aula e a escola aceitou isso como uma atividade física.

Meus pais iam e vinham pelo corredor e escutavam nossa conversa, eu contava muitas histórias onde o nome do Saulo era citado e de alguma forma, acho que isso os fez entender que eu e o Daniel tínhamos total consciência do passado um do outro e, ainda assim, estávamos juntos.

À noite, quando o Daniel voltou com a desculpa de conferir se eu estava bem, ele chegou até nós na sala acompanhado pelo meu irmão, eu não via o Gui desde cedo no hospital, ele tinha um aspecto melhor, mas o rosto parecia inchado e tinha um ar cansado, como se os últimos dias tivessem sido muito difíceis para ele.

— Queria conversar com vocês — meu irmão falou olhando para os nossos pais, depois que o Daniel cumprimentou os dois e veio até o meu lado no sofá.

Meu pai e minha mãe sentaram ambos em duas poltronas que ficavam próximas ao sofá e o meu irmão veio arrastando uma cadeira da mesa de jantar, até coloca-la na frente da TV e se sentar, ele parecia agitado e desconfortável.

— Só vim confirmar se a Lívia estava bem,

acho que vou deixar vocês a vontade – Daniel começou a se levantar para ir, ele mal tinha chego.

— Não Daniel, tudo bem, você também precisa ouvir isso – Gui passava a mão pelo cabelo parecendo ansioso – você já falou com os pais da Bianca?

— Não, eu liguei, mas eles não me atenderam e não voltei no hospital – eu e meus pais seguíamos mudos olhando de um para o outro, de acordo com o que iam falando.

— Certo, primeiro de tudo, acho que não te agradei pelo que você fez por mim no sábado, você não precisava ter feito nada daquilo, por isso obrigado por ter me socorrido e me deixado em segurança – minha mãe arfa sem entender nada e meu pai olha chocado de um para o outro, eu não consigo tirar os olhos do meu irmão, eu nunca vi ele assim, tão vulnerável – eu perdi a cabeça e você me fez companhia, então, mais uma vez, obrigado.

Daniel não diz nada, só sorri para o meu irmão, cheio de compreensão, dá para notar que só os dois sabem do que estão falando, meus pais parecem mais perdidos do que eu com aquilo. Gui respira fundo e volta a falar.

— Eu fui até o hospital novamente, depois que

sai daqui. De acordo com os médicos Bianca segue entre acordar e ficar um pouco lúcida e voltar a dormir, mas é só uma questão de tempo para ela se recuperar de vez, ela bateu forte com a cabeça, mas eles acreditam que não terá sequelas, só precisa de um tempo. Conversei com a mãe dela, perguntei pelo bebê... — O ar fica denso na sala, e me sinto mal, lembro dela gritando que estava perdendo o filho e a culpa era minha — ela realmente esteve grávida, mas perdeu o bebê num aborto espontâneo semana passada.

— O que? — Minha mãe se curva na poltrona e tenta alcançar a mão do meu irmão que não se move, eu fico completamente chocada, meu pai e o Daniel parecem respirar aliviados.

Gui começa a contar toda a conversa, mas eu não consigo mais processar nada, minha cabeça é zunido só com tudo o que aconteceu nos últimos dias, com as coisas que ela me falou, em algum momento sinto a mão do Daniel segurando a minha, mas quando olho, ele está prestando atenção ao meu irmão, respondendo aos meus pais, acho que estou um pouco chocada com tudo, com todas as mentiras, com toda a cena que ela fez no leilão e na loja hoje cedo.

— Ei, você está bem? — Volto para a realidade quando a mão dele passa pelo meu rosto, vejo meus pais e meu irmão me olhando com cuidado.

— Acho que sim, o acidente, acho que ela só queria uma desculpa para justificar a perda do bebê e me culpar por isso...

— Por tudo o que eu ouvi Liv, acho que ela não está no juízo normal, Bianca precisa de ajuda, de acompanhamento médico... — Guilherme respira fundo — e eu também.

Meus pais olham depressa para ele e sinto meu coração ruir um pouco.

— Não estou bem, não estou nada bem, desde o Saulo, eu tento parecer bem, vou para o trabalho, mas em casa, sozinho, eu... Não consigo esquecer tudo o que aconteceu, tudo o que eu fiz.

— Gui... — Me solto do Daniel e vou até o meu irmão que começou a chorar. As lágrimas vão molhando o rosto dele, me ajoelho ao seu lado e puxo as mãos dele para mim, ele me olha exausto e continua falando — fui horrível com ele, fui horrível com você e nunca consegui corrigir isso, quando você foi embora eu achei que ia te perder também, achei que você queria se afastar de mim, que não me perdoou pelo que aconteceu, eu tinha perdido o

meu irmão e estava te perdendo também.

— Não, nunca foi isso! Eu fugi, eu precisava fugir e sofrer longe de vocês, precisava recomeçar e não conseguia fazer isso aqui. Nós passamos por tanta coisa juntos, como eu poderia ter raiva de você?

— Eu dei as costas para vocês, Liv, eu não estava aqui quando tudo aconteceu, eu...

— A primeira vez que o Lin teve alta e foi para casa, nós conversamos, você se lembra? — Ele confirma com a cabeça — daquele dia para frente, nada do que havia acontecido antes existia para nós, todas as brigas, todo o tempo que passamos afastados, naquele dia, voltamos a ser os quatro, voltamos a ser uma família. Saulo não guardava magoa de você, nunca guardou.

— Sara passou o último ano me dizendo o mesmo. Foi um ano difícil eu... Acho que entrei num processo de autodestruição, achei que tinha te perdido e com isso eu ganhei a Sara. Todas aquelas piadas sobre sermos irmãos ficaram reais, Sara e o Igor me socorreram mais vezes do que eu gostaria de admitir e pela primeira vez na vida, ela guardou um segredo — ele ri — então, não briguem com ela, ela esteve comigo esse tempo todo, mas agora eu

realmente preciso de ajuda, não aguento mais guardar tudo isso só para mim, não aguento mais te arrastar para minha bagunça e te fazer sofrer...

— Sinto muito, sinto muito ter te abandonado, eu não sabia que isso estava acontecendo com você, eu teria ficado em Vitória com você, teríamos passado por isso juntos...

— Sair daqui foi o melhor que você fez.

— Você é a minha pessoa. É chato, irritante e muito ciumento, mas eu deixaria tudo para cuidar de você, porque foi o que você fez a vida inteira por mim, sinto muito ter te deixado sozinho por tanto tempo... — Quase não consigo falar, eu choro tanto, finalmente meu irmão está se abrindo conosco e sei que agora vamos conseguir ajuda-lo, compreender tudo o que ele passou nesse tempo.

— Desculpe esconder isso de vocês — fala com nossos pais — achei que conseguiria sair dessa sozinho, vocês já se preocupavam tanto com a Liv, não queria...

— Você é nosso filho também, sabe? — Meu pai fala baixo, minha mãe está só chorando olhando para nós dois — sempre teve esse instinto protetor pela sua irmã, se acontecia algo, você queria resolver sozinho, quando era responsabilidade

nossa cuidar dos dois. Sinto muito por não termos prestado mais atenção em você, por não notarmos o que estava acontecendo, estou feliz porque veio até nós e se abriu, estou feliz por nos deixar te ajudar.

— Você deveria conversar com a Sofia — proponho e meu irmão me olha confuso — Ela foi minha terapeuta, lembra? Atende lá na clínica da Dra. Inês — olho para o Daniel e ele confirma — vou voltar a me consultar com ela, eu me sinto bem hoje, mas me acostumei a terapia e sinto falta.

— Posso tentar — faz uma careta sem se mostrar muito convencido.

— Vai tentar sim! Pediu ajuda e agora vai ter que me aguentar te arrastando de um lugar para o outro.

— Tudo bem, eu vou com você até essa tal de Sofia, mas você não vai entrar comigo... — Rolo meus olhos e ele ri da expressão tão conhecida.

— Claro que não idiota, é uma terapeuta, a conversa de vocês é particular e sigilosa, essas coisas de médico... Amanhã mesmo eu vou ligar e agendar para nós dois — fico de pé e ele levanta também.

— Obrigado — meu irmão me puxa num abraço apertado e aproveito para envolver meus braços ao

redor dele o segurando com força também – você continua sendo teimosa, tagarela e dolorosamente sincera – dou uma risada – mas é a melhor pessoa que já conheci na vida, amo você, Liv.

— Eu também te amo, Gui – beijo o rosto do meu irmão e finalmente nos soltamos.

Guilherme esfrega as mãos na lateral da bermuda e olha ao redor, nossos pais estão com os olhos cheios de lágrimas e o Daniel tem um sorrisinho bobo no rosto.

— Bem-vindo a família, Daniel, nós temos um monte de momentos assim, uma hora você se acostuma.

Meus pais riem e ficam de pé para abraçar o meu irmão e eu volto para o sofá, para o colo do meu namorado que parece deslumbrado por, depois de tudo o que passamos, ter sido acolhido entre nós.

Daniel

Os últimos dois meses foram de uma paz que há muito tempo eu não me lembrava de viver, depois de toda aquela confusão o “ir com calma” literalmente “foi para o brejo”, como a Livia disse

um dia e nós dois nos tornamos oficialmente um casal, com tudo o que envolvia ser um casal de namorados, todo nosso tempo livre era gasto juntos, nós estávamos sempre com os amigos dela, e com a Sara e o Igor e de repente estar de volta a Vitória não era mais tão opressor.

Bianca teve alta do hospital uns dias depois que tudo aconteceu, mas nunca mais entrou em contato nem comigo, nem com o Guilherme, no começo imaginei que precisaria tomar alguma atitude mais drástica, como trocar o meu número de telefone, mas não foi preciso, de alguma forma a ameaça do Guilherme aos pais dela no hospital surtiu efeito e ela tem mantido distância. Vivemos em uma cidade pequena, então ocasionalmente acabaremos nos encontrando mais cedo ou mais tarde, eu só espero realmente que ela não cause problemas.

Não sei dizer se me preocupo com ela, em parte acho que sim, torço para que a Bianca consiga ajuda e fique bem e espero que ela encontre alguém que preencha todos os requisitos que ela sempre teve ao arrumar um namorado, ou que tudo pelo que passou, a gravidez, o aborto, o acidente, ser praticamente banida da vida de duas pessoas que, querendo ou não se, importavam com ela, a ajude a

encontrar um caminho melhor.

Logo após tudo aquilo, eu e a Livia conversamos muito a respeito do que tinha acontecido, é uma das minhas coisas preferidas no nosso relacionamento, acho que eu já disse isso, mas esses momentos em que estamos juntos e falando sobre como nos sentimos em relação ao que estamos começando são muito importantes para mim, eu sei que estamos apaixonados e empolgados com essa fase, mas ter essas conversas me ajuda a entender que estamos sendo cuidadosos, aos poucos acho que a Livia está perdendo aquela ideia de que um novo relacionamento irá apagar o que ela viveu com o Saulo.

Com o meu cunhado as coisas evoluem de forma mais lenta, ele não nos evita mais, porém ainda parece um tanto tímido e reservado na minha presença, eu ainda estou aprendendo a conviver com ele, observo muito sua interação com a Livia, a Sara e mesmo com o Tiago e o Caio, e tento colher umas ideias de como nos tornar mais próximos, temos uma boa convivência, só não somos amigos, mas sei que o tempo irá se encarregar de deixar as coisas mais leves entre nós.

Estou em pé num canto da área de churrasco da

casa dos meus pais, ao lado da piscina, olhando todas as pessoas que vieram até aqui hoje para comemorar meus 33 anos, acho que a última vez que enchi essa casa de gente assim eu tinha 17 anos, meus pais e os pais da Livia estão juntos numa conversa animada, essa é a primeira vez que eles se reúnem oficialmente, eu estava conversando com o Igor e o Paulo, meu amigo do hospital, mas não consigo desviar os olhos da Livia, que está do outro lado, junto com a Sara e a minha irmã, ela está sempre me olhando também e sorrindo.

Na última semana começamos a criar algo que espero se tornar rotina entre nós dois, todos os dias em que não estou de plantão à noite, a Livia dorme lá em casa, o que basicamente é dia sim e dia não, ocorreu de forma natural, aconteceu uma vez, depois aconteceu de novo porque ficamos até muito tarde vendo um filme, e aconteceu uma terceira vez porque estava chovendo muito e eu achei que aquilo era um motivo completamente justificável para ela não ter que ir embora.

Logo após aquela conversa do Guilherme com os pais dele e da Livia na minha presença me senti muito tocado e emocionado, voltei para os meus pais e, inspirado pelo meu cunhado, tive uma

PERIGOSAS NACIONAIS

conversa sincera com o Dr. Fábio e a Dra. Inês, não foi nada tão emotivo quanto o que vi acontecendo na casa da Lívia, mas ainda assim, foi uma conversa que nos aproximou um pouco, ou pelo menos permitiu os meus pais me conhecerem melhor, passei tanto tempo carregando minha mágoa pela minha infância solitária que nunca consegui enxergar como meus pais carregavam uma culpa por isso e o quanto eles tentavam me compensar agora, não tínhamos um relacionamento perfeito, mas ao menos eu não estava mais tão fechado no meu mundo os isolando de qualquer coisa que me acontecia.

No mais, minha namorada é totalmente responsável por tornar as coisas incrivelmente melhores entre a minha família e eu, sua presença na casa dos meus pais parecia encher o lugar de vida, Lívia e Isis se tornaram muito próximas uma da outra, talvez até mais rápido do que eu e ela tenhamos nos apaixonado, com a minha mãe ela tinha um carinho de anos e isso só se fortificou mais com o tempo, meu pai, que sempre foi mais reservado parecia maravilhado pela influência da Lívia na minha personalidade e no meu humor, eu vivia rindo e contando histórias, algumas que nunca

PERIGOSAS ACHERON

tinha compartilhado com eles e acho que foi isso que fez ele se apaixonar ainda mais pela minha namorada, na presença dela, Dr. Fábio finalmente tinha um filho.

— E vocês falavam de mim e da Sara... — Escuto Igor do meu lado e quando olho, ele e o Paulo estão rindo.

— O que foi?

— Vai lá ficar com a sua namorada, credo. Você não tira o olho dela um minuto.

— Desde a primeira vez que a vi, meu amigo. Desde a primeira vez.

Me afastei dos dois satisfeito, era tudo o que eu queria mesmo, estar perto dela o tempo todo.

Lívia

Eu adoro fotografias, já devo ter dito isso em algum momento, ou algo parecido, como “adoro fotografar”, gosto de guardar essas memórias impressas, tê-las sempre em mãos e me lembrar das histórias, as vezes uma foto feliz também nos lembra uma história triste, mas é com ela que vem a percepção do quanto mudamos e amadurecemos com o tempo, do quanto construímos e de que,

algumas pessoas passam de forma breve pela nossa vida, mas outras ficam por muito tempo e modificam tudo.

Mais cedo, enquanto eu me arrumava para vir para o aniversário do Daniel me peguei parada em frente ao meu quadro repleto de fotos refletindo sobre os caminhos que a minha vida tomou nos últimos 3 anos. Saulo aparece em muitas fotos, tempos atrás eu havia retirado as que nós dois aparecíamos sozinhos, mas agora voltei com uma única, a que estava na casa dele e a mãe dele me deu, nós dois gargalhando na praia, coloquei essa junto com todas as outras em que aparecemos com nossos amigos. A presença do Daniel nesse quadro ainda é pequena, tem a foto do casamento da Sa, nós dois, lado a lado com os noivos, tem a foto do bar do Ti e uma foto só dele, a primeira que eu tirei.

Existem muitas outras fotos nossas guardadas, de momentos que são mais íntimos, aquelas fotos onde estou descabelada e ele distraído, pequenos fragmentos dessa história que ainda estamos construindo e que prefiro manter longe dos olhos curiosos. Daniel adora me fotografar, acordando, comendo, concentrada em um livro ou no meu

trabalho, e eu amo me ver pelos olhos dele.

Existem tantas coisas que eu amo nesses dois meses que estamos juntos. Amo que o sorriso dele tem um som diferente de todos, amo seu cabelo que hoje vive muito mais bagunçado que arrumado, amo o cheirinho que ele tem quando acorda do meu lado e o jeito como me desperta beijando meu ombro, meu pescoço e então meu rosto e a minha boca, amo como ele se integrou aos meus amigos e como é conversado e cheio de assunto com os meus pais.

Amo principalmente que todo esse amor, toda essa felicidade, não se sobrepõe ao que eu e o Saulo tivemos, mas convive lado a lado, e como temos criado novas experiências juntos. A primeira vez do Daniel num karaokê, parecia a minha primeira vez, ele tem essa mania de um deslumbramento quase infantil diante das novidades o que me faz derreter e me apaixonar mais e mais. E a minha primeira vez numa quadra de tênis, quando ele resolveu voltar a jogar, descobrimos que sou boa em outro esporte e ele passou dias duvidando que eu nunca tinha tocado em uma raquete na vida.

Fico olhando ao redor, para todas as pessoas reunidas aqui para comemorar o aniversário do meu

PERIGOSAS NACIONAIS

namorado e vejo os olhos dele em mim mais uma vez, ele ri e fala alguma coisa com o Igor e o Paulo e começa a se aproximar.

— Você me distrai demais... — Fala assim que me abraça e dou uma risada.

— Você também, precisava ser tão bonito? — O sorriso convencido está de volta — tsc, sempre esqueço que você não é como os outros que fica tímido ao ouvir um elogio...

— Uma verdade, você quis dizer.

Dou outra risada alta e provavelmente chamo a atenção das pessoas para nós, mas como sempre, ele não se importa, meu namorado é muito obstinado, ele veio até aqui me beijar e é isso que ele faz, de um jeito carinhoso e esfomeado.

— Eu amo você — falo bem baixinho e ele me olha maravilhado, eu nunca tinha dito isso antes, não assim, com essas palavras.

— Eu também amo você — a mão dele desliza pelo meu rosto, um sorriso apaixonado aparece nos lábios.

— Eu sei — pisco e ele ri.

— Sabe?

— Dá para ver no jeito que você me olha...

— Então você acha que me conhece o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

suficiente para saber o que se passa na minha cara?
— O tom dele de brincadeira me faz rir, nós dois sempre lembramos do episódio do casamento que acabou nos levando para aquela conversa profunda onde nos beijamos pela primeira vez.

— Conheço sim...

— Conhece mesmo, tem razão.

— Geralmente eu tenho — dou de ombros e ele gargalha alto me abraçando ainda mais.

Acho que finalmente vou conseguir ter a minha história de amor tranquila, ou não, talvez existam muito problemas e confusões no nosso futuro, como existem em todo relacionamento, mas algo aqui dentro me diz que vamos enfrentar tudo isso juntos, fizemos uma escolha, decidimos ficar juntos, e quando nós dois decidimos algo, dificilmente voltamos atrás.

PERIGOSAS ACHERON



Epílogo

Já perdi a conta de quantas pessoas me abraçaram e deram tapinhas nas minhas costas me parabenizando pelo dia de hoje, olho ao redor buscando a minha, agora, esposa e a vejo com a minha irmã e a namorada do Gui, as três riem e conversam sobre algo que não posso ouvir, como sempre, Liv me olha no mesmo momento e sorri para mim, ela está deslumbrante no seu vestido de noiva, um modelo justo, com um decote incrível nas costas, onde fiz questão de passar muitos minutos da cerimônia acariciando com os meus dedos enquanto ouvia ela suspirar baixinho.

Para os curiosos, nosso casamento está sendo na mesma pousada aonde, dois anos atrás, nossos melhores amigos se casaram e eu tive a oportunidade de conhecer a mulher da minha vida.

Sinto uma mão bater no meu ombro e sou distraído da visão maravilhosa da minha esposa,

Guilherme aparece acompanhado do Igor, um copo de uísque estendido na minha direção, sorrio agradecido, pouca coisa atrás deles está a Sara com o pequeno Miguel, nosso afilhado, com apenas 7 meses.

Ficamos os três em silêncio, olhando tudo ao redor, meus pais e os pais da Livia interagindo, os pais da Sara mimando o neto, sou muito grato pelo que construímos nesses dois anos juntos, em como nossas famílias foram unidas, e em como fui recebido pelos pais da Sara e do Saulo.

— E aí, você está pronto? — Guilherme me pergunta e olho para ele e o Igor que sorri para mim, aquele sorriso gigantesco e convencido de quem sabia que esse dia chegaria.

— Você vai mesmo conseguir fazer isso?

— Vou — confirmei e fui atrás da minha parceira naquela trama.

Encontrei a Naná em uma mesa com a família dela, as netinhas, duas gêmeas, não podiam me ver que se jogavam no meu pescoço, uma vez brinquei com a Liv que seria fantástico ter gêmeos e quase matei a minha noiva engasgada e os meus pais de rir.

— Podemos? — Ela abriu um grande sorriso

para mim, tirou as gêmeas do meu pescoço e me acompanhou.

Não vou negar, eu estava nervoso, nunca gostei de falar em público, com a Lívia eu praticamente não calava a boca e era muito fácil falar tudo o que eu pensava ou sentia, mas assim para todas essas pessoas, era um desafio e tanto. Sentia minhas mãos tremerem, era uma ansiedade muito maior do que aquela que senti na minha primeira cirurgia solo. Naná foi até o palco, conversou com a banda, me entregou o papel, que eu nem precisava porque já tinha decorado cada palavra, e se posicionou um pouquinho escondida enquanto me entregava o microfone e aguardava o momento em que daria a deixa para a banda.

— Boa noite, eu queria dizer algumas coisas sobre a minha esposa – aos poucos o gazebo foi ficando silencioso e a Lívia apareceu na minha frente, o sorriso deslumbrado naquele rosto tão lindo e que eu amava profundamente – Eu sou o homem mais sortudo do mundo. Quando te conheci ouvi de umas pessoas que eu não teria a menor chance, minha irmã foi uma delas – algumas pessoas riem – e eu quase acreditei, você não me dizia seu nome, me deu uma lição na primeira vez

PERIGOSAS NACIONAIS

que tentei me aproximar e disse que eu deveria contar com a sorte para conseguir seu telefone, e por isso, eu sou mesmo sortudo, bem aqui, dois anos atrás eu te conheci e me apaixonei. Me apaixonei pela sua sinceridade que me desarmava, pela sua personalidade, pela sua força, seu caráter e por todas as suas cores. E eu entendi quando disseram que eu não teria chances, porque você era demais para mim, você era perfeita e eu era uma bagunça ambulante. Nos tornamos amigos, eu estava o tempo todo tentando te beijar, é verdade – mais pessoas riem e ela dá uma gargalhada deliciosa, os olhos quase se fecham completamente – mas nos tornamos amigos ao mesmo tempo em que nos apaixonamos um pelo outro. Eu amo você, amo nossa história e tudo que aprendemos a compartilhar um com o outro nesse tempo que estamos juntos. Amo ver você sorrindo, amo ver você crescendo, amo o cuidado e o carinho que você tem com a minha família. Você é incrível, esse foi o meu primeiro amor você. Eu já te amava, eu só tinha medo de dizer isso naquela época, então eu repetia, o tempo todo, você é incrível, e você é. Eu estava certo, nunca consegui achar nada melhor do que incrível para descrever você ou o que temos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

juntos. Obrigado por me deixar ser bom, obrigado por ter me promovido a ótimo. Você é incrível e eu amo você, e se você me permitir, gostaria de dançar com você agora.

Ela sorri como uma criança para mim enquanto eu desço do pequeno tablado da banda, imediatamente seus braços estão ao meu redor.

— Eu também amo você, você é bom, é ótimo, é fantástico!

— Fantástico? – Dou uma risada enquanto faço um carinho pelo seu rosto, as notas da música começando, o cabelo loiro dela tem só as pontas num tom de rosa bem claro, feitas especialmente para o casamento, ela usa uma coroa de flores bonitas, parece uma espécie de fada.

— Incrível! – Sorri mais.

— Ah finalmente nos igualamos... – Dá uma gargalhada e me beija, deitando a cabeça no meu ombro enquanto a música vai enchendo todo o ambiente e dançamos abraçados, quase sem nos mover.

*You've been on my mind
I grow fonder every day
Lose myself in time
Just thinking of your face*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*God only knows why it's taken me so long to let my
doubts go
You're the only one that I want*

*I don't know why I'm scared
'Cause I've been here before
With every feeling, every word
I've imagined it all
You'll never know if you never try
To forgive your past and simply be mine*

*I dare you to let me be your, the one and only
I promise, I'm worthy
To hold in your arms
So come on and give me the chance
To prove I am the one who can walk that mile
Until the end starts*

Achei que tinha sido feliz nos últimos dois anos, mas nada chega perto do que sinto nesse momento, nada se aproxima da felicidade de tê-la comigo agora e da certeza de que qualquer problema que apareça no caminho, é nesse amor que nos apoiaremos para superá-lo.

FIM

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo Bônus

— Você está pronta? — Minha mãe tocou de leve o meu braço me tirando do meu estupor.

Eu estava sentada um pouco sozinha, numa área reservada da capela mortuária onde o corpo do Saulo era velado. Respirei fundo e fiquei de pé, já tinha o papel na mão, havia escrito aquilo tudo na noite anterior e disse que gostaria de ler antes de fecharem o caixão, era o tipo de coisa que ninguém me questionava.

Me sentia meio tonta, tinha recusado todos os remédios que tentaram me dar, diziam que eram calmantes, mas eu tinha medo de apagar e perder tudo, me sentia estranhamente calma, despedaçada, triturada, completamente sem forças, mas calma.

Tanta gente tinha falado comigo nas últimas horas, pessoas que eu não via fazia algum tempo, gente da escola, a Dra. Inês, pessoas do trabalho do Saulo, amigos da minha faculdade e da dele, eu ia

PERIGOSAS ACHERON

processando nomes e rostos e esquecendo cada um deles.

Caminhei até perto do caixão, ainda era difícil demais olhar para o Saulo ali, mesmo assim me posicionei do lado direito, os pais dele e a Sara estavam do outro lado, olhando para mim, eram expressões muito serenas, mas tristes.

O lugar estava lotado de pessoas, o time praticamente inteiro de futebol da época do ensino médio, tantos rostos conhecidos. Ia desistir, não ia conseguir ler aquilo, Guilherme parou do meu lado e segurou a minha mão, um aperto leve nos meus dedos e então deu um passo para trás, ficando ao lado dos nossos pais, ainda sentia a mão da minha mãe no meu ombro. Respirei fundo, desdobrei o papel e comecei a ler.

— Conheci o Saulo quando tinha 5 anos. Eu estava sentada brincando sozinha no quintal da minha casa quando uma bola de futebol acertou a minha cabeça, levantei furiosa e vi meu irmão e um garotinho magricela e de olhos muito puxados rindo como se tivessem feito a coisa mais engraçada do mundo. Naquele segundo prometi que odiaria aquele garoto para sempre. Não durou

muito, bastou ver meus olhos cheios de lágrimas que ele estava ao meu lado me pedindo desculpas, parecia muito arrependido. Foi a primeira vez que me apaixonei pelo Saulo.

Quem poderia imaginar que aquele garotinho que chutou uma bola na minha cabeça seria o mesmo garoto que brigaria tantas e tantas vezes depois para me defender na escola? Saulo se tornou meu maior protetor, e eu me apaixonei de novo.

Me apaixonei todas as vezes que ele me defendeu, me apaixonei todas as vezes que ele ria de alguma bobeira que eu dizia, e meu Deus, como o Saulo gostava de rir e como eu gostava de dizer besteiras para vê-lo sorrindo. Me apaixonei quando ele virou um adolescente e era adorado por outras garotas e me apaixonei mais quando ele me beijou pela primeira vez e me deu um dentada, desculpa Lin, você não pode mais negar isso, mas vou confessar para todo mundo o que já tinha confessado para você, fiquei na sua casa aquele dia porque precisava te agarrar na cozinha. Precisava segurar você e ter certeza que nunca mais nos soltaríamos. As pessoas podem achar que tivemos 9 anos juntos, foi o tempo que durou nosso namoro, mas nós tivemos 19 anos, desde que você chutou

aquela bola na minha cabeça.

Você é minha referência em relação a amizade mais longa da minha vida, foi o meu primeiro e único namorado, foi tudo que conheci e amei. Me apaixonei por você aos 5, aos 10, aos 12, aos 14 e aos 15 anos e então eu te amei.

Sábado, iríamos nos casar, não sei como vou viver esse dia, não sei como vou seguir daqui para frente sem você, mas eu vou tentar, eu te prometi que tentaria.

As pessoas podem pensar que nossa história é triste, e se eu fosse levar em consideração tudo o que chorei no último ano eu teria de concordar, mas aí eu me lembro que tudo o que fui ao seu lado todos esses anos foi feliz, fomos separados por uma doença triste e incansável, mas eu nunca vou deixar de ser feliz ao lembrar de você, um ano de tristeza não será capaz de apagar 18 anos de sorrisos, e mesmo nesse último ano, fomos felizes, entre lágrimas, entre risos e muito amor.

Eu amo você de formas que nunca pude explicar, obrigada por ter me permitido viver todos esses anos contigo, obrigada por ter me dito inúmeras vezes que eu era o amor da sua vida, a garota mais extraordinária que já conheceu,

obrigada por todas as vezes que disse "Deixe a Liv em paz" e enfrentou o mundo comigo, você me transformou na mulher que sou hoje.

Obrigada por ser o meu amigo quando ninguém mais era, por cuidar de mim, por ser a melhor pessoa que conheci na vida. Você foi meu melhor amigo, meu namorado, meu noivo e vai ser para sempre o amor da minha vida. Nós somos Liv e Lin, e para mim isso sempre foi perfeito.

Nota sobre a Autora:

Larissa Dardengo Scopel é uma redatora de 32 anos que nasceu em Cachoeiro de Itapemirim, interior do Espírito Santo. Filha de uma pedagoga e um comerciante, sempre encontrou nos livros que lia, e nas histórias que ouvia, um caminho para viajar e viver mil vidas em uma. Começou a escrever desde cedo, diários e muitas cartas para os pais, amigos, tios e primeiros amores, e sempre acreditou que as palavras têm o poder de expressar até o mais profundo dos sentimentos, mesmo aqueles que em certos momentos não podemos ou não sabemos como compartilhar.

Nas redes sociais:

Twitter: @laridardengo

Instagram: @laridardengo

Outras obras de Larissa Dardengo:



O Garoto Perfeito **Duologia Garotos – Vol. 1**

Adolescência é uma fase confusa onde muitos sentimentos, até então desconhecidos, se revelam. Ao começar em uma nova escola, Lia inicia um novo grupo de amigos que muda completamente sua forma de encarar a vida.

E com todas as novidades dessa nova fase surge também o seu primeiro relacionamento. Ele é tudo o que uma garota sonharia. Bonito, sedutor e com

um sorriso que sempre faz o cérebro de Lia derreter um pouquinho.

Juntos eles começam um relacionamento que tinha tudo para dar certo, até que simplesmente começa a dar errado.

Em uma tentativa de entender os sinais que ignorou por tanto tempo, se autoconhecer e recuperar sua autoestima e amor próprio, Lia compartilha a sua história e a dos seus amigos, numa reflexão profunda sobre relacionamentos abusivos e pessoas tóxicas.